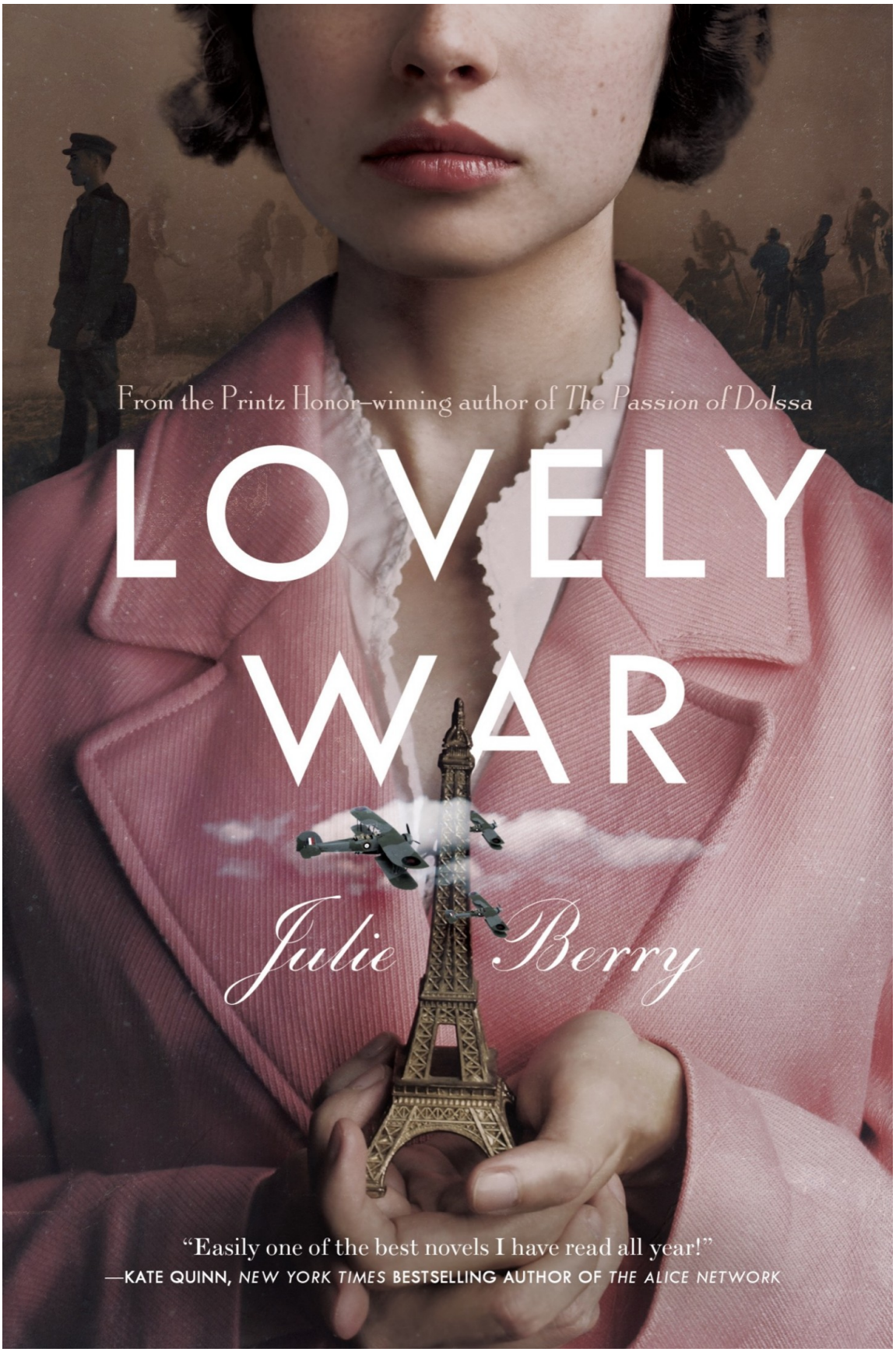
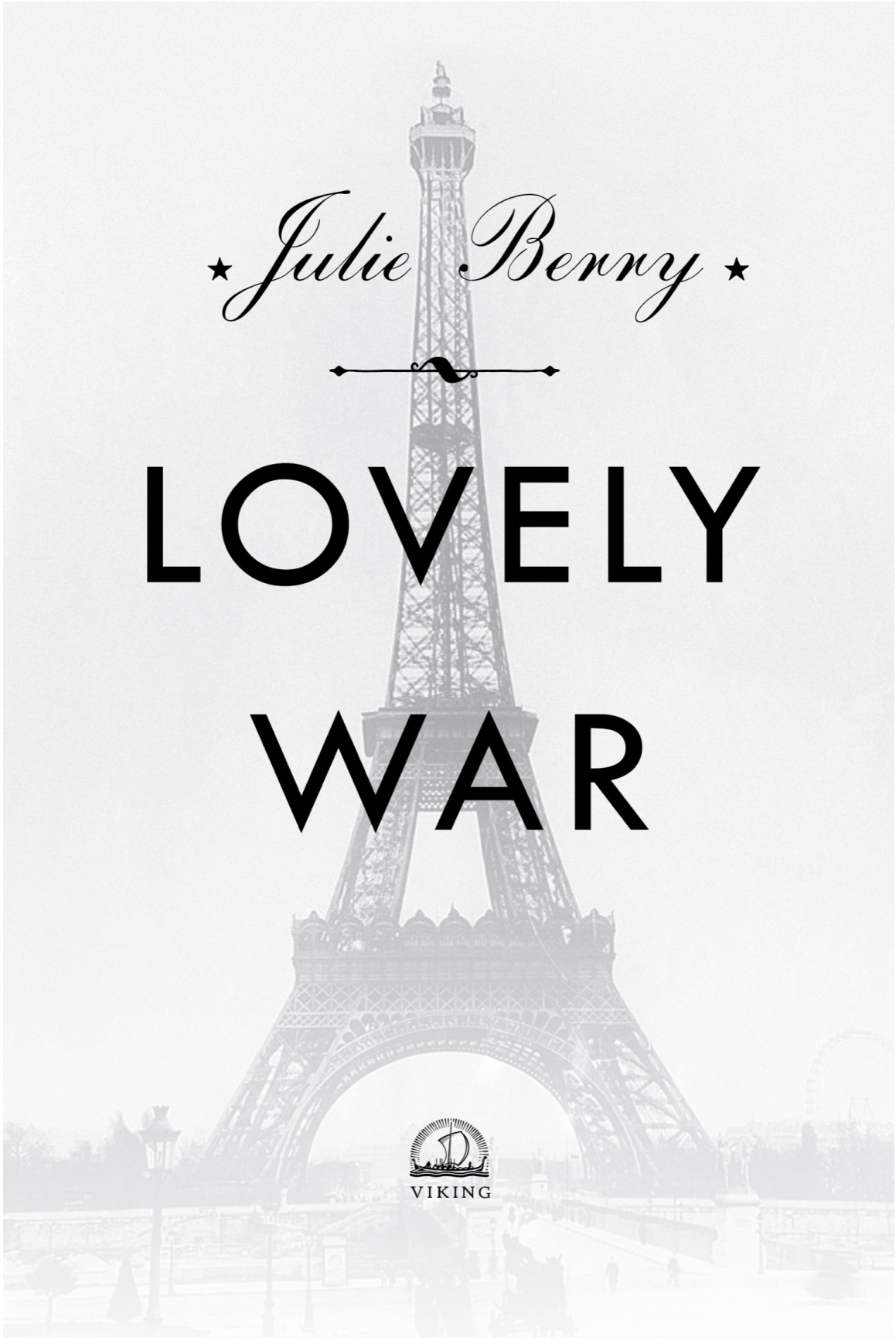

From the Printz Honor–winning author of *The Passion of Dolssa*
LOVELY WAR
Julie Berry
"Easily one of the best novels I have read all year!"
—KATE QUINN, *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR OF *THE ALICE NETWORK*


From the Printz Honor–winning author of *The Passion of Dolssa*
LOVELY WAR
Julie Berry
"Easily one of the best novels I have read all year!"
—KATE QUINN, *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR OF *THE ALICE NETWORK*



Julie Berry

LOVELY WAR

VIKING

Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates no twitter. Todos os direitos à sua editora e autora, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original.

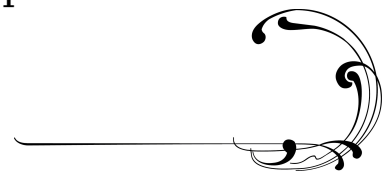


CHAOTIC
SLATES

Para Cyrena Davison Keith
e Edith Dudley Gardner,
minhas avós;

para Kendra Levin, sempre querida;

e para Phil



CONTEÚDO

FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE

ABERTURA
- DEZEMBRO 1942: Eu ouço uma Rapsódia
- DEZEMBRO 1942: A Rede Dourada
- DEZEMBRO 1942: O Julgamento de Manhattan

PRIMEIRO ATO
- AFRODITE: Hazel — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: Primeira Dança — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: O Beijo (Parte I) — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: O Beijo (Parte II) — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: Sem Sono — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: Bigodes do Rei — 23 de novembro de 1917
- DEZEMBRO DE 1942: Uma Interrupção
- AFRODITE: Pego — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: Uma Nota — 23 de novembro de 1917
- AFRODITE: A Casa de Chá — 24 de novembro de 1917
- AFRODITE: Perguntas — 24 de novembro de 1917
- DEZEMBRO DE 1942: Para Forjar, para Fundir
- AFRODITE: Uma Caminhada — 24 de novembro de 1917
- AFRODITE: Adeus — 24 de novembro de 1917
- AFRODITE: No Meio — 24 de novembro de 1917
- DEZEMBRO DE 1942: Primeira Testemunha
- APOLO: Carnegie Hall — 2 de maio de 1912

APOLO: Spartanburg — 13 de outubro de 1917
DEZEMBRO DE 1942: Interseção
AFRODITE: Royal Albert Hall — 25 de novembro de 1917
AFRODITE: Concerto, Continuação — 25 de novembro de 1917
AFRODITE: Tortura — 25-26 de novembro de 1917
AFRODITE: Primeira Noite — 26 de novembro de 1917

INTERVALO DE ATOS

SEGUNDO ATO
APOLO: “Quero estar pronto” — 3 de janeiro de 1918
AFRODITE: Cabanas de Socorro — 4 de janeiro de 1918
DEZEMBRO de 1942: Segunda Testemunha
ARES: Prática da Baioneta — 4 de janeiro de 1918
DEZEMBRO DE 1942: Terceira Testemunha
Colette Fournier — Julho a agosto de 1914
AFRODITE: Entretendo os ianques — 4 de janeiro de 1918
APOLO: Chamada do Despertar — 3 de janeiro de 1918
AFRODITE: Pathétique — 8 de janeiro de 1918
AFRODITE: Correio do Meio-dia — 9 de janeiro de 1918
ARES: Prática de Tiro ao Alvo — 7 de janeiro de 1918
AFRODITE: Garota Cantora — 12 de janeiro de 1918
APOLO: A Manhã Seguinte — 13 de janeiro de 1918
APOLO: No Ensaio da Banda — 13 de janeiro de 1918
ARES: Nas Trincheiras — 9 de janeiro de 1918
AFRODITE: Pego — 15 de janeiro de 1918
APOLO: Meia Hora — 15 de janeiro de 1918
ARES: A Princesa de Marte — 9 de janeiro de 1918
APOLO: Colt M1910 — 16 de janeiro de 1918
AFRODITE: Chegam Duas Cartas — 19 de janeiro de 1918
ARES: Subindo na Linha — 20 de janeiro de 1918
AFRODITE: Uma Dor de Cabeça — 26 de janeiro de 1918
AFRODITE: Stéphane — 26 de janeiro de 1918
ARES: Não Atire no Manequim — 30 de janeiro de 1918
APOLO: Esquadrão de Vampiros — 3 de fevereiro de 1918

ARES: Rotação — 8 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Dois Dias de Licença — 8 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Noite do Concerto — 11 de fevereiro de 1918
APOLO: Problemas com Joey — 11 de fevereiro de 1918
HADES: Vertigem — 11 de fevereiro de 1918
HADES: Lanterna — 11 de fevereiro de 1918
HADES: De Volta ao Lar

INTERVALO DE ATOS
Três Trens — 12 a 13 de fevereiro de 1918

TERCEIRO ATO
AFRODITE: Gare du Nord — 13 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Arquimedes — 13 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Café du Nord — 13 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Saint-Vincent-de-Paul — 13 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Le Bouillon Chartier — 13 de fevereiro de 1918
DEZEMBRO 1942: Um Beijo É Apenas um Beijo
AFRODITE: Finalmente — 13 de fevereiro de 1918
DEZEMBRO DE 1942: Uma Oração Respondida
AFRODITE: Quando Éramos Jovens — 13 de fevereiro de 1918
HADES: Trem da Meia-noite — 13 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Dia dos Namorados — 14 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Deixando Ir — 14 de fevereiro de 1918
Três Trens De Novo — 15 de fevereiro de 1918
AFRODITE: Esperando por Cartas — 19 a 28 de fevereiro de 1918
HADES: Refúgio — 1 a 12 de março de 1918
APOLO: Três Milhões de Notas — 13 de março de 1918
AFRODITE: Nota por Nota — 16 de março de 1918
AFRODITE: Procurando —18 de março de 1918

AFRODITE: Traição — 18 de março de 1918
AFRODITE: Você Nega Isso? —19 de março de 1918
ARES: Preparações — 20 de fevereiro a 20 de março de 1918
AFRODITE: Reagrupando — 20 de março de 1918
ARES: Operação Michael — 21 de março de 1918
AFRODITE: De Paris — 21 de março de 1918
ARES: Entregues aos Franceses — 21 de março de 1918
ARES: Nevoeiro — 21 de março de 1918
ARES: Jesse James — 21 de março de 1918
ARES: Atirador na Neve — 21 de março de 1918
DEZEMBRO 1942: Telegram
HADES: Na Praia
HADES: Chapa de identificação — 21 de março de 1918

INTERVALO DE ATOS
AFRODITE: O Destino de Certas Cartas

QUARTO ATO
ARES: Chocolate — 24 de março a 5 de abril de 1918
HADES: Desaparecendo — 22 a 25 de março de 1918
HADES: Apostadores de Corridas de Cavalos — março a abril de 1918
APOLO: Émile — 22 de março a 13 de abril de 1918
AFRODITE: Qualquer Trabalho Servirá — 29 de março de 1918
HADES : O Quarto Rosa — 12 de abril de 1918
AFRODITE: Repolho em Compiègne — abril-maio de 1918
HADES: Bem-vindo de Volta — 6 de maio de 1918
ARES: Soletrando a Palavra “Americano” — 14 de maio de 1918
AFRODITE: Ligação de Casa — 1 de junho de 1918
AFRODITE: Vendo Ela Ir — 1 de junho de 1918
AFRODITE: Espasmo — 1 de junho de 1918
ARES: Serviço leve — 3–4 de junho de 1918

AFRODITE: Esperando Que Pudesse Ser Você — 4 de junho de 1918
AFRODITE: Trabalho — 4 a 9 de junho de 1918
HADES: Que Seja Eu — 14 de junho de 1918
AFRODITE: Mutilado — 14 de Junho de 1918
AFRODITE: Viagem para Lowestoft — 15 de Junho de 1918
HADES: O que Adelaide Precisava Saber — 15 de Junho de 1918
HADES: As Respostas de James — 15 de Junho de 1918

INTERVALO DE ATOS
Litoral — 15 de junho de 1918

QUINTO ATO
AFRODITE: A Batalha de Henry Johnson — 5 de junho de 1918
AFRODITE: Comitê de Revisão Médica — 1 de julho de 1918
AFRODITE: Entrega de Correio — 29 de junho de 1918
DEZEMBRO DE 1942: Um Possível Fim
O Resto da História — 15 de Julho-17 de Agosto,1918
HADES: The Royal Albert Hall
AFRODITE: Preguiçosa — 20 de agosto de 1918
AFRODITE: Cicatrizes — 21 de agosto a 1 de setembro de 1918
DEZEMBRO 1942: Lenços
AFRODITE: Onzes — 1918 e Além
Harlem Bound — 1919 e Além

MÚSICA DE SAÍDA
DEZEMBRO 1942: Argumentos Finais
DEZEMBRO 1942: Está na Hora (Parte II)

NOTA HISTÓRICA
BIBLIOGRAFIA

AGRADECIMENTOS
SOBRE O AUTOR



E quando Hefesto ouviu a história dolorosa, ele foi até sua ferraria, ponderando sobre o mal no fundo de seu coração, e colocou na bigorna a grande bigorna e laços forjados que não podiam ser quebrados ou soltos, para que os amantes pudessem suportar rápido onde eles estavam.

Então os dois foram para o sofá e se deitaram para dormir, e ao redor deles estavam amarrados os astutos laços do sábio Hefesto, nem podiam de forma alguma mexer seus membros ou levantá-los. Então, finalmente, eles aprenderam que não havia mais como escapar.

—de *A Odisséia*, por Homero



ABERTURA

DEZEMBRO 1942

Eu ouço uma Rapsódia

É CEDO DA NOITE no saguão de um elegante hotel de Manhattan. Os prismas de cristal pendurados nos lustres brilham com uma luz elétrica suave. Em sofás de veludo perto do fogo, casais sentam-se perto, os homens em uniformes de oficiais, as mulheres trajadas para a noite, descansando a cabeça nos ombros de seus cavalheiros. Garçons de restaurantes acomodam casais em mesas escuras isoladas por bustos de mármore grego falso e samambaias vistosas, onde beijos urgentes podem permanecer invisíveis.

A orquestra se aquece e, em seguida, começam os acordes de "I Hear a Rhapsody". Uma cantora feminina preenche o palco cintilante com sua voz âmbar:

MEU QUERIDO, ME SEGURE APERTADO
E SUSSURRE PARA MIM
ENTÃO DOCEMENTE DURANTE UMA NOITE ESTRELADA
VOU OUVIR UM RAPSÓDIA

Ela não é Dinah Shore, mas é realmente incrível.

Um homem e uma mulher entram no saguão e se aproximam da recepção. Todos os olhos seguem seu progresso pelos tapetes persas. O homem, de constituição colossal e maxilar severo, usa um chapéu de feltro com a ponta baixa sobre a testa. Quando ele pega uma carteira do bolso interno de seu terno listrada de giz trespassado, o

pensamento de pânico ocorre ao recepcionista de que talvez o homem esteja pegando uma pistola. Seus sapatos de bico fino preto e branco não parecem elegantes. Eles parecem perigosos. Ele deixa metade dos homens nervosos e a outra metade com raiva. Ele é o tipo de homem que poderia esmagar você sob seus pés, e ele sabe disso.

Mas oh, ele é lindo.

Sua amiga, ainda mais.

Ela usa um terno sob medida com cinto de azul profundo que se ajusta melhor a ela como uma segunda pele. Sua figura é o tipo que faz as outras mulheres desistirem por completo. Desde as ondas de cabelo escuro, penteado e enrolado sob o chapéu de coquetel, aos olhos grandes e de longos cílios espiando através de seu pequeno véu tímido de rede preta, até as costuras de suas meias de seda desaparecendo em seus sapatos de couro italiano, ela é incrivelmente bonita. Impossivelmente perfeita. O cheiro de seu perfume espalha sua essência suave pelo saguão. Todos lá, homens e mulheres, se rendem à consciência da presença dela.

O homem alto sabe disso e não está nada satisfeito com isso.

Ele remexe uma pilha de notas embaixo do nariz do balconista gago e arranca uma chave de sua mão sem protestar. Eles caminham pelo saguão, com o homem empurrando a mulher para frente como se o tempo não fosse durar, enquanto ela dá cada passo lento como se tivesse inventado a arte de andar.

Eles não carregam bagagem.

Mesmo assim, um carregador curvado e barbudo os segue escada acima e pelo corredor. Os violentos olhares do homem alto teriam feito outros fugirem, menos este carregador tagarela enquanto ele galopa em degraus irregulares. Eles o ignoram e ele não parece se importar.

Eles alcançam seu quarto. Sua fechadura cede sob o impulso e giro rápidos da chave do homem. Eles

desaparecem em seu quarto, mas o carregador persistente os segue.

Ele clica no interruptor de luz para frente e para trás rapidamente — A lâmpada deve ter queimada — ele diz se desculpando. — Já volto com uma nova.

— Deixa pra lá. — diz o homem

— Garrafa de champanhe? — o carregador sugere.

— Dá o fora. — diz o homem. Ele e sua adorável companheira desaparecem no estreito corredor, passando pelo armário e banheiro, e entrando na suíte decorada com bom gosto.

— Como quiser. — responde o carregador

Eles ouvem a porta abrir e fechar. Em um instante, eles estão nos braços um do outro. Os sapatos são retirados, os chapéus jogados de lado. Os botões da jaqueta não recebem nenhuma misericórdia.

Pode-se não confiar neste homem, e pode-se até invejar ou condenar esse tipo de mulher, mas ninguém pode negar que quando eles se beijam, quando esses dois modelos, esses espécimes de perfeição esculpida colidem, bem...

Beijos aos bilhões acontecem todos os dias, mesmo em um mundo solitário como o nosso.

Mas este é um beijo para sempre. Como um confronto de batalha e uma fusão deliciosa de carne, enrolada e incendiada.

Eles ficam perdidos por um tempo.

Até que uma rede de metal frio cai sobre eles e as luzes elétricas se acendem.

— Boa noite, Afrodite. — diz o carregador de ombros curvados.

DEZEMBRO 1942

A Rede Dourada

OS PRISIONEIROS, atordoados e piscando, têm a aparência amassada e deformada de criminosos que colocam meia-calça sobre a cabeça para roubar um banco. A malha dourada da rede, flexível e translúcida, pressiona sobre eles com o peso das correntes de ferro de um navio. É um trabalho de beleza requintada e astúcia extraordinária, mas nenhum dos deuses aprecia sua habilidade naquele momento.

O amante de Afrodite rasga a rede com dedos selvagens, mas seus fios brilhantes se mantêm firmes.

— Eu vou espetar você, irmão — ele rosna. — Vou quebrar seu crânio como uma casca de ovo.

A maioria das pessoas fugiria com a malícia naquela voz profunda. Mas não Hefesto. Ele não tem medo do deus enorme.

— Não desperdice seu fôlego com ele, Ares — diz a linda Afrodite. Ela vira um olhar fulminante para o marido uniformizado. — Para um hotel tão caro, o serviço aqui é horrível.

Hefesto, deus do fogo, ferreiros e vulcões, ignora a resposta ácida. Ele se acomoda em uma cadeira macia e estica os pés deformados à sua frente no tapete, então se dirige ao deus da batalha, que é de fato seu irmão. Ambos são filhos de Hera. — O serviço em todos os lugares foi por

água abaixo desde o início de sua última guerra. Todos os homens bons estão no exterior.

— Onde eles deveriam estar. — Ares ataca novamente na rede dourada. Ele tenta conjurar uma arma do nada. Normalmente, isso seria fácil para ele.

— Não adianta — aconselha Hefesto. — Pode muito bem ser mortal, por todo o bem que seu poder vai fazer a você. Minha rede bloqueia você. Não posso deixar você escapar.

Afrodite, deusa da paixão, vira as costas para o marido. Ele capta o olhar dela em um longo espelho de borda dourada.

— Você me enoja — ela diz a seu reflexo. — Cachorro ciumento e encolhido.

— Ciumento? — Hefesto finge surpresa. — Quem, eu? Com uma esposa tão leal e devotada?

Se suas palavras ferem Afrodite, ela não deixa transparecer. Ela puxa a jaqueta azul por cima da blusa e dá um nó em um cachecolzinho atraente em volta do pescoço. — Bem, você nos pegou — ela diz a Hefesto. — Na rede, como dois peixes em um riacho. O que você planeja fazer conosco?

— Eu consegui — é a sua resposta. — Passo um, de qualquer maneira. Prender vocês.

Ares e Afrodite olham para ele como se ele fosse louco, o que é possível.

— Passo dois: oferecer-lhe uma barganha.

As sobrancelhas de Afrodite sobem. — Oferecer-me *o quê*?

— Um acordo — ele diz. — Renuncie a esse idiota e volte para casa comigo. Seja minha esposa fiel, e tudo está perdoado.

O relógio na lareira dá dois ou três cliques antes que Afrodite comece a rir. Ares, que observou sua resposta, agora gargalha. Muito grande, muito alto, mas ele está aliviado e nunca foi um bom ator.

— Você acha que ela vai deixar *isso* por *você*? — ele flexiona seus muitos (muitos, muitos) músculos. Eles nadam como golfinhos sob sua pele brilhante. A remoção de sua camisa faz coisas gloriosas.

Hefesto está se afogando por dentro, mas ele chegou até aqui e segue seu plano. — Você rejeitou minha oferta? — ele diz. — Então, vou levá-los para um julgamento no Olimpo.

A rede, que havia caído sobre eles como um cobertor pesado, agora circunda e envolve Ares e Afrodite como um saco de roupa suja, enquanto uma corrente os iça para cima. Seus membros divinos, tão impressionantes em estátuas de mármore, misturam-se em todas as direções de maneira desconfortável. O saco de rede gira lentamente no ar, como um presunto assando sobre brasas.

— O que você está *fazendo*? — Afrodite chora. — Nos largue no chão de *uma vez*.

— A data do seu julgamento foi adiada — responde o carregador. — O Pai Zeus oficiará no tribunal, e os outros deuses formarão um júri.

A deusa da beleza adquiriu um tom delicado de verde pálido. O espetáculo de todo o panteão de imortais uivando e cacarejando a mortificação dela! Ninguém conhece o aguilhão da zombaria dos deuses melhor do que um deus. E ninguém conhece seus pontos fracos melhor do que suas irmãs. Aquelas virgens puritanas, Ártemis e Atena, sempre olhando para ela com seus narizes presunçosos e bonzinhos.

Ela pode estar ensacada como uma galinha, mas Afrodite ainda tinha seu orgulho. Muito melhor barganhar com o marido em um luxuoso hotel de Manhattan do que ceder diante de toda a família.

— Hefesto — ela diz suavemente – e Afrodite pode ter uma voz de veludo marrom quando ela quer. — Existe, talvez, uma terceira opção? — ela vê que seu marido está ouvindo, então ela aproveita sua vantagem. — Não

poderíamos simplesmente conversar sobre isso aqui? Nós três? — ela dá uma cotovelada em Ares. — Vamos ficar na rede e ouvir. Ares vai se comportar. Certamente não precisamos arrastar outros para um assunto tão privado.

Hefesto hesita. A privacidade é o domínio de Afrodite. Um quarto de hotel praticamente lhe dá uma ligeira vantagem. Ele cheira um truque.

Mas ela tem razão. Ele, também, tem orgulho para sacrificar sobre o altar ao expor esse assunto publicamente.

— Deixe-me ver se entendi — ele diz lentamente. — Você recusa o seu direito a um julgamento por júri?

— Ah, pare com isso — diz Ares. — Você é um ferreiro, por São Pedro, não um advogado

Hefesto se volta para sua esposa. — Tudo bem — ele diz a ela. — Podemos fazer aqui. Um julgamento mais privado. Eu serei o juiz.

— Juiz, júri e carrasco? — protesta Ares. — Este tribunal ilegal é uma farsa.

Hefesto gostaria de ter um meirinho que pudesse dar um tapa na cabeça desse espectador indisciplinado. Mas provavelmente não é isso que os oficiais de justiça devem fazer.

— Esqueça ele — Afrodite diz ao marido. — Você já está nos julgando, então, sim, seja o juiz se for conveniente para você.

Ares ri alto. — Vou te dizer uma coisa, meu velho — ele diz. — Lute comigo por ela. Que vença o melhor deus.

Quantas vezes Hefesto imaginou essa perspectiva satisfatória, nem mesmo sua mente divina pode contar. As armas tortuosas e astutas que ele inventou, deitado acordado e sozinho à noite, tramando mil maneiras de ensinar uma lição a seu irmão arrogante! Se apenas ele pudesse.

Mas você não aceita o desafio de duelar com o deus da guerra. Hefesto não é tolo.

Exceto, talvez, no que diz respeito à esposa.

Ele produz para si um banco e um martelo. — Este tribunal entrará em ação — diz ele. — Que o julgamento comece.

DEZEMBRO 1942

O Julgamento de Manhattan

HEFESTO BAIXA A rede de volta para o sofá e a deixa expandir para que seus prisioneiros possam pelo menos se sentar confortavelmente. Eles podem ficar de pé, mas não podem ir longe.

— Deusa — ele diz. — no caso *Hefesto vs. Afrodite*, você é acusada de ser uma esposa infiel. Como você se declara?

Afrodite considera. — Divertida.

Ares bufa.

— Você está desacatando o tribunal — diz Hefesto. — Como você se declara?

— Com qual acusação? — pergunta a deusa. — Infidelidade ou desprezo?

As narinas de Hefesto dilatam-se. Isso já foi um começo terrível. — Ambos.

— Ah, — ela diz. — Culpada em ambas as acusações. Mas não quero ser desprezível.

Hefesto faz uma pausa. — Você se declara *culpada*?

Ela acena com a cabeça. — Um-hm.

— Oh. — Ele não esperava por isso. As linhas inteligentes que ele preparou, as palavras escaldantes, elas o abandonaram como traidores.

— Eu te decepcionei. — a voz de Afrodite exala tanta simpatia que qualquer pessoa poderia jurar ser sincera. — Faria você se sentir melhor se apresentasse suas evidências de qualquer maneira?

Quem está manipulando quem aqui?

Ela não tem medo. Nenhuma quantidade de evidências importará.

Mas Hefesto passou meses reunindo-as, então ele as submeteu ao tribunal.

As luzes diminuem. Uma sucessão de imagens aparece no ar diante deles como um filme Tecnicolor em seu próprio quarto de hotel. A deusa do amor e o deus da guerra, beijando-se sob um caramanchão sombrio. Na borda coberta de neve do Monte Popocatépetl ao pôr do sol. Aninhados no ombro de uma estátua da Ilha de Páscoa. Nas praias de areia branca sob os penhascos íngremes de Praia de Navagio, na própria ilha de Zakynthos, na Grécia.

— Hermes — murmura Afrodite sombriamente. — Zeus nunca deveria ter dado a ele uma câmera.

Se Hefesto esperava que sua esposa se contorcesse de vergonha com essa prova contundente, ele só se decepcionou com seus esforços. Ela não tem vergonha. Seu irmão é um sem vergonha. Ele era um tolo em pensar que poderia envergonhar qualquer um deles.

As imagens desbotam. O silêncio cai.

Afrodite observa seu marido.

Os pensamentos de Hefesto rodopiam. O que ele esperava? Um pedido de desculpas choroso? Uma promessa de ser verdadeira? Ele deveria saber que isso nunca funcionaria.

Mas ele estava desesperado. Mesmo os olímpianos, quando desesperados, não conseguem pensar direito. De todos os seres do cosmos, Hefesto é o único que não pode orar à deusa do amor por ajuda com seus problemas matrimoniais. O pobre coitado não tem ideia de como.

— Hefesto — Afrodite diz gentilmente. — Esse julgamento nunca foi para me fazer admitir algo que você sabe que eu não me importo de admitir, não é?

— Você *deveria* se importar.

— Sua verdadeira pergunta — diz ela. — Se não estou enganada, é por que não te amo?

— É simples. — diz Ares. — Ela me ama.

Algo aparentemente é hilário para Afrodite. Os braços enormes de Ares se dobram sobre seu peito.

Ela enxuga os olhos e fala. — Eu não amo nenhum de vocês.

Ares se senta ereto e estica o lábio inferior.

— Hefesto — Afrodite continua. Ele se sente como se agora estivesse no banco das testemunhas. — *Você* me ama?

Ele não tem certeza do que dizer. O que ela está fazendo? Ele gostaria que seu irmão idiota não estivesse aqui.

— Eu vou responder por você. — ela diz a ele. — Claro que não.

— Eu... Isso é... — Hefesto gagueja. — Estou aqui porque quero...

— *Ninguém* pode me amar. — ela diz. — Ninguém.

— O que você quer dizer?

— Esse é o preço — ela diz a ele. — De ser a deusa do amor.

A voz profunda de Ares quebra o silêncio. — Não seja ridícula — diz ele. — A única razão pela qual o pai Zeus fez você se casar com ele foi porque todos os outros deuses estavam lutando com unhas e dentes por sua mão. Ele prendeu você com ele para evitar uma guerra civil. *Todos* nós queríamos você Ela encolhe os ombros. — Eu *sei* que todos vocês me queriam.

A modéstia nunca foi seu forte, mas então, um deus humilde é difícil de se encontrar.

— Eu sou a fonte do amor — diz ela. — Mas ninguém vai me amar de verdade. A fonte da paixão, mas nunca conhecerei uma verdadeira fonte da minha paixão Ares levanta as mãos. — Você está louca! Você leu Homero? Hesíodo?

— Deusa — Hefesto diz baixinho. — O que você quer dizer?

Ela olha em seus olhos até que ele se contorce. — Vocês, deuses do sexo masculino, são todos porcos vorazes — diz ela com desdém. — Eu admito, marido, você é menos horrível do que alguns. Todos vocês se gabam de suas façanhas. Você não é mais amoroso do que uma bigorna. Inconstante e caprichoso e completamente egocêntrico. Você é incapaz de amar. Assim como você é incapaz de morrer — Você está *nos* chamando de egocêntricos? — responde Ares. — Você não é Florence Nightingale.

— Você não tem ideia do que eu sou — ela diz a ele. — Nem do que eu faço de bom. Eu sei o que você acha dos meus 'romances bobos'.

Ela se vira para Hefesto. — Eu posso encontrar um mortal para me amar — ela continua. — Mas isso é adoração, não amor. Imperfeito. Os mortais não foram feitos para amar a perfeição. Isso os desilude e os destrói no final.

Hefesto está perplexo. Afrodite não tem ninguém para amá-la? Ele, o deus do fogo e das forjas, não tem falta de minério e combustível. Ares, o deus da guerra, tem desfrutado de um século encharcado de sangue como nenhum outro na história. Artemis não tem falta de veados para caçar. Poseidon não está com pouca água salgada.

E sua esposa, a linda deusa do romance, está solitária?

— Você sabe como é — diz ela. — Passar a eternidade embutida em *cada história de amor* – o fugaz e o verdadeiro, o trivial e o eterno? Estou profundamente apaixonada, trabalhando com paixão da mesma forma que os artistas trabalham com aquarelas. Eu sinto *tudo*. — Ela envolve os braços com força sobre o peito, como se o quarto estivesse frio. — Eu invejo os mortais. É porque eles são fracos e danificados que eles podem amar. — ela balança a cabeça. — Não precisamos de nada. Eles têm sorte de precisar um do outro.

— Sim, bem, eles morrem. — Ares aponta.

— Por que você nunca disse isso antes? — Hefesto pergunta a ela.

— Por que eu deveria? — ela diz. — Por que você se importaria? Você acha que meu trabalho é estúpido. Você nunca sai da sua forja.

Ela está certa. Não sobre a parte do estúpido, não exatamente. Mas, talvez, irrelevante. Ferro – é algo que dura. Aço e pedra. Mas afeição humana? Hefesto, como qualquer estudioso de grego pode lhe dizer, não nasceu ontem.

Afrodite ainda parece com frio. Ela não poderia estar. Mas Hefesto respira na lareira, e as toras colocadas lá explodem em chamas crepitantes A luz do fogo brinca com as feições de Afrodite. Ela inclina a cabeça para o lado. — Quer ver como é o amor verdadeiro?

Hefesto ergue os olhos. Seus olhos estão brilhando.

— Você quer ouvir sobre meus favoritos? Alguns dos meus melhores trabalhos?

— Sim — a resposta de Hefesto o surpreende. — Eu quero.

Um gemido surge do sofá, mas a deusa ignora o deus da guerra.

— Vou contar a história de uma garota comum e de um garoto comum. Uma história verdadeira. Não, vou fazer melhor. Eu vou te contar duas.

Ares levanta a cabeça. — Conhecemos essas histórias?

— Mal, se é que o fazem — diz ela. — Você nunca presta atenção nas meninas.

Ele dá uma risadinha. — Eu peço desculpa, mas não concordo.

— Eu não estou falando sobre seus corpos — os olhos de Afrodite rolam. — Você nunca presta atenção em suas *vidas*.

— Eca. — Sua cabeça cai para trás. — Eu sabia que isso seria chato.

Os olhos de Afrodite brilham. — Vou tornar mais fácil para você — diz ela. — Minhas duas histórias envolvem soldados. Da Grande Guerra. A primeira guerra mundial. Você saberá seus nomes e posição, de qualquer forma. Você pode descobrir que se lembra de partes de suas histórias.

Os olhos de pálpebras escuras de Afrodite olham para o horizonte de uma noite de outono em Manhattan. As luzes da Grande Maçã se apagaram, no caso de submarinos alemães no porto, ou Zeus proíba, aviões bombardeiros da Luftwaffe, sabe-se lá de onde, mas nem mesmo uma guerra global pode apagar completamente as luzes da Cidade Que Nunca Dorme.

Ares observa o rosto adorável de Afrodite e o rosto grotesco de Hefesto. Pela milionésima vez, o deus da guerra se pergunta o que Zeus pretendia, forçando os dois a se casar. Que maldição, estar preso a essa monstruosidade! Ainda mais trágico para alguém tão perfeitamente perfeita como ela.

Por que, então, Ares encontra os pelos de seus braços pinicando de ciúme? Mesmo agora, embora a rede dourada separe o ferreiro da deusa, há algo entre eles. Algo que ele não pode conquistar nem destruir. Por mais impossível que seja, um fio de prata une Hefesto e Afrodite, embora apenas ligeiramente, impedindo Ares de tornar Afrodite completamente sua.

Mas o que ele esperava? Afinal, eles são casados.

— Deusa.

Afrodite encontra o olhar de seu marido. Ele aponta seu martelo para ela — Apresente suas evidências.

Quando ela inclina a cabeça ligeiramente, ele sorri sob seus bigodes. — Conte sua história.

Ares revira os olhos. — Deuses, não — ele geme. — Tragam as pinças quentes, as marcas fumegantes! Tudo menos uma *história de amor*!

Afrodite o encara.

— Ela está sempre tagarelando — diz Ares. — Tentando me contar sobre alguma carta de amor idiota, algum beijo aleatório ou outro, e quanto tempo durou e, pelo cabelo de Medusa, *o que eles estavam vestindo* na época.

— Deusa? — diz Hefesto.

— Hmm?

— Não deixe nada de fora — diz o deus do fogo. — Faça seu conto ser longo.

PRIMEIRO ATO

AFRODITE

Hazel — 23 de novembro de 1917

VI HAZEL PELA PRIMEIRA VEZ em um baile paroquial em sua igreja do bairro londrino, St. Matthias, em Poplar. Era novembro de 1917.

Era uma festa beneficente, com uma campanha organizada de meias e latas de caldo de Bovril em pó para enviar aos meninos na França. Mas, realmente, era uma dança de outono como a que eles realizavam todo outono.

Enquanto outros conversavam e flertavam, Hazel grudou-se no banco do piano e tocou melodias de dança. Os acompanhantes falaram sobre sua generosidade, colocando o prazer dos outros antes do dela. Hazel não se deixou enganar nem se sentir lisonjeada. Ela odiava se apresentar. Mas ela preferia enfiar alfinetes nos olhos do que ter uma conversa estranha com os meninos. Qualquer coisa era melhor. Até mesmo os holofotes.

Ela pensou que estava segura. Mas a música me atrai como uma abelha ao mel. E não só eu.

Um jovem sentou-se a alguma distância e a observou tocar. Ele podia ver suas mãos e a expressão intensa em seu rosto. Ele tentou não encarar, com sucesso limitado. Ele fechou os olhos e ouviu a música. Mas mesmo enquanto ouvia, ele viu em sua mente a forma alta e reta da garota no piano, vestida em renda lilás clara, com sua cabeça de cabelos escuros abaixada apenas o suficiente para olhar as

teclas, e seus lábios entreabertos, ligeiramente, enquanto ela respirava no ritmo da música.

Oh, no minuto em que vi aqueles dois na mesma sala, eu soube. Eu soube que essa poderia ser uma das minhas obras-primas. Você não encontra dois corações assim todos os dias.

Então me sentei ao lado de James, enquanto ele assistia Hazel tocar, e beijei sua bochecha. Honestamente, no caso dele, eu nem acho que precisava fazer isso. Mas ele tinha uma bochecha muito bonita e eu não queria perder minha chance. Ele tinha se barbeado para a festa, queridinho.

Eu estava com ciúmes de como ele observava Hazel, bebendo sua música como água e provando como ela se dissolvia nela como um cubo de açúcar. Nenhuma das garotas que giravam faziam tamanho efeito nele. Era um jovem elegante, muito cuidadoso com as roupas, como se temesse a ideia de que sua aparência pudesse ofender alguém. Ele não deveria ter se preocupado. Ele não era exatamente bonito, não à primeira vista, mas havia algo naqueles olhos castanhos escuros que poderia fazer Hazel esquecer Chopin por um momento ou dois. Se ela algum dia erguesse os olhos.

Eu deslizei para o banco do piano ao lado de Hazel. Ela estava tão absorta em sua música que não percebeu minha chegada. Claro, quase ninguém me nota, mas todos, exceto os de coração duro, sentem um novo estado de humor. Talvez seja o meu perfume. Talvez seja algo mais. Quando eu passo, o amor está no ar.

Dos jovens presentes, alguns ainda não haviam partido para o campo de batalha. Outros estavam em casa de licença (médica ou férias). Para seu crédito, as meninas eram maravilhosas com aqueles com ferimentos horríveis e faziam com que os feridos se sentissem como príncipes. Alguns rapazes trabalhavam em empregos de produção na guerra em fábricas de armas. Alguns os viam como covardes se esquivando do campo de batalha, mas essa

multidão de garotas os recebeu com bom humor. Elas eram práticas, essas garotas de Poplar, e preferiam namorados locais a amores ausentes. Algumas garotas empreendedoras limitaram suas apostas e mantiveram um de cada.

As moças trabalhavam em fábricas de munições e em residências como empregadas domésticas. Não muito tempo atrás, todos eles estavam na escola

E então havia Hazel. Ela tocou como a filha de uma duquesa, sob os olhares dos melhores tutores musicais. Mas ela era filha de um pianista de music hall e de uma costureira de fábrica. O pai de Hazel batia nas teclas à noite para manter o lobo longe da porta, mas ele ensinou sua filha a amar os mestres. Beethoven e Schubert e Schumann e Brahms. Ela tocava como um anjo.

James sentiu a música de anjo dela passar por seu cabelo.

Pobre James. Ele estava em uma situação difícil. A única garota com quem gostaria de falar carregava o entretenimento da festa em suas mãos. Interrompê-la seria impensável; esperar até que a festa acabasse significaria que ela desapareceria na multidão.

Ela alcançou um refrão e eu levantei seu queixo em direção ao rosto vigilante de James.

Ela captou sua expressão por completo. Ambos ficaram muito assustados, a princípio, para pararem de olhar.

Hazel continuou tocando, mas ela tinha visto diretamente através daqueles olhos castanhos e nas profundezas atrás deles, e sentiu algo da emoção de ser vista, realmente vista.

Mas a música não ia durar tanto. Então Hazel continuou tocando. Ela não iria olhar para James novamente. Só quando a música acabou, ela deu uma espiada. Mas ele não estava lá. Ele se foi.

São as coisas silenciosas que eu noto. Hazel exalou sua decepção. Ela gostaria de mais um vislumbre, para ver se

tinha imaginado algo acontecendo entre eles.

Hazel, minha querida, você é uma idiota, ela disse a si mesma.

— Com licença — disse uma voz ao lado dela.

AFRODITE

AFRODITE: Primeira Dança — 23 de novembro de 1917

HAZEL SE VIROU para ver uma gravata verde-floresta cuidadosamente enfiada em uma jaqueta cinza de tweed e, acima de tudo, o rosto do jovem de olhos castanhos-escuros.

— Oh. — disse Hazel. Ela se levantou rapidamente.

— Olá. — disse ele muito sério. Quase como se fosse um pedido de desculpas.

Seu rosto estava sério, seu corpo esguio, seus sapatos lustrados e sua camisa impecável. Hazel observou os sapatos dele e esperou que o calor em seu rosto diminuísse. Esses sapatos tinham pés como os de seu pai dentro, ela se perguntou, com pelos na ponta dos dedos? *Pensamento estúpido, estúpido!*

— Sinto muito — disse o jovem. — Eu não queria assustar você.

— Tudo bem. — respondeu Hazel. — Quero dizer, você não me assustou. — uma mentira.

O cheiro de loção pós-barba de rum louro e pano limpo e passado atingiu o rosto de Hazel e a fez formigar. Suas bochechas eram magras e suaves, e pareciam tão macias que os dedos de Hazel se contraíram para acariciá-las. A terrível possibilidade de que ela pudesse agir de acordo com o impulso foi tão mortificante para Hazel que ela quase correu para a porta.

— Eu queria dizer a você — disse o jovem. — O quanto gostei de ver você tocar esta noite.

Agora, pelo menos, Hazel tinha um roteiro. Seus pais a haviam treinado ao longo de uma vida inteira em recitais de piano sobre como responder aos elogios.

— Muito obrigada — disse ela. — É muita gentileza sua dizer isso.

Era um discurso decorado, e o jovem sabia disso. Uma sombra passou por seu rosto. Claro que sim, pobre querido – ele só teve uma chance de interagir com ela, apenas uma coisa que ele poderia dizer com decência: que ele amava a música dela, que ela o tirou deste lugar, desta noite, uma semana antes do embarque no exterior para a Frente Ocidental, onde jovens como ele morreram em massa, e que ela, *ela*, tinha dado a ele este indescritível presente de fuga temporária, o tempo todo sendo tão sincera e fascinante em sua absorção pela música. O decoro só permitia que ele dissesse que gostava dela tocando, quando queria dizer muito mais, e a única coisa que ele ousava esperar era que ela sentisse o quão desesperadamente ele falava sério.

E seus olhos, ele agora descobriu, eram grandes e profundos, contornados por longos cílios negros.

Pobre James.

Hazel sabia que ela havia entendido errado. Ela engoliu o medo e olhou nos olhos dele.

— Sinceramente — disse ela. — Obrigada.

A sombra passou. — O meu nome é James. — ele ofereceu-lhe a mão

Ela a pegou, quente e seca, e desejou não ter o polegar e os dedos musculosos de um pianista. A propósito, não é assim que James percebe as mãos dela.

— E você? — ele sorriu. Não tem problema Hazel; eu mesma quase desmaiei.

Ela corou. Se ela corasse mais, suas bochechas poderiam entrar em combustão espontânea. — Eu sou

Hazel — disse ela. — Hazel Windicott.

— Estou feliz em conhecê-la, Srta. Windicott. —– James gravou o nome dela na memória permanente. *Hazel Windicott. Hazel Windicott.*

— E você, Sr. James. — respondeu a garota do piano.

Ele sorriu novamente, e desta vez covinhas apareceram em suas bochechas. — Apenas James — disse ele. — Meu sobrenome é Alderidge.

A mulher corpulenta que comandava o entretenimento, uma tal Lois Prentiss, veio apressada para ver porque a música havia parado. Uma mulher mais velha, uma das minhas favoritas, chamada Mabel Kibbey, apareceu como uma marmota em um buraco.

— A senhorita Windicott trabalhou duro a noite toda — disse ela. — Tenho certeza de que ela gostaria de um momento de descanso. Vou tocar para que ela descanse. Acho que conheço algumas músicas que os jovens vão gostar.

Antes que Hazel pudesse protestar, Mabel Kibbey a arrancou do piano e a empurrou na direção de James. — Vá dançar. — disse ela. Em um piscar de olhos, James levou Hazel até a beira da pista de dança e lhe ofereceu o braço. Deslumbrada com as manchas rosadas nas bochechas de James, logo acima das covinhas, ela colocou a mão esquerda no ombro do tweed de James e pousou a mão direita na dele.

Mabel Kibbey começou uma valsa lenta. James puxou Hazel o mais perto que ousou.

— Receio não saber dançar — confessou Hazel. — Há uma razão para eu ficar atrás do piano.

James parou imediatamente. — Você prefere não dançar?

Hazel fixou o olhar em sua gravata. — Não, eu gostaria. Mas você não deve rir de mim.

— Eu não faria isso. — disse ele sério. Ele deslizou de volta para a música.

— Somente quando eu tropeçar e cair, então? — ela esperava que isso soasse como uma piada.

Ele apertou a mão com mais firmeza nas costas dela. — Eu não vou deixar você cair.

E não deixou.

James, na verdade, era um ótimo dançarino, não exibicionista, mas gracioso. Hazel não era, mas ela era musical o suficiente para encontrar o ritmo. James forneceu a dança. Ela só precisava acompanhar.

Sentei-me ao lado de Mabel Kibbey no banco e observei. Essa dança pode ser um começo ou um fim, dependendo de mil coisas. Eles poderiam conversar? Alguém falaria muito? Ou diria algo estúpido? Devo fazer algo?

— Eles ficarão bem. — disse Mabel, lançando um olhar na minha direção.

— Ora, Mabel Kibbey — sussurrei. — Você pode me ver?

Ela virou a página de sua música. — Eu sempre vi você. — disse ela. — Você está parecendo especialmente bem esta noite.

Eu dei um aperto na cintura dela. — Você é uma querida.

Ela piscou. — É bom saber que você ainda está aqui pelos jovens — ela disse. — Esta guerra terrível. Como eles precisam de você agora.

— Não só os jovens. — Eu balancei a cabeça na direção de um cavalheiro mais velho ágil, sentado do outro lado da sala. — Você gostaria que eu lhe fizesse uma introdução esta noite?

Mabel riu. — Não, obrigada. — ela suspirou. — Tive meus dias.

Ambas vimos, então, uma fotografia desbotada de casamento, uma cadeira vazia e uma lápide.

— Quem disse que você não pode ter outros dias? — eu perguntei a ela.

Ela repetiu e voltou a página. — Você deveria ver a Srta. Hazel. — Então eu o fiz.

Eles cobriram o básico: ela tinha dezoito anos. Ele tinha dezenove anos. Hazel, filha única, de Poplar, filha de um pianista de music hall e de uma costureira. Tinha terminado seus estudos, praticando em tempo integral e se preparando para uma audição para conservatórios de música. James, de Chelmsford, irmão mais velho de Maggie e Bobby. Filho de um professor de matemática em uma escola secundária. Ele mesmo trabalhava para uma construtora. Ou tinha trabalhado, até agora. Ele estava em Londres, hospedado com um tio. Estava aqui para ver como estava seu uniforme e kit, antes de se apresentar ao serviço em uma semana, para ficar alocado na França

A guerra.

Você tinha que entrar na sala então, Ares. Um final finalizador, um adeus permanente.

No entanto, você era a razão pela qual todos estavam lá. A guerra estava em cada sermão, cada placa de rua, cada notícia, cada oração sobre cada refeição racionada e sem graça.

E assim James passou de estranho a patriota, herói, bravamente assumindo seu dever para com Deus, Rei e País.

Hazel passou de estranha e pianista a raciocinar porque a guerra era importante, símbolo de tudo o que era puro e belo e pelo qual valia a pena morrer em um mundo destruído.

Quando os encontrei, suas cabeças estavam aninhadas como um par de pombas de luto.

James, a alma da educação, não sonharia em atrair Hazel para perto em uma primeira dança. O que não queria dizer que ele não gostaria. Mas Hazel, perplexa por se encontrar tão segura e quente nos braços deste belo jovem, percebeu, quando a música terminou, que ela estava descansando a testa em sua bochecha. Aquela bochecha, ela queria acariciar, e agora, de certa forma, ela o havia feito. Ela começou a ficar envergonhada, mas enquanto os

outros dançarinos aplaudiam, James a embalou em seus braços, e ela sabia que não precisava se desculpar.

Lois Prentiss começou a explodir em agradecimento por todos que fizeram da noite um sucesso, mas Mabel Kibbey, com uma piscadela para mim, a interrompeu começando uma nova música, ainda mais terna do que a primeira. Enquanto outros casais disputavam para encontrar parceiros, Hazel e James se encontraram sem palavras, nunca tendo se separado, e dançaram a dança inteira com os olhos fechados.

Se eu não conseguisse tricotar esses dois no final de uma segunda dança, Zeus poderia muito bem fazer de Poseidon o deus do amor, e eu iria cuidar dos peixes.

Eu poderia ter assistido eles para sempre. A essa altura, muitos olhos além dos meus observavam Hazel Windicott, uma mercadoria bem conhecida na paróquia, tão famosa pela timidez quanto pela música, dançando com o jovem estranho alto. Quando a música terminou,ela abriu os olhos e viu o rosto de James olhando para ela de perto, mas por cima do ombro dele havia outros rostos, sussurrando, imaginando.

— Eu preciso ir — ela disse, se afastando. — As pessoas vão dizer…

Ela se inundou de vergonha. Como ela poderia trair este momento com medo dos outros?

Ele esperou abertamente, com calma, sem suspeitas.

O que ela devia a outras pessoas, afinal?

— Obrigada — disse ela. — Eu tive um tempo adorável.

Ela olhou nervosamente em seus olhos castanhos escuros. *Você é maravilhosa,* eles disseram.

Você também , seus olhos de cílios longos responderam.

— Senhorita Windicott… — ele começou.

— Me chame de Hazel. — disse ela, então se perguntou se deveria.

As covinhas voltaram. Ela pode derreter. Outras pessoas não importavam. Deixe-os fofocar.

— Senhorita *Hazel* Windicott — disse ele. — Vou me apresentar para o treinamento em uma semana.

Ela acenou com a cabeça. — Eu sei. — ele já tinha contado a ela. Foi indescritivelmente horrível. Rapazes que ela conhecia já haviam morrido nas trincheiras.

James deu um passo à frente. — Posso te ver de novo antes de ir?

Ela mastigou essa proposta chocante. Não era assim que as coisas eram. Apresentações, acompanhantes, supervisão. Permissão dos pais em cada etapa. Mulheres corpulentas gostam de navios de guerra navais rondando os mares das reuniões sociais da igreja, em busca de pegadas indevidas e beijos clandestinos. A guerra relaxou o domínio do decoro, mas apenas um pouco.

James ficou irritado. Ele disse muito. Foi muito rápido. O pensamento o deixou doente. Mas que escolha ele tinha? Ele teve apenas uma chance de conhecer Hazel Windicott, a pianista.

— Posso? — ele disse novamente.

O pai de Hazel apareceu na porta.

— Quando? — ela perguntou a James.

Ele sorriu. — O mais breve possível.

— Quanto? — perguntou Hazel.

O sorriso desapareceu, deixando apenas aquele olhar atento em seu lugar. — Tanto quanto eu puder

Era hora de Hazel objetar educadamente, dar desculpas, agradecê-lo por servir à Coroa e romper com aquele soldado condenado. Definitivamente era hora de dizer não.

— Eu gostaria disso.

Ela sorriu, a primeira vez que sorriu para este estranho. O pobre coração de James poderia ter parado de bater naquele momento se ele não fosse jovem e saudável.

Hazel deu seu endereço a James Alderidge. Quando ela teve quase certeza de que os olhos na sala deixaram de ficar boquiabertos e seu pai começou a conversar com

outros pais que estavam chegando, ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo na bochecha de James.

James Alderidge não sabia que era o segundo beijo semelhante que recebia naquela noite. Ele só sabia que estava em grave perigo de partir para a Frente como um soldado apaixonado.

O pensamento o assustou mais do que todos os mísseis alemães combinados. Ele deveria recuar? Ele deveria interromper essa fantasia e não procurar outro encontro com a garota do piano?

Música. Cílios. Cabelo com perfume de lilás. O aperto leve de seus lábios em um breve beijo em sua bochecha.

E, mais uma vez, a música.

O que ele deveria fazer, James decidiu, e o que ele *faria* não tinham relação um com o outro.

AFRODITE

AFRODITE: O Beijo (Parte I) — 23 de novembro de 1917

SE ESSE BEIJO causou a James uma noite de espanto agonizante, de deliciosa perplexidade, ele não estava sozinho. Da parte de Hazel, sua perplexidade estava se perguntando o que diabos havia acontecido com ela, e a agonia estava apavorada com o que James devia estar pensando dela. Ela, Hazel Windicott, que nunca olhou para meninos! A respeitável jovem séria que passava horas todos os dias praticando piano, que mantinha a cabeça fria enquanto as outras garotas faziam… tudo o que as outras garotas faziam. Este James pensaria que ela era o tipo de garota que sai por aí beijando rapazes assim que os conhece?

Ela voltou para casa com o pai, abotoando a gola do casaco em volta do pescoço. A noite estava estranhamente fria. Seu braço esquerdo ainda se lembrava de repousar sobre o braço de James e a direita lembrava de segurar a mão de James. Seu corpo se lembrava de mover-se no mesmo ritmo do dele e ser puxado para mais perto quando a última música terminou.

— Dançamos um pouco, não é? — observou seu pai. Hazel ficou mortificada ao descobrir que ela estava agindo assim, estendendo os braços em direção a um James imaginário. Tanto para segredos.

— Sra. Kibbey achou que eu deveria. — disse ela. *Ponha a culpa na Sra. Kibbey, né? Fraca!*

Seu pai, um homem alto com braços, pernas e dedos longos e sulcos profundos esculpidos em suas bochechas, colocou um braço em volta dos ombros de Hazel

— Sra. Kibbey está certa — disse ele. — Você precisa viver um pouco mais, minha menina, e se divertir. Não apenas ficar presa com velhos como sua mãe e eu.

Ela encostou a cabeça no ombro do pai. — Não seja bobo — ela disse a ele. — Vocês não são "velhos".

— Diga isso a Arthur. — disse o pai. "Arthur" era a artrite que atormentava seu pulso e as juntas dos dedos. — Estou falando sério, Hazy. Você deveria passar mais tempo com pessoas da sua idade. Apenas me prometa que não vai se apaixonar por um soldado. Você não precisa ter seu coração partido em dois.

Ela acenou com a cabeça. Ela não podia exatamente olhar seu pai nos olhos naquele momento. E certamente não estava disposta a fazer promessas.

Pelo amor de Deus ela se repreendeu mais uma vez. *Você não* está *apaixonada por aquele menino. Você acabou de conhecê-lo esta noite e dançou duas danças. Pessoas que falam em se apaixonar depois de apenas um encontro ficam com a cabeça cheia de ideias.*

Por que, então, ela o beijou na bochecha?

AFRODITE

AFRODITE: O Beijo (Parte II) — 23 de novembro de 1917

POR *QUE* HAZEL beijou James na bochecha?

Esta era a questão que atormentava James enquanto circulava o quarteirão de St. Matthias. Subia Woodstock Terrace, ao longo da East India Dock Road, descendo a Hale Street, ao longo da High Street e dava a volta. A brisa vinda do Tâmisa trouxe o grito das gaivotas e o som estridente dos estaleiros. À frente, as luzes de Poplar cintilavam.

Era um tipo de coisa de irmã? Certamente isso era tudo o que o beijo significava: *não espere mais, seu estrangeiro estranho. Aqui é onde minha visão de você começa e termina: platonic goodwill. boa vontade platônica. Gratidão patriótica. Aqui está um beijinho rápido para provar isso. Agora, adeus*.

Ele gemeu. Já tinha ouvido falar de coisas assim. Meninas que distribuíam beijos em soldados de calça cáqui nas plataformas dos trens e nos novos recrutas nas estações de recrutamento.

Ali estava o local. Bem ali, em sua bochecha. Ele passou um dedo sobre ela.

Ele passou por um casal que tinha se aproveitado de uma porta profunda e escura para um beijo do tipo que Lois Prentiss certamente vetaria. Isso o lembrou daquele

único sorriso, iluminando os lábios de Hazel, fazendo-o se perguntar como seria beijá-los.

Qual era o *problema* com ele?

A guerra, ele decidiu. A guerra havia confundido seus sentidos. A guerra levou o mundo inteiro à beira da insanidade. Casamentos apressados na guerra, bebês de guerra órfãos e amor de última hora. Todo o espetáculo barato e frágil a partir disso.

Mas ele fechou os olhos e se lembrou, mais uma vez, da sensação de segurar a garota do piano em seus braços.

Ele ainda podia ver seu pai segurando seu casaco para ela, e conduzindo-a através da multidão. Os cavalos selvagens não conseguiram persuadir James a seguir seus passos até em casa. Seria indecente.

Seu endereço. Ela o teria compartilhado se pensasse nele de uma forma estritamente amigável?

Quando ele passou pelo casal que se beijava pela terceira vez, ele foi para casa. Ele cruzou a East India Dock Road e chegou à Kerbey Street, que levava ao apartamento de seu tio. Ele olhou para as encenações teatrais e as faixas de recrutamento da Marinha. Quando as placas de sinalização revelaram que Kerbey Street havia chegado a Grundy, ele parou.

A esquina da Grundy com a Bygrove, Hazel havia dito. Segundo andar, acima da barbearia. Certamente ela já estaria em casa. Dormindo na cama, sem dúvida. Que mal havia em um pequeno desvio? Ele simplesmente anotou a localização. Ele deveria cortar o cabelo de qualquer maneira. Talvez amanhã ele pudesse voltar para cortar, e enquanto estivesse lá, poderia… o quê? Bater na porta dela?

A impossibilidade absoluta de tudo o atingiu.

Ele poderia dar uma olhada. Seus motivos eram puros. Ele não estava espionando. Ele só queria ver o tipo de cortinas atrás das quais a pianista vivia sua vida luminosa. Ele a imaginava inocentemente dormindo em um

travesseiro macio, os cílios delicadamente emaranhados, o cabelo comprido espalhado ao redor dela, as mãos finas tocando Chopin em seus sonhos.

AFRODITE

Sem Sono — 23 de novembro de 1917

Hazel estava longe de dormir. Ela mudou para a camisola e soltou o cabelo. Ela se sentou em um divã baixo sob a janela do quarto, colocou os braços sobre os joelhos e olhou para a rua. No apartamento de cima, as duas solteironas Srtas. Ford tocaram sua gravação de gramofone de “My Heart at Thy Sweet Voice”. Era tarde demais para ópera. Hazel não se importou.

James Alderidge. Um bom nome. Certamente, alguém poderia ter um pior.

Ela dançou duas danças com um estranho e o *beijou na bochecha*?

Ela pressionou a própria bochecha em chamas contra a vidraça úmida e fria.

Quem poderia imaginar, neste dia absolutamente normal, que antes de dormir seu cérebro estaria mexido como um ovo? Ela apenas tocou como um favor relutante para a Sra. Prentiss, assim como ela foi naquela tarde para o Hospital Poplar de Acidentes para tocar para os soldados em recuperação.

James Alderidge. Ele estava indo para a guerra. Treinamento, depois trincheiras. Isso seria o fim, não apenas de sua presença, mas, muito possivelmente, de sua vida.

Ou o fim de sua vida como ele conhecia. Já havia homens dispensados com honra à vista, indo e vindo, em cadeiras

de rodas, sem pernas. Com mangas enfiadas nas jaquetas para esconder as mãos que faltam. Com cicatrizes horríveis e desfiguradas onde estilhaços rasgaram seus rostos.

Ela sabia disso, é claro. Toda a Grã-Bretanha sabia o preço terrível que os jovens pagavam a cada dia para deter o desgraçado Kaiser. Aquele homem malvado, estúpido e horrível que desencadeou seu exército como uma inundação negra em toda a Europa.

O pensamento daquele preço terrível esculpido no rosto do garoto de olhos castanhos escuros encheu seus próprios olhos de lágrimas. Então ela não percebeu a figura na esquina, olhando para a janela de seu quarto.

AFRODITE

Bigodes do Rei — 23 de novembro de 1917

LÁ ESTAVA. A barbearia. Bigodes do Rei. James sorriu. Hazel Windicott vivia logo acima da barbearia Bigodes do Rei. Isso fazia dela, talvez, um nariz?

A piada era tão ruim que o fez rir.

As janelas escuras do apartamento do segundo andar refletiam, opaca, a esfera de um poste de luz na esquina. Uma luz no terceiro andar exibia a silhueta de um gramofone. Ele ouviu as notas de uma melancólica canção de ópera. Mezzo-soprano. Muito romântico.

Mas não havia nenhum indício de Hazel Windicott. Ela disse a ele o endereço errado?

Ele dobrou a esquina e parou. A garota do piano encostou-se na janela, perdida em pensamentos. James viu cabelos longos caindo em suas costas, e o decote de uma camisola branca.

Seu devaneio enraizou seus pés no chão.

Durante o dia, esta esquina se encantava com o som do piano de Hazel tocando. Aquele barbeiro sortudo, Sr. Bigodes do Rei, conseguia ouvi-la o dia todo, acima do som de tesouras mecânicas.

James Alderidge, advertiu a si mesmo, *você só a viu uma vez. Você não a conhece. E você é um idiota*.

DEZEMBRO 1942

Uma Interrupção

— ELE ESTÁ CERTO SOBRE ISSO. — diz Ares. — Esta história é desinteressante. Garoto encontra garota, eles dançam um pouco e ficam loucos um pelo outro. E daí? Não aconteceu nada.

Os olhos de Afrodite se estreitam. — *Tudo aconteceu.*

Ares revira os olhos. — Vá direto ao ponto — diz ele. — Vá para a Frente. Os campos de morte. É aí que as histórias de guerra acontecem.

— Quem te perguntou? — pergunta Hefesto, diplomata.

— Eu não estou contando uma história de guerra — diz Afrodite. — Isso é o que eu *faço*, e como o faço.

— Vá em frente — Hefesto diz. — Estou curioso.

— Então você é um idiota. — responde o deus da guerra. — Aqui. Eu conheço essa história. Duas almas protegidas se encontram, *bum*, elas se apaixonam uma pela outra. Eles pensam que inventaram o romance. Eles se divertem por alguns dias, então ele parte para a guerra. É terrível, boo-hoo, ele sente falta de sua garota, ela sente falta dele. Eles escrevem cartas no início, até que as trincheiras o transformam de Garoto Apaixonado em Garoto Que Tenta Impedir Os Ratos De Comerem Sua Cara. Ela faz algum trabalho voluntário — Ares afeta um sorriso de escárnio. — Em uma tentativa *corajosa* de ser como os meninos no exterior e fazer sua miserável parte. Ela chora no travesseiro, perguntando-se por que as cartas pararam. O

tempo passa. Ambos mudam. As tragédias surgem como furúnculos. Eles me culpam por seus problemas. Et cetera.

Se Ares fosse mortal, o olhar que Afrodite aponta para ele iria queimar a carne de seus ossos.

— Você já terminou? — pergunta a deusa do amor.

Ares não se preocupa em responder.

— Com sede, minha querida? — pergunta Hefesto. Ele conjura uma taça de martini cheia de ambrosia e faz com que apareça na mão aberta de Afrodite. Ela parece surpresa, mas toma um gole.

Hefesto afofa um travesseiro da cama e o arruma atrás de seus ombros curvados. — Não estou aqui porque estou morrendo de vontade de ouvir você, guerreiro — diz ele. — Eu quero ouvir minha esposa.

Ares ri. — Você está tendo aulas de amor com mortais agora, ferreiro?

— Você poderia fazer algumas também. — diz Afrodite.

AFRODITE

Pego — 23 de novembro de 1917

JAMES ACHOU QUE iria embora sem que Hazel o visse.

Mas Hazel o viu.

Posso ter tido algo a ver com isso.

Como eu disse, eu não estava interferindo, mas toda a cena, a esquina da rua, o poste, as sombras, a ópera suave caindo de cima, a camisola de babados – o que eu podia fazer? Eu sou uma artista.

Dirigi seu olhar para a rua. Ela se afastou da janela quando viu alguém parado ali. Quando ela viu a cabeça dele se virar, ela se inclinou mais perto.

Era James Alderidge.

Ela deveria se importar que ele estivesse lá? Como ela poderia se importar com algo tão maravilhoso?

Ao vê-la, seu rosto se iluminou. Ele ergueu a mão em um meio aceno, depois enfiou-a no bolso do casaco e correu rua acima.

AFRODITE

Uma Nota — 23 de novembro de 1917

SEU IDIOTA, seu idiota, disse a si mesmo. *Espiando as janelas? Ela deveria chamar os policiais para você.*

Um rangido atrás dele o fez parar.

Ele se virou para ver o rosto de Hazel inclinado para fora da janela, com fios de cabelo compridos pendurados abaixo dos ombros. — Pssst. — disse ela, e deixou cair algo branco no pavimento. Então ela fechou a janela e desapareceu.

James encontrou a coisa branca em meio aos pedaços de lixo espalhados pela esquina da rua. Era um pedaço de papel dobrado. James meio que esperava um lenço debruado com renda. Mas isso não era o fluorescente Camelot, e ele não era um cavaleiro.

Ele avançou mais para a rua, mais perto do poste e abriu o bilhete.

Oito horas da manhã amanhã, dizia, em uma letra alta, precisa e vertical. As letras são como as hastes das notas musicais. *Café na loja de chá J. Lyons na Chrisp Street em Guildford.*

James Alderidge olhou para a janela agora escura e sorriu. A senhorita Hazel Windicott não estava mais à vista. Engolida pela escuridão. Ela podia vê-lo? Ele não sabia.

Mas eu sabia. É melhor você acreditar que ela pôde.

AFRODITE

A Casa de Chá — 24 de novembro de 1917

UMA VEZ QUE ALGUMAS PESSOAS, que permanecerão anônimas, parecem impacientes com a profundidade dos detalhes que dedico a este par em suas primeiras horas emocionantes ao se encontrarem, deixarei de lado o drama das noites insones de James e Hazel, seus horários de acordar ridiculamente cedo, e suas vestimentas e passos ansiosos, silenciosos para evitar acordar tios e pais em uma manhã de um sábado de sono. Vou poupar meus críticos da náusea excitante que tomou conta dos estômagos dos queridos jovens quando eles saíram em uma manhã londrina para encontrar a casa de chá J. Lyons. Não vou fazer nenhuma menção à dúvida constante – o medo de que esse algo, que eles esperavam que fosse algo, fosse na verdade nada, que eles tivessem permitido que seus sentimentos fervessem e espumassem por absolutamente, completamente nada.

Não foi culpa deles que borbulharam e espumaram. Eles não podiam repreender a si mesmos até a indiferença, assim como não podiam querer que parassem de respirar.

Era hora de James e Hazel se conhecerem adequadamente. Era hora de ver se a magia da música, do luar e do movimento gracioso eram tudo o que eles compartilhavam, ou se um amanhecer cinzento e encardido de Londres e uma xícara de café barato poderiam fazer com que se sentissem da mesma maneira.

As casas de chá J. Lyons estão espalhadas por toda Londres. O medo ilógico de James estava indo para o lado errado. Ele chegou bem antes das oito horas e, ainda não encontrando Hazel lá, caminhou pela rua. Às oito, ele entrou na loja, sentou-se em um banco, amassou o chapéu, alisou-o e amassou-o novamente.

Hazel estava atrasada. Não é de surpreender, visto que sua jornada foi a seguinte:

Ela andaria um quarteirão, depois se viraria e voltaria, depois voltaria a dar os primeiros passos e iria um pouco mais longe, então entraria em pânico e correria de volta para casa. Quando chegou à casa de chá J. Lyons, estava suando sob o suéter e a blusa, embora a manhã estivesse fria e úmida. Então, prendendo a respiração como se isso pudesse, de alguma forma, obrigar James Alderidge a fazer o mesmo, para que não percebesse qualquer odor corporal, ela entrou na casa de chá.

James saltou de pé. Isso parecia muito ansioso, ele percebeu, então ele enrijeceu. Ele não tinha ideia do que fazer com seu rosto.

Hazel o viu pular em um espasmo de óbvia decepção, depois fazer uma careta de desgosto.

Ela sabia. Ela cheirava horrivelmente. Ela parecia terrível. Ela estava terrível. E convidá-lo para encontrá-la aqui foi uma ideia terrível, terrível. Ela manteve a mão na maçaneta da porta e tentou pensar em como escapar. Seus pais nunca precisam saber. Seria como se nunca tivesse acontecido.

O coração de James afundou ao observar a expressão de pânico dela. Ela estava ainda mais adorável à luz da manhã, com roupas do dia a dia. Mas, claramente, ela queria fugir. O que ele poderia dizer para aliviar sua angústia e deixá-la saber que estava livre para partir?

— Bom dia. — ele sorriu por reflexo. É o que se faz quando se diz "Bom dia".

— Bom dia. — ela estendeu sua mão. Era o que se fazia quando se dizia "Bom dia" em uma casa de chá para alguém que não se abraça ou beija.

Mas ela *tinha* beijado ele. Oh, que vergonha!

Ele apertou a mão dela entre as suas. Ele sorriu de novo e Hazel se esqueceu de fugir da casa de chá. O cheiro de rum louro pode ter algo a ver com isso.

— Mesa para dois? — eu disse.

Eles me seguiram até uma mesa de canto isolada. James puxou a cadeira para Hazel e pendurou o casaco dela na porta. Havia apenas um cabide livre, então ele colocou seu próprio casaco sobre o dela. Isso o fez corar. Ele se sentou em frente a Hazel.

Eu amo esse menino. Em um sentido puramente espiritual.

— Eu recomendo o bolo de limão. — eu disse, e entreguei os cardápios.

As serventes estavam lentas naquela manhã. Esses dois talvez-pombinhos-talvez-não vacilavam por um fio, e se eu não os colocasse sentados em uma mesa, não havia como dizer o que poderia acontecer. Portanto, assumi a forma de uma garçonete matronal de meia-idade. Não consigo expressar como me doeu adotar o uniforme triste das garçonetes da J. Lyons. Mas eu faço sacrifícios.

Não, eu *não* considero isso trapacear, interferir ou manipular. Eu estava apenas fazendo o que um garçom competente deveria ter feito. Às vezes, o destino está em jogo por questões ainda mais triviais do que uma garçonete flertando nos fundos com um chef confeiteiro.

Hazel e James estudaram os menus como se suas próprias vidas dependessem disso. Mais seguro do que olhar um para o outro. Enviei um pequeno sopro de atração flutuando de volta para as cozinhas, para manter a verdadeira garçonete um pouco mais íntima com o Sr. Chef de Pastelaria, que estava fazendo rosas com um cachimbo de glacê. Isso me forçou a servir alguns outros clientes

também, mas me armei com um bule de café colombiano quente que se reabastece e tornei a manhã de todos um pouco melhor. Um cavalheiro robusto e careca, em particular. Acho que ele suspeitou que havia mais em mim do que aparentava, o velho malandro. Ele já foi um pouco parecido com Romeu, vários tamanhos de cinto atrás.

Eu voltei para James e Hazel. Eles relaxaram na conversa.

— Com licença — Hazel me disse muito sinceramente. — Não vemos bolo de limão neste menu.

Foi tudo que eu pude fazer para não rir. — É o especial de hoje. — disse a ela.

— Eu me pergunto como eles conseguiram o açúcar — Hazel meditou. — O racionamento está tão apertado. — ela se virou para ele. — Devemos pedir um pouco, então, James? — simples assim, ele se tornou um amigo de primeiro nome.

— Parece delicioso, Hazel. — ele se virou para mim muito seriamente. — Duas fatias, por favor.

Meus lindos bichinhos de estimação, dando uma festa do chá no berçário para dois. O menino brincando de homem adulto para sua filha. A garota que ele esperava que fosse sua namorada. Você vê por que amo meu trabalho, não é? Por que não é uma carreira, é uma vocação?

Voltei para a mesa de servir, conjurei fatias gigantes de bolo e servi. O careca me deu um tapinha no cotovelo para pedir um pouco. Antes de terminar, servi bolo para quatro mesas. Agradecimentos da deusa. Com a Grande Guerra em seu quarto ano, os britânicos *precisavam* de bolo.

James e Hazel enfrentaram a nova situação – eles comem um na frente do outro, correndo o risco de derramar migalhas ou gotas de coalhada de limão? Então, novamente, se eles não comeram, eles devem falar. Como é a velha cantiga gaélica? *Você vai tomar o caminho certo, e eu vou pegar o caminho baixo, e estarei na Escócia antes*

de você? Hazel pegou a estrada principal, bolo, e James pegou a estrada secundária, a fala

— Estou *tão* feliz em vê-la novamente. — disse ele.

Ele estava na Escócia antes dela.

Bem, aí estava. Ele pulou as preliminares. Não havia como voltar agora.

Suas palavras pegaram Hazel com os dentes do garfo ainda na boca e uma grande mordida de bolo derretendo em sua língua.

— Mmph. — foi sua resposta elegante.

Mas lá estava ele, todo olhos castanhos e bondade, esperando pacientemente, observando o rosto dela como se pudesse vê-lo para sempre. Seus olhos arregalados absorveram tudo isso e ela conseguiu, por milagre, engolir o bolo sem engasgar.

— Eu também. — ela se lembrou do guardanapo. — Quero dizer, você também. Feliz em te ver.

Ela estava, e não havia como esconder.

AFRODITE

Perguntas — 24 de novembro de 1917

NÃO É FÁCIL, supervisionar o amor em sua fase de criança. É uma coisa barulhenta, tagarela e balbuciante. Ouvir com atenção me deixaria velha e grisalha, exceto que, é claro, eu não fico velha ou grisalha. Mas ainda é um esforço, embora também uma alegria, acompanhar tudo o que eles dizem e tudo o que não fazem. Por exemplo: O que te fez ir ao baile ontem à noite, onde você não conhecia ninguém?

Imagine se você não tivesse ido!

Você sempre toca piano nos bailes?

Ou você dança com outros rapazes?

Fale-me sobre Chelmsford.

Aposto que as meninas são mais bonitas em Chelmsford.

Há quanto tempo você estuda piano?

Como é que uma garota tão talentosa está comendo bolo de limão em uma casa de chá com um cara como eu?

O que você faz no área de construção?

As vigas pesadas caem sobre os construtores e os matam?

Quem é seu compositor favorito?

Por favor, tenha um. Não seja um ignorante musical.

Você tem um gramofone?

Sorria novamente. Bem desse jeito. Queria ter uma fotografia disso para guardar na carteira.

Conte-me sobre seus pais.

Veja como você é legal. Estou tão feliz por você não ser um desses tipos pervertidos.

Conte-me sobre os seus.

Eles sabem que você está aqui comigo? Está tudo certo?

Você acha que algum dia tocará no Royal Albert Hall?

Eu poderia falar com você o dia todo.

Por que não? Aposto que sim.

Eu estaria lá na primeira fila.

Se você pudesse construir qualquer prédio, qual seria?

Oh, por que você tem que ir para a Frente? Por que agora?

Você sabe onde ficará estacionado na França?

Eu sinto muito. Esqueça que te perguntei isso.

Você fala um pouco de francês?

Eu sei que você pode dizer que estou com medo de ir. Você vai me desprezar por isso?

Você precisa voltar para casa logo? Tem alguma coisa acontecendo hoje?

Por favor, não. Não me deixe ainda. Temos tão pouco tempo.

Vamos dar um passeio, certo?

Quando vou devolver o beijo que você me deu?

DEZEMBRO 1942

Para Forjar, para Fundir

ARES DESCANSA EM CIMA do sofá, por baixo da rede dourada. Afrodite tem um olhar distante e uma expressão suave.

Seu marido a observa. Uma lágrima brilha em seus olhos. Esses mortais fazem algo com Afrodite. Mas o quê? Para o deus ferreiro, eles soam como dois mortais entre milhões.

Até que ele se lembra da onda de admiração, de *correção* que ele sente quando levanta uma espada em brasa de sua forja. É para *isso* que ele nasceu. Para fazer, para fundir, para dominar o calor e o ferro com todo o seu poder e toda a sua resistência, e produzir obras de utilidade e beleza. Se isso o tornava impetuoso e inflexível, como ele poderia não se tornar algo como o ferro em sua forja?

Os êxtases e as feridas do amor foram obra de Afrodite. Forjar paixões foi o que ela nasceu para fazer. Ela também era uma fundidora, uma dona do fogo de um tipo diferente, trabalhando em materiais mais poderosos e resistentes do que o carbono e o ferro. E o que esse trabalho fez com ela?

Se ele quisesse uma deusa do coração e do lar, da domesticidade segura e da lealdade simples, Hefesto poderia ter se casado com Héstia. Talvez ele devesse. Ela era solteira e, segundo todos os relatos, a comida era boa.

Mas Héstia nunca poderia ser… *Afrodite*. Não há como voltar depois de conhecer a deusa do amor. Não há como esquecer. Não tem como seguir em frente. Nem abandonar.

AFRODITE

Uma Caminhada — 24 de novembro de 1917

EU ME SENTI COMO uma mãe vendo o pequeno Júnior ir para a escola pela primeira vez quando aqueles dois saíram da casa de chá J. Lyons, amontoados contra a manhã fria e cinzenta.

Eles pegaram a Guilford Street até a Upper North Street até se tornar Bow Common Lane. — Por aqui — disse Hazel. — Terei menos probabilidade de encontrar alguém que conheço.

O rosto de James caiu. — Eu sou um segredo, então?

Hazel olhou timidamente para ele. — Os segredos são divertidos, não são?

Ele não disse nada, mas baixou o chapéu sobre os olhos.

— Sinto muito — disse Hazel depois de um momento. — Eu sou nova em tudo isso. Você não deveria ser um segredo. — ela sorriu. — Ontem à noite, papai disse que eu deveria viver um pouco.

James queria abraçar o homem. — Se eu não sou um segredo — disse ele. — O que eu sou?

A mente de Hazel disparou. O que dizer? Que palavras podem surgir a despeito dela?

Cavalos e carroças, automóveis barulhentos, vendedores ambulantes, crianças briguentas, compradores barulhentos, todos passavam por eles na rua, mas Hazel e James poderiam muito bem estar sozinhos em uma ilha deserta.

— Você é uma partitura totalmente nova — disse ela lentamente. — Para uma música que, uma vez tocada, eu juraria que seria sempre conhecida.

"Sempre conhecido" significava alguma coisa, não é? Garota inteligente, esperta.

Ela virou o rosto em direção ao dele e esperou por uma prova de que ela havia falado demais. Aberto seu coração demais. Se o coração dele quisesse encontrar o dela no meio do caminho, certamente ele teria sorrido.

Ou ele o tinha feito, apenas fracamente?

— Uma partitura, não é? — ele brincou. — Me deixa meio *chato*, não é? — A piada era tão terrível, era perfeita.

— Prefiro cavalheiros *espertos.* — Foi sua resposta rápida.

Ela entendeu a piada! Claro que ela entendeu. — Não há nada de "novo" sobre mim, Srta. Hazel Windicott — disse ele. — Há anos que ando por Chelmsford.

Ela balançou a cabeça. — Não, você não anda — disse ela. — Você saltou do chão.

— Não. — ele disse simplesmente. — Essa era você.

Ambos perceberam, então, que as duas mãos de Hazel haviam encontrado seu caminho para dentro das de James. A descoberta pegou os dois de surpresa. Nenhum dos dois se lembrava de ter feito isso.

Eles não tinham. Fui eu. Eu não estava prestes a ficar ociosa agora, estava?

E, não, isso *não* estava interferindo. As mãos de Hazel estavam frias.

James olhou para as pontas dos dedos dormentes pressionados entre os seus, e instintivamente dobrou os dedos inteiros sob o casaco, para o calor sobre seu coração.

Talvez, para James, fosse o coração, mas para Hazel, as mãos dela acabavam de ser colocadas sobre o peito musculoso de um jovem bonito que, ao que parecia, tinha desempenhado um papel *ativo* na construção civil no verão passado. Uma série de pequenas explosões começou a

disparar por seu cérebro e se espalhou rapidamente para outros lugares.

Ela puxou as mãos – não vou negar que fiquei irritada com isso – e gemeu.

Ele fechou a distância entre eles. — Qual é o problema? — ele chorou. — Você está bem?

Ela balançou a cabeça. — *Quem* é você? — ela disse. — *O que* é você? Vou para um baile e, de repente, estou fugindo para encontrar um jovem e dizendo coisas a um perfeito estranho que eu nunca, jamais diria. — ela bateu indignada em sua clavícula. — Eu sou uma *garota legal e quieta* que toca piano. Principalmente para senhoras idosas. E você me tem...

— Beijando na bochecha um cara que você acabou de conhecer?

Ela cobriu os olhos com a mão. — Você tinha que dizer isso?

Ele gentilmente afastou a mão dela. — É tudo em que pensei desde então.

As entranhas de Hazel se contorceram como o penteado da Medusa.

Sussurrei em seu ouvido. — Não tenha medo dele, Hazel.

— Tenho medo de você, James Alderidge. — disse ela, a garota travessa.

Ele recuou, as palmas das mãos levantadas em sinal de rendição. A expressão de consternação em seu rosto quebrou meu coração. O de Hazel também.

— Não. — ela disse. — Você é um perfeito cavalheiro. Tenho medo de *mim* quando estou com você.

— Venha comigo amanhã — disse ele. — Para o concerto de domingo no Royal Albert Hall.

— Todo o caminho até lá?

Ele encolheu os ombros. — O quê, é longe?

Ela balançou a cabeça. — Você realmente não conhece Londres, não é? — ela olhou em seus olhos castanhos

escuros e piscou com tudo o que viu lá. Ela sorriu e assentiu com a cabeça. — Tudo bem então.

Suas covinhas brilharam. Ele se curvou e beijou sua testa.

— Pronto — disse ele. — Estamos quites. Se sente melhor?

Hazel fez sua escolha. Ela poderia ser quem deveria ser com James. Em vez disso, ela decidiu ser aquela pessoa aterrorizante que evidentemente queria ser.

Foram as covinhas. Impérios tinham se dissolvido por menos.

AFRODITE

Adeus — 24 de novembro de 1917

JAMES CAMINHOU COM ELA até um canto dentro do campo de visão do mastro do barbeiro listrado do lado de fora dos Bigodes do Rei. Nenhum deles sabia dizer adeus.

— Amanhã — ele a lembrou. — O concerto. Podemos tomar um chá depois, talvez?

— Quando devemos nos encontrar? — ela mordeu o lábio. *E o que digo aos meus pais?*

— Vamos nos encontrar à uma hora. Bem aqui. — ele olhou para ela. — Então, vou conseguir ingressos?

Ela acenou com a cabeça. — Obter bilhetes.

Era hora de se separar. Ambos sabiam disso. Nenhum se moveu.

— Como é sua manhã de domingo? — ele perguntou a ela.

— St. De Matthias. Eu toco para o coro — ela disse a ele. — O organista está…

— Em outro continente?

Ela acenou com a cabeça, então balançou a cabeça. — Ele morreu lá — disse ela. — Então ele não está lá, mas está, porque está enterrado na Flandres. — ela não conseguiu encontrar seu olhar naquele momento.

Ele entendeu. Ele tentou aliviar o humor dela com um pouco de poesia.

— "Se eu morrer, pense apenas nisso de mim, que existo em algum canto de um campo estrangeiro…"

— "...Isso é para sempre a Inglaterra." — Hazel murmurou. — Está podre. — *Não morra.*

— Está tudo bem. — disse ele. — Estou bem. Sobre ir. — uma mentira e uma verdade, tornando-se a cada minuto mais uma mentira. — Muitos foram, e se eu não for… Alguém tem que parar o Kaiser.

O que ela poderia dizer? Que *ela* não estava bem com ele indo? Nem um pouco?

James tentou quebrar o silêncio. — Ele era um bom organista?

— Nada de especial. — ela torceu o nariz. — Em seu memorial, você pensaria que ele era o próprio George Frideric Handel.

O resto do dia se estendeu diante de James como um abismo escancarado de ausência de Hazel. Ele desejava enterrar o rosto em seu pescoço. Mesmo que estivesse embrulhado em um cachecol de lã áspero.

Mas isso foi muito cedo, pedir muito a uma garota que ele conhecia há menos de doze horas, uma garota com quem ele dividiu duas danças e uma xícara de café. (*Excelente* café, mas ainda assim.)

Então ele apertou a mão dela. — Acho melhor seguir em frente.

Ela abaixou a cabeça. — Você tem muito que fazer, tenho certeza.

Ele a beijaria? Hazel esperou para ver. Ela queria que ele o fizesse? Ela tentou não olhar para a boca dele.

Tão linda. Ela era tão, tão bonita. No começo foi a música, depois seus olhos e seu cabelo, mas agora ele viu como ela era totalmente adorável. Ele deveria dar pauladas em outros caras.

Beije ela, eu disse a ele

Com um dedo enrolado, ele gentilmente, rapidamente acariciou sua bochecha e a ponta de seu nariz.

Vá embora agora, ou nunca irá, disse a si mesmo.

— Até amanhã. — ele disse a ela. Ele se virou para ir embora.

Sem beijo. — Uma hora! — Uma tentativa corajosa de soar como se ela não se importasse de não ser beijada. Eu não fui enganada.

Não havia sentido em resistir ou explicar isso. James não tinha certeza de como ele ousava chamar o que sentia, mas sabia que sua felicidade pertencia à garota do piano. Quer ela a pegasse e a mantivesse segura para ele, ou não.

AFRODITE

No Meio — 24 de novembro de 1917

HAZEL VOLTOU PARA CASA para descobrir que seus pais tinham saído para uma tarefa, então nenhuma confissão estranha foi necessária. Não ainda. Ela se sentou ao piano para uma longa sessão de prática. Apenas o remédio prático e sólido de que ela precisava depois de doze horas estando nas nuvens. Mas ela parou no meio dos pedaços e olhou pela janela. O que James estava fazendo agora? Ela cometeu erros ridículos. Ela tocava baladas sentimentais e piegas. Ela estava desesperada.

James estava um pouco melhor. Ele foi com seu tio Charlie a um depósito de suprimentos do exército para comprar seu uniforme e kit. *Organize seus problemas em sua velha mochila e sorria, sorria, sorria.* A cantiga de guerra constantemente cantada girava em sua cabeça. Um velho vendedor oleoso listou todas as doenças da vala que ele precisava de produtos para prevenir ou tratar. Pé de trincheira. Piolhos. Frio intenso. Umidade incessante. Ratos. Lama. Estilhaços. Fome. Gangrena. Doença venérea.

James queria vomitar.

— Não importa — disse o tio de James durante um almoço no refeitório. — Você pode acabar em uma das colônias. Ou você poderia ter tarefas domésticas. — Tio Charlie havia servido na Segunda Guerra dos Bôeres, mas não em combate. Abastecimento e transporte.

— Além disso — acrescentou ele. — Os americanos virão assim que o presidente Wilson os recrutar, treinar e equipar. Talvez *este* ano tudo acabe até o Natal.

Ao contrário de 1914. Todos pensavam assim na época.

— Como foi o baile na noite passada? — disse seu tio. — Dançou com alguma garota bonita?

James olhou para o chão. Ele sentiu os olhos de seu tio sobre ele.

Tio Charlie deu uma risadinha. — Conheceu alguém, não é?

Não havia necessidade de responder a isso, então James não o fez.

— Bom para você — disse seu tio. — Você está se reportando. Você merece um pouco de diversão.

James estremeceu com isso. A Srta. Hazel Windicott não era "um pouco de diversão". Ele terminou sua comida rapidamente, agradeceu ao tio Charlie e saiu para perambular por Londres. Ele acabou no cinema, sozinho, assistindo a um filme medíocre, até que acabou e ele pôde ir para casa e dormir.

A noite de Hazel envolveu uma palestra com sua mãe. Um capelão do exército, compartilhando histórias inspiradoras sobre como Deus cuidou dos fiéis britânicos na Frente.

Só não nosso organista, Hazel pensou.

Seu pai estava no Town Hall, que era o nome do teatro e salão de música de Poplar onde ele tocava na noite de sábado. Quando a palestra terminou, Hazel acompanhou a mãe até sua casa e depois parou no Town Hall para passar a noite com o pai.

— Não é lugar para uma jovem senhorita — protestou sua mãe. — Seu pai não ficará satisfeito.

— Vou virar as páginas para ele — Hazel garantiu à mãe. — Eu vou ficar bem no banco.

E ela o fez. Foi uma noite aconchegante, dobrada ao lado de seu pai em seu chapéu-coco, camisa listrada e

gravata-borboleta. Seus dedos voadores embelezavam, “Bicycle Built for Two,” “I’m Henery the Eighth, I Am,” “Burlington Bertie from Bow,” e, claro, “Tipperary".

Hazel sabia que a maneira de tocar de seu pai deixaria Monsieur Guillaume, seu instrutor, nauseado, mas ela ainda amava observá-lo. Quando ela era pequenininha sentada em seu colo, seu pai tocava com seus longos braços ao redor dela, como se sua garota de cabelo encaracolado não estivesse bloqueando sua visão. A extensão das teclas parecia flexível sob seu feitiço, cheia de pulos nas melodias alegres e vertiginosas populares entre as estrelas dos auditórios.

E, oh, eles eram estrelas. Um após o outro, os artistas conquistaram o palco e os corações de Poplar. Eles se apresentaram, se curvaram, deram um bis, então correram para fora do palco para um carro esperando no beco para levá-los para o próximo clube para se apresentarem novamente. O mais popular pode cantar, dançar, tocar ou representar pantomimas uma dúzia de vezes ou mais em uma noite. Em trajes extravagantes, em uniformes de oficiais do exército, em casacos cortados e coletes cintilantes e vestidos cintilantes. E, alguns deles, pintados de preto.

Os artistas pintados de preto dominavam a casa. — Olhe para o preto louco! — mulheres gritariam. — Cante de novo, escurinho!

Mas o pai de Hazel não gostou. Quando os homens pintados de preto se apresentaram, sua boca endureceu e ele olhou para as teclas de marfim. Normalmente, o homem nunca parecia precisar olhar para as teclas.

— Seu pai é um covarde, Hazy — disse ele. — É errado o que eles estão fazendo. É nojento. Não é cristão. Se eu fosse um homem, desistiria em protesto.

Ela pegou a mão dele. — O que você faria então?

— É exatamente isso — disse ele. — Eu sou um covarde. Apoio esse lixo para pagar minhas contas. Lembre-se,

somos todos filhos de Deus. Seja mais corajosa do que eu.

Hazel não conseguia imaginar um cenário que exigiria tanta bravura dela. Mas ela se lembraria das palavras de seu pai em pouco tempo.

DEZEMBRO 1942

Primeira Testemunha

— EU GOSTARIA DE chamar minha primeira testemunha. — Afrodite diz ao juiz.

Ares puxa um travesseiro sobre o peito nu. — Você não está convocando *mortais* até aqui, está?

— Controle-se. — ela diz a ele. — Sua Honra? Posso?

Hefesto se pergunta com o que ele está concordando. Um plano de fuga? Um estratagema para pedir ajuda? Mas ela chegou até aqui com sua história. Ele está curioso. Ele concorda.

Ela olha pela janela. Um raio de luz brilhante forma um arco no céu. Momentos depois, uma batida soa na porta do quarto do hotel.

— Entre. — chama Afrodite.

A porta se abre e um homem alto em um terno zoot listrado azul entra, ágil e atlético. Ele ostenta uma gravata fúcsia larga, folgada no colarinho, sapatos oxford marrons e brancos e um chapéu de feltro branco com a ponta baixa sobre a testa.

Há muita perfeição masculina naquele quarto de hotel de repente. O recém-chegado é um espécime atordoante. Perfil grego, estrutura musculosa, brilho dourado. Ele tem tudo.

Ele examina o casal cativo e bufa de tanto rir. — Não consigo nem *começar* a imaginar o que está acontecendo aqui. — ele levanta as palmas das mãos. — Mas eu não

julgo. Não sou *eu* quem julga. — ele percebe o martelo de Hefesto. — Aparentemente, você é quem julga.

Ele tira seu chapéu de feltro para Afrodite. — Boa noite, mana.

— Boa noite, Apolo. — ela diz. — Um pôr do sol espetacular hoje à noite.

— Que bom que você notou. — ele salta na cama algumas vezes, testando suas molas. — Então, o que está acontecendo, afinal?

— O tribunal de um marido ciumento — declara Ares. — A esposa dele escolheu um homem melhor.

— Vá se ferrar — acrescenta Hefesto.

— Ela está contando uma história — Ares diz a Apolo. — para explicar a *ele* por que ela o está abandonando por mim. Porquê o amor ama a guerra, por assim dizer. — ele se sente inteligente. Uma ocorrência rara, fora do campo de batalha.

— Você ouviu uma única palavra do que eu disse? — devolve Afrodite.

— "Por que o amor ama a guerra?" — ecoa Apolo.

— Essa não é a questão. — Afrodite protesta.

Mas Apolo está intrigado. — *Eu* sou louco pela guerra.

Ares torce o nariz. — Bem, *isto* é constrangedor.

— Em algum outro momento, talvez — Apolo diz com graça preguiçosa. — Eu não quis dizer *você*.

— Não há coliseu grande o suficiente para conter o ego de vocês dois. — murmura Hefesto.

— Atena é mais meu estilo. — explica Apolo. — Feroz, justa, fantástica. Guerra, sabedoria e habilidade. Seríamos perfeitos. Artístico e moderno. Boêmio, mas com os pés no chão. Pense nos pequenos deuses que poderíamos fazer.

— Esqueça isso — diz Afrodite. — Atena não está se apaixonando por você ou por ninguém. Acredite em mim.

— Ainda vou conquistá-la — diz Apolo. — Mas, para sua pergunta, qual é a atração da guerra?

Hefesto bate seu martelo. — Rejeitado. Não me importo.

Apolo acaricia seu queixo. — Existiu uma praga. Durante a última guerra, minha suposta gripe espanhola foi um triunfo. Colheu o dobro de almas da sua 'Grande' Guerra, Ares.

— Você está orgulhoso disso? — exige Hefesto.

— Não é a contagem de corpos, Deus do Vulcão — diz Apolo. — É a terrível beleza de uma força massivamente destrutiva. Quando Poseidon sacode a terra e tsunamis varrem a costa, é algo para ver. Você amava o Monte Vesúvio. Admita. Você se orgulha de Pompéia.

Hefesto tenta parecer modesto. — Eles ainda estão falando sobre isso, dois mil anos depois.

Apolo encolhe os ombros. — Somos artistas. — ele conjura uma bandeja com uvas, figos e queijos, come e se dirige a Ares. — Não me diga que você não se gloriou na Batalha do Somme. Ou Verdun. Você estava bêbado de sangue. — Ele oferece a ele o prato. — Lanche?

— Você é um tolo. — diz o deus da guerra.

— Tudo o que estou dizendo — Apolo ainda está mastigando. — é que meu pequeno vírus da gripe, em sua própria forma microscópica e contagiosa, era uma coisa linda. — ele estala os lábios. — A aniquilação tem seu próprio *je ne sais quoi.* Todos nós somos culpados disso. Portanto, poupe-me dos sermões.

— *Eu* não sou culpada disso — diz Afrodite. — Destruição não tem nada a ver comigo.

Os deuses masculinos olham fixamente e depois explodem de rir. Afrodite vira as costas para todos eles.

— Depois, há a poesia — diz Apolo. — Outra razão para amar a guerra. Porque, na Grande Guerra… Desde a Guerra de Tróia, nenhum conflito inspirou tal verso. Aqui, deixe-me recitar para vocês…

— Não! — três vozes divinas soam juntas, pela primeira vez em perfeito acordo.

Apolo parece genuinamente surpreso. — Vocês não querem que eu recite? — ele arranca um ukulele do ar. —

Bem, vou ser certeiro. De qualquer forma — diz ele. — havia a música. A Grande Guerra acendeu um fogo musical que envolveu o mundo.

— Estávamos conversando sobre isso. — diz Afrodite.

Ares franze a testa. — Não, não estávamos.

— Estávamos prestes a fazer isso — diz a deusa. — Apolo, eu o convoquei aqui para contar sua parte em uma história particular.

— Qual história? — Afrodite olha atentamente para ele, e ele acena com a cabeça. — Oh. *Essa* história.

APOLO

Carnegie Hall — 2 de maio de 1912

VENHA COMIGO ao Carnegie Hall.

É 2 de maio de 1912. A Grande Guerra ainda está a dois verões de distância.

A Clef Club Orchestra de James Reese Europe está prestes a se apresentar, para uma multidão lotada, um "Concerto de Música Negra". O público está lotado como sardinhas bem vestidas.

Pela primeira vez na América, músicos negros apresentarão música negra em uma grande sala de concertos. Uma orquestra de mais de cem intérpretes tocará metais, sopros e cordas, banjos e bandolins. O Clef Club Chorus, 150 vozes, chega, assim como o coro de 40 vozes Coleridge-Taylor. Tocando no fundo do palco estão dez pianos de cauda verticais. *Dez.*

O público, preto e branco, espera o início do show. Eles estão prestes a ouvir um som tão novo, tão enérgico, rítmico e harmônico, tão sincopado, tão vivo, que a música nunca mais será a mesma. Este som vai reverberar em todo o mundo – seguindo, embora ninguém saiba ainda, os tambores da guerra.

Os dez pianos devem ser uma piada, algumas pessoas pensam. O que a Clef Club Orchestra poderia querer com dez pianos?

Eles não são nenhuma piada para Aubrey Edwards, de quinze anos, sentado atrás do terceiro piano a partir da

esquerda. Eu estava de olho nele desde quando ele ainda estava chupando o dedo. Um dos músicos mais jovens no palco, Aubrey tem a confiança de dez pianistas. Dê a ele dedos suficientes e ele tocará todos os dez instrumentos de uma vez. Não há nada sobre harmonias que Aubrey não entende.

A escuridão insondável do Carnegie Hall parecia boquiaberta para ele como uma boca gigantesca, esperando para devorá-lo, com piano e tudo. A ribalta, os dentes inferiores. O palco de madeira, uma língua. Cada sacada, outra fileira de presas.

Ele espera que seus pais e sua irmã, Kate, estejam por aí em algum lugar. Não há como dizer se eles conseguiram ingressos. Quando Aubrey chegou, as filas já estavam envolvendo o quarteirão. Por mais jovem que fosse, e sem carregar nenhum instrumento, ele teve que se esforçar para convencer o porteiro de que estava na banda.

Os outros pianistas ocupam seus bancos. A orquestra está tão animada que dá para sentir o cheiro. O ar está pesado com a colônia e o cheiro de madeira e latão e veludo oleoso dos instrumentos.

O maestro, James Reese Europe, sobe ao palco. Um gigante em um smoking branco brilhante. O público explode com aplausos reprimidos, como uma onda gigantesca passando pelo auditório e ondulando em suas varandas. O silêncio cai. A hora é *agora*.

Até a confiança de Aubrey vacila por um momento, então. Como "The Clef Club March" começa? Quando eles modulam? Seus dedos congelam. Ele vai estragar tudo. Jim Europe vai *matá-lo.* Tio Ames, que o ensinou a tocar, vai matá-lo *duas vezes*. Ele nunca mais tocará no Harlem. Ele enxuga o suor nas palmas das mãos nas pernas da calça cinza.

Então Aubrey vê o suor brilhando no rosto de Jim Europe. Ele não é o único nervoso. Os olhos peculiares de

Europe saltam por trás de seus óculos de aro fino. Isso sempre torna seu brilho intenso. Esta noite é feroz.

Europe levanta seu bastão. A sala inteira respira fundo.

A *música* explode naquela noite em Nova York.

Nada, nada como isso jamais ecoou nas paredes esculpidas de uma sala de concertos de elite.

O público inclui críticos, revisores, professores, performadores. A elite musical da cidade. Eles são arrastados pela enchente como todos os outros. Eles vão falar desta noite por anos.

Aqui está um novo fenômeno musical. Não são canções escritas para músicos negros por compositores brancos. Paródias não humilhantes que procuram uma risada às apalpadelas, brincando às custas dos cantores negros. Compositores e letristas negros, músicos negros, excelentes por seus próprios méritos. Não apenas excelente, mas ousado, vibrante e totalmente original. J. Rosamond Johnson e Paul Laurence Dunbar. Harry T. Burleigh e Will Marion Cook. Paul C. Bohlen e, claro, o próprio James Reese Europe.

A partir do momento em que a música começa, Aubrey Edwards nunca para de sorrir. Todo o seu nervosismo desaparece. Seus pulsos são flexíveis, seus cotovelos soltos. Ele é alimentado pela empolgação da multidão.

As *atitudes* explodem, embora as evidências ainda demorem a chegar. A música negra começaria a comandar não apenas por popularidade, mas também por respeito pela sua originalidade e poder.

Para James Reese Europe e sua Clef Club Orchestra, a noite é um triunfo. A orquestra deu e o público recebeu, e sua harmonia aumentou para um crescente próprio.

Aubrey Edwards se apaixonou naquela noite. Não pelo piano; ele sempre amou isso. Pelo desempenho. Pelo público. Se ele pudesse realizar um desejo, ele tocaria para multidões todas as noites pelo resto de sua vida.

Eu ouvi seu desejo e o abençoei.

Aubrey Edwards teria seu desejo a um preço, seguindo Jim Europe ao redor do mundo, realizando todo o caminho até as portas do inferno, nos campos de morte da França.

APOLO

Spartanburg — 13 de outubro de 1917

VENHA COMIGO agora para Spartanburg, Carolina do Sul, cinco anos depois. É 13 de outubro de 1917, uma noite quente de outono. O povo de Spartanburg está reunido para ouvir um concerto ao ar livre. Soldados brancos do campo de treinamento vêm de uniforme. Civis brancos vêm em camisas xadrez e saias floridas, segurando cervejas geladas e copos de chá doce para se refrescar enquanto ouvem "música colorida".

“Colorida”, claro, não é a palavra que eles usam.

A Clef Club Orchestra não existe mais. Em seu lugar está a Banda da Guarda Nacional do Exército, 15º Regimento de Infantaria de Nova York, com o Tenente James R. Europe conduzindo um concerto de boa vontade para o povo de Spartanburg, lar da base de treinamento do exército, Acampamento Wadsworth. Boa vontade, de fato.

Mariposas tremulam nas luzes da rua. Com a silhueta contra um céu púrpura, a banda afina seus instrumentos em gritos, escalas e acordes. O som é uma bagunça discordante, mas tenso de expectativa: desse caos virão a ordem e a excitação.

Aubrey Edwards mexe as baquetas entre seus longos dedos. Ele está tenso, apreensivo em sobreviver a esse show. A 15ª Infantaria de Nova York vai para a cama à noite se perguntando se eles vão acordar com a alvorada da manhã ou com uma multidão de linchamento à meia-noite.

A 15ª Infantaria de Nova York, um regimento totalmente negro, veio ao Acampamento Wadsworth para treinamento de combate e armamento após o treinamento básico no Acampamento Dix em Nova Jersey, onde soldados sulistas penduraram placas de PESSOAS COLORIDAS NÃO PERMITIDAS e SOMENTE BRANCOS nos edifícios.

Quando Spartanburg soube que um regimento negro seria estacionado no Acampamento Wadsworth, o governador da Carolina do Sul foi a Washington para a entrada junto ao governo para que *não* enviasse soldados negros a seu estado. O prefeito de Spartanburg, filho de um soldado confederado, disse a um repórter do *New York Times:* — Com suas ideias do Norte sobre igualdade racial, eles provavelmente esperam ser tratados como homens brancos. Posso dizer aqui que eles não serão tratados como nada além de negros. Devemos tratá-los exatamente como tratamos nossos negros residentes. Essa coisa é como acenar uma bandeira vermelha na cara de um touro… Você se lembra do problema de algumas semanas atrás em Houston.

Eu sei que *você* se lembra de Houston, Ares. Foi praticamente uma guerra de uma noite. Um policial branco entrou na casa de uma mulher negra sem mandado, em busca de um suspeito. Quando ela protestou, ele a espancou e a prendeu, arrastando-a de sua casa, embora ela não estivesse totalmente vestida. Quando um soldado negro viu isso e tentou intervir para defender a mulher, o policial branco golpeou o soldado negro com uma pistola, ferindo-o gravemente. Os homens do regimento do soldado espancado, sabendo que nenhuma consequência cairia sobre o policial branco, se sentiram abandonados pela polícia branca e oficiais do exército. Eles viram o abuso como a gota d'água em uma longa série de injustiças. Então eles marcharam para a cidade. Soldados e civis morreram no tiroteio que se seguiu.

Este concerto está tentando evitar outro acidente igual o de Houston. Para provar que os soldados negros não são todos amotinados ou assassinos. Aubrey Edwards e seus colegas músicos acham que é melhor sorrir e tocar como se suas vidas dependessem disso.

O soldado Aubrey Edwards, agora com 20 anos, é alguns centímetros mais alto, muito mais largo e substancialmente mais ágil no piano. Ele quer conquistar o mundo do jazz e deixar sua marca no novo mundo do jazz americano. Ele já vê seu nome escrito em holofotes.

Seu sentido rítmico é maduro para sua idade como músico e sua improvisação é loucamente selvagem. Às vezes muito selvagem, pensa o tenente Europe, que se tornou seu tutor de piano assim que Aubrey ultrapassou seu tio Ames, mas Europe pode ver que esse garoto habilidoso está indo para algum lugar. Ele não se refere às trincheiras da França.

Mas é exatamente para onde Aubrey está indo, se o General Pershing puder descobrir o que fazer com um regimento negro. Quem vai comandá-los? Quem vai lutar ao lado deles? É um problema.

A América finalmente entrou na Grande Guerra. O torpedeamento de navios americanos pela Alemanha despertou o gigante adormecido, e o Telegrama Zimmermann não ajudou em nada. Os americanos que queriam deixar os europeus entregues à própria destruição agora cantam uma música diferente.

Aubrey se alistou no regimento naquela primavera, junto com seu amigo Joey Rice e a maioria de seus amigos. Para sonhos musicais, não sonhos de glória de soldado. Ele seria *pago* para tocar jazz com Jim Europe por toda a Europa ("eles a nomearam depois de mim", como Jim gostava de dizer). Praticamente um músico profissional! Claro, ele teria que atirar com um rifle também.

Tocar com a banda de soldados soava melhor do que vestir-se como um soldadinho de brinquedo todos os dias

para operar o elevador em um arranha-céu no centro de Manhattan. Foi o melhor trabalho que ele conseguiu encontrar depois de deixar a escola. Mas, muitas vezes, você pode sorrir e desejar um "bom dia" para homens brancos de terno que não respondem, nem mesmo olham para você, antes de começar a questionar sua própria existência. Se ele ficasse ali, poderia apertar os botões do elevador pelo resto da vida. Voltando como um soldado veterano – talvez até um herói de guerra! – ele teria um futuro. E se ele não voltasse de "Onde Quer Que Seja…" Bem, ele simplesmente sabia que o faria. Isso era tudo.

Há apenas um piano disponível para o show na grama em Spartanburg, e o soldado Luckey Roberts o está tocando. Então o soldado Edwards se dobra na percussão. O barítono Noble Sissle canta, todo cheio de swing, sobrancelhas e charme, e as damas brancas se derretem. Ele é um demônio bonito, mas negro. Então elas se derretem, mas só até certo ponto, especialmente se seus maridos estiverem assistindo.

A 15ª Banda do Exército é um sucesso estrondoso em Spartanburg. Eles podem ser insultados pelos lojistas durante o dia, chutados nas bolas pelos valentões da cidade, até mesmo ameaçados por um ataque da multidão de um regimento do Alabama, mas a música da 15ª Banda da Guarda Nacional de Nova York é boa demais para ser ignorada. Spartanburg não pode deixar de bater palmas e bater os pés. Os mais jovens começam a dançar, bem no gramado. Eles não querem músicos negros nos saguões dos hotéis, mas tocar uma buzina ao som da batida rápida de Jim Europe é bom e elegante.

No entanto, o perigo ainda paira como uma nuvem de tempestade faiscante. Aubrey, que tocava tambor com os olhos vendados, vê lindas garotas dançando. Ele está preso com homens, e apenas homens, por semanas, e gostaria de dar uma segunda olhada. Em Nova York, ele poderia, mas

aqui? Nenhum rosto bonito vale a pena ser enforcado em uma árvore.

As cartas de sua mãe estão cheias de avisos urgentes. Ela cresceu no Mississippi. Ela sabe sobre o linchamento. Aubrey se pergunta se ele vai morrer *em* seu país antes de ter a chance de morrer *por* seu país. De qualquer maneira, ele preferia não fazê-lo.

O concerto termina e os soldados marcham em perfeita formação militar de volta ao quartel. A multidão volta para casa. A raiva foi aplacada, mas apenas por esta noite. Mais uma semana e as tensões vão transbordar. O exército, na esperança de evitar um motim racial, vai decidir que não há um bom lugar nos Estados para colocá-los, e nenhum grupo que fale inglês em qualquer lugar da Frente Ocidental que sirva ao lado deles. Então, eles vão entregá-los ao exército francês como uma oferta de boa vontade. Não, jogá-los como uma batata quente.

Não, lançá-los como uma granada de mão.

DEZEMBRO 1942

Interseção

— NÃO. — ARES DIZ. — Eu jamais faria objeções a ouvir uma história sobre um soldado, mas como passamos de uma garota britânica e seu namorado soldado a este recruta americano que tocava piano? Perdi algo?

— Suas histórias se cruzaram — explica Apolo. — Em breve.

Ares encolhe os ombros. — Quer dizer, não que isso importe para mim.

Claro que não.

— Quer que eu fique por aqui, Deusa? — pergunta Apolo.

— Certamente. — ela diz a ele. — Há muito mais para contar. Mal começamos.

AFRODITE

Royal Albert Hall — 25 de novembro de 1917

À UMA HORA, Hazel Windicott desceu para a rua, contornou a barbearia e se dirigiu ao encontro da porta. Em seu estômago havia um medo silencioso: James não estaria lá.

Ela quase não o achou. Ele encostou na porta onde eles haviam combinado antes.

— Olhe para você. — disse ele.

— Não posso, a menos que você tenha trazido um espelho. — ela disse a ele.

De alguma forma, era mais difícil, não mais fácil, nos encontrarmos novamente, nesta terceira vez juntos, agora que eles se conheciam um pouco melhor. Mais maravilhoso, mas mais inseguro, não havia mais formalidades educadas para se esconder atrás. Nenhum roteiro. Pobres queridos.

— Vamos sair daqui. — propôs James, e Hazel agarrou sua mão e o arrastou pela rua em uma corrida. — Espere um momento. — ele riu. — Você está em melhor forma do que eu. — ela não estava, realmente, mas entre rir e correr, James mal conseguia respirar direito.

Ele puxou o horário do trem e um mapa do bolso. — Tudo bem, então, Senhorita Você-Realmente-Não-Conhece-Londres-Não-É. — disse ele. — Eu quero deixar você saber que eu resolvi isso.

— Oh?

— Isso mesmo. Iremos até a estação de trem em Bow. De lá, pegaremos a District Railway para Gloucester Road — ele semicerrou os olhos para suas anotações. — E pegaremos a Linha Piccadilly uma parada acima, para Kensington High Street. De lá, caminhamos para o Hyde Park.

— Impressionante, meu Homem Da Cidade. — disse Hazel.

— Nada disso agora. — As covinhas apareceram novamente.

Eles chegaram à estação, compraram passagens, embarcaram no trem e se acomodaram nos assentos. O trem partiu e Londres passou. James observou o horizonte. Era a opção mais cavalheiresca do que olhar para Hazel.

— Você percebe cada grande edifício, não é?

— Eu?

— Que tipo de edifício você prefere?

Ninguém havia perguntado isso a ele antes. Ele olhou para ver se ela estava apenas lutando para manter uma conversa educada, mas ela observou seu rosto com bastante curiosidade. Ela realmente queria saber.

— Claro que gosto dos grandes edifícios antigos. As guildhalls, igrejas e palácios do governo. — ele se voltou para ela. — Mas o que realmente me interessa é menos, ah, vistoso e mais útil. Vamos considerar hospitais. Desde a guerra, não os tivemos nem perto o suficiente. Eles também poderiam ser maiores e mais modernos. Melhor encanamento e fiação. Tenho lido sobre isso.

— Vamos precisar desses hospitais depois que a guerra acabar? — perguntou Hazel.

— Você quer dizer *se* isso acontecer. — ele imediatamente se arrependeu.

Ela colocou a mão em seu braço. — Não diga isso. Vai acontecer.

Ele arriscou uma olhada em seus olhos. — Eu era criança quando tudo começou. — disse ele. — Eu tenho que

me lembrar que a vida era normal uma vez. Primos reunidos nas férias da Páscoa. Visitas de verão para minha avó na costa. Brincando na praia. Fazendo castelos na areia.

Hazel, sem irmãos nem primos jovens, viu essa imagem feliz melancolicamente.

— Um primo meu, mais velho, morreu no conflito em Somme. — disse ele. — O outro perdeu uma perna.

Hazel se encostou em seu ombro. — Como eles eram?

Ele olhou pela janela. — Eram bons jogadores de futebol. — ele sorriu tristemente. — Will tinha pés leves. Mike era *rápido.* Você deveria ter visto eles.

— A guerra deve terminar em pouco tempo. — disse Hazel. — Eles não podem ser loucos o suficiente para deixar isso durar para sempre. Além disso, os americanos estão chegando. Imagino que os alemães tenham pavor deles.

Ele riu com tristeza. — Suponho que um alemão seja pelo menos tão difícil quanto um americano. Mas os americanos terão os números ao seu lado, uma vez que um número suficiente deles chegue aqui. — ele suspirou. — Eu gostaria que alguns milhões chegassem esta semana. Se a guerra terminasse no sábado, eu não teria que ir.

Hazel enfiou o braço em seu cotovelo.

— Esperamos que eles venham. — disse ela. — Milhões na segunda-feira. Milhões na terça. Mais milhões na quarta-feira.

Ele sorriu, mas seus olhos estavam tristes. — Eu sou um covarde, não sou? — ele disse. — Agora você sabe.

Ela estendeu a mão e puxou seu queixo para encará-la. — Não é um covarde. — disse ela com firmeza. — Você gostaria de viver, e quem não gostaria? — ela sorriu. — Eu também gostaria que você vivesse.

Seu rosto estava tão perto e seus olhos tão quentes. Foi preciso todo o autocontrole de James para não beijá-la, lá no trem. *Não assim,* disse a si mesmo. *Aqui não.*

— Tudo bem então. — ele conseguiu sorrir. — Para o seu bem, eu viverei. Já que você quer que eu faça.

Por que ele não a beijou? Hazel tentou não se importar. Seu olhar continuou deslizando para seus lábios inevitáveis.

— Eu quero que você viva. — ela disse. — Volte depressa e construa esses hospitais.

— Não apenas hospitais. — disse ele. — Fábricas. Armazéns. Apartamentos. Com a expansão das linhas de trem, haverá a necessidade de mais casas, escolas, mais comunidades ao longo das rotas. Todas as revistas de construção dizem isso. Se, depois da guerra, eu pudesse estudar arquitetura… — ele se conteve. Certamente ele estava colocando a garota do piano em um coma de tédio. — Desculpe. Estou tagarelando!

— Eu *estou* ouvindo. — disse ela. — Eu acho que é maravilhoso. Você *deve* ter uma ambição. — ela franziu o cenho. — Eu gostaria de ter uma mais clara para mim mesma. — ela olhou pela janela para edifícios monótonos confinando com os trilhos. — Em Poplar existem favelas horríveis, perto das docas. A igreja St. Matthias direciona atos de caridade para as famílias dos estivadores. Mas suponho que vender geleia em bazares e livros velhos em loterias não vai consertar nada, vai?

— Não, a menos que você tenha uma enorme quantidade de livros e geleia.

Eles mal ouviram o anúncio do condutor de que haviam chegado a Gloucester Road. Depois de mudarem para a linha Piccadilly, eles desceram na Kensington High Street e seguiram a multidão de corpos na luz inclinada da tarde. O Hyde Park cinza-esverdeado os levou ao Royal Albert Hall, que parecia um viajante oceânico. Eles se juntaram a uma multidão de frequentadores de concertos nas portas de entrada, então subiram lance após lance de escadas, até o nível logo abaixo da galeria, no topo.

Hazel ficou maravilhada com a queda abaixo deles, passando por duas fileiras de varandas, até o palco abaixo.

— Lamento que estes foram os melhores lugares que consegui. — disse James.

— Não seja bobo. — disse ela. — Isso é de tirar o fôlego. — Ela espiou por cima do corrimão e engoliu em seco. — A que altura estamos?

— Melhor não pensar nisso.

James ajudou Hazel a tirar o casaco, depois tirou o dele e se sentou. Os espectadores neste nível eram menos e espalhados, então eles estavam, para todos os efeitos, sozinhos. Com outras quatro mil pessoas. Ele sentiu em seus braços e mãos, sem lugar para colocá-los, e um terrível pavor de que pudesse envolvê-los em Hazel e não soltá-los. Ele enfiou as mãos embaixo das coxas.

Hazel observou a enxurrada de humanos entrando. Ela comentou sobre o tamanho do piano de cauda e o número de assentos para a orquestra. Ela nunca achou monótono, nunca ficou entediada. Sempre alerta e interessada. Ele pensou em tudo que disse no trem. Ele nunca tinha falado tanto com uma garota que não fosse sua parente. Ele poderia falar com Hazel o dia todo, o ano todo, por toda a vida, para sempre.

Hazel gesticulou para o salão de música. — Você gostaria de ter construído este lugarzinho?

— Um pouco! — Ele olhou ao redor da vasta sala. — Teria sido divertido projetar. — disse ele. — Todo aquele peso para suportar e nenhuma coluna para bloquear a visão. Mas eu não seria um dos caras nos andaimes ou tetos de gesso. Não para as jóias da coroa.

Ela riu. — Eu também não gosto muito de altura — disse ela. — Mas para as jóias da coroa, acho que daria uma chance ao reboco do teto.

— Você é mais corajosa do que eu. — ele sorriu. — Você deveria ir para a guerra.

Ela se sentou diante disso. — Quer saber? Às vezes eu gostaria de ir. — Ela viu seu rosto surpreso. — Não me refiro a lutar nas trincheiras. Eu não acho que fui feita para isso. — ela sorriu. — Conheci algumas garotas na escola que davam uma forte pancada nas canelas de Jerry, se tivessem a chance. Mas eu não. E eu seria uma enfermeira terrível. Todo aquele sangue! Eu ficaria doente na mesa de operação.

James tentou não rir.

— Mas eu gostaria de poder fazer algo para ajudar. Não apenas ficar sentada em casa praticando peças de audição enquanto os meninos estão lá, morrendo.

As luzes diminuíram. O rugido da multidão se transformou em algo como um ronronar estrondoso.

James se aproximou e falou no ouvido dela. — Manter o mundo seguro para as pessoas praticarem suas peças de audição parece ser o único bom motivo para lutar nesta guerra. Se a música parar, a arte parar e a beleza desaparecer, o que temos então?

Ele observou seus longos cílios abrindo e fechando. *Essa* beleza diante dele nunca desapareceria .

(É uma das minhas pequenas mentiras mais úteis.)

No corredor escuro, iluminado apenas pelas luzes do palco, seus rostos cor de cobre se examinaram.

Beije-a. Agora.

Os músicos começaram a afinar seus instrumentos. O feitiço quebrou. Um mestre de cerimônias deu as boas-vindas a todos e anunciou o programa. Então o maestro, um tal Sr. Landon Ronald subiu ao palco e a orquestra se levantou. Aplausos encheram o Royal Albert Hall. O Sr. Ronald fez uma reverência, a orquestra sentou-se e o grande salão ficou em silêncio.

Então, a música começou.

James e Hazel fecharam os olhos e deixaram a música inundá-los. Latão sonoro em acordes lentos e solenes. Madeiras perseguindo uma a outra em faixas de som

cadenciadas, girando em torno das varandas. Então latão e vento juntos. Um marchador e um dançarino. Um soldado e uma pianista.

Hazel puxou o som pulsante em seus pulmões. Ao lado dela, um jovem de olhos graves fez o ar crepitar ao seu redor. Ela fez um pedido. *Que esta noite nunca acabe. Deixe a música tocar e continuar infinitamente.*

James tinha ido a shows, mas nada parecido com isso. O som, envolvendo-o, passando por seu corpo. Cada tom, tão vivo, tão puro, tão poderoso.

Hazel olhou de soslaio para ele e o viu respirar no ritmo da música. Ela viu as lágrimas nas bordas de seus olhos escuros.

Este aqui, ela decidiu, *Este rapaz, para mim.*

E assim foi feito.

AFRODITE

Concerto, Continuação — 25 de novembro de 1917

O SOLISTA DO PIANO, uma Srta. Adela Verne, fez o seu primeiro solo, uma fantasia húngara de Liszt. Para James, a Srta. Verne tocou tão magistralmente quanto qualquer homem. Ele esperava que Hazel estivesse especialmente interessada em ver uma pianista mulher no papel de solista.

Chamando a atenção de Hazel, ele apontou para o palco. — Você gostaria de se apresentar para esta multidão naquele piano?

Ela sorriu. — Lá vem você com essas perguntas novamente.

Ele se aproximou. — Qual cor de vestido você usaria?

Ela deu a ele um olhar engraçado. — Preto, é claro. Pianistas não são cantores de ópera.

— Então você faria isso?

— Não sou nem de longe tão talentosa quanto você parece pensar. — ela sorriu. — Eu sou apenas uma garota, como inúmeras outras, que toca piano.

James observou os dedos longos e finos dela em seu colo. — Mas depois de algum estudo no conservatório?

Ela encolheu os ombros. — Se eu quiser acabar naquele palco, um conservatório é essencial. — A declaração foi muito mais que um se. — Meus pais trabalham muito e se sacrificam muito para que eu tenha aulas que realmente não deveríamos poder pagar. — Ela olhou para o piano de

cauda no palco. — Eles têm tantas esperanças para mim. Devo tudo a eles.

Ele não conseguiu identificar a fonte de sua relutância, então ele não disse nada.

Ela pensou por um momento. — Se eu pudesse vir aqui sozinha no meio da noite — disse ela. — E iluminar apenas um holofote no piano e tocar para a escuridão, eu gostaria muito disso.

James a observou com curiosidade. — Sozinha?

Ela acenou com a cabeça. — Pense como é romântico tocar no escuro, apenas com este grande salão, que tanto ouviu, do que para um público. — ela esfregou os braços. — Isso me dá arrepios.

— Por que ninguém?

Landon Ronald fez mais uma entrada para aplausos.

— As pessoas atrapalham.

Ele baixou a voz quando o maestro ergueu a batuta.

— Não sou alguém, então, — disse ele. — porque estaria lá. Eu não perderia por nada.

Ela pegou a mão dele e apertou. — Veremos.

Parte após parte de música requintada foi tocada por completo. Dvořák e Alkan e Paderewski e Saint-Saëns. Alguns espectadores podem ter achado que a apresentação foi longa, mas James não. Hazel não achou. Eles aplaudiram no final, demoraram tanto quanto ousaram, então abriram caminho através da multidão e saíram para o ar frio crepuscular. Eles se viraram em direção à estação de trem.

— Parada para o chá, então?— perguntou James.

Hazel balançou a cabeça com tristeza. — É melhor não. Eu... er... não contei aos meus pais aonde ia esta tarde.

Sua boca estava aberta. — Você *o quê*?

Ela olhou para o chão. — Eu *direi* a eles. — ela disse. — Eu simplesmente não via uma maneira de fazer isso. — ela olhou para ele. — Meus pais, eles são adoráveis. Eu não

posso acreditar que estou fazendo isso. Eu acho que eles vão gostar de você, assim que começarem a conhecê-lo.

— Obrigado. — James riu. — Eu sou um gosto adquirido, então? Requer um pouco de paciência?

Ela enrubesceu e lhe deu uma cotovelada de leve nas costelas. — Pare com isso!

— Parar o quê?

— De me provocar.

Ele parou de andar e se virou para encará-la. Ela estremeceu com um pouco de frio e ele instintivamente ergueu as mãos para embalar o rosto dela e mantê-lo aquecido.

BEIJE-A.

Hazel prendeu a respiração. Seus olhos castanhos eram tão bonitos. Certamente ele a beijaria agora.

Ele não fez isso. Talvez, Hazel percebeu com um horror embaraçoso, ele estivesse esperando por uma explicação sobre seus pais. Então ela deu a ele uma.

— Meu pai é muito protetor com sua "garotinha" — ela explicou. — E minha mãe tem pavor da vida em geral. Ela está sempre me contando histórias de terror sobre o que aconteceu com a filha de fulano de tal que se apaixonou por um sujeito sem valor, nada bom, e assim por diante.

— Nada bom e sem valor. — repetiu James.

Hazel ergueu a mão firme. — Agora, pare aí mesmo. — disse ela. — Você sabe que não é isso que estou dizendo.

Ele sorriu e admitiu que sabia disso.

— Papai está sempre me alertando contra garotos que serão soldados. — disse ela. — E… Eu posso entender o porquê ele faria. Ele não quer que eu me machuque.

James passou as pontas dos polegares suavemente nas maçãs do rosto dela.

— Eu nunca vou te machucar, Hazel Windicott.

Ela chegou muito perto de beijá-lo ela mesma.

— Eu sei. — ela sussurrou. — Não se você puder evitar.

Nenhum dos dois conseguiu encontrar palavras para tudo o que não ousaram dizer.

Por fim, ela murmurou algo sobre o frio e ele mencionou o trem. Eles se separaram e voltaram a andar, então chegaram à estação e embarcaram no trem.

— De qualquer forma, — disse ela, ressuscitando uma conversa abandonada.— Eu sabia que se contasse a meus pais sobre você, eles insistiriam em conhecê-lo e em acompanhar nosso tempo e em limitá-lo ao que achassem adequado. O que não seria nem perto o suficiente. — ela olhou seriamente em seus olhos escuros. — Temos apenas uma semana. Eu não quero desperdiçar nada.

Se não fosse pelos olhares indiscretos de uma mulher mais velha rechonchuda do outro lado do corredor, James teria envolvido Hazel em seus braços ali mesmo.

— Eu sinto que poderia te dizer qualquer coisa. — ele disse a ela. — Às vezes acho que já disse.

Verdadeiro e falso. Ele não podia dizer a ela o que realmente sentia.

— Então por que — disse ela. — Você ainda não me beijou?

Todos os seus membros se contraíram, como se, talvez, por pura força muscular, ela pudesse retirar essas palavras e desdizê-las. Mas James deixou a mulher mais velha intrometida ser enforcada, passou os braços em volta de Hazel e a puxou para perto.

— Oh, não se preocupe. — disse ele. — Eu tenho toda a intenção de beijar você.

Seu rosto estava a um centímetro do dela.

Ela respirou fundo.

Nada aconteceu.

Se ele estava tentando matá-la por privação de beijo, estava funcionando.

Ela tentou parecer indiferente. — Muita intenção, hein?

Ele acenou com a cabeça, muito sério, mas com um brilho nos olhos.

— Estou planejando com cuidado. — disse ele. — Não posso apressar essas coisas.

— Na verdade, — ela disse. — Pode. Se quiser.

Ela viu a textura de sua pele e a barba escura se formando em seu queixo. Ela viu seus dentes – dentes muito bonitos – e as covinhas adoráveis, quando ele sorriu.

— Vou beijá-la, se puder, Srta. Windicott, — disse ele. — na plataforma do trem em Charing Cross no próximo sábado. Antes de partir para o exterior.

Eu não gosto de atrasos. Eu não achei graça.

Hazel, no entanto, achou. Ela começou a rir, e a forma de seu sorriso quase fez James abandonar seu plano de esperar. Ele pressionou sua bochecha contra a dela. Assim como quando eles dançaram.

— Agradeço o aviso prévio. — disse ela. — Eu posso me vestir para a ocasião.

— Será um beijo para se lembrar. — disse ele. — Vou me certificar disso.

Hazel riu em seu ouvido. — É melhor você se *lembrar* de fazer isso, então.

— Eu não vou esquecer.

Ela se afastou, com dificuldade, e encontrou seus olhos.

— Por curiosidade. — disse ela. — Por que somente lá? Para ser como as fotos nos jornais, de soldados e namorados se despedindo na estação?

Ele balançou sua cabeça.

— Preciso de um motivo — disse ele. — Para ir à estação de trem. Algo pelo qual ansiar naquele dia.

Ela não sabia, mas sentia. Ares, você era o homem sentado na fileira atrás deles. A guerra e toda a sua finalidade colocando seus dedos frios entre eles.

— Além disso — disse ele. — Se eu beijar você antes disso, talvez nunca entre naquele trem.

AFRODITE

Tortura — 25 a 26 de novembro de 1917

ELES DISSERAM ADEUS. Foi uma tortura.

Hazel entrou e enfrentou seus pais. Foi uma tortura.

Ela voltou para casa, não para a raiva, mas pior, para a traição e a decepção.

James voltou para casa com um telegrama.

James e Hazel fizeram planos de se verem no almoço no dia seguinte. Esperar a noite toda e a manhã inteira pelo almoço era uma tortura.

Mas não foi nada comparado à tortura dela, no dia seguinte, esperando no café onde eles disseram que se encontrariam, para que James não aparecesse.

Nada, comparado à tortura de James, observando o céu cinza pela janela de um trem matinal com destino a Calais, para embarcar em um navio para Boulogne e, de lá, um trem para Étaples para treinamento no acampamento base da Força Expedicionária Britânica.

Nada comparado à tortura de Hazel ao receber uma carta, naquela tarde em seu apartamento, explicando que ele havia sido convocado para apresentar um relatório dias antes do esperado. O primeiro-ministro Lloyd George e o marechal de campo Haig tinham uma necessidade urgente de novos homens para substituir as vítimas na Frente. O soldado James Alderidge, decidiu alguém em um departamento de guerra, se sairia tão bem quanto qualquer outro.

AFRODITE

Primeira Noite — 26 de novembro de 1917

O CANAL SE ESTENDEU entre James e Hazel naquela noite. Parece estreito em um globo, mas quando divide dois corações, pode muito bem ser o poderoso Atlântico.

Hazel andava de um lado para o outro em seu quarto. Seu robe de flanela, ela agarrou firmemente em suas costelas. Sua camisola não conseguia mantê-la aquecida. Um vento frio e cortante soprou do continente, da França. Frio o suficiente para arrepiar uma garota em seu quarto, quanto mais um soldado em um barco ou em uma tenda?

Ela tinha visto fotos, até mesmo filmes, de soldados britânicos, fileira após fileira, marchando. Uma visão impressionante, majestosa em tamanho, disciplina e uniformidade. Ela estremeceu ao perceber que agora, lá fora, um daqueles rostos imóveis pertenceria a seu James. Sua querida mente e coração, presos dentro daquela gaiola cáqui. Seu corpo quente, alto e gracioso, o alvo de um pedaço veloz de aço alemão.

Seria bom, em um momento como este, se ela pudesse chorar. Colocar tudo para fora em uma grande chuva de lágrimas e finalmente cair no sono. As lágrimas eram muito melhores do que o aperto na garganta e o peso de chumbo no estômago.

Ela caminhou pela sala.

Sexta-feira, sábado, domingo. Um fim de semana. Só isso. Uma vida inteira, comprimida em três dias.

Segunda, terça, quarta, quinta, sexta e um beijo de sábado, roubado.

Se o coração dela pôde se enroscar tão completamente ao dele em três dias, o que teria acontecido depois de uma semana? Que palavras teriam sido trocadas entre eles? Que memórias seriam criadas? Que promessas trocadas?

Foi tudo isso nada mais do que um sonho que gradualmente se esquece ao acordar?

Ela afundou na cama. *Pare com isso, minha garota,* ela disse a si mesma. *Você vai ficar louca.*

Ela fechou os olhos e envolveu-se com os braços. Ela voltou, de volta ao Royal Albert, ao trem, ao passeio, ao outro passeio, à casa de chá, ao baile. Rum da baía e lã, barba feita e olhos castanhos suaves e firmes. Cabelo escuro e covinhas. O calor subiu da barriga até a cabeça e arrepios percorreram sua espinha.

Era real e verdadeiro. Por mais novo que seja, por mais jovem que seja.

A guerra era dela agora. Estava dentro dela. Não é mais uma questão de manchetes e jargões.

— Deus, mantenha-o seguro. — ela sussurrou. Mas estava fora de minhas mãos.

Pobre cordeirinho.



James teve as viagens do dia para distrair seus pensamentos, mas elas falharam com ele. Ele não conseguia conversar com outros soldados. À sua volta, no trem e no navio, jovens conversavam e riam como se estivessem todos de férias. Um grande jogo de soldado.

James não estava indo a lugar nenhum. Ele estava deixando Hazel. Deixando-a, e deixando-a, e deixando-a ainda mais um pouco.

Eles chegaram à noite em um acampamento-base, beberam um caldo de carne morno e seguiram um comandante até um campo de tendas. Eles eram um pouco mais quentes do que a noite amarga, mas as abas de lona impediam o vento do lado de fora de entrar, e dezoito homens dormindo em beliches aumentaram o calor corporal.

Ele deixou de lado sua mochila, tirou as botas e subiu na cama. Pareceram horas antes que ele gerasse qualquer calor sob seus cobertores. Ele não poderia ter dormido de qualquer maneira.

Ele tentou se lembrar de como era segurar Hazel nos braços.

Tolo, disse a si mesmo. *Você deveria tê-la beijado enquanto teve chance.*

Exatamente o que eu estava pensando, mas não sou de dizer que avisei.

Teria sido possível que essa adorável, adorável garota decidisse favorecê-lo, James Alderidge, do nada, com seu riso, sua companhia e o modo como ela comia bolo de limão? Que ele deveria segurar suas mãos e assistir seus cílios varrerem cada vez que ela piscasse?

Agora que ele a encontrou, como poderia se deixar levar para longe dela?

Ele nunca a teria conhecido, se não fosse pela guerra. E agora a guerra os separou.

"A guerra dá, e a guerra tira. Bendito seja o nome da Guerra."

Seu vigário em casa teria feito um comentário rápido sobre tal blasfêmia. James ainda se lembrava do funeral de seu primo Will. Vividamente. Cinzas às cinzas, pó ao pó. O Senhor dá, o Senhor tira…

— Deus, leva-me para casa para ela. — ele sussurrou. — Por favor.



Você pode me perguntar, como outros já fizeram antes, se foi gentileza ou crueldade permitir que eles se encontrassem, tão cedo antes de sua partida, com tão pouco tempo para se conhecerem. Se as dores da perda não invalidam a bem-aventurança do amor. Especialmente no que diz respeito à guerra, a Morte corre solta com sua foice sangrenta. Você pode dizer que foi uma maldade de minha parte permitir que James encontrasse Hazel, e Hazel a James, se três dias fossem tudo que eles teriam.

Eu não chamo isso de crueldade.

Eu não peço desculpas.

5 de dezembro de 1917

Cara Srta. Windicott,

Espero que você me desculpe por ter escrito sem permissão. Há tanta coisa que eu queria dizer a você. Nada menos que uma corte marcial poderia ter me feito embarcar naquele trem. Se eu não estivesse indo para a guerra, não teria conhecido você. Se eu não tivesse conhecido você, agora não estaria sentindo sua falta tão terrivelmente.

Eu esperava, com minha experiência em construção, ser selecionado para os Engenheiros Reais, mas fui designado para uma divisão de infantaria. Estou aqui há quase uma semana. O treinamento não é tão ruim quanto eu temia. Os testes ocupam minha mente, e marchar mantém o corpo aquecido. Dormir em barracas é algo miserável. Estamos a quilômetros da Frente, mas as armas ecoam noite e dia. Um ponto positivo é fazer amizade com os camaradas do meu esquadrão. Espero que alguns se tornem bons amigos.

Nossos dias são passados principalmente treinando e marchando no curral. Assistir aos comboios chegando com homens feridos da Frente é difícil. Algum tipo de doença está se espalhando, e os cadetes começam a ter tosse e febre de vez em quando. Até agora, estou vigoroso e saudável.

Escreva, se quiser, e me fale sobre a vida cotidiana. Isso vai me ajudar a imaginar um mundo fora deste acampamento sujo. Conte-me sobre você, como foram seus anos enquanto crescia, seus pais, suas aventuras na escola, seus passatempos. Sinto que te conheço

tão bem, mas mal te conheço, então, por favor, ajude-me a preencher as partes que faltam. Diga-me o que você gosta no café da manhã e como chamaria um cachorro.

Seu amigo,

James



11 de dezembro de 1917

Querido James,

Eu chamaria um cachorro de Pimenta. Sempre desejei um cachorro. Quando eu era jovem, li livros de histórias sobre um menino chamado Willie e seu esplêndido cão, Scout. Eu costumava me imaginar nessas aventuras, e Scout dormindo ao pé da minha cama. Passei a maior parte da minha infância, quando não praticava escalas, enrolada em um livro. Sempre desejei irmãos.

No café da manhã, gosto de ovo poché com torrada e laranja, quando podemos tê-los. Eles são mais difíceis de encontrar hoje em dia. Os mantimentos eram tão restritos em Chelmsford?

A vida comum é muito bem resumida nos ensaios do coro de Natal. Há muito o que cantar na paróquia, e sou eu quem eles chamam. Eu não me importo tanto em acompanhar quanto em ser solista. Eu preciso de uma distração. Não estou ensaiando peças como deveria. Não devo reclamar do piano quando você está dormindo em uma barraca, marchando na lama e

esperando para ir para a Frente. Mas você pediu uma vida normal, então você a terá.

Papai e mamãe superaram o fato de estarem chateados comigo por não ter contado a eles sobre você. Estou determinada a tornar você um conhecido. Você tem uma fotografia para enviar?

Meu pai, como você sabe, toca piano em um music hall e gostaria de ter mais chances de ir pescar. Ele é louco por castanhas. Minha mãe escreve poemas sentimentais e guarda tantos sachês perfumados nas gavetas do quarto que só de entrar lá meu pai tosse. Suas mãos são ásperas por causa das mil picadas de agulha que alguém ganha costurando camisas e calças. Todo ano eu compro para ela um frasco de loção de Natal. Perfumado.

Ambos são queridos, e eu os adoro. Eles sempre me colocam em primeiro lugar. Me torna uma pessoa ainda pior por me sentir tão inquieta, por querer fazer algo ultrajante sozinha, para variar.

E quanto a você? Que nome você daria a um cachorro? O que você prefere para o café da manhã? Como você se sente em relação aos gatos? Além disso, qual é o melhor livro que você já leu? Onde, se você pudesse ir a qualquer lugar do mundo, você planejaria um piquenique? Conte-me sobre seus irmãos. E sobre a coisa mais tola que você já fez.

Sua,

Hazel



16 de dezembro de 1917

Cara Hazel,

Pedir para dançar com você foi a coisa mais tola que já fiz. Olha o que isso fez comigo.

Eu nunca chamaria isso de grande literatura, mas gostei de Tarzan dos Macacos. E o Livro da Selva de Kipling. Na escola, eu gostava de Macbeth em vez de Júlio César..

Pimenta é um bom nome para cachorro. Um segundo cachorro pode ser chamado de Sal. Quanto aos gatos, não tenho objeções, e Gengibre e Noz-moscada serviriam bem. Eu pararia na Mostarda.

Meus irmãos: Maggie tem quinze anos, ainda está na escola e quer ser datilógrafa. O barulho da máquina de escrever dá dores de cabeça ao nosso pai. Maggie se preocupa com seu cabelo crespo, mas ela é apenas a garota que você não quer em apuros. Bob, de treze anos, é extremamente entusiasmado e dedicado, de corpo e alma, ao escotismo. Ele passa todo o tempo livre fazendo trilhas por prados e bosques com uma bússola e binóculos. É bom que não haja lobos na Grã-Bretanha, ou ele seria comido por um.

Eu faria um piquenique em algum lugar selvagem e quente. O Congo, talvez, ou a floresta Amazônica. Mas talvez seja apenas um dezembro francês falando. Se formigas congolesas ou amazônicas invadissem a refeição, poderiam comer os piqueniques e não apenas o frango frio.

Minha vez de perguntar: Qual é o seu livro favorito? Conte-me sobre seus amigos e seu tutor de piano. Se você tivesse uma casinha com jardim, o que plantaria

nela? E, se você fosse fazer algo absolutamente chocante e ultrajante, o que seria?

Suas cartas trazem mais alegria do que eu posso expressar. Não pare.

Seu,

James



23 de dezembro de 1917

Querido James,

Obrigado pela fotografia. Minha mãe gostou bastante disso. Papai disse: "Humph."

Livros: Evelina de Fanny Burney. Norte E Sul por Elizabeth Gaskell. O Morro Dos Ventos Uivantes de Emily Brontë.

Minhas amigas mais queridas são Georgia Fake e Olivia Jenkins. Eu fui para a escola com as duas e somos amigas desde pequenas. Eles vivem aqui em Poplar. Georgia é hilária, dura como prego e inteligente como ninguém. Ela é voluntária em um hospital de soldados aqui em Londres, com planos de se tornar uma enfermeira treinada. Olivia é exatamente o oposto. Macia e tenra. É estranho que Georgia seja a enfermeira e não ela, pois Olivia é tão atenciosa e gentil. Ela traria muito conforto para os doentes. Geórgia, por outro lado, pode manter a cabeça fria enquanto o braço de alguém está sendo serrado. Talvez ela tenha aprendido a ser dura depois

de uma vida inteira de pessoas reclamando de seu nome, Fake. Olivia já está noiva de um rapaz da Frente. É difícil compreender. Parece que há apenas pouco tempo atrás estávamos usando nossos primeiros vestidos extravagantes para chás da escola.

Meu tutor de piano é tirânico e maravilhoso. Monsieur Guillaume. Ele está na casa dos sessenta. Ele é meu tutor desde que eu tinha onze anos, depois que passei pelo meu primeiro instrutor. Eu sei que ele me ama, como os melhores professores amam seus alunos, e eu o amo. Isso torna ainda mais difícil sentir sua decepção comigo. Eu nunca posso fazer jus as suas esperanças. A guerra foi terrível para ele. Ver a França oscilando à beira de perder para os hunos o destruiu.

No jardim da minha casa eu plantaria narcisos. Tulipas de todas as cores e narcisos celestiais. E, quando a primavera acabar, gerânios para dar alegria e íris e tremoços para balançar com a brisa. Oh, agora você me fez imaginar isso tão claramente, e como posso ficar contente se não conseguir o jardim da minha casinha algum dia? Um lugar assim custaria uma moeda em Londres. Até em Poplar.

Meu esquema mais ultrajante? Eu já me coloquei em movimento. Logo depois que você saiu, apresentei minha inscrição para ser secretária de entretenimento em uma cabana de assistência da YMCA na França. Vou tocar piano noite e dia para soldados com saudades de casa. Meus pais estão prontos para serem amarrados. Eles me imploraram para pedir uma cabana em Londres, mas estou decidida a ir aonde os soldados precisam mais de distração para tirar suas mentes da guerra. Eu temo atuar na guerra, mas não posso temer tanto quanto

os soldados temem o campo de batalha. Eu poderia muito bem desviar as aflições de soldados reais como as aflições de senhoras da igreja. Estarei lá logo após o primeiro dia do ano. Meus pais têm certeza de que isso vai atrapalhar meu caminho para o conservatório. Mas se a Europa está prestes a cair nas mãos dos alemães, isso importa?

Tenho certeza de que você está ansioso para terminar seu treinamento, mas estou tão feliz que você esteja longe das armas alemãs. Esteja seguro e fique aquecido. Escreva e me fale sobre seus camaradas. E se você gosta ou não de pescar. Vai significar muito para papai se você fizer isso.

Tenha um Natal muito feliz. Quebra meu coração pensar em você gastando-o em uma fria base do exército. Que seja festivo de qualquer maneira.

Afetuosamente,

Hazel

SEGUNDO ATO

APOLO

“Eu Quero Estar Pronto” — 3 de janeiro de 1918

3 DE JANEIRO DE 1918, duas horas da manhã. Trinta graus abaixo de zero.

Aubrey Edwards e cerca de quarenta outros soldados da 15ª Infantaria de Nova York aninharam-se para se aquecerem em palha espalhada no chão de um vagão de gado. Eles embarcaram no trem em Brest, na costa da França, uma hora depois de desembarcar do USS *Pocahontas*, e agora chacoalhavam, *chuh-chuh-chuh-chuh*, através da escuridão estrelada sobre o campo coberto de neve.

Com frio, cansados e famintos, eles pensaram que estavam indo para a Frente e que poderiam ver o combate alemão pela manhã. O combate talvez fosse melhor do que para onde eles estavam indo.

As rodas da locomotiva cantavam ao longo dos trilhos de metal rígidos. O ritmo era constante e teria sido calmante, se o ar não fosse tão frio, amargo. Nenhum apito ou buzina soou. Até mesmo os trens mantinham segredos durante a guerra.

Harlem e sua casa estavam tão distantes. Ele veria seus pais novamente? Provaria a torta de frango da mãe dele? Sentiria o cheiro do tabaco doce do cachimbo de seu pai? Ele daria tudo para ouvir Kate gritar com ele sobre estar tocando piano quando o namorado antigo e sonolento dela, Lester, viesse a ligar.

Seu pai voltou cedo da fábrica de tintas, no dia em que o *Pocahontas* partiu para a França, para encontrar Aubrey nas docas e dizer adeus a seu único filho.

— Você se comporte com dignidade e orgulho, rapaz, está me ouvindo? — ele disse. — Ninguém pode tirar isso de você.

Isso era realmente verdade? Aubrey lembrou-se de Spartanburg. Aqueles lojistas e fazendeiros cruéis não trabalhavam como o diabo para fazer exatamente isso?

— E fique alerta. —continuou o pai. — Tudo pode acontecer em uma guerra, mas é menos provável que aconteça com o homem que mantém os olhos abertos. — ele estendeu os braços e esmagou Aubrey em um abraço. — Esmague aqueles alemães e volte correndo para nós. — Aubrey ainda podia sentir os bigodes de seu pai e sentir o cheiro de tinta química em seu colarinho.

Ele tirou as mãos dos bolsos e soprou sobre elas. Sua respiração congelou antes que pudesse surtir algum efeito. Ele as enfiou debaixo da camisa. Um pianista não podia arriscar perder as mãos.

Ele ainda era um pianista? Todos os outros membros da banda poderiam embalar seus instrumentos em uma caixa e trazê-los com eles. Aubrey não. Um pianista precisa tocar ou seus dedos perdem o ritmo. E Luckey Roberts, maldito seja, geralmente ficava na frente dele.

A banda tocou a bordo do navio por duas semanas. Hinos e canções de Natal, velhas melodias de plantação e horas de ensaio de versões jazzificadas de melodias patrióticas. “La Marseillaise” e “Tipperary” e “Pack Up Your Troubles” e “Over There”. Mas só de dia. Assim que o sol se pôs por volta das quatro da tarde, as luzes se apagaram em todo o navio, para que os navios alemães não os avistassem. E de qualquer maneira, o velho navio *Pocahontas* não tinha piano. Então Aubrey, como terceiro baterista, batia nos pratos de vez em quando, enquanto os gêmeos Wright (que nem eram irmãos) na percussão

cantavam os ritmos sincopados da Europa. Quando desembarcaram em Brest, fizeram um concerto improvisado na praça. Aubrey tocava castanholas.

Os franceses deram a 15ª de Nova York as boas-vindas de um herói e aplaudiram o jazz de forma selvagem. Então o regimento embarcou no trem e partiu, exausto e faminto, para a próxima parada.

No vagão de gado, um soldado começou a cantar na escuridão, baixinho, lentamente, no ritmo do motor, em um barítono lamentoso e ressonante:

QUERO ESTAR PRONTO, QUERO ESTAR PRONTO...

As cabeças se ergueram e os ouvidos se viraram para localizar a voz.

QUERO ESTAR PRONTO, SENHOR...

Outra voz se juntou a ele. Um tenor, dobrando a melodia uma oitava acima.

PARA ANDAR EM JERUSALÉM, ASSIM COMO JOHN.

— Ah, vá dormir. — alguém disse no canto traseiro.

Mas havia muito ímpeto agora. Um baixo profundo se juntou ao grupo, e então um alto tenor, cantando a parte contralto. Eles repetiram o refrão. Quando chegaram no "Jerusalém", alguém havia acrescentado um ritmo rat-a-tat batendo nas paredes de aço do vagão com a palma das mãos. Uma risada murmurada percorreu as cabeças cansadas, e o quarteto partiu para a primeira estrofe em um ritmo acelerado.

OH, JOHN, OH, JOHN, OH, O QUE VOCÊ DISSE?
ANDANDO EM JERUSALÉM, ASSIM COMO JOHN.
ENCONTRO VOCÊ LÁ NO DIA DA COROAÇÃO.
ANDANDO EM JERUSALÉM, ASSIM COMO JOHN.

O vagão inteiro cantava agora. Frio congelante, duro como carvalho, indo para a guerra, e terrivelmente longe de casa, Aubrey sentiu suas bochechas sorrirem e sua barriga esquentar. Ele estava com seus meninos, e eles já haviam passado por muita coisa. Não importa o que acontecesse, eles continuariam cantando.

AFRODITE

Cabanas de Socorro — 4 de janeiro de 1918

HAZEL CHEGOU A Saint-Nazaire, França, na manhã de 4 de janeiro de 1918, após uma fria travessia do Canal da Mancha e uma viagem noturna de trem.

Ela não conseguia acreditar que isso estava realmente acontecendo. Durante toda a sua vida, ela navegou na onda tranquila da vida de seus pais. Mas aqui estava ela agora, observando o nascer do sol sobre os campos congelados e sebes geladas da costa da França. O céu estava rosa, prometendo, e o sol dourado brilhava em filamentos de gelo cobrindo o mundo. Era difícil compreender que esta manhã gloriosa, esta vista do país das fadas, brilhava sobre um país devastado por anos de guerra, e que ela estava se lançando em seu caminho em direção a milhares de soldados que precisam de conforto.

Hazel nem mesmo confortou um cachorro. Talvez ela tenha cometido um erro muito grave.

O trem parou na estação Saint-Nazaire. Hazel se levantou e recolheu suas coisas.

Quando o trem partiu, quatro outras pessoas estavam na plataforma. Uma jovem com grossos cachos loiros e três homens de meia-idade. Ela teve um vislumbre da jaqueta do uniforme da jovem sob o casaco e se aventurou a fazer uma pergunta.

— Perdoe-me. — disse ela. — Você é uma voluntária de ajuda humanitária da YMCA?

O rosto da loira iluminou-se. — Eu sou. — ela disse. — Você também é?

Hazel acenou com a cabeça.

— Eu também sou. — disse um dos homens. — Se você me desculpar por interromper sua conversa.

— E eu. — os outros disseram por sua vez.

— Saudações. Bem-vindos a Saint-Nazaire. — uma mulher mais velha enérgica com óculos de meia-lua desmontou de uma carroça e cumprimentou os que chegaram. — Todos aqui vão para o YMCA, então? — ela gesticulou para um par de soldados carregar a bagagem na carroça. — Eu sou a Sra. Davies. Eu trabalho com o Sr. Wallace, o secretário-chefe daqui. Venham, vocês devem estar famintos.

Após breves apresentações, os cinco recém-chegados subiram na carroça e sentaram-se em suas malas. A Sra. Davies puxou as rédeas e os cavalos desceram a colina em direção ao acampamento. Galinhas cambaleavam pela estrada, quase morrendo sob os cascos dos cavalos antes de fugir em um borrifo indignado de penas.

Quando o acampamento apareceu, o coração de Hazel afundou. Era tudo tão cinza e sujo. *O que você esperava?* Não isso. Ela se ofereceu para trazer alegria a um deserto desolador.

Inúmeros soldados marcharam em fileiras retas como navalhas pelos campos de treinamento congelados, seus rifles pendurados nos ombros. A maioria olhava para a frente, mas alguns rostos curiosos se viraram quando a carruagem passou. Alguns olhos encontraram os dela, arrogantes e atrevidos, outros a fizeram engolir em seco com a solidão ali presente. As vozes dos comandantes dispararam e todos os olhos se voltaram.

James. Ela escreveria outra carta para ele esta noite. Isso era com muita frequência?

— Estes não são soldados britânicos. — a loira se perguntou em voz alta. — Uniforme errado.

— Britânicos! Deus do céu! — a Sra. Davies se virou bruscamente para onde as duas meninas estavam sentadas. — Eles não disseram para onde vocês estavam indo?

Hazel se encolheu em sua bolsa de viagem. — Para a base de treinamento em Saint-Nazaire.

— Para a base de treinamento do exército *americano* em Saint-Nazaire. — gritou a Sra. Davies. — O escritório central receberá uma carta sobre isso. Não informar os voluntários a quem serviriam! É um crime!

— Parece que são americanos — A loira esticou o pescoço. — Eles são gigantes.

— Os ianques são altos — admitiu a Sra. Davies. — E como eles passaram os últimos quatro anos apreciando a comida caseira da mamãe em vez de se arrastar nas trincheiras, é claro que eles são robustos.

Ela retomou seu papel como guia de turismo. — Esses prédios enfileirados são quartéis — ela indicou. — E ali há refeitórios. Estes são estábulos e currais para gado – isso que vocÊ está sentindo é cheiro de porco – e ali, hospitais. Bem à frente está nossa cabana de socorro.

A palavra – cabana – fez Hazel imaginar algo pequeno e primitivo. Essa era vasta. Com dezenas de milhares de soldados no acampamento, as cabanas teriam que ser.

A Sra. Davies os conduziu para uma mesa com chá pronto. — Digam-me seus nomes mais uma vez. — disse ela, com uma grande mordida de pão na boca. — Em um frio como este, mal consigo pensar direito.

— Eu sou o reverendo Scottsbridge, e este cavalheiro é o padre McKnight, de profissão católica romana. — explicou o forte clérigo. — Estamos aqui para fornecer consolo espiritual, né, padre?

— Se Deus quiser. — respondeu o padre.

Um homem baixo e magro, em um terno de tweed desbotado, lustrou os óculos com um lenço de bolso. — Eu sou Horace Henry. — disse ele. — Professor, aposentado. Universidade de St. John’s.

— Ah! Cambridge! — exclamou o reverendo Scottsbridge. — Nada além do melhor para nossos meninos. — Ele piscou. — Mesmo que eles venham das colônias.

O professor tomou um gole de chá. — Eles são todos nossos meninos. — disse ele. — Até os americanos. Vou dar palestras à noite. Pensei em começar com um curso de história da Inglaterra.

— Eu me pergunto o quão interessados os americanos estão nisso. — ponderou a loira.

— Logo descobriremos. — disse o professor Henry suavemente.

— Acredite em mim. — disse a Sra. Davies. — Depois de passar pelos circuitos de treinamento, não importando as trincheiras, esses soldados ficariam felizes em ouvir palestras sobre como ferver um ovo.

O professor deu uma risadinha. — Espero poder fazer melhor do que isso.

Os olhos do padre McKnight brilharam. — Duvido que sejamos tão populares quanto essas jovens.

Hazel sorriu. — Eu sou Hazel Windicott. — disse ela. — Voluntária de entretenimento. Eu toco piano.

A Sra. Davies a olhou com severidade. — Você toca *bem*?

— Eu... acredito que sim. — disse ela. — Suponho que depende da sua noção de tocar bem.

A outra garota riu. — Ellen Francis. — disse ela. — Me falta qualquer talento discernível, a não ser ser tagarela e divertida. — ela piscou para Hazel. — Você vai tocar piano, eu vou jogar damas.

A Sra. Davies juntou suas coisas para o chá. — Senhores, temos uma casa na aldeia, não muito longe daqui, com quartos preparados para vocês. Vocês, jovens senhoritas, por razões de segurança, vão ocupar o quarto vago aqui na minha cabana. Senhorita Ruthers e eu estaremos por perto. Os dormitórios das enfermeiras estão cheios, então vamos nos virar desta maneira. Não

precisamos de vocês andando para lá e para cá no acampamento depois de escurecer.

— Quantas cabanas existem? — Ellen Francis perguntou.

— Duas. — disse a Sra. Davies. — E a cabana dos Negros, no acampamento Lusitânia. Vocês não vão lá.

A Sra. Davies percebeu um silêncio constrangedor. — Eles têm seus próprios voluntários negros. — explicou ela. — Então está tudo bem. Eles têm muito com que se divertir.

A cabeça careca do padre McKnight se inclinou. — Qual é a preocupação, Sra. Davies?

Ela acenou a pergunta inconveniente de lado. — A segurança das meninas, naturalmente. Em um acampamento cheio de milhares de soldados de sangue quente, regras estritas devem ser seguidas. A última coisa que o YMCA precisa é de um escândalo, quando estamos envolvidos em um trabalho tão importante.

Hazel se lembrou das palavras de seu pai. *Seja mais corajosa do que eu.* — Eu não me importaria de tocar em todas as cabanas. — disse ela. — Tenho certeza de que os soldados negros gostam de música.

A Sra. Davies olhou por cima dos aros dos óculos para Hazel. — Simplesmente não há necessidade. — ela tentou um sorriso conciliador. — Esses soldados negros americanos fornecem sua própria música. É natural para eles. Instintivo. Na verdade, sua banda se apresentará aqui amanhã. Mas quanto a você ir para lá, suas sensibilidades musicais mais refinadas não serão do agrado deles.

A pulsação de Hazel latejava em seu ouvido. — Achei que todas as tropas precisavam de entretenimento.

A Sra. Davies suspirou e revirou os olhos para o céu. — Jovens idealistas. — ela murmurou. — Eles são tudo que a causa da guerra parece atrair. — ela enfrentou Hazel resignada. — Eu não gosto de usar linguagem desse tipo, Srta. Windicott, mas você não me deixa escolha. Não se

pode confiar que os negros se comportem como cavalheiros com as jovens.

Hazel sentia-se tão à vontade para desafiar a autoridade quanto para um mergulho em alto mar. Fazer com que a Sra. Davies não gostasse dela no primeiro dia parecia tolice ao extremo. Mas ela precisava.

— Isso pode ser verdade para alguns. — disse ela. — Como tenho certeza de que é verdade para alguns em qualquer grande grupo de soldados. Mas tenho certeza de que a maioria é tão cavalheiro quanto qualquer outra pessoa.

A tosse do reverendo Scottsbridge fez pouco esforço para esconder uma risada. — Minha querida, — disse ele. — Você não viu o mundo o suficiente para saber seus perigos. — ele acenou a cabeça em conhecimento para a Sra. Davies. — Você terá soldados mais do que suficientes para entreter, e ainda mais bonitos.

Hazel achou que ela poderia estar doente. Soldados negros eram *menos bonitos*? Portanto, isso deve apaziguar suas preocupações – porque ela não estava realmente preocupada a princípio; o reverendo sabia mais. Ela estava aqui apenas por *garotos* bonitos. Sua mente turvou.

O padre McKnight lançou um olhar triste para Hazel, depois fechou os olhos como se estivesse rezando.

A Sra. Davies estava farta de atrasos. — Por aqui, por favor, meninas, para seus quartos.

DEZEMBRO 1942

Segunda Testemunha

AFRODITE SE DIRIGE ao tribunal. — Meritíssimo, gostaria de chamar minha segunda testemunha.

— De novo não. — geme Ares. — Quantos imortais você está arrastando até aqui? Devíamos ter ido para o Olimpo. Além disso, pensei que toda a coisa de "tribunal" havia fracassado.

— Rejeitado. — Hefesto diz a Ares. — A defesa pode prosseguir.

— Eu chamo — Afrodite diz, com uma encenação cortês. — Ares, Deus da Guerra.

Ares se endireita e enfia os braços nas mangas da camisa. Não adianta abotoar a camisa, seu peito magnífico estaria escondido. Ele sente que é melhor manter suas atrações em plena exibição. Mas uma aparição no tribunal exige decoro.

Na falta de um oficial do tribunal, Hefesto administra o juramento. — Você jura solenemente limitar a ostentação, contar os fatos e apenas os fatos e, de outra forma, manter sua grande boca fechada?

— Ei, — protesta Ares. — Você não fez Apolo jurar.

— Eu cresci com você. — diz Hefesto sombriamente.

— Ares, — Afrodite diz suavemente. — ele está irritado, só isso. Você não vai nos contar a história agora, do seu ponto de vista?

Ares se levanta e se dirige ao tribunal. — Não pelo bem dele, eu não vou. — diz ele. — Mas se você quiser, eu direi. Só para endireitar essa recordação sentimental.

ARES

Prática da Baioneta — 4 de janeiro de 1918

O SOLDADO JAMES ALDERIDGE alinhou-se com seu esquadrão no campo de treinamento da Frente para praticar o uso de uma baioneta. Eles estavam alguns quilômetros atrás das trincheiras. James ainda não havia se acostumado com o rugido constante das armas de artilharia.

— Baionetas erguidas! — vociferou o comandante. James parafusou uma lâmina em seu rifle Lee-Enfield.

— Posição de guarda! — ele apontou sua arma para cima com o braço esquerdo e a apoiou contra esse lado com o direito. Ele apontou a ponta para a garganta de um alemão imaginário.

— Alderidge, — alguém disse. — abra mais seus pés. — era o soldado Frank Mason, um pescador de Lowestoft. Ele estava treinando novamente depois de se recuperar em casa de um ferimento na perna de combate.

O comandante de treinamento percorreu a linha, corrigindo a forma imperfeita dos homens.

— Posição de repouso!

Os rifles foram para baixo e para cima foram as costas de todos.

— Eu não disse para tirar uma soneca, soldado! — Com um metro e noventa e sete de pedra, o soldado Billy Nutley, um rapaz da fazenda de Shropshire, deveria ser um lutador mortal, mas parecia mais um grande alvo.

— Guarda!

Erguidos foram os rifles de baioneta.

— Mirem nas gargantas deles, senhoras! — o rosto do treinador estava vermelho. — Quando você está na trincheira de Jerry, é preciso matá-los antes que eles matem você. Os alemães não têm misericórdia. Apontem para a garganta!

James lambeu os lábios e apontou para a garganta invisível.

— Tiro longo!

As pernas traseiras se lançaram para frente. As lâminas deslizaram e foram erguidas.

— Empurre e gire! Acabem com eles!

James empurrou e torceu. Nutley bufou. Atrás dele, Chad Browning, um magro ruivo galês, agitava o ar. Jovem, ágil e falador, mas mal chegava a pesar noventa quilos.

— Garganta e axilas, são vulneráveis! — disse seu treinador. — Rosto, peito e intestino! Na retaguarda, vá para os rins. Ou vocês, gênios, esqueceram onde ficam os rins? Posição de repouso!

Posição de repouso.

O treinador desfilou para cima e para baixo na linha. — Agora, encontre seu manequim.

Eles se moveram para mais perto da fileira de forcas de madeira frágeis da qual pendiam manequins de palha – efígies de pelúcia com estofamento de travesseiros parecendo alemães.

— O soldado alemão é uma máquina de matar implacável. — disse ele. — Uma arma letal nas mãos do Kaiser. Uma fração de segundo é a diferença entre o corte de sua garganta ou a dele.

As pontas dos dedos de James roçaram seu pomo de adão.

— A sobrevivência na Frente, — gritou o treinador. — exige vontade de matar. Guarda!

Baionetas baixas e prontas.

— Porto alto!

Os fuzis saltaram sobre os ombros.

— Guarda!

Preparar.

— Tiro longo!

Estocada e soco, direto no manequim. Ele balançou com o impacto.

— Guarda!

De volta ao começo.

— Tiro longo! Torção! Matar, matar, matar! Digam vocês!

James engoliu em seco. — Matar, matar, matar!

— Não desse jeito, seus idiotas patéticos! Eles vão acabar com vocês assim!

— *Matar, matar, matar!*

Apenas diga, James disse a si mesmo. Apenas faça o que eles querem que você faça. Ele investiu contra o Fritz cheio de palha como uma máquina de matar implacável. Como uma arma letal nas mãos do Rei George.

— Posição de repouso. Baionetas abaixadas. Amanhã vamos treinar a luta corpo a corpo.

Eles voltaram para o quartel. Cheiros ambíguos emanavam de cozinhas bagunçadas. James estava com fome o suficiente hoje para comer bife.

O soldado Chad Browning começou a cantar com uma voz aguda, anasalada e cômica.

OH, OH, OH, É UMA GUERRA ADORÁVEL,
QUEM NÃO SERIA SOLDADO, EH?
OH, É UMA VERGONHA FAZER O PAGAMENTO...

— Qual é o pagamento? — murmurou Nutley. — Quando é que vamos ver isso?

ATÉ SUA CINTURA NA ÁGUA,
ATÉ SEUS OLHOS EM LODO,
USANDO O TIPO DE LÍNGUA,

QUE FAZ CORAR O SARGENTO.

OH, QUEM NÃO ENTRARIA NO EXÉRCITO?
ISSO É O QUE TODOS NÓS QUEREMOS!
NÃO TEMOS PENA DO POBRE CIVIL,
QUE ESTAVA PERTO DEMAIS DA ÁREA DE PERIGO.

— Alguém vai ouvir você, Browning, — alertou o soldado de pernas arqueadas Mick Webber, um pedreiro de Rutland. — Se o sargento errado o fizer, você vai passar uma noite na prisão.

OH, OH, OH, É UMA GUERRA ADORÁVEL,
O QUE QUEREMOS COM OVOS E PRESUNTO,
QUANDO TEMOS AMEIXA E GELÉIA DE MAÇÃ?

— Não me importo tanto com a geléia de ameixa. — admitiu Billy Nutley.

— Você vai, — murmurou Mason. — quando for a única coisa doce que você comeu em seis semanas.

— Mason, — disse James. — é realmente tão ruim quanto dizem por aí?

Mason os acolheu. — Em breve vocês verão por si mesmos.

— Esta guerra deveria terminar antes que eu tivesse idade suficiente para ela. — tudo o que Browning dizia soava como uma piada. — A quem devo enviar minhas reclamações por escrito, é o que eu gostaria de saber.

— Desculpe por estarmos atrasados no trabalho, filho.

— Que tal a comida?— Nutley perguntou ao velho ativista. — É tão ruim nas trincheiras como aqui?

— Pior. — Mason deu uma cotovelada em Nutley. — Mas você terá sorte se a comida for o seu principal problema.

Webber entrou na conversa. — Quero uma Inglesinha legal como a que você tem, Mason. — disse ele. — Uma lesão ruim o suficiente para me mandar para casa para a minha garota, mas não tão ruim que ela não vai me amar

mais. — ele sorriu. — Como você conseguiu, levando uma pancada na perna?

James tentou não imaginar os rostos horrivelmente desfigurados que vira perto dos hospitais da base. Ele imaginou o rosto doce de Hazel. Quantas cicatrizes seriam necessárias para mudar a maneira como ela o olhava?

Empurrar, girar, matar.

— Com que frequência, Mason, os soldados usam suas baionetas? — ele perguntou.

Para isso, Mason sorriu. — Eles são bons abridores de lata e castiçais quando você os cola nas paredes da trincheira. E não há nada como uma baioneta para torrar pão em uma pequena fogueira.

DEZEMBRO 1942

Terceira Testemunha

— SE EU PUDER, — Afrodite pergunta. — convocar mais uma testemunha?

— Precisamos arrumar um salão de baile? — pergunta Hefesto.

— Ooh, vamos comprar um com um piano de cauda. — diz Apolo. — Eu vou cantar.

— Isso não será necessário. — diz a deusa suavemente. — Eu convoco minha terceira testemunha.

Do lado de fora da janela, as nuvens obscurecem a lua e as estrelas. A terra estremece e treme sob eles. É como se um vagão do metrô estivesse passando, do tamanho de um transatlântico e viajando na velocidade do som.

Uma única batida soa na porta do quarto do hotel. Ela se abre e uma figura entra.

— Está tudo bem. — chama Hefesto para a figura sombreada. — Apenas entre imediatamente.

— Eu sempre faço isso.

Ao som da voz, Apolo e Ares congelam.

O recém-chegado desliza pelo corredor tão silenciosamente quanto um gato. Sua roupa escura lembra um agente funerário. Mas quando ele tira o casaco, eles vêem uma longa batina preta que vai até os tornozelos. O quadrado em um colarinho clerical forma sua única mancha branca.

Eles ficam boquiabertos com ele.

— Um padre? — berra Ares. — O deus do submundo é um *padre católico romano?*

— Boa noite, tio. — Afrodite faz uma reverência profunda.

Hefesto se ajoelha e Apolo, deslizando para fora da cama, segue seu exemplo. Ares, resmungando, também faz uma genuflexão, após um chute de Afrodite.

— Achei que você bancava o professor quando visitava os mortais. — diz Apolo. — Meu senhor Hades.

— Auditor da Receita Federal. — diz Hefesto. — "As únicas certezas são a morte e os impostos."

Hades sorri. — Eu me visto para o papel que me convém.

Ele examina a sala e não encontra nenhum assento de seu agrado, então ele produz um. Uma cadeira de couro preto, de aparência bastante espartana. Ele se senta, cruza uma perna sobre a outra e entrelaça os dedos sobre o joelho. Seu rosto está bem barbeado. Suas unhas bem cuidadas. Seu cabelo preto e lustroso, penteado liso para trás de sua testa.

Como Ares e Apolo, Hades, Senhor do Mundo Inferior, é um homem de beleza impressionante, embora sério e sombrio, com uma precisão exangue em suas feições aquilinas. Bonito, embora seja mais provável que você estampe o rosto dele em uma moeda do que esperar que ele te convide para uma dança.

— Por que você é um padre? — exige Ares. — Sua, err, Santidade?

— Boa noite, meus sobrinhos, minha sobrinha. — a voz de Hades, como o resto dele, é suave.

— Mas por que um padre católico? — o Deus da guerra é persistente. Como sempre.

Hefesto tosse. — Isso não cria, para você, algumas, err, dificuldades teológicas?

Hades parece pensativo. — Acho que não. — diz ele lentamente. — Também gosto de ser um rabino, talvez até

mais. Eu honro a visão de mundo dos mortais e falo de dentro de seu quadro de referência. — ele parece ligeiramente ferido. — A vida de um clérigo combina comigo. Passei a maior parte de um século feliz como abade. Acho que sou um padre muito bom, na verdade.

— Nada nunca foi tão motivador espiritualmente quanto a Morte. — diz Afrodite.

Hades sorri. — O trabalho do sacerdócio, preparando almas para cruzar o rio para meus domínios sem medo indevido, é uma grande ajuda para mim. — ele faz uma leve careta. — As almas despreparadas são *nojentas*. Muito inconvenientes.

Hades produz para si uma lata de balas e seleciona uma com cuidado. — Os mortais são muito carnais. Regido por apetites. Eles gorgolejam. Cheios de fluidos. Você, Amor, e você, Guerra, acham isso bastante útil em seu trabalho, mas meu interesse pelos humanos é inteiramente espiritual. — ele estremece. — Corpos não me interessam nem um pouco.

— Aposto que não foi isso que você disse a Perséfone. — Ares ri como um menino em um vestiário.

— E quem era aquela ninfa de novo…? — Apolo coça a cabeça.

Hades os favorece com um sorriso pálido. — Meninos, meninos. — Ele pode dizer com indulgência: "Meninos, meninos", em um tom que também diz: *Eu poderia desintegrá-los se quisesse.*

Ele estuda a sala.

— Oh, querida. — ele murmura. — Eu entrei em um momento conjugal infeliz? — ele toca a rede dourada envolvendo os amantes traidores entre dois dedos. — Como um homem apreciador do tecido, Hefesto, não posso tolerar seus métodos, por mais que admire sua obra. "Se você ama algo, deve libertá-lo.".

— Aposto que não foi isso que você disse a Perséfone. — Ares acha que ele é ainda mais engraçado na segunda vez.

Afrodite intervém para salvar Ares de um fim prematuro.

— Meu senhor Hades. — diz ela docemente. — Tenho contado a esses deuses uma história de amor. Para demonstrar, entre outras coisas, o papel vital que a morte desempenha em tornar possível o amor verdadeiro. Sempre nos entendemos, você e eu. Você compartilharia sua parte quando chegar o momento? A história é — ela acena para ele. — Esta.

Hades sorri regiamente. — Você me honra, bela Afrodite. — ele diz. — Será um prazer.

Colette Fournier — Julho a agosto de 1914

AFRODITE

VOU COMEÇAR COM uma menina e um menino subindo uma escada extremamente alta.

Era um dia quente de verão em julho de 1914. O ar estava parado, apenas abelhas estavam voando. Todos os outros tiveram o bom senso de encontrar um local com sombra para evitá-las.

Mas não Colette Fournier, e não seu companheiro, Stéphane. Colette estava determinada a chegar ao topo, apesar do calor. Stéphane estava determinado a ficar ao alcance do braço de Colette, e de seu mestre nas docas, tirando uma soneca do meio-dia, que lhe havia dado essa chance.

A escada, cortada na rocha, subia vertiginosamente pelo alto afloramento de pedra com vista para a cidade de Dinant, na Bélgica. No topo ficava uma cidadela medieval, uma fortaleza de pedra lavrada que durante séculos protegeu a cidade. A vista do planalto da cidadela era de tirar o fôlego, mostrando uma ampla curva do pacífico rio Meuse serpenteando através de campos verdes brilhantes, agora estourando com os frutos do alto verão.

O cabelo suado da garota grudou em sua testa e sua blusa grudou em seu corpo úmido. Ela não se importou e nem, devo acrescentar, Stéphane.

O carrilhão de sinos na torre de Notre Dame de Dinant, diretamente abaixo delas, tocava uma melodia alegre. Apenas parte da cor de Dinant, aquela joia abraçando o Meuse, seu arco-íris de casas refletindo como cristais na superfície das águas lisas do rio.

Colette tinha dezesseis anos, Stéphane dezoito. Stéphane morava perto da família de Colette e sempre esteve ao seu lado. Colette conhecia Stéphane como conhecia seu irmão Alexandre e seu primo Gabriel. Stéphane sempre esteve presente, como um cão vadio que se comete o erro de se alimentar.

Não havia nada de incomum em Stéphane desafiando Colette a subir as escadas da cidadela. Eles duelaram em corridas a pé e de barco e em competições de prender a respiração desde que eram pequenos.

Mas havia algo incomum na maneira como Colette pegara Stéphane olhando para ela recentemente. Silenciosamente, lentamente, em meio ao clamor usual, como se ele nunca a tivesse visto antes.

O que era ridículo.

Também curiosas eram as sensações que Colette começava a reconhecer sempre que Stéphane aparecia. Quando ela percebeu que sentia falta dele quando ele não apareceu como o esperado, e que quando ele apareceu, ela não tinha ideia do que dizer a um garoto tão familiar quanto uma meia velha, ela soube que estava com algum tipo de problema. Quando ela começou a estudar Stéphane, percebendo como seus cabelos escuros cresciam nas têmporas e como coisas novas estavam acontecendo com suas maçãs do rosto, clavículas, pescoço, ela sabia que corria grave perigo.

O que era ainda mais ridículo.

Então, quando Stéphane apareceu, naquele dia quente de verão, e a provocou para que subisse até a cidadela, ela deixou uma pia cheia de pratos sujos e aceitou o desafio. Talvez, uma vez que chegassem ao topo, ela pudesse confrontá-lo sobre o que diabos estava acontecendo e colocar um ponto final nisso.

Stéphane também pretendia enfrentar Colette no topo. Se ele pudesse encontrar coragem.

As escadas deixariam atletas exaustos, mas Colette era jovem, forte e decidida. Mesmo assim, forçar seu caminho até o topo a deixou sem fôlego e fervendo, então, ao invés de apreciar a vista, a primeira coisa que ela fez ao chegar foi passar pelo pátio de pedra e se jogar no gramado alto e fresco, além de arregaçar as mangas e abanar o rosto.

Eu pairava ao lado de Stéphane.

Agora? ele se perguntou

Por que não agora?

— Colette… — ele começou.

Não dessa maneira.

— Sim?

Ele engoliu em seco e procurou algo mais para dizer.

— Sua música — ele disse. — no festival da cerveja. Você cantou bem.

Cantou bem. Que torrão. Que maneira patética de fazer um elogio.

— Obrigada. — disse ela. Ela viu a silhueta dele contra o céu da tarde e se perguntou como Stéphane havia crescido tanto com tanta rapidez e que facilidade ele tinha para adquirir tais músculos. Ele tinha sido um *sopro* de menino. Carregar e descarregar navios o dia todo seria suficiente, ela supôs, mas naquele momento nebuloso e úmido, o *porquê* das mudanças de Stéphane tornou-se menos importante do que sua realidade.

Ele afundou na grama ao lado dela. Suas bochechas estavam vermelhas e seus olhos brilhantes, e lá estava ela, desabotoando o botão de cima e se abanando.

Pobre Stéphane. É uma coisa terrível arriscar uma vida inteira de amizade por um sonho que, de repente, se transformou em algo grande demais para ser contido. Ele a ofenderia, ele tinha certeza, e ela o rejeitaria, e o evitaria, sem dúvida, e então o que ele faria?

Ele não poderia passar um dia sem pelo menos ver Colette meia dúzia de vezes. Mas se ela nunca quisesse ver o rosto dele novamente, não haveria lugar em Dinant para se esconder de seu nojo.

E o que ele poderia dizer? Palavras não eram seu forte em particular.

Ela se sentou na grama. Pedaços de grama e sujeira grudavam em sua blusa e cabelo.

— Estou uma bagunça. — disse ela.

— Não, você não está.

— *Você está* uma bagunça. — ela disse a ele. — Então não está qualificado para julgar.

Stéphane olhou para as nuvens e sorriu. Deitado na grama, cansado e em paz, com Colette por perto e o repreendendo – tudo bem por ele.

— Se somos apenas nós dois aqui em cima — disse ele. — o que importa se estivermos uma bagunça?

Ela voltou seu olhar para a vista panorâmica, deixando-o livre para estudar suas costas. Tão graciosa, a curva de sua espinha. Ele poderia correr os dedos pelas costas dela, agora mesmo, se ela não cortasse suas mãos por tentar. Ele teria que se contentar com a imaginação.

Colette se virou para ver seus olhos fechados. Isso a deixou livre para fazer alguns estudos por conta própria.

— Dormindo? — ela disse. — Que companhia você é. Você me arrastou até aqui para tirar uma soneca?

Não se contente com a imaginação, eu disse a ele.

Ela pegou a mão dele, perguntando-se por que estava fazendo isso, e sentiu um choque de… de quê? *O que* foi que ela sentiu quando o bobo do seu antigo amigo Stéphane pegou sua mão?

Ela se deitou de lado. Ele não era mais o antigo amigo e bobo Stéphane.

Ataque primeiro e analise depois. — O que deu em você? — ela perguntou a ele.

Ele se apoiou de lado e eles ficaram cara a cara. Apenas centímetros de distância. Poderia muito bem ter um rio de lava entre eles.

Ele a encarou mesmo assim. Ele se inclinou e a beijou.

E errou seus lábios e conseguiu acertar seu nariz.

Os olhos de Colette se fecharam. Ela não conseguia pensar. *Claro que Stéphane quer beijar você,* eu disse a ela. *Você também quer beijá-lo.* Era verdade. Eu não estava "colocando palavras" em sua mente.

Os batimentos cardíacos do pobre Stéphane soaram em sua garganta. Seria uma longa descida de volta à cidade com Colette se ele tivesse arruinado tudo. Mas ela não tinha corrido. Ela não havia chutado, nem grasnado, nem fugido, nem repreendido. Ele quase desejou que ela o fizesse.

Tente mais uma vez, sussurrei para Stéphane.

Os olhos de Colette se abriram novamente. Ela viu os lábios de Stéphane se separarem e sentiu os seus próprios fazerem o mesmo. Antes que ela soubesse o que tinha acontecido, ela se inclinou em direção a ele, e ele a puxou para perto, e ela beijou seus lábios. Ou ele beijou os dela. Tanto faz.

Alguns momentos depois, Colette se afastou, com falta de ar. Stéphane passou o braço em volta dela e puxou-a para perto. Ele estava sorrindo. Ela olhou para ele maravilhada.

O pensamento não foi fácil, entre a destruição em suas costelas e a eletricidade passando por sua pele.

Stéphane?

Quem mais?



Lembre-se deste momento quando você pensar em Stéphane. Lembre-se de Colette, uma vez, em pé no topo do monte da cidadela, inclinada sobre a muralha olhando para os telhados minúsculos abaixo, para uma última olhada antes de descer, com seu antigo amigo de pé ao lado dela, agora estranho e novo.

ARES

As crianças deram aquele primeiro beijo em julho de 1914. Nas semanas seguintes, Colette e Stéphane estavam bêbados demais de amor para prestar atenção ao boato de guerra que começou a encher os jornais.

Até que, no dia 4 de agosto, ignorar era impossível. Os exércitos alemães invadiram a neutra Bélgica e conquistaram Liège. Houveram rumores de civis derrubados e cidades arrasadas.

Em 15 de agosto, uma divisão alemã capturou a cidadela. Os exércitos franceses os encontraram em batalha e recapturaram a cidadela algumas horas depois. (Aliás, um dos lutadores franceses feridos lá naquele dia era Charles de Gaulle, hoje o líder da Resistência Francesa clandestina contra a ocupação nazista da França. A guerra, você vê, dá origem a heróis.)

Na noite de 21 para 22 de abril, carros carregados de soldados alemães chegaram a Dinant. Eles incendiaram cerca de vinte casas e mataram trinta civis. Eles relataram mais tarde que os civis abriram fogo contra eles. Todos os sobreviventes negaram que foi assim.

Em 23 de agosto, os alemães voltaram com força. Eles atearam fogo em centenas de casas. Eles culparam os civis por todas as perdas alemãs até agora em Dinant, retiraram homens dos locais de trabalho, das casas e dos

esconderijos e os executaram nas ruas. Mulheres, crianças e bebês também foram executados. Com oitenta e oito anos. Tão jovem quanto aqueles com três semanas. Quase setecentos no total.

As chamas de Dinant cresceram por dias. Restaram apenas escombros fumegantes. A velha igreja, Notre Dame de Dinant, pegou fogo. O carrilhão da torre do sino queimou, silenciando a cidade.



HADES

Entre os mortos estava o papai de Colette; seus tios Paul e Charles; seu primo, Gabriel; e seu irmão, Alexandre. A oficina de carpintaria onde os homens Fournier construíram móveis de madeira foi um dos locais de trabalho invadidos. Colette e sua mãe perderam todos.

Quando os primeiros tiros foram disparados, Stéphane correu pelas ruas em busca de Colette. Os alemães o pegaram e atiraram nele também.

Os massacrados morreram de medo excruciante, menos por eles próprios do que por aqueles que deixaram para trás nas garras dos soldados alemães. É o estado mais lamentável para entrar em meu reino.

Stéphane entrou em meu reino, sangrando pela própria alma, por todas as semanas sonhadas e anos de amor arrancados dele por estar na linha de fogo. Ele caminhou pela cidadela por anos depois, em busca do que não pôde ser encontrado.

Colette se refugiou na abadia, Le Couvent de Bethléem, do outro lado do rio dos alemães, quando os primeiros gritos e choros começaram. Ela se agachou em uma cela escura, balançando e orando, implorando a seu deus para poupar aqueles que ela amava.

Ela emergiu em uma cidade em chamas, para saber que havia perdido todos que amava, exceto sua mãe.

Sua mãe morreu alguns dias depois. Tecnicamente, com um derrame, mas foi a dor do luto que a matou.



Colette, a parte criança dela, morreu naquele dia.

A Dinant que ela amava se foi. Ela passou semanas tentando ajudar os sobreviventes a limpar os escombros. Ela segurava os bebês sem mãe e tentava calar seu choro. Ela levava crianças órfãs aos campos para colher flores para que suas mães pudessem beber e soluçar.

Ela imaginou, repetidamente, Alexandre desabando no chão. Papai dobrando-se. Tio Paul e Tio Charles, agarrando-se em vão aos seus peitos que era onde tinham sido atingidos.

Ela não conseguia imaginar Stéphane.

Ela trabalhou para oferecer conforto, mas a atormentava por não ter como confortar aqueles que ela mais amava, que mais precisavam de conforto às portas da morte.

Então, em uma noite sem lua e coberta de nuvens no início do outono, ela embrulhou seus poucos pertences restantes em um trapo, roubou um barco e remou a noite toda contra a lenta corrente do Meuse, indo para o sul na França e caminhando pelo campo até alcançar Paris e sua tia, Solange. Ela foi até a sede da YMCA, mentiu sobre sua idade e se ofereceu.

Ela não poderia enfrentar a Cruz Vermelha e os moribundos e o sangue. Mas ela poderia tentar ajudar onde pudesse, ouvir o Alexandre de outra pessoa e o Stéphane de outra pessoa, como se estivesse ouvindo as conversas que nunca teria permissão de ter com seus próprios entes queridos.

Nos quatro anos seguintes, ela cresceu e se tornou uma jovem mulher cercada por soldados, armas e guerra. Ela educadamente evitou declarações de amor e serviu milhares de xícaras de café. Ela trabalhou incansavelmente para fornecer conforto a outros que enfrentariam os canhões alemães.

Ela acreditava que se pudesse confortá-los, um dia também poderia receber conforto.

AFRODITE

Entretendo os Ianques — 4 de janeiro de 1918

DEPOIS DA CEIA, SOLDADOS começaram a se infiltrar na vasta cabana do YMCA, com destino a mesas de jogos, uma biblioteca, a capela e uma estação de café onde Hazel esperava para ter uma conversa animada.

Havia muitos deles. Eles eram tão *masculinos.*

Hazel, em seu uniforme Y recém-escovado, servia bebidas quentes e temia falar com rapazes. Mas os ianques, com seus *R*s ásperos e seus sorrisos largos, logo a conquistaram.

— Olá, senhorita! Você está pronta para darmos uma surra naqueles alemães?

— Vocês duas não são boas para os olhos!

Então Ellen deixou escapar que Hazel tocava piano, e um alvoroço geral exigiu que ela tocasse. Aqui estava. Tocar foi o que ela veio fazer. Mas ela não conhecia as músicas deles.

— Toque "For Me and My Gal"!

— Conhece alguma do Irving Berlin?

— Que tal "Cleopatra Had a Jazz Band"? Você conhece?

— "Carry Me Back to Old Virginny"?

Um mortificante não após o outro. A Sra. Davies, observando, balançou a cabeça.

As mãos de Hazel tremeram e as notas nadaram diante de seus olhos. Felizmente, ela memorizou "La Marseillaise"

e "God Save the King" e "Rule, Britannia!" então ela tocou aqueles.

Hinos europeus. Eles não conseguiram animar as tropas. Seu terror se transformou em paralisia.

Ela não conhecia o hino americano. Algo sobre a bandeira deles? Em desespero, ela tocou as peças familiares. Brahms, Schubert e Schumann e Chopin. Os ianques aplaudiram.

Hazel tocou até a palestra do professor Henry começar. Os americanos pisaram e assobiaram. Isso levaria muito tempo para se acostumar. Com certeza, as cadeiras estavam prontas para a primeira palestra do professor sobre a história britânica, começando com o início da Idade do Ferro.

Um massagista se aproximou para falar com Ellen de cabelos dourados, deixando Hazel sozinha.

— *Pardon.* — uma voz suave falou em seu ouvido. — Você é a nova pianista?

Ela se virou para ver uma jovem com um uniforme da YMCA. Seu sotaque era francês, e seu cabelo preto, cortado curto, em cachos elegantes enrolados em torno de seu rosto. Hazel nunca tinha visto um look assim fora das revistas de moda mais ousadas.

— Uau! — ela sussurrou. — Você se parece com a Irene Castle.

A estranha sorriu. — Eu não posso dançar como ela. Muito ruim para esses soldados.

Hazel se sentiu envergonhada com sua reação. — Sinto muito. — disse ela. — Isso foi rude da minha parte.

A outra garota franziu os lábios. — Rude, como?— ela fez uma pausa. — Você não gosta de Irene Castle?

Hazel riu. — Eu não gosto, na verdade! — ela estendeu sua mão. — Hazel Windicott.

O sorriso da garota transformou sua expressão. — Eu sou Colette Fournier. *Bienvenue à Saint-Nazaire.*

Hazel sorriu. — *Merci beaucoup.*

Colette acenou com a cabeça em avaliação. — Não é o pior sotaque que já ouvi de *une anglaise.* — ela acenou com a cabeça em direção aos soldados. — Os americanos com seu livro de frases turísticas em francês são insuportáveis. Eles acham que vão me deixar impressionada. *Parles-tu français?*

— Humm… — Hazel riu. — Não, realmente não.

— Não importa. — Colette abriu sua bolsa. — Quer um pouco de chocolate?

Sempre digo, o chocolate faz toda a diferença. E simpatia, claro.

— Há quanto tempo você está no YMCA? — Hazel perguntou a Colette.

Colette gesticulou em direção a um sofá baixo sob o beiral do edifício, e as duas se sentaram.

— Quatro anos. — ela sorriu com tristeza. — Estar com eles tem sido uma educação. Eu me ofereci no início da guerra, porque precisava desesperadamente de algo útil para fazer.

— O que seus pais disseram?— Hazel perguntou. — Os meus não ficaram entusiasmados com a minha ida.

Colette hesitou. As pessoas a trataram de maneira diferente uma vez que souberam. *Confie em Hazel,* eu disse a ela.

— Meus pais e toda a minha família morreram — disse Colette com simplicidade. — Eu me ofereci logo depois que minha aldeia foi destruída pelos alemães.

Hazel engasgou. A naturalidade da garota a surpreendeu.

Então, algo que Colette disse chamou sua atenção. — Sua aldeia destruída, no início da guerra… Então isso deve significar que você é…

— Isso mesmo. *Je suis belge*.

Não francesa. Belga. As piores cicatrizes da batalha. A maior parte da Bélgica caiu sob o ataque relâmpago da invasão da Alemanha em agosto de 1914. O Estupro da

Bélgica, eles chamavam. As histórias de mulheres estupradas, crianças crucificadas, pregadas em portas, de velhos executados…

A respiração de Hazel ficou presa na garganta. — Oh, eu sinto muito!

Colette parecia divertida. — Não é uma coisa tão terrível, você sabe, ser belga.

Hazel corou. — Eu não quis dizer isso. Quer dizer, tudo o que a Bélgica sofreu!

Colette se perguntou por que ela estava contando tanto para aquela garota inglesa. — Meu pai, meu irmão, meus dois tios. Meu primo e muitos amigos da minha infância. Tudo se foi. Minha casa, tudo.

— Ah não. — Hazel imaginou acontecendo o mesmo com seu próprio pai e meninos de sua vizinhança. Até James. Lágrimas correram por suas bochechas. — Me desculpe, sou uma idiota.— ela enxugou os olhos. — Durante anos ouvi falar de todas as atrocidades na Bélgica e da necessidade de ajudar os refugiados, mas…

— Mas eles não pareciam reais para você?

Hazel baixou a cabeça. — Suponho que não. — ela enxugou os olhos. — Qual é a sua aldeia?

— Dinant — disse Colette. — o que sobrou dela, quero dizer.

— Como você sobreviveu? — Hazel perguntou.

Colette fez uma pausa. A primeira quebra em sua constante calma. O coração de Hazel se partiu por ela.

— Eu me escondi — disse ela — enquanto aqueles que eu amava foram assassinados, me escondi em um convento.

E havia a dor e a culpa, transbordando a represa que as continha.

— Isso é exatamente o que todos aqueles que amavam você gostariam que você fizesse. — disse Hazel.

Colette havia passado por essas memórias mil vezes, mas ao ouvir as palavras de Hazel, Alexandre e papai e o

primo Gabriel e os Tios Paul e Charles apareceram. E Stéphane.

Quando os olhos de Colette encontraram os dela, Hazel viu um lampejo de gratidão ali.

— Onde é sua casa agora? — perguntou Hazel.

— Tenho uma tia em Paris. — explicou Colette. — Irmã da minha mãe. Ela me acolheu depois disso. Eu não tinha outro lugar para ir. Eu me ofereci para o Y, então não seria um fardo a mais para ela. Mas venha — disse Colette, sentando-se. — não me apresentei para contar minha triste história.

— Ok. — disse Hazel.

— Vim perguntar se você poderia me acompanhar. — continuou Colette. — Eu sou uma cantora, ou assim digo a mim mesma. Eu esperava que você e eu pudéssemos praticar juntas. À noite, depois do apagamento das luzes.

— Não vamos acordar a Sra. Davies e a Srta. Ruthers?

Colette riu. — Eu acho que não. Vamos tocar baixinho. Eles dormem com algodão nos ouvidos. E eles roncam o suficiente para dormir durante um bombardeio. Me encontra amanhã à noite?

Hazel acenou com a cabeça. — Estou ansiosa por isso.

APOLO

Chamada do Despertar — 3 de janeiro de 1918

A ALVORADA RESSOOU.

— Alguém aperte o botão daquele despertador. — gemeu um soldado da 15ª Companhia K de Nova York.

— Você quer dizer estrangule aquele corneteiro. — respondeu outra voz do outro lado da sala.

Aubrey abriu os olhos e fechou-os rapidamente. Ainda estava escuro. Eles não tinham acabado de chegar? Ele rolou na cama e fez um comentário geral sobre o dia.

Alguém acendeu uma lanterna. Seus companheiros se sentaram e se espreguiçaram. A melodia do clarim alegre e sem coração estremeceu no ouvido de Aubrey. Ele rolou para trás, de uma vez, e ouviu a chamada de despertar.

Ouça, eu disse a ele. *O que aconteceria se você virasse a alvorada de cabeça para baixo?*

Como?

Uma tecla menor.

Ele cantarolou para si mesmo.

Isso mesmo. Tem uma tom totalmente diferente. Agora ritmize.

Ele cortou o ritmo pela metade e mudou o ritmo.

Ooh. Isso é algo.

Você é bom nisso.

— Tire seus ossos dessa cama, Aub. — seu amigo Joey Rice disse a ele. — Ou o Capitão Fish vai entrar aqui e bater em você.

Aubrey deslizou para fora da cama e calçou as botas. — Joey, — disse ele — onde está seu chifre?

Joey Rice tirou um bocal de corneta do bolso e o balançou. — Bem aqui. — ele o usou para imitar o despertar da alvorada. Sem a buzina acoplada, o bocal fez um som metálico.

— Nossa, minha língua vai cair. — disse Joey. — É cedo demais para qualquer coisa.

— Esse é o ponto principal da manhã, *tonto.* — disse Jesús Hernandez, clarinetista. Ele foi um dos trompistas que o Tenente Europe recrutou de Porto Rico para a banda.

— Faça com que seja menor. — Aubrey disse a Joey. — Abaixe a nota de topo meio passo.

Joey Rice mudou a nota. Um tom assustador emergiu.

— Agora vá mais devagar. — disse Aubrey. — *Desliiiiize* o segundo tom, essa é a terceira nota. Escave, depois abra os próximos três, descendo, *pop-pop-pop,* interrupto.

— *Tu amigo es loco.* — Jesús sussurrou para Joey

Joey esticou a segunda nota como caramelo e quebrou as três seguintes como cascas de amendoim.

— É isso. — disse Joey. — “Bum-ba-*daaaaah*-da-bum-ba-da.

Joey percebeu o que Aubrey quis dizer e começou a improvisar.

— O que está acontecendo aqui?

Todos os soldados se enrijeceram em uma saudação. — Senhor, capitão, senhor!

O capitão Hamilton Fish III entrou. — Pare de brincar. Você vai sentir falta da sua comida.

Os olhos do capitão sorriram, mesmo que sua postura militar rígida não sorrisse. Um dos fundadores da 15ª Infantaria de Nova York, Fish era o descendente de uma rica família de Nova York e uma estrela do futebol americano de Harvard. Ele era uma figura imponente, mas o regimento gostava dele. Eles o consideraram justo,

razoável e sem preconceitos. Majoritariamente. Para um homem branco rico, ele estava bem nesse quesito.

— Fique à vontade e vá comer!

— Só um minuto, capitão.

Outra figura alta entrou na sala.

— Senhor, tenente, senhor! — latiram os soldados, saudando mais uma vez. Era o primeiro-tenente Jim Europe, chefe da Companhia de metralhadoras e líder da 15ª banda de Nova York.

— Bom dia, tenente Europe. — disse Fish. — O que posso fazer por você?

— O que é que eu estava ouvindo deste barracão?

Vários dos homens riram.

— Só uma brincadeira musical. — disse Fish.

Europe espiou através de seus óculos. — Era você, Rice? Fazendo palhaçadas em seu bocal?

— Edwards me obrigou a fazer isso. — disse Joey. — Dar um toque de jazz ao clarim matinal.

O Tenente Europe o avaliou. — Aub-rey Ed-wards. Olha-o-que-o-gato-arrastou-para-dentro.

Aubrey saltou para uma saudação. — Bom dia, senhor, tenente, senhor!

— Eu deveria saber disso. — disse o tenente Europe. — Enquanto outros soldados se preparam para tornar o mundo seguro para a democracia, você está inventando o "Reveille Blues".

— Sim, senhor, tenente, senhor! — foram necessários todos os músculos do rosto de Aubrey para não sorrir.

Europe cruzou os braços. — Você sabe como escrever isso em notação musical?

Claro que ele sabia. Jim Europe sabia que ele também sabia. Ele foi professor de Aubrey.

— Sim, senhor, tenente, senhor!

— Tem papel? Papel pautado?

Ele balançou sua cabeça. — Não, senhor, tenente, senhor.

— Você vai esquecer do ritmo rapidamente. — Europe murmurou para o Capitão Fish. — Edwards. Passe pelos meus aposentos esta noite e eu lhe darei o papel. Você pode me mostrar o seu "Reveille Blues". — ele olhou para o resto do barracão. — Um anúncio, para vocês da banda. Fomos convidados para dar um concerto de abertura, daqui a duas noites, em uma das cabanas da YMCA. Cabana Um. — ele sorriu. — Nossa reputação nos precede.

Joey coçou a cabeça. — Um show em uma *cabana?*

O capitão Fish sorriu. — Elas são enormes. Espere até você ver. Eles são locais de recreação para os soldados, depois do expediente. Jogos e programas, café e livros, palestras, música, esse tipo de coisa.

Sorrisos e acenos deram boas-vindas a essa notícia. Eles não previram a recreação.

O Tenente Europe e o Capitão Fish trocaram um olhar. — A cabana do Negro Y — disse o tenente Europe. — Fica no acampamento Lusitânia. Vamos ensaiar lá esta noite às sete.

Recreação segregada.

— Agora saiam daqui. — disse o capitão Fish. — E peguem um pouco de comida.

Aubrey decidiu arriscar uma pergunta. — Senhor, capitão, senhor!

— Sim, soldado?

— Quando vamos lutar contra os alemães, senhor?

O Capitão Fish lançou um rápido olhar para o Tenente Europe. — Não por enquanto. Estamos muito longe da Frente. Esta é Saint-Nazaire, a base de treinamento militar americana na costa da França.

— Quando vamos conhecer garotas francesas? *Ooh là là!* — disse Joey. Os outros riram.

— Nada disso. — ordenou Fish.

Um resmungo se levantou dos homens. Eles já estavam ressentidos com uma regra do Exército dos EUA proibindo

soldados negros de terem contato com mulheres brancas no exterior.

— Agora, olhe. — disse Fish. — Eu não estou falando sobre *isso.* Eles não têm o direito de dizer a quem você pode fazer companhia a quem ou de que cor ela pode ser. Mas nenhum de vocês tem tempo para meninas. E não podemos deixar vocês doentes. Não quero doenças nesta infantaria! Agora, temos um dia inteiro pela frente. Vamos cavar uma barragem enquanto estamos aqui e colocar quilômetros de trilhos de ferrovia.

Todos eles congelaram.

Jesús Hernandez, clarinete, não escondeu a decepção. — Mão de obra? — ele não estava sozinho. — Quero dizer, senhor, capitão, senhor?

— Viemos aqui para lutar contra os hunos, Capitão Fish. — disse Herb Simpson, vocal. — Exatamente como o Tenente Europe disse. Para manter o mundo seguro para a democracia.

A mãe de Aubrey sempre disse que ele nunca sabia quando manter a boca fechada.

— Você disse, senhor — disse ele. — que este regimento não seria como os outros de cor. Transportar carga, cavar estradas, cozinhar e esse tipo de coisa.

Joey fez um movimento cortante em sua garganta. Fazer uma pergunta era uma coisa, mas desafiar um oficial poderia significar ser disciplinado. Ou corte marcial.

Mas Aubrey já estava indo longe demais. — Poderíamos ter feito trabalho de escavação e transporte em Nova York. Você disse que este regimento teria a chance de lutar pela América e deixar a nação orgulhosa de seus soldados negros. Mudar a maneira como eles nos vêem nos Estados Unidos.

Agora ele o tinha feito. Ele ergueu o queixo e projetou o peito. *Dignidade e orgulho.*

— Você está certo, soldado. Eu disse isso. — a voz do Capitão Fish estava calma, mas firme. — Este regimento

realizará grandes coisas para nossa nação e sua raça. Todos vocês demonstraram disciplina notável no Acampamento Wadsworth e no Acampamento Dix, em face do preconceito vergonhoso. Estou confiante de que sua coragem e disciplina os levarão longe quando chegarmos à Frente. — ele esfregou a testa com a mão cansada. — Agora vá tomar o café da manhã antes que eles dêem o que sobrou para os porcos.

Aubrey exalou finalmente. Ele não estava com problemas. Aleluia.

— Em breve chegaremos àquela Frente. — disse Herbert Simpson.

O capitão respondeu em voz baixa, mais para si mesmo do que para qualquer outra pessoa. — Chegaremos — disse ele. — se eu tiver algo a dizer sobre isso. — ele saiu e os outros soldados saíram atrás dele.

Aubrey sentiu um puxão em seu cotovelo. O tenente Europe puxou-o para fora da linha e dobrou a esquina do prédio e o fixou com seu olhar penetrante.

— Você é inteligente. — disse Europe. — E se quiser durar no serviço militar, é melhor aprender a ser inteligente sobre quando usar essa sua boca inteligente.

O rosto de Aubrey queimou, mesmo no frio.

— Inteligente significa saber quando falar e quando calar a boca. — sua boca se contraiu. — Mesmo se você estiver certo.

Aubrey tentou não sorrir. — Sim, senhor, tenente, senhor.

Europe colocou a mão no ombro de Aubrey. — Você vem pegar o papel hoje à noite, ouviu?

Aubrey sorriu.

— Vamos comer, soldado. — disse Europe. — Você não pode cavar a droga de uma represa no blues sozinho.

Aubrey riu. — Você não deveria xingar assim, senhor.

Eles seguiram as pegadas de seus camaradas na neve até o refeitório, em seguida, caminharam através de uma

névoa de vapor de café e ovo queimado até onde a Companhia K estava na fila para comer aveia.

— Bem, se não é o Pelotão Preto. — uma voz lenta do sul falou atrás deles.

Eles se viraram para ver dois soldados observando-os de braços cruzados e olhos estreitos. Aubrey enrolou os dedos com força em torno da tigela vazia em sua mão. Os nervos em seus ombros estremeceram. Uma veia na têmpora de Joey latejava.

— Talvez os franceses não reconheçam um guaxinim quando o veem, mas você não pode enganar um garoto do Alabama. — disse um soldado ruivo. — Um macaco é um macaco, não importa o uniforme que você coloque nele.

O corpo do tenente Europe enrijeceu. Seus olhos de alguma forma encontraram cada membro da 15ª Companhia K de Nova York e silenciosamente ordenou que eles não respondessem. Aubrey sentia a raiva crescer a cada respiração – a dele e de seus camaradas. Era como se respirassem como um só corpo. Como se ele pudesse sentir sua dor flexionada e enrolada tão intensamente quanto a sua própria.

— Soldado! Diga seu nome e posição.

Um sargento branco saiu da cozinha, dirigindo-se ao Sr. Alabama.

— Soldado William Cowans, senhor. — respondeu o soldado, saudando como se não se importasse com isso. — Exército 167° e Sessenta e Sétima Infantaria, 42ª Divisão.

O sargento do refeitório franziu a testa. — Divisão Arco-Íris? Eles partiram para a Frente semanas atrás.

Os dois passariam a perna. — Nós ficamos para trás. — disse Cowans. — Sarampo.

O sargento voltou-se para o cozinheiro de avental que servia aveia, de olhos arregalados e uma colher estendida. Seu rosto estava mais cheio de espinhas. — Não deixe a comida desses soldados esfriar, Durfee. — o soldado Durfee começou a colher mingau enquanto o sargento se voltava

para os soldados do Alabama. — Vocês. Bocas de sarampo. O general Pershing ordenou que eu alimentasse soldados, não covardes e porcos. Seu comandante ficará sabendo disso.

Cowans e seu parasita escapuliram e deixaram a bagunça, resmungando para si mesmos. Quando a porta se fechou atrás deles, o sargento saudou energicamente os soldados negros.

— Bem-vindos à França. — disse ele. — Sargento da cozinha Charles Murphy. Sunnyside, Queens.

AFRODITE

Pathétique — 8 de janeiro de 1918

DE MANHÃZINHA, Hazel descobriu, era uma hora em que ela poderia ter toda a cabana Y para si. Ellen, sua colega de quarto, dormia até tarde, e Colette, na porta ao lado, fazia o mesmo. As mulheres mais velhas, Sra. Davies e uma Srta. Ruthers de meia-idade, acordavam muito cedo e iam para uma reunião de planejamento de secretárias na maioria dos dias com o secretário-chefe de Saint-Nazaire, um certo Sr. Wallace. (Elas penteavam o cabelo especialmente para ele.)

Neste dia, uma terça-feira, ela começou lendo à primeira vista os títulos mais solicitados de um livro de canções populares que ela havia encontrado no banco do piano. Eram peças leves, muitas músicas de marcha militar e canções engraçadas como as que seu pai tocava na prefeitura. Ela se voltou para um rondo brilhante de Mozart que a fez sorrir, e então o segundo movimento da oitava sonata para piano de Beethoven, o "Adagio cantabile" especialmente. "Pathétique." Uma peça terna, romântica e cheia de saudade.

Ela tocou para James.

Volte para mim. Venha em segurança para casa. Não deixe que nenhum mal o encontre na Frente.

Ela estava de volta ao baile da paróquia. De volta aos braços dele. De volta à torrente de nervos e terror e felicidade e calor e lã e rum louro. E uma bochecha lisa

descansando contra sua testa. As memórias ainda eram tão nítidas e claras como quando eram novas.

Suas mãos afundaram em seu colo. Um acorde oscilante ecoou pelo palco vazio.

— Não pare.

Hazel deu um pulo. As pernas do banco do piano arranharam o chão. Ela não conseguiu identificar o orador.

— Eu sinto muito. — uma figura saiu das sombras. — Eu não queria te assustar.

Ele era um jovem soldado, negro e alto.

— Você não me assustou. — ela disse a ele. — Eu apenas pensei que estava sozinha.

— Você é britânica. — observou ele com alguma surpresa.

— E você não é. — ela estendeu sua mão. — Eu sou Hazel Windicott. Eu sou do Leste de Londres.

O jovem apertou sua mão estendida. — Prazer em conhecê-la, Srta. Windicott. Eu sou Aubrey Edwards, de Upper Manhattan. E você *nunca* deve sentir medo do palco.

Ela sorriu. — É muita gentileza da sua parte.

Agora que ele havia saído das sombras para a mancha de luz do sol pálida perto do palco, ela deu uma boa olhada nele. Ele se portava com a postura ereta de um soldado, mas não a rigidez de um soldado. Seus olhos vagaram avidamente, uma e outra vez, para o piano.

— Você toca? — ela perguntou a ele.

Seu rosto se iluminou. — Sim. — ele começou a avançar lentamente em direção ao instrumento. — Estou na 15ª Banda de Nova York.

— Que maravilha! — Hazel bateu palmas. — Seu show aqui na semana passada foi maravilhoso. Seu som! Incrível! Os soldados falaram sobre isso por dias.

— Tentamos manter seus dedos do pé batendo. — ele sorriu. — Quando não estamos suando para colocar faixas durante o dia, estamos suando nos ensaios e shows à noite,

— disse ele. — Um soldado em uma banda militar cumpre um dever duplo. Mas foi isso que me alistei para fazer.

— Por favor, sente-se. — Hazel ofereceu-lhe o banco do piano. — Pianos de cabana de socorro levam uma surra. Há uma quantidade limitada de vezes em que você pode tocar "Over There" antes que as teclas quebrem. E "Chopsticks"! Vinte vezes por dia, alguém se senta para tocar "Chopsticks".

Ele deslizou para trás das teclas e as explorou, tocando uma escala cromática rápida. — Nada mal — disse ele — Para um piano do exército. — ele imediatamente tocou "Chopsticks".

Hazel cruzou os braços. — Ah, muito engraçado.

— Não há piano na cabana Negro Y em Lusitânia. — disse ele. — Havia, mas estragou.

Ele começou a tocar a linha da melodia da sonata romântica de Hazel com Beethoven, provisoriamente, experimentalmente. — Assim?

Ela acenou com a cabeça. — Você tem um bom ouvido.

— Isso não é tudo o que eu tenho de bom.

Ele pegou o tempo, adicionando acordes saltitantes com seus folhos de oitava alta e esquerdo entre as notas da melodia. No meio, ele adicionou uma linha de baixo forte sempre que o acompanhamento da mão esquerda encontrava uma pausa.

Hazel observou maravilhada. — Você acabou de fazer isso, agora?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você me viu, não foi?

Ela balançou a cabeça. — Quero dizer, você já fez isso antes? Com a "Pathétique" de Beethoven?

Ele fez uma careta. — Não se isso for "patético" em francês.

Ela riu. — Não é "patético". Triste. Como sentir falta daquele que você ama.

— Tudo bem, então. — disse ele. — Não, eu nunca havia tocado o "patético" do Sr. Beethoven antes. Eu fui em

frente e consertei seus erros.

O queixo de Hazel caiu. — Seus *o quê?*

— Quem quer uma música triste? Quem tem tempo para isso? *Isso* é patético, se você me perguntar.

Hazel se sentou ao lado dele e observou suas mãos de perto. Vendo que ele tinha uma audiência agradecida, Aubrey se soltou, possuindo o teclado. Mesmo Hazel, ela mesma sendo uma pianista, não conseguia compreender a agilidade solta e a velocidade da luz de suas mãos.

— Você não é Aubrey Edwards. — declarou ela. — Você é Scott Joplin. O Rei do Jazz Americano!

— Hunh. — ele bufou. — Não se iluda. Eu sou Aubrey Edwards. Scott Joplin *deseja* ser eu. Ou ele gostaria pelo menos. Mas ele está morto. Então, ele provavelmente está desejando muito poder ser eu. Ou qualquer pessoa, pensando bem.

— Você deve ser a reencarnação dele, então. — disse Hazel. — Mostre-me como você fez isso.

— Nada disso. — ele disse. — Você toca sua melodia, encontra seu tom, preenche as progressões de acordes e o resto é compota de maçã. — os dedos de Aubrey percorreram o teclado. — Se eu fosse a reencarnação de Joplin — ele continuou. — eu teria que crescer rápido. Ele morreu na primavera passada. — ele encolheu os ombros. — Minha mãe sempre disse que eu era um bebê grande. Então talvez.

Hazel riu. — Você é um personagem e tanto, Sr. Edwards.

— Por favor. — disse ele. — Se vamos ser amigos, eu insisto que você me chame de "Sua Majestade".

Hazel soltou uma gargalhada.

— Você disse que eu era o Rei do Jazz. — ele balançou as sobrancelhas para ela. — Na verdade, eu sou o Imperador do Jazz.

— Você é o bobo da corte. — disse Hazel. — Eu nunca conheci ninguém como você antes, Vossa Majestade.

Ele trocou de música, tocando algo que ela não reconheceu.

— Curtiu isso? — ele perguntou a ela. Ela acenou com a cabeça. — Isso é "The Memphis Blues".

— Algo que você escreveu? — ela perguntou.

Ele riu. — Eu queria muito que fosse. Foi um cavaleiro de nome Sr. W. C. Handy. Também do Harlem.

— Harlem?

— A parte de Upper Manhattan onde eu moro. Onde vivem muitos negros.

Ela assistiu fascinada enquanto ele tocava. A fluidez de seu estilo a intrigou. Ele repetia frases e refrões. Era como se ele entendesse como a música era construída e pudesse construí-la novamente, recriando-a de forma diferente se quisesse. Não tocando, mas brincando *com* ela.

— Quando você diz, Srta. Windicott...

— Hazel, por favor.

— Sua Senhoria, Hazel de la Windicott. — ele olhou de soslaio para ela. — Quando você diz que nunca conheceu ninguém como eu antes, quer dizer que nunca conheceu um cara negro?

Hazel se apoiou no piano e olhou para ele com seriedade.

— Oh, não. — disse ela. — Só quis dizer que nunca conheci ninguém com o seu humor. E confiança. — ela franziu os lábios em um pensamento ansioso. — Tenho certeza de que foi só isso que eu quis dizer. Não foi?

Ele a observou por muitos segundos com a música marchando ininterruptamente.

— Não sei a resposta para isso. — disse ele. — Você já *conheceu* um cara negro antes?

— Bem, é claro que sim. — disse ela. — Londres tem gente de todo o mundo. Caribe, Somália, Nigéria, Gold Coast, África do Sul, Quênia e, ah, muitos outros lugares na África.

— Lugares na Grã-Bretanha tem colônias?

Ela acenou com a cabeça. — E onde eu moro, no leste de Londres, há um monte de estivadores negros.

— Conhece algum deles bem?

— Não — ela admitiu — embora eu também não conheça nenhum estivador branco.

Ele deu a ela um olhar interrogativo. — Vive em uma torre de marfim?

Ela sentiu que merecia. — Se eu o fizesse — disse ela. — Vim aqui para sair dela.

Aubrey mudou para outra melodia. Familiar, mas com um fio escuro entrelaçado.

Hazel o reconheceu. — Essa é a chamada para despertar. — disse ela. — Como é nome mesmo? "Reveille".

— Isso é o que *era* — disse ele altivamente. — Estou corrigindo seus erros.

Ela riu. — Estou feliz em conhecê-lo, Sua Majestade.

Ele assentiu grandiosamente. — A você também, Sua Senhoria.

— Mas você deve retirar o que disse. — disse ela. — Sobre Beethoven cometer erros.

Ele deu a ela um olhar penetrante. — *Todos* cometem erros.

— Eu suponho, mas...

— Exceto eu.

Ela engasgou. — Você é inacreditável!

Ele piscou. — Você provavelmente acertou.

Hazel sorriu. Ela já havia começado a redigir mentalmente uma carta para James sobre esse jovem pianista ultrajante. Ela duvidava que pudesse capturar o humor de suas piadas.

— Você vai voltar e tocar mais, não vai?

Ele acenou com a cabeça, balançando com a alvorada até que uma voz sonolenta com um sotaque adorável falou.

— Uma vez por dia não é mais do que suficiente para ser arrastado para fora da cama por aquele toque de clarim?

Era uma Colette desgrenhada, saindo de seu quarto. Um robe aberto era tudo o que cobria sua camisola de seda muito curta e seu corpo de pernas longas.

A música parou.

Rei Aubrey Edwards piscou.

Colette guinchou e se agarrou ao robe.

Hazel deu um pulo, sentindo que deveria fazer algo, mas era difícil pensar, naquele momento, em qual novo amigo dela precisava mais ser resgatado.

Colette reprimiu uma risadinha com a mão sobre a boca. Seus olhos brilharam.

Aubrey estendeu a mão para Hazel apertar, sem tirar os olhos de Colette. — Prazer em conhecê-la, Srta. Windicott. — ele disse. — Eu definitivamente voltarei. — ele tirou o chapéu na direção de Colette ao sair. — Senhorita.

— E eu… — disse Colette entre suspiros. — definitivamente estarei vestida.

— Tudo bem. — disse o impenitente Imperador do Jazz. — Eu ainda vou voltar.

AFRODITE

Correio do Meio-dia — 9 de janeiro de 1918

ELLEN FRANCIS ENTROU pela porta da cabana com um estrondo, acenando com um maço de cartas. — Chegou o correio!

Hazel tentou não atacar. Certamente, hoje, haveria uma carta de James.

Ellen as passou adiante. Quatro cartas para Colette – sua tia em Paris e três pastores. Duas para Ellen. Várias para a Sra. Davies.

Duas cartas para Hazel. Uma de Georgia Fake. Uma de sua mãe.

Era uma traição ficar desapontada com isso.

Hazel se aninhou em um sofá de canto e leu a carta de sua mãe. Continha mais perguntas do que notícias. Pedidos para Hazel se vestir bem, tomar cuidados com os americanos agressivos, se proteger e voltar para casa logo. Pedaços de fofoca paroquial e notícias do "velho Arthur" de papai resplandecente no inverno, das irmãs solteironas amantes da ópera no apartamento de cima e do barbeiro barulhento embaixo. Hazel puxou uma folha de papel de carta de sua caixa de escrever e tentou formar uma resposta.

— Posso?

Ela olhou para ver Colette. Hazel deu um tapinha no assento ao lado dela.

— Más notícias? — Colette observou o rosto de Hazel. — Ou… nenhuma notícia?

Hazel não conseguiu responder.

— Às vezes, nenhuma notícia é pior. — disse a garota belga. — Pelo menos, quando chegam más notícias, não há mais dúvidas se isso acontecerá. Há alguém especial de quem você espera ouvir?

Hazel considerou esse pensamento delicioso e terrível. Contar a alguém sobre James! Contar aos pais foi mais um pedido de desculpas do que uma revelação. Colette pensaria que ela era boba?

Eu me apertei entre elas no sofá. Eu não queria perder uma palavra.

— Eu conheci um jovem. — disse Hazel hesitante. — Logo depois que ele se alistou. Pouco antes de partir para a França.

Colette, como a melhor das ouvintes, esperou.

— Ele era adorável. — ela se pegou sussurrando. — Nós nos conhecemos e nos divertimos muito juntos. — ela engoliu seu embaraço. — Eu só o conheci por alguns dias antes de ele ir embora.

— Mas você sentiu que sempre o conheceu.

Hazel acenou com a cabeça.

— É assim que deve ser.

— Nem faz sentido para mim. — Hazel confidenciou. — O quanto sinto falta dele. Eu sempre penso nele. — ela corou. — Parece que não tenho o direito de fazer isso.

— Qual é o nome do seu soldado?

— James Alderidge.

— Você tem uma fotografia?

Ela a puxou de sua caixa de escrever. Poderia muito bem entregar a Colette seu próprio coração batendo.

Colette estudou a foto. — *Ah, Jacques.* — ela disse. — *Vous êtes très beau. Et très gentil.*

Hazel sorriu. — Você acha mesmo?

— Mas é claro. — respondeu a amiga. — Ele parece bonitão. E gentil.

— Oh, ele é. — Hazel afundou nas almofadas do sofá. — A imagem não faz jus a nem metade do que ele é. Ele adora música e dança e me faz rir o tempo todo. Ele é atencioso, *bom* e ambicioso, mas de uma maneira boa e quer construir casas e hospitais mais seguros e… — ela estava divagando. Idealizando ele. Ela não conseguiu evitar.

— Ele parece um sonho que se tornou realidade. — Eu estava pronta para colocar Colette na minha folha de pagamento.

— Só espero que a guerra não… o mude, sabe?

Colette a observou pensativamente. — É inevitável que a guerra o mude.

O coração de Hazel afundou.

— Mas isso não tem que mudar a forma como você cuida dele. Nem como ele cuida de você.

Hazel tentou imaginar o que o futuro poderia trazer. Ela não viu nada além de névoa e fumaça.

— A última carta dele foi há três semanas. — admitiu Hazel. — Eu fico tão preocupada. Que ele possa ter…

— Que ele está ferido, que algo aconteceu com ele, *non*?

Hazel não conseguiu reconhecer a pergunta, que era mesmo uma possibilidade.

— Claro que você fica. — Colette respondeu à sua própria pergunta. — Mas anime-se. Existem muitas razões pelas quais as cartas são lentas. Soldados pegam resfriados. As cartas estão perdidas. Indo para o lugar errado. E você acabou de chegar aqui, certo? Talvez as cartas dele estejam indo para o seu antigo endereço.

— Colette — disse Hazel com cautela. — você já esteve — Oh *querida, diga outra coisa em vez disso.* — apaixonada? — *Tarde demais.*

Minha pergunta favorita.

Colette hesitou. — Sim. — ela disse baixinho. — Eu estive.

Doce Stéphane. Que homem ele teria feito. O que eu poderia ter feito com eles.

— O que aconteceu?

Colette ficou surpresa que Hazel não tinha percebido. — Os alemães atiraram nele.

— Oh Deus. — Um soluço explodiu da garganta de Hazel, e ela agarrou o pulso de Colette. A dor dessa morte, desse garoto que ela nunca conheceu, desabou sobre ela como uma onda. — Oh, Colette, como você pode suportar isso?

Colette encontrou um lenço e um pouco de chocolate. Hazel aceitou ambos com humildade.

— Quão ridículo é. — disse ela entre soluços. — Que você se sente aí, calmamente me consolando, enquanto eu grito por *seu* antigo namorado?

— Nem um pouco ridículo. — disse Colette. — Suas lágrimas são pelo seu Jacques. Você reza para que o pior nunca aconteça, e então você encontra alguém a quem aconteceu.

A tempestade passou, deixando Hazel inchada e exausta.

— Como você pode continuar de pé, Colette? — ela perguntou. — Você não parece murchar de tristeza.

— Quem disse que não? — ela sorriu, então seu rosto ficou sério. — Acendo uma vela todos os anos pelo meu pobre Stéphane — disse ela. — E pela minha família. — ela ergueu a fotografia de James. — De dia, eu me mantenho ocupada. Mas eu realmente não durmo muito. É à noite quando eles voltam para mim.

Hazel olhou para cima surpresa.

Colette sorriu com tristeza. — Não me refiro a fantasmas. — disse ela. — A menos que fantasmas sejam memórias.

Hazel desejou não ter arrastado a amiga para uma conversa tão dolorosa.

— Os americanos são loucos por você. Por que nenhum deles a surpreendeu?

— Os "Ianques"? — Colette imitou o sotaque. — *Non, merci.* Eles estão apenas de passagem.

— Talvez um deles volte para te buscar, um dia.

Ela encolheu os ombros. — Ele estaria perdendo tempo. — ela devolveu a fotografia. — Você me perguntou como eu posso continuar de pé. — ela olhou para o palco, a estação de café, as prateleiras de livros e jogos. — É o trabalho que tem ajudado. Ter algo para fazer todos os dias. É muito poderoso. Requer que eu ajude os outros com seus problemas. — Colette fez uma pausa. — Para fazê-los sorrir um pouco. É uma cura melhor do que qualquer coisa que o médico dê.

Hazel esperou.

— Penso nos soldados. — disse Colette. — A guerra não me matou. Mas pode matá-los. Então, eu sou sortuda. Tento dar em retorno um pouco de gentileza. Um pouco de paciência. — ela balançou o dedo. — Sem paciência, porém, para quando eles chegam… qual é a sua palavra… brincalhões. — ela piscou.

Hazel estremeceu. Até agora, ela foi poupada de tais coisas desagradáveis. Mas Ellen tinha histórias para contar quase todas as noites de um soldado mais confiante em seus encantos do que deveria..

E eu pensei que os soldados queriam música para piano, Hazel pensou. *Eu sou tão ingênua.*

Hazel desenrolou a embalagem do chocolate e colocou na boca. Colette pegou outro pedaço e fez o mesmo. Elas ficaram sentadas lá, comendo os bombons e pensando. Cada uma exibia um rosto diferente. O de Hazel estava longe. Colette se foi para sempre.

— E então, é claro, há a música. — disse Colette, ainda em desacordo com uma bala de caramelo.

Hazel acenou com a cabeça. A música.

ARES

Prática de Tiro ao Alvo — 7 de janeiro de 1918

ARMAS, ARMAS, ARMAS EM TODA PARTE.

Armas penduradas nas laterais de cabanas Nissen de aço corrugado como fileiras de tacos de beisebol.

Armas pesadas na frente explodindo, mísseis explodindo.

O *crack* dos revólveres Webley e o *bang* dos rifles Lee-Enfield.

Armas nos braços de recrutas não tão novos, todos alinhados para o tiro ao alvo.

Uma arma nas mãos de James.

Seu Lee-Enfield Mk III. Uma beleza de madeira pesada, lisa e sedosa. Ele o embalou contra o ombro e olhou pela abertura para o quadrado que alinhava sua visão.

Quantos soldados te seguraram antes? ele perguntou. *Eles estão mortos agora? No Hospital?*

Quantos alemães você acertou? Eles morreram rapidamente ou sofreram?

A arma manteve seus segredos para si mesma.

— Seu rifle é sua vida. — disse o treinador. — Quando você vai a uma incursão. Quando os alemães invadem seu país. Em uma terra de ninguém. Mantenha-a limpa e carregada. Sua velocidade com o rifle determinará se um alemão morrerá pelo país dele ou por você. Deixe o alemão ser o herói e você vai para casa para beijar sua garota!

O rosto de Hazel apareceu. Foi-se o jovem elegante que chamou sua atenção. Em seu lugar, havia um bruto coberto de sujeira. Mãos rachadas, unhas enegrecidas, um rosto sujo, uma barba desgrenhada.

Seus camaradas haviam mudado. Billy Nutley estava mais magro, mais musculoso do que corpulento. Seu rifle estava em seus braços enormes como um brinquedo. Chad Browning, o ruivo magro, ainda era magro, mas com uma postura de comando. Ele sabia para que servia sua arma. Mick Webber, pedreiro, era forte, mas agora era rápido e ágil, o primeiro a terminar cada pista de obstáculos.

Frank Mason ainda era Frank Mason. Isso era reconfortante.

Não era nada agora lançar o ferrolho, limpar a câmara, empurrar o ferrolho para trás para carregar a nova bala e engatilhar o gatilho, mirar e atirar. A manobra de ferrolho que tinha sido tão rígida e desajeitada no início agora era automática, sem esforço. Menos de um segundo no relógio. Transformou os soldados britânicos em máquinas de matar implacáveis. Armas letais nas mãos do marechal de campo Haig.

São eles ou você.

— Carregar!

Ele tirou o pente do bolso e colocou as balas na câmara.

— Mirem!

Ele olhou pela abertura para seu alvo. Algum esperto Tommy havia pintado "Wee Willie Winkie" no áspero recorte humano de madeira. Um dos muitos nomes do Kaiser Wilhelm.

— Mire, atire e observe para onde a bala vai. A diferença entre onde você mirou e para onde foi é o quanto você se ajusta a cada vez. Não há vento hoje, então a distância e a direção fornecem a tolerância que você precisará no futuro, a essa altura do campeonato.

Os soldados olharam para ver se estava tudo bem revelar que eles não tinham ideia do que ele queria dizer.

— Veja. É simples. Se você mira no meio do peito, mas a bala atravessa o cérebro, seu rifle dispara 30 centímetros mais alto do que você pensa. São vinte e cinco metros. Seria diferente se fosse mais longe. Então, se você quiser acertar o coração dele, mire na virilha. Se você acertá-lo na virilha, tudo bem também! Rifles para cima! Posição do galo!

James esvaziou os pulmões e engatilhou o rifle.

— Mirar!

Ele centralizou o localizador no buraco de visão e o estabilizou nos dois *L*s em "Willie". Seu dedo roçou o gatilho de aço curvo.

— Atirem!

Whump bateu a coronha do rifle em seu ombro. A bala atingiu o coração de madeira.

Webber, à sua esquerda, assobiou. — Olhe para você, Alderidge! Willie Winkie é um homem morto.

James não conseguia acreditar no que via. — Sorte de principiante.

— Nah. — disse Webber. — Bom olho.

Frank Mason protegeu o rosto do sol de inverno. — Boa arma.

— Agora, calcule qual deve ser a sua tolerância. — gritou o treinador. — Preparar? Pronto!

Ka-chunk. Dezenas de soldados, em simetria mecanizada e mortal, jogaram para trás seus ferrolhos e os empurraram para dentro. As câmaras cuspiram os cartuchos vazios das últimas balas. Eles caíram na lama.

— Calcular… mirar… atirar!

Outro tiro perfeito.

— Pronto! — *Ka-chunk.* — Leve essa nova margem em consideração. Faça a média dos dois. Mirar!

James se esvaziou de ar. Direto no coração.

— Atirar!

Dois centímetros de distância. Ainda fatal.

— Pronto!

Ka-chunk.

— Mirar!

O ar saiu.

— Atirar!

— Pronto!

— Mirar!

— Atirar!

— Isso é suficiente. Abaixem os rifles!

Tripas gastas jaziam espalhadas como sementes de passarinho a seus pés. Parecia que um cavalo havia chutado seu ombro. Mas seu pulso disparou. Ele *gostava* de atirar.

Que pena, pensou ele, os alemães não podiam ser feitos de madeira.

— Vou jantar com vocês agora. — disse o treinador. Ele acenou para outro oficial e puxou-o em direção ao alvo de James. Eles apontaram para seus resultados. Um pouco de orgulho não doeu em um dia frio. Ele poderia contar a Hazel sobre isso sem soar como um fanfarrão?

Ele juntou suas coisas e começou a se dirigir para o refeitório com os outros, quando um chamado do treinador o interrompeu.

— Espere aí, soldado…

— Alderidge. — disse James. Ele ficou em posição de sentido.

O treinador chegou ao seu lado, junto com o outro oficial. — Você é um caçador, Alderidge?

James balançou a cabeça. — Não senhor.

— Atira em pombos de argila?

— Não senhor.

— Mesmo. — o treinador coçou o queixo e olhou significativamente para o outro oficial. — Tiro impressionante, ali. Anotaremos isso em seu arquivo. — ele acenou com a cabeça para James. — Relaxar, soldado. Vou mexer com você.

AFRODITE

Garota Cantora — 12 de janeiro de 1918

OUTRA NOITE, alguns dias depois, encontrei Hazel e Colette ao piano, ensaiando.

A voz grave de Colette, abafada e baixa, era hipnotizante. Hazel não conseguia acreditar em seu talento. Sua voz crepitava de desejo. Talvez, Hazel pensou, deva sofrer muito para cantar assim. Ela sentiu o poder formigando em sua espinha.

Aubrey ouviu o canto da sereia, antes mesmo de jogar um punhado de pedras contra as janelas. Quem canta assim? Ele tinha que saber. Cantando estrangeiro, mas com aquela voz, e daí?

Ele jogou as pedras e esperou. Nada. Ele jogou outro punhado.

Hazel destrancou a porta e espiou pela esquina do prédio. — Quem está aí?

— Sou eu. — disse Aubrey, com uma reverência. — O Rei e o Imperador do Jazz.

— Aubrey! Você voltou! — ela acenou para ele entrar. — Demorou bastante.

Ele se encostou na porta. — Tenho estado muito ocupado com shows para chegar mais cedo.

— Que diversão! Você não vai entrar?

— Eu não tenho permissão. — disse ele. — Eu tentei vir esta tarde, mas uma senhora me mandou ir embora.

— Oh, Aubrey. Eu sinto muitíssimo. — Hazel se sentiu mal com isso. — Diga, por que você não entra agora?

Aubrey hesitou. — Não vamos ter problemas?

— Quem vai saber? A Sra. Davies foi para a cama. — Que violadora de regras ela estava se tornando! Mas algumas regras exigiam isso. — É vingança. Ela não me deixa tocar na cabana do Negro.

Aubrey seguiu Hazel para dentro. — Porque você não estaria segura lá. — disse ele amargamente.

Eles chegaram ao palco, onde Colette ordenou suas páginas de música e cantarolou trechos de uma música. Aubrey tirou a boina da cabeça e fez uma reverência profunda. Colette estava vestida, desta vez, com a blusa e a saia do uniforme, mas Aubrey não ficou de forma alguma desapontado.

— Aubrey Edwards, ao seu dispor. — ele disse a ela. — Prazer em conhecê-la.

— Você ainda não fez isso. — ela disse a ele.

— Então ficarei ainda mais satisfeito. — disse o inafundável Aubrey. — Quando você me conhecer. — ele olhou para Hazel e de volta para Colette. — Foi você que ouvi agora pouco, cantando?

Hazel observou Aubrey lançar seu charme em Colette. *Isso vai ser divertido.* Ela poderia ser fria como gelo. Quando os massagistas tentaram chamar sua atenção, ela apenas sorriu e serviu limonada.

O rei olhou na direção de Hazel. Ela podia ver seus olhos brilhando. — Vossa Senhoria, — disse ele em um sussurro encenado. — você vai me apresentar a essa sua adorável amiga ou preciso adivinhar o nome dela?

— Seria divertido ver você tentar. — disse ela. — Esta é minha amiga Colette Fournier. Cantora extraordinária. Colette, este é Aubrey Edwards, Rei e Imperador do Jazz.

Colette estendeu a mão para apertar, mas Aubrey a beijou.

— O que é "jazz"? — perguntou Colette. — É assim que você chama a música que a banda tocou aqui na semana passada? *C'était fantastique!*

Ele inchou como uma rã-touro. — Isso é jazz ou algo parecido. — disse ele. — Não somos apenas a melhor banda do Exército dos EUA. Nós somos a melhor banda em toda a maldita guerra. Vamos libertar você e, em seguida, excitar você com nossa batida de jazz.

— Veja o que ele pode fazer, Colette. — Hazel gesticulou para Aubrey em direção ao banco do piano.

Ele encontrou a melodia da música dela e explorou os acordes até transformá-la em um trapo.

Para ele, era brincadeira de criança, mas para Colette, Aubrey tinha musicalmente dividido o Mar Vermelho.

— Faça isso de novo. — exigiu Colette.

Aubrey ficou feliz em atendê-la. Logo eles estavam tocando sua outra partitura.

Apolo, você se lembra como era isso, para os músicos que experimentavam pela primeira vez o batismo de fogo que era o jazz. O jazz agarrou Colette. Sua mente fervilhava, seus quadris balançavam. Foram-se os velhos refrões melodramáticos e melodias banais e alegres. Eram lâmpadas de óleo se tornando luzes elétricas. Foi uma dinamite. Voodoo. Feitiçaria.

Foi *sexy.* E também o era seu sumo sacerdote no banco do piano. Ele tocou para Colette com um brilho de tem-mais-de-onde-isso-veio nos olhos. Ela percebeu que seu olhar voltava para ele com mais frequência do que deveria. E se demorava lá.

Non, Colette disse a si mesma. *Non, non, non.*

Mas havia algo sobre o Rei do Jazz que não era apenas a música.

Aubrey nunca tinha encontrado perfume Rococó, direto de Paris, e cachos curtos e elegantes presos assim, tão glamorosos e ousados. E a figura dela! Mas foi a voz dela que o fisgou. Ela sabia para onde ele levaria a música;

quando ele improvisava, ela o seguia, e às vezes até o guiava para modular para uma nova tonalidade.

Hazel começou a bocejar. Já estava ficando tarde. A hora de dormir havia chegado.

Aubrey levantou. — É melhor eu ir. — As palavras mais difíceis que ele disse em um tempo.

Colette ofereceu-lhe a mão. — *Enchantée.*

— Boa noite, Aubrey. — disse Hazel.

Ele foi até a porta. *Elas não o convidaram a voltar,* disse a voz de sua mãe.

Ele sorriu para o ar frio da noite. *Quem precisa de convite?*

APOLO

A Manhã Seguinte — 13 de janeiro de 1918

— ONDE *VOCÊ* ESTAVA ontem à noite?

Joey Rice deu um cutucão nas costelas de Aubrey. Eles estremeceram na fila, esperando pela sua vez na latrina.

— Você parece um cadáver. — disse Joey. — Eu ouvi você entrar. O que foi, perto da meia-noite?

Aubrey esfregou os olhos. — O que te importa, Rice? Eu perturbei seu sono da beleza?

Joey cutucou Aubrey no peito. — Tive que mentir para o tenente Europe e dizer que você estava na enfermaria ontem à noite, quando as luzes se apagaram.

Isso chamou a atenção de Aubrey. — Ele estava procurando por mim?

— Você tem sorte de não ter sido o Capitão Fish. Eu disse a ele que você era corajoso.

— Caramba, valeu. — ele pulou em um pé. — Mais rápido, rapazes! Eu tenho que ir!

— Sério, — disse Joey. — onde você foi?

Aubrey hesitou, então cedeu. — Você tem que manter isso em segredo. — ele falou no ouvido de Joey. — Eu conheci alguém.

— Aqui? — os olhos de Joey se arregalaram. — Ela é bonita?

Os olhos de Aubrey rolaram para o céu. — Oh cara. Você nem sabe.

As sobrancelhas de Joey se ergueram. — Você fez...?

Aubrey o empurrou no ombro. — Cale a boca, Rice. — disse ele. — Não é desse jeito.

— Bem, não fique chateado comigo. Só estou perguntando. — ele esfregou o ombro. — Então, ela está na cabana Y no acampamento Lusitânia? Eles têm algumas garotas boas de se olhar. Estritamente profissional, a maioria delas.

Aubrey se lembrou do perfume de Colette. — Nah. — ele disse. — A garota que conheci é belga.

A boca de Joey ficou aberta.

— Você parece um bacalhau. — Aubrey disse a ele. — Relaxe. O oficial está nos observando de forma engraçada.

Joey fechou a boca. Depois de um minuto, ele sussurrou mais uma vez para Aubrey.

— Então você encontrou uma prostituta belga. — disse ele. — Você foi para a cidade sozinho?

Aubrey cravou dois nós dos dedos entre as costelas de Joey.

— Ai!

— Diga isso de novo, — Aubrey sibilou. — e eu vou te nocautear. Eu disse que não era assim.

Joey empurrou Aubrey para longe. — Pare com isso. — disse ele. — Eu sou a razão pela qual você não está na prisão esta manhã. Então, eu ficaria tranquilo se fosse você.

Aubrey considerou. Ele pode precisar de um aliado novamente. Ele definitivamente iria voltar lá.

— Bem, — disse Joey. — como ela é? Além de bonita.

Aubrey suspirou. — Você deveria ouvi-la cantar. — disse ele. — Nos Estados Unidos, ela poderia ser uma estrela.

— O quê, eles não têm estrelas aqui na Europa?

Outro soldado desocupou a latrina.

— Por falar na Europa, — disse ele. — o que o Tenente Europe queria comigo ontem à noite?

Rice fingiu tocar corneta. — Algo sobre o ensaio da banda esta noite.

Aubrey bateu com a mão na testa. — Esta noite? Merda!

— Qual é o problema?

Aubrey balançou a cabeça. — Eu ia vê-la esta noite.

— Olha, — disse Joey. — o Capitão Fish não quer que nos envolvamos com garotas, ponto final. — ele baixou a voz. — E se você se envolver com uma garota branca, haverá problemas.

Aubrey não estava com humor para uma lição de moral. Ele começou a desejar não ter aberto a boca. — Esqueça. — disse ele a Joey. — Eu acabei de conhecê-la, certo? Eu não a propus em casamento.

Joey o ignorou e foi a todo vapor. — Foi bastante difícil chegar aqui. Não estrague tudo. Nosso trabalho é trabalhar duro, tocar boa música e sorrir muito, não importa o que aconteça. Você se enrosca com alguma bela garota branca, não uma prostituta, quero dizer, e você vai acabar sendo morto. — ele baixou a voz. — Eu ouvi caras conversando. Sobre um regimento de fuzileiros navais. Muitos sulistas têm feito ameaças.

Aubrey se desvencilhou. — Relaxe, Rice. — disse ele. — Você se preocupa como minha mãe. — ele deu um tapinha no ombro de Joey. — Você vai ver. Eu vou ficar bem. Nada de ruim vai acontecer com Aubrey Edwards, Rei e Imperador do Jazz.

— Exceto que vou arrancar essa sua grande cabeça de seus ombros magros.

— Eu gostaria de ver você tentar.

— Você é o Rei dos Estúpidos, é o que você é.

— Então você é meu súdito leal. Quem você está chamando de magro?

Finalmente, eles foram os próximos para a latrina. Um soldado saiu, beliscando o nariz.

— Deixe-me entrar. — disse Joey. — Eu vou explodir.

— De jeito nenhum. — Aubrey disparou à frente e o venceu. — Você disse que eu sou corajoso. Não seria certo fazer de você um mentiroso.

APOLO

No Ensaio da Banda — 13 de janeiro de 1918

SEGUI AUBREY até o ensaio da banda naquela noite para o lembrar de seus objetivos. Aqui, eu pensei, Afrodite não colocaria suas garras nele. Sem ofensa, Deusa.

— Eu disse, ouçam! Seus clarinetes, calem a boca e ouçam!

Os olhos do Tenente Europe fitaram a 15ª Banda do Exército.

Aubrey pensou que o barulho dos címbalos acalmaria a todos, então ele fez um. O tamborim Major Noble Sissle, o vocalista barítono da banda, bateu na cabeça de Aubrey.

— Ai!

Meio minuto do olhar de acusador de Europe finalmente envergonhou a banda até que eles se calassem.

— Tudo bem, tudo bem! — disse Europe. — Temos muito trabalho esta noite. Mais duas apresentações esta semana. Uma na Cabana Dois e uma no Campo Lusitania Y. Somos um grande sucesso, pessoal, com todas as tropas. Oficiais também! Vocês se saíram muito bem.

Europe se permitiu um sorriso enquanto a banda gritava e aplaudia.

Aubrey esfregou a nuca. Da próxima vez, ele usaria sua boina para o ensaio.

— Não só isso, — continuou o diretor da banda — mas há rumores de que iremos pegar a estrada, por toda a

França. Uma viagem de boa vontade para elevar o moral até que o exército americano esteja aqui em total vigor.

Aubrey deveria estar animado. Esta era a pausa que eu precisava para ele. Mais concertos! Ele, uma vez, sonhou em tocar pela França. Agora ele não tinha nada além de um rosto bonito em sua mente.

— É como eu disse a vocês. — disse Europe. — Estamos salvando vidas, com um pouco de *jazz* de cada vez.

Brincadeira, brincadeira.

— Um *baú* de cada vez. — disse Alex Jackson, tuba. Murmúrios ecoaram pela banda.

— Olha, eu sei que vocês estão cansados de descarregar baús e caixas. — disse o tenente Europe. — Viemos para a França para lutar, então vamos lutar. O Coronel Hayward está organizando as coisas. Mas também viemos tocar jazz. Então vamos fazer isso. Sis, passe essa música nova por aí, está bem? É rotulado por instrumento.

Noble Sissle pegou a pilha de páginas e começou a distribuí-las para a banda.

O tenente Europe consultou suas notas. — Agora, vamos ver. Ah, sim. Seus flautins, vocês estavam se arrastando duas noites atrás em "Stars and Stripes Forever". O que eu sempre digo? Sem vocês, é apenas um monte de chifres barulhentos. Se vocês não ouvirem esses trinados na hora certa e no tom, Deus me ajude, vou pegar uma flauta e cantarolar alto no fundo de suas cabeças, estão me ouvindo?

Murmúrios e acotoveladas entre os instrumentos de sopro.

O mestre da banda voltou às suas notas. — Ah. Veja só, rapazes: o exército assumiu um resort de luxo para as tropas americanas de licença. — disse ele. — Um lugar chamado Aix-les-Bains. Tem banhos e um spa, montanhas e um lago. Cassinos, teatros, o que quiserem. Um ótimo lugar. J. P. Morgan e a Rainha Victoria costumavam passar

férias lá. Iremos no final da nossa tour. Nós somos o ato de abertura.

— Nos mandando lá para relaxar? — perguntou Pinkhead Parker, saxofone.

— Para tocar música, não roletar. — respondeu Europe. — Talvez, no tempo livre, você possa, mas…

— Mas o quê? — exigiu Pinkhead.

Europe fez uma pausa. — Nós somos o entretenimento. — disse ele. — O resort não é para soldados negros.

O silêncio, aquela coisa rara, caiu sobre a banda.

— Assim como em Nova York, tocando para os ricos. — disse Pinkhead. — Use a entrada de serviço e coma sua sopa na cozinha.

Jim Europe suspirou. — Vamos achar alguma coisa, certo? — a banda estava cheia de expressões planas. — É um lugar grande. Vou fazer o que puder para garantir que vocês se divirtam.

O tamborim Major Sissle entregou a Aubrey sua música. Ele pegou sem muito interesse. Sair de Saint-Nazaire? Para tocar Dixieland em algum resort chique?

Vamos, Aubrey. Esse tipo de chance é o motivo pelo qual você se alistou. Aproveita!

Mas tudo em que ele pensava era naquela garota. Não, naquele momento, que ótima musicista ela era, nem como eles poderiam duelar para a fama. Este foi o seu trabalho sujo, Deusa.

— Edwards… Edwards!

Aubrey piscou. O Tenente Europe estava com os punhos na cintura e o encarava.

— Você está conosco hoje, ou o quê, soldado?

Aubrey se endireitou e segurou suas baquetas.

— Talvez você queira dar uma olhada em sua música, de vez em quando?

Qualquer idiota poderia ler uma batida de tambor se entendesse o ritmo. Aubrey era feito de ritmo.

— Entendo, senhor, tenente, senhor!

— Agora sim.

Risadinhas correram através dos instrumentos de sopro.

Aubrey olhou em volta. Atrás do Tenente Europe, de um lado, estava Noble Sissle, todo sobrancelhas e pontos de exclamação, segurando uma partitura e apontando com força para o topo.

"Reveille Blues" dizia. Por A. Edwards. Orquestração por Jas. R. Europe.

— Ah. — disse Aubrey.

Você está a caminho, eu disse a ele. Quase vinte anos, e Jim Europe está anotando e tocando sua música! O futuro é seu! Este é o seu momento. Você está em uma bifurcação. Um caminho leva a certa dor de cabeça. O outro, a imortalidade. Escolha sua música!

Mas ele só conseguia pensar em como soaria se Colette cantasse junto.

Deusa, eu te digo, você não luta justo.

ARES

Nas Trincheiras — 9 de janeiro de 1918

NADA NESTE mundo preparou James Alderidge para a vida nas trincheiras.

A mensagem veio. Tropas de reposição necessárias nas trincheiras. Formando uma nova seção. Preparem suas mochilas e espere para conhecer seu comandante.

Eles comeram, enviaram cartas para casa no caso de serem as últimas, fizeram uma prece se fossem desse tipo e amarraram suas trinta libras de equipamento. Seis novos recrutas: James Alderidge, Billy Nutley, Mick Webber, Chad Browning. Um Alph Gilchrist e um Vince Rowan. Dois soldados que voltaram: Frank Mason, a quem eles conheciam, e Samuel Selkirk, a quem eles não conheciam.

Um oficial apareceu. — Bom dia, rapazes. — disse ele. — Eu sou o Sargento McKendrick. Esta seção está sob meu comando. Vocês são a 3ª Seção, 1° Pelotão, Companhia D, 39ª Divisão.

3ª, 1º, D, 39ª. Localizada fora da cidade de Gouzeaucourt. James tentou arquivar onde pudesse se lembrar.

— Abotoe o botão de cima, soldado. — disse o sargento a Billy. — A vestimenta eslovena é punível.

Ele trilhou seu caminho para baixo da linha. — Quem te ensinou a embrulhar suas perneiras assim, soldado? — as tiras de pano enroladas nas pernas de frango de Chad

Browning caíram. — Somos soldados, não múmias, pelo amor de Deus.

Resolvida a emergência, o sargento ordenou que abrissem suas mochilas para inspeção. Eles as tiraram das costas e as abriram. Quando satisfeito, ele os liderou em sua marcha.

Eles passaram por montes de artilharia, cozinhas de campo e estações de tratamento de feridas, passando por cavalos vivos e cavalos mortos e caminhões e motocicletas. De vez em quando, de maneira preguiçosa, projéteis de artilharia avançavam das linhas alemãs e explodiam, lançando gêiseres de terra.

Um pousou perto o suficiente para que sentissem o impacto, e alguns dos novos homens gritaram.

— Isso não é nada. — disse o sargento. — Só um solavanco. Nem nos derrubou. — ele apontou. — Vê aquela fumaça preta? Isso é um Jack Johnson. Como o boxeador americano, vocês sabem. Grande camarada negro. Você aprenderá como identificá-los pelo barulho que eles fazem.

Logo, paredes de terra se ergueram ao redor deles. Quando menino, James visitou grandes propriedades rurais antigas, onde por um centavo você podia vagar por um labirinto no jardim de sebes altas. Ele os odiava, embora eles, pelo menos, fossem feitos de arbustos floridos, e os jardineiros do campo nunca atiravam mísseis da trincheira.

Este labirinto serpenteava continuamente. Os corredores escuros viravam em ângulos retos a cada dois metros, então você nunca sabia se estava em sintonia com os outros, a menos que os encontrasse ou se colidissem com você. As passagens estreitas não cabiam duas pessoas lado a lado, então eles se achataram contra a parede para permitir a passagem dos maqueiros.

— Qual é o problema, soldado? — o sargento McKendrick observou James encarar um homem que gemia em uma maca com sangue escorrendo pela camisa. — Este é um setor silencioso. Você espera que seja.

— Tente não parecer chocado. — Mason disse a ele baixinho. — Não adianta ficar verde aqui.

James perdeu todo o senso de direção. Ele tentou imaginar os diagramas que vira no treinamento na Étaples. Faça ziguezague nas linhas de tiro da frente, depois nas linhas de apoio e, em seguida, nas linhas de reserva, todas mais ou menos paralelas, com trincheiras de comunicação correndo entre elas como filamentos em uma teia de aranha. Atrás das trincheiras de reserva, uma fileira de canhões pesados, tripulados por soldados de artilharia. Na trincheira da linha de fogo de frente para a terra de ninguém, de onde saíam pequenos tiros para espionar os alemães, os soldados eram chamados de babacas. O que importava o nome que você chamasse? Uma trincheira com qualquer outro nome teria o mesmo cheiro ruim, certo?

Cheiravam a carne humana podre, urina e fezes. E cigarros baratos.

O caminho abriu para uma curva à direita, revelando uma trincheira mais ampla. Parecia menos uma passagem e mais uma sala de espera sem cadeira, onde homens sujos faziam fila interminável para ver um dentista. Alguns soldados se esticaram com as cabeças em suas mochilas ou sacos de areia para dormir.

Aqui o sargento McKendrick se dirigiu a eles. — Lar doce lar, rapazes. — disse ele. — Vocês vão passar dez dias aqui na reserva, depois passar para as linhas de apoio. Dez dias lá, e vocês passaram para a Frente. Depois disso, se tudo correr bem, vocês terão alguns dias de descanso.

Trinta dias nas trincheiras. Será que descanso significa ir embora e ver Hazel?

— É claro, — acrescentou o sargento. — se os alemães atacarem, todo o plano vai bagunçar. — ele olhou ao redor. — Bem, rapazes, sintam-se em casa. Os veteranos aqui podem ajudá-los. Eles são da 39ª Divisão, assim como vocês. 2ª Seção. Agora, relaxe seus pés até a hora do

almoço, e depois disso teremos treinamento com máscara de gás. — e ele se foi.

Os outros soldados se desprenderam das paredes da trincheira onde estavam inclinados e vieram farejar as novas adições à matilha.

— Bem-vindos ao lar, meus queridos. — disse um, um sujeito rijo e magro. — O que vocês me trouxeram?

Billy, Chad e Mick se entreolharam. James olhou para Frank Mason em busca de alguma dica.

Mason tirou uma lata de cigarro do bolso. — Caixa aberta. — Billy, Chad, Mick e James ficaram olhando. Cinco ou seis soldados experientes, aguardando, não perderam tempo se aglomerando ao redor de Mason e agarrando seu Woodbines, com gritos de "Obrigado, amigo" e "Aqui está um amigo".

— Caixa fechada. — Mason embolsou a lata. Os soldados que não pegaram não estavam amargos.

Chad sussurrou no ouvido de James. — Ninguém nos disse que devíamos trazer um suborno.

— Eu sou Frank Mason. — disse Frank aos rapazes da 2ª Seção. — Como é lá em cima?

— Muito quieto. — disse um soldado de rosto largo e atarracado. — Benji Packer. Não ouvimos muito dos Fritz, exceto no caso de uma rendição ou trégua temporária, e mesmo assim, você sabe que o coração deles não está nisso.

James estava confuso. — Mas então, o que temos ouvido o dia todo?

Os homens da 2ª Seção riram. — Qual é o seu nome, garoto?

— James Alderidge, — ele disse. — De Essex.

— É a artilharia alemã. — disse Packer. — Mas isso é apenas os Fritz espirrando de vez em quando.

Outro soldado deu uma tragada no cigarro. — Espere até ele realmente pegar um resfriado.

— Mas vou te dizer uma coisa, — disse o sujeito mais alto e magro. — algo está acontecendo. Eu ouvi o ajudante conversando com Feetham...

James interrompeu. — Feetham?

Várias cabeças se viraram em sua direção, como se essa fosse uma pergunta embaraçosa. — Da brigada, Gerenal Feetham. — disse um soldado pesadamente sardento. — Comandante Oficial da 39ª.

Ajudante: um capitão e assessor do CO, oficial comandante. General de brigada: chefe de uma brigada ou, neste caso, de uma divisão. Então, o ajudante era assessor do General Feetham da brigada.

Pelo menos, James tinha quase certeza de que era assim que funcionava.

— A linha do 5° Exército continua se espalhando. — disse o sujeito bem informado. — Eles nos deram muitos quilômetros para cobrir. Estamos espalhados demais. Não temos soldados suficientes para defender eles. É por isso que eles apressaram vocês, rapazes, para o exército e para a Frente.

Sam Selkirk, que tinha visto o serviço antes, falou. — O que há do outro lado? Quantas divisões alemãs têm? — Selkirk tinha o rosto de um basset hound. Era difícil não olhar.

— Quem é você? — perguntou o magro capitão da 2ª Seção.

— Sam Selkirk. — disse o basset hound.

O outro acenou com a cabeça em saudação. — Clive Mooradian. Prazer em conhecê-lo. — ele soprou a fumaça para dentro do bolso do casaco.

Isso deixou Chad Browning curioso. — Aqui, por que você fez isso?

— E você é?

— Browning. Chad Browning.

— Bem, soldado Browning, — disse Clive Mooradian. — há meia dúzia de nós aqui fumando. O que você acha que

vai acontecer a seguir se deixarmos a fumaça subir como ela quiser?

Chad coçou a cabeça. — Er... Eu não sei.

— Os Fritz saberão exatamente onde estamos, não é?

Chad parecia um idiota. — Você está me dizendo que os Fritz não sabem que estamos aqui?

A 2ª Seção achou isso hilário. — Claro que eles sabem que estamos nas trincheiras, idiota. Se eles puderem dizer pela fumaça que um punhado de nós está relaxando aqui, fumando, eis o que vai acontecer. Seus bombardeiros vão lançar uma granada bem em nosso colo. Ou seus atiradores irão virar sua mira neste local, esperando que um de nós coloque a cabeça para cima. — ele olhou para Billy Nutley. — É melhor você encontrar uma maneira de ficar mais baixo, cara, se quiser passar por essa semana.

Billy se encolheu o melhor que pôde. Em breve suas costas doeriam como o diabo.

Frank Mason soprou a fumaça pelo casaco. — Mooradian, — disse ele calmamente. — você disse que ouviu o ajudante falando com Feetham. Isso é tudo que você ouviu? Sobre o estreitamento da linha?

Clive Mooradian bateu a cinza da ponta do cigarro. — Não, não é. — disse ele. Ele olhou em volta para se certificar de que nenhum oficial ou sargento (suboficial) estava perto o suficiente para ouvi-los. — A Rússia está saindo da guerra, sabe? Eles se tornaram comunistas lá, e o novo governo quer sair da guerra antes que os alemães matem todos os cossacos famintos.

— E daí? — disse Chad. — O que um bando de russos tem a ver conosco?

Clive lançou-lhe um olhar de desdém. — Pense, seu idiota. Os alemães e russos estão em negociações de paz, certo? E quando eles assinarem um armistício, para onde você acha que todos aqueles exércitos alemães da Frente Oriental irão? Voltar para casa para beijar Úrsula e Hildegard?

— Se eles não fizerem isso, — disse um homem mais velho da 2ª Seção, balançando as sobrancelhas. — eu vou.

— Vá em frente, Casanova. — disse Benji. — Diga aos velhos Fritz para trazer as irmãs deles para a Frente por você.

— Cale a boca, cale a boca. — disse Clive casualmente. — Você está destruindo minha história.

— Eles virão aqui. — disse James. — É isso que você quer dizer, não é, Mooradian?

— Isso mesmo, gênio. — Mooradian apontou o cigarro para James. — Quem é esse jovem inteligente? Oh. Certo. Você é Jimmy. Então, Jimmy, quanto tempo a Frente Oriental está aqui?

James encolheu os ombros. — Não sei. Muito mais tempo.

— Você não está nem um pouco certo. *Muito mais.* Teremos o dobro, o triplo dos soldados alemães, toda sua artilharia e aviões. Enfrentando nossa linha tênue do Quinto Exército. Quanto tempo você acha que vamos durar?

Frank Mason falou. — E o Rio Oise? — ele disse. — Eles disseram que é tão úmido e ensopado, é uma defesa natural, então uma linha mais fina estaria bem. Os alemães não podem cruzá-lo facilmente.

— Melhor esperar que sim. — Benji deu uma tragada no cigarro. — Parece que estamos apostando no cavalo errado.

— Mas os americanos estão chegando. — disse Mick Webber.

— Viu algum sinal deles? — respondeu Mooradian. — A essa altura, eles chegarão aqui a tempo de brindar a vitória dos alemães.

Sam Selkirk, basset hound, balançou a cabeça. — Será o Linchamento de novo.

Frank Mason, vendo a perplexidade de seus camaradas, traduziu. — Ypres. Bélgica.

— O que ele quis dizer, — disse o soldado Mooradian. — é que será suicídio.

AFRODITE

Pego — 15 de janeiro de 1918

AUBREY VEIO à cabana Y em sua próxima noite livre.

Eles se sentaram ao piano. Hazel no banco e Aubrey à sua direita. Quando Colette se sentou ao lado de Aubrey, Hazel se viu escorregando da beirada e arranjou uma cadeira.

Aubrey tocou, lembrando-se de não olhar para Colette. Ele tinha que ouvi-la cantar. Observar seus movimentos. Ela usava um vestido azul escuro esta noite. Sem o uniforme rígido. Um cacho escuro escapou de seus grampos de cabelo e ficou pendurado ao lado de sua orelha.

Ele apontou para uma melodia de guerra francesa. — O que você acha de fazer assim? — ele começou a tocar com uma batida lenta, sonolenta e leve.

— Como você chama isso? — perguntou Colette.

— Síncope. — disse Aubrey. Deus, ela era linda. Tão intensa, como se ela quisesse arrancar respostas dele. *Afaste-se, mademoiselle.*

— Como faz isso? — ela perguntou. — Isto… vira a música do avesso. Ele protesta o, como posso dizer, o adequado, o abafado… Hazel, o que eu quero dizer?

Hazel mordeu o lábio. — Isso o subverte. — disse ela lentamente. — Isso torna a música uma rebelião.

— Uma rebelião. — disse Aubrey. — Eu gosto disso, Lady Hazel de la Windicott.

Colette entregou a Aubrey uma velha canção de despedida francesa. Ele tocou devagar, sombriamente. Colette entendeu imediatamente. Ela cantou, sabendo exatamente que tom adicionar para torná-la um blues.

— Onde, Srta. Fournier… — Aubrey começou.

— Colette, por favor. — disse ela.

Primeiro nome! — De onde, Colette, vem essa raiva?

Colette sentiu-se subitamente exposta. — Raiva?

Aubrey acenou com a cabeça. — Olhando para você, você é uma senhorita sofisticada sem nenhuma preocupação no mundo. Mas quando você canta, *nossa!*

Nossa, o quê? Colette temeu que ela estivesse corando. Isso não acontecia há muito tempo.

— Há muita coisa engarrafada aí. Emoção. Intensidade. Raiva não é bem a palavra, mas é o mais próximo que consigo encontrar.

Colette baixou os olhos para o colo. — Talvez seja só porque eu canto alto. — disse ela. — Meu diretor do coral costumava me repreender por isso.

— Qualquer um seria louco se te repreendesse pela maneira como você canta. — disse Aubrey. — Quero levar uma voz assim comigo para a estrada e torná-la famosa em todo o mundo.

Colette observou o rosto de Aubrey. Ele estava apenas a bajulando? Seus olhos escuros encontraram o olhar dela sem se desculpar.

Mon Dieu, ela estava olhando para ele? Ela estava *encarando ele*. Rapidamente, ela desviou o olhar. Ela deveria ir embora. Agora.

Hazel, observando-os, desejou poder sair na ponta dos pés em silêncio, sem que percebessem.

Aubrey estava tocando a introdução de uma nova música quando Hazel estalou os dedos. Ela tinha ouvido algo. Uma porta se abrindo. De um dos quartos perto da porta da frente.

As mãos de Aubrey congelaram sobre o teclado.

— Abaixe-se. — sibilou Colette. Ela empurrou a cabeça de Aubrey em direção ao marfim, fora da vista de qualquer pessoa abaixo do palco. Ela se levantou rapidamente, gesticulando para que Hazel também se levantasse.

— O que está acontecendo aqui?

A Sra. Davies apareceu em um robe e uma boina com babados empoleirados sobre os rolos em seus cabelos grisalhos.

Hazel se levantou, seu coração batendo forte e seu rosto corando. Ela era a pior mentirosa do mundo.

— Sinto muito, Sra. Davies. — disse Colette calmamente. — Não queríamos incomodá-la.

— Estávamos praticando. — disse Hazel. O tremor em sua voz era tão óbvio quanto parecia?

Aubrey, curvado atrás do gabinete de madeira do piano, tentou não respirar. Ele estava livre para cobiçar Colette dos ombros para baixo naquele momento, e ele se aproveitou disso.

Se as meninas fossem pegas, seriam demitidas em desgraça pelo YMCA. Elas provavelmente não teriam permissão para trabalhar para uma organização de ajuda humanitária novamente. Mas se Aubrey fosse pego? A desobediência militar teria consequências terríveis. Às vezes fatais, para servir de exemplo aos culpados.

A enormidade de seus crimes tornou-se agonizantemente real.

— Não há necessidade de você praticar quando pessoas decentes estão dormindo. — disse a Sra. Davies. — Vão para a cama, agora.

— Nós iremos, agora mesmo. — disse Colette.

A Sra. Davies fez uma careta, como se quisesse dizer, ela não era do tipo que se incomodava com tamanha flama.

— Vão? — a secretária exigiu. — Estou à espera.

— Oh. — disse Colette suavemente. — Você deseja nos ver ir para a cama antes de ir você mesma. — como se isso fosse totalmente razoável, e nem um pouco insultuoso para

duas jovens com idade suficiente para estarem longe de casa por conta própria. Calmamente, lentamente, até mesmo vagarosamente, ela recolheu e endireitou sua música. Hazel tentou fazer o mesmo apertando as mãos.

Colette saiu do palco como se não se importasse com o mundo, e Hazel a seguiu.

— *Bonsoir,* senhora Davies*,* — disse Colette. — Vejo você pela manhã.

— Boa noite, Sra. Davies. — Hazel murmurou, temendo que as palavras pudessem acidentalmente sair como: "Boa noite, Sra. Davies, estamos escondendo um soldado atrás do piano".

Ela fechou a porta do quarto e esperou, ouvindo por uma eternidade por qualquer som.

Colette se preparou para dormir e deitou-se para ler. A noite ficou quieta. Aubrey deve ter escapado, e pelos sons oscilantes que vêm através da divisória, a Sra. Davies também adormeceu.

O livro não conseguiu prender sua atenção, então ela desligou a luz e começou seu ritual noturno de visitar seus mortos. Ela descobriu um truque, anos atrás: se ela pensasse em seus pais, seu irmão, seu primo, seus tios, todas as noites, se ela convocasse seus rostos e pensasse neles, um por um, ela teria menos probabilidade de sonhar e ver sangue – menos probabilidade de sonhar, e se afogar em angústia.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, seus pensamentos não permaneceram treinados naqueles rostos queridos. Por mais que tentasse, seus pensamentos continuavam voltando para Aubrey Edwards.

Ela não tinha certeza do que tinha acontecido naquela noite. Ela não tinha visto essa tempestade se formando no horizonte. O Rei do Jazz era um furacão e, de alguma forma, ela se esqueceu de fechar uma das janelas.

Ela teria que ser mais cuidadosa da próxima vez.

APOLO

Meia Hora — 15 de janeiro de 1918

MEIA HORA é muito tempo para sentar atrás de um piano no escuro e esperar que alguma velha chata vá dormir. Aubrey ficou acordado sonhando com Colette. Lá ela estava deitada, em sua cama, a quinze metros de distância.

Oh senhor. Na cama dela. Naquela camisola de seda. Roxa. Era roxa.

Não havia nada entre eles, exceto uma parede divisória fina. O que ele daria…

Nada além de uma parede divisória fina e o Exército dos Estados Unidos.

E se ele entrasse na ponta dos pés, a abraçasse e a beijasse?

Aubrey Edwards – ele ouviu a voz de sua mãe – *ela nunca disse que queria te beijar. Ela simplesmente gosta da sua música.*

— Dê-me um tempo, mamãe, e tocarei meu caminho até o coração dela. — ele sussurrou.

Esqueça as meninas, eu disse a ele. *Toque o seu caminho para a vida que você sonha. Toque seu caminho para se tornar uma lenda.*

Mas ele tinha outras coisas em mente.

Quando Aubrey não aguentou mais a espera, ele tirou as botas e andou na ponta dos pés pelo palco, tateando o caminho até as escadas. Ele desceu e saiu pela porta.

Ele enfiou os pés de volta nas botas e partiu para seu próprio quartel.

Então ele ouviu. Um clique. Ele congelou.

O clique inconfundível de uma pistola.

Polícia Militar. Ele deveria saber. Mas quem quer que seja não disse nada.

Finalmente, ele não aguentou esperar. — Quem está aí?

Um passo. Aubrey se virou para encará-lo.

— Quem está aí? — ele repetiu. Ele não conseguia ver nada na escuridão. Mas ele sentiu alguém ali. Mais de um? Ele se agachou, enrolando seus músculos, pronto.

— Eu vi você entrar lá. — disse uma voz suave do sul.

Não é a polícia militar. Eles seriam diretos.

— Eu estava apenas tocando uma música — disse Aubrey. — A senhora aí diz que eu posso. — isso o deixou doente, precisando invocar a permissão de alguma pessoa branca.

— Nós dizemos que você não pode.

— Quem é nós? — ele apurou o ouvido para ouvir se havia mais alguém ali. Ele tentou pensar. Estava escuro. Se ele não podia vê-los, talvez eles não pudessem vê-lo. Ele se preparou para saltar.

Aubrey conhecia as histórias de sua mãe. Ela sabia, crescendo no Mississippi, o que poderia acontecer aos negros que colocassem um pé fora da linha. Seu irmão, o tio de Audrey, Ames, nunca mais foi o mesmo depois da noite em que uma gangue de bêbados brancos o espancou. Ele tocou Dixieland em um clube Biloxi e sorriu, disseram, para algumas senhoras brancas.

Agora, pelo que Aubrey sabia, era apenas um soldado. Um garoto procurando briga. Se fosse uma luta que ele queria, Aubrey daria uma a ele. Ele só tinha que tirar a arma da jogada.

— Vocês negrões, — *Negros* na língua dele. — vocês têm uma cabana própria. Se você quiser brincar com suas próprias garotas negras, isso é entre você e o Tio Sam.

Cuidadosamente, Aubrey levantou um pé.

— Aonde você vai, Negro?

— Lugar nenhum.

— Isso mesmo.

A cabeça de Aubrey girou. Isso *não* poderia estar acontecendo. Esse garoto estúpido iria matá-lo.

— O que você está planejando fazer? — Mantenha ele falando. Era o único plano de Aubrey.

— Vou te dizer o que não vamos fazer. — ele se aproximou. — Não vamos deixar que vocês negros tenham um gostinho das mulheres brancas. É por isso que vocês estavam com tanta pressa de ir para a França.

Aubrey teve vontade de vomitar. *Um gostinho.* Como se eles fossem arriscar suas vidas, sair de casa e aguentar toda essa merda preconceituosa de caipira no exército, só para colocar as mãos em garotas brancas.

Dignidade e orgulho. Eles não podem tirar isso de você.

Mas eles podem chegar muito perto.

— Não podemos deixar vocês estragados, podemos? Você vai querer nossas garotas brancas e achar que esse uniforme lhe dá o direito.

Esqueça as armas. A raiva mataria Aubrey Edwards. Explodiria suas veias. Enviaria fogo disparando de suas mãos. O insulto cruel a todo homem, mulher e menina negra! Sua mãe mal-humorada, sua irmã elegante. Ele iria para a garganta, e com suas próprias mãos, ele iria…

…fazer a última coisa que ele fez neste mundo.

Aubrey tinha algumas outras coisas que gostaria de fazer com as mãos antes que sua vida acabasse.

— Já esteve com uma garota negra? — Aubrey perguntou.

Uma risada baixa foi sua resposta. Aubrey devia àquele garoto uma surra por causa daquela pobre garota. Ele não tinha ilusões sobre ela ser uma participante voluntária.

— Por que você se rebaixaria tanto, — Aubrey perguntou. — se as garotas brancas são muito melhores?

Ou você não pode conseguir uma para si?

Um bufo de raiva. — Cale a boca.

Aubrey cambaleou. *Havia* uma arma carregada? O quanto ele queria descobrir?

Ele já havia lutado antes. Upper Manhattan não era um piquenique de domingo.

Ele se agachou. O cara branco não fez nenhum movimento. Aubrey pegou um pouco de neve.

Ele esperou. Seus dedos se transformaram em pingentes de gelo. Ele só precisava quebrar o foco do outro cara.

Ao longe, no caminho, um dos quartéis acendeu uma luz. O fantoche de sombra do soldado sulista se virou. Aubrey ergueu o punhado de neve para pousar perto de seus pés. O soldado saltou na direção do som. Aubrey o agarrou, jogando-o com força na neve.

O garoto sulista lutou, mas não estava preparado para a raiva e ímpeto de Aubrey, e sua habilidade na luta. Aubrey logo estava com sua pistola, com o cara preso embaixo dele, com o rosto para baixo na neve. Ele pressionou o focinho frio do revólver contra a têmpora de sua vítima.

— Deixe-me dizer uma coisa, — ele sibilou. — você não sabe no que está se metendo, mexendo com os garotos do Harlem da 15ª infantaria de Nova York. — ele sentiu a respiração em pânico do cara sob seus joelhos. — *Nós revidamos.*

Ele balançou a cabeça freneticamente.

Aubrey se levantou, destravou a pistola e colocou-a no bolso.

— Conte para o resto dos fanáticos. — disse ele. — Os garotos do Harlem não vão tolerar suas merdas. — ele chutou o corpo caído na neve. Não foi muito difícil. Mas talvez um pouco mais difícil do que o necessário. — Saia daqui. Não me deixe ver sua cara feia de novo.

O corpo ficou em pé e deslizou para longe até que a escuridão o engoliu.

Aubrey deu um tapinha na arma ao seu lado e também desapareceu na escuridão. Que pena, ele pensou, que ele nunca tinha realmente visto a cara feia do garoto pela primeira vez. Ele gostaria de ser capaz de reconhecer seu novo amigo se o visse por aí.

O vinho da vitória estava em sua língua. *Apenas tente entrar no meu caminho de novo, seu branquinho de merda.*

Ele olhou para trás uma vez para a cabana Y antes de sair e respirou o pensamento com cheiro de rococó do sono roxo.

Ainda vale a pena. Ele poderia esperar um ou dois dias a mais, apenas para ser inteligente, mas nenhum covarde sulista o impediria de voltar para tentar conquistar o coração de Colette. Nenhum.

ARES

A Princesa de Marte — 9 de janeiro de 1918

OS SOLDADOS NA 3ª Seção de James almoçaram em pé com a 2ª Seção – bife frito com queijo – e depois se reuniram na trincheira de reserva para o treinamento com máscara de gás.

— O mais importante, com qualquer tipo de gás. — disse o Sargento McKendrick. — É manter a calma. As pessoas querem entrar em pânico e correr, mas você suga muito mais ar. Fiquem calmos. Sim, soldados?

Chad Browning engoliu em seco. — Esses gases, senhor, não destroem seus pulmões? E seus olhos?

O sargento McKendrick assentiu com naturalidade. — Se eles não matarem você primeiro. — disse ele.

— Mas — Brown parecia pálido — Como você fica calmo para isso?

— Coloque sua máscara. — disse McKendrick. — Se você perder sua máscara, ainda fique calmo. Se tudo mais falhar, mije em um lenço e respire através dele.

Os recrutas da 3ª Seção olharam ao redor. Foi uma piada? Aparentemente não.

— Agora, os alemães estão usando principalmente gás mostarda. — continuou o sargento. — Com uma máscara, seus pulmões ficarão bem, mas sua pele ficará cheia de feridas. Ele penetra em suas roupas e você terá que se despir o mais rápido possível, ou vai explodir em terríveis feridas por toda parte.

Ele parecia gostar de ver seus rostos atordoados.

— Mas, pip-pip. — disse ele. — As feridas doem como o inferno, mas você se recupera eventualmente. Agora. Estes, — disse ele, distribuindo pequenas mochilas — são suas caixas de respiradores. Coloque-os.

James abriu o kit e tirou uma máscara emborrachada. Parecia grotesco em suas mãos, como uma coisa recém-morta em um pântano. Mick Webber foi o primeiro. As lentes escurecidas se arregalaram e o tubo de respiração parecia uma tromba sinistra tateando. Como um inseto humano saindo de um pesadelo. Não, de uma história espacial que ele leu em uma revista de serial: "A Princesa de Marte".

— Alguma coisa está impedindo você, soldado?

O sargento olhou para ele com expectativa.

James se atrapalhou ao colocar sua máscara. Respirar pelo tubo era sufocante.

— Calma, — alertou o sargento. — vocês têm sorte de ter máscaras que funcionam. Esses pobres insetos nos primeiros ataques de gás se afogaram em seu próprio sangue.

O sargento explicou como distinguir um projétil de gás de um projétil de artilharia comum, como as diferentes formas de gás se pareciam e cheiravam e como identificar para que lado o vento estava soprando. Por fim, a 3ª Seção dobrou suas máscaras e caminhou de volta para a travessia das trincheiras.

James se sentou em sua mochila. Tantas maneiras de morrer, e tudo o que eles exigiam era a negligência de, no mínimo, uma das duas mil regras de sobrevivência. Solte a fumaça pelo casaco. Nunca acenda o cigarro de um terceiro homem com o mesmo fósforo; no momento em que você chegar ao terceiro sujeito, um atirador terá avistado seu fósforo e mirado em você.

Mesmo que seguisse todas as regras, um morteiro de trincheira ou uma granada ou – o que era? – Jack Johnson

poderia cair em seu colo um dia por puro rancor e explodi-lo em pedacinhos.

Adeus vida, adeus, futuro, adeus, mamãe, papai, Maggie, Bob, adeus, Hazel. Algum outro rapaz algum dia daria a ela o beijo que ele estupidamente adiou.

Ele tinha que vê-la novamente. Ele precisava de uma licença para ir vê-la, de alguma forma. Onde quer que ela estivesse. Se ela estava aqui na França, devia haver uma maneira.

Frank Mason decidiu se juntar a ele.

— É melhor você dormir um pouco agora, enquanto pode. — disse Mason. — No escuro, tudo ficará em espera e, em seguida, o trabalho noturno começará.

James engoliu em seco. — Você quer dizer invasões de trincheiras? Indo atacar os alemães?

Mason sorriu. — Nah. Ainda não. Não para vocês, novos rapazes, aqui na reserva. Mas haverá muito trabalho para fazermos. Fortificações, talvez, ou consertar trincheiras, ou cavar novas. Veremos qual fadiga o sargento nos impõe. — ele baixou a boina sobre os olhos.

— Mason. — James sussurrou.

— Sim?

— Quais são as chances de alguém como eu obter permissão para sair de férias?

Mason começou a rir. — Você acabou de chegar!

— Quero dizer, assim que nossa rotação terminar. — ele disse. — Trinta dias, ele disse. Dez em cada trincheira e depois um pouco de descanso. Quais seriam as chances de eu conseguir alguns dias de licença, então?

Frank Mason ergueu a aba da boina. — Você está louco. — disse ele. — A maioria dos soldados não vê licença antes de meses de serviço. E se a luta piorar, ninguém vai a lugar nenhum.

James persistiu. — Mas se tudo der certo, e daí? Eu poderia perguntar a McKendrick? Ou ele ficaria furioso?

O pescador que virou soldado encolheu os ombros. — Quem pode dizer? Sim, você pode perguntar a ele. Não há como dizer qual seria sua resposta.

Tudo bem então.

— Mas vou te dizer uma coisa. — advertiu seu amigo. — Nem pense em perguntar a ele se você não foi um soldado exemplar até então. Primeiro na trégua. Pronto e esperto sempre. Trabalhando duro. Primeiro a ser voluntário para tudo.

James acenou com a cabeça. — Faz sentido. — ele fez uma pausa. — Mason, — disse ele. — você sente falta de sua esposa e filho?

Frank Mason o olhou com curiosidade. Como se dissesse: *que tipo de pergunta é essa?*

— Cada minuto de cada dia.

James ouviu.

— Acho que tenho sorte de ter alguém para perder. — disse Frank.

— Tem uma foto?

Mason abriu sua mochila pessoal e tirou um pequeno livro de orações. De suas páginas, ele puxou uma desbotada fotografia. A mulher sentada ali com um bebê gordinho no colo parecia alguém que sempre entendia a piada. O bebê parecia vigoroso e forte, pronto para dar uma cutucada no olho até mesmo de seu pai, soldado, se isso lhe conviesse.

— Você está certo. — disse James ao amigo. — Você é sortudo.

APOLO

Colt M1910 — 16 de janeiro de 1918

É CURIOSO suar até a morte em temperaturas abaixo de zero, mas foi o que todas as cinco companhias do 15º Terceiro Batalhão de Nova York fizeram, transportando carrinhos de madeira da ferrovia. Eles os alinharam como os dentes de um pente de quilômetros de comprimento e cravaram os espinhos que mantinham o trilho de ferro no lugar. Aubrey Edwards, Companhia K, encheu suas mãos de pianista de estilhaços. Eu não fiquei feliz com isso.

Eles haviam tirado os casacos e estavam trabalhando em camisetas de mangas, apesar da brisa forte soprando do Atlântico. Suas costas doíam e suas mãos estavam em carne viva. Mesmo assim, era incrível beber todo aquele ar frio em um corpo em chamas. Como um fole para uma forja, Hefesto teria dito.

Seus capitães estavam preocupados, no entanto. A doença se espalhou por Saint-Nazaire. As febres colocaram centenas de soldados em suas camas e alguns morreram. O capitão Hamilton Fish III, da Companhia K, temia que suar em tanto frio pudesse adoecer seus soldados. O primeiro tenente, James Europe, disse ao seu Criador que era melhor não perder mais nenhum membro da banda para a febre.

Eu ouvi sua oração e a considerei devidamente.

Esta doença foi, como eu disse, obra minha, mas não me gabo. Você pode parar de me olhar assim, Deusa. Mesmo

assim eu estava ocupado, inspirando cientistas a dar uma segunda olhada no bolor, e hoje em dia a penicilina é o milagre da ciência moderna, mas sou humilde, não busco elogios.

O carrinho da cozinha do campo chegou com sopa de porco e feijão para o almoço. O cozinheiro serviu a comida de todos e distribuiu pedaços de pão. Não foi ótimo, mas não foi terrível, e havia muito. O vento os congelou através das túnicas suadas enquanto comiam.

— É isso. — declarou Joey. — Estou pegando meu casaco.

— Pegue o meu também, sim?

Joey balançou a cabeça e caminhou até onde eles haviam deixado seus pertences. Quando ele voltou, carregando o casaco de Aubrey e vestindo o seu próprio, seu rosto tinha uma expressão preocupada.

— O que foi, cara? — Joey entregou a Aubrey seu casaco, dando um tapinha no bolso interno.

Aubrey levou Joey para longe do resto da Companhia e puxou de seu bolso escondido a arma que ele havia lutado para longe do estranho na noite anterior.

A boca de Joey ficou aberta. — Isso não é do exército. Onde você conseguiu isso?

Aubrey olhou para a esquerda e para a direita para se certificar de que ninguém pudesse ouvir.

— Ontem à noite. — disse ele. — Eu estava saindo da cabana Y...

Joey gemeu. — Você estava saindo com aquela garota belga de novo, não estava?

— Shh! — os olhos de Aubrey saltaram para Joey. — Cala a boca!

Joey cruzou os braços sobre o peito. *Me faça calar*.

— Eu estava saindo da cabana, — disse Aubrey. — e um cara me parou. Me segurou ali por um tempo.

Os olhos de Joey se arregalaram.

— Disse que para nós, soldados negros, é melhor não pensar que podemos *servir para às mulheres brancas.*

— Ele *o quê?* — as mãos de Joey se fecharam em punhos.

— Disse que não ia nos deixar ter *um gostinho* e depois voltar para os Estados Unidos com um *apetite* por mulheres brancas por lá. Disse que nunca mais voltaríamos para as meninas negras uma vez que experimentássemos as brancas.

— Deixe-me pegá-lo dizendo isso. — Joey fumegou. — Eu vou ensiná-lo! Sulista?

Aubrey acenou com a cabeça. — Claro que sim.

Joey começou a andar de um lado para o outro. — Não sei onde socar primeiro.

Aubrey acenou com a cabeça. — Eu sei.

Joey ergueu os olhos. — Você poderia ter morrido. — ele parou. — Quantos eram?

— Apenas um.

— Você deu uma boa olhada nele?

Aubrey balançou a cabeça. — Muito escuro na noite passada. Quase não o vi.

— Mas você arrancou a cabeça dele, certo? — disse Joey. — Diga-me que você arrancou a cabeça dele.

— Última chamada para mais. — gritou o cozinheiro com a concha.

— Droga, eu queria mas. — disse Joey. — Esqueça isso. O que você fez?

Aubrey encolheu os ombros. — O derrubei, cara. O que você acha que eu poderia fazer? — ele limpou a sujeira de suas mãos. — Não tinha arma, mas coloquei-o no chão. Ele vai sentir as consequências disso por um tempo.

Como eu disse, *eu* não me gabo, mas Aubrey não sou eu.

Joey deu uma sugada desleixada na sopa e puxou a arma mais uma vez.

— Isso não é questão do exército. — ele repetiu. — Isso é uma Colt M1910.

— Desde quando você é o especialista em armas? — perguntou Aubrey.

— Desde que fui para a guerra, idiota. — ele correu um dedo pela textura áspera da pistola. Os revólveres Smith&Wesson que eles receberam pareciam graciosos e antiquados, com curvas prateadas elegantes e cabos de madeira. Esta arma parecia cruel e feia.

— Estas são as armas que eles dão aos fuzileiros navais. — disse Joey.

Aubrey não se importava muito de qual ramo das forças armadas elas eram. A 15ª de Nova York já teve desentendimentos suficientes com fanáticos no exército.

— O que você vai fazer com essa Colt?

Aubrey a revirou na mão. — Uma pistola extra pode ser útil.

Joey lançou-lhe um olhar penetrante. — Você vai contar ao Capitão Fish sobre isso, não vai?

Aubrey deu um tapa no braço dele. — Você está brincando comigo? Eu seria morto de tanto ouvir. Julgado em corte marcial, talvez, por sair depois do expediente. E com uma garota branca? De jeito nenhum.

— Escute, cara, você não pode simplesmente ignorar isso. Você tem que descobrir uma maneira de denunciá-lo. — ele se inclinou mais perto. — Eu estava conversando esta manhã com alguns daqueles caras da Companhia M.

Aubrey acenou com a cabeça. — Então?

— Eles têm um funeral para ir a esta noite para um de seus homens. — Joey sussurrou. — Geoff Alguma-coisa. Um garoto do Brooklyn. Eles estão dizendo que ele morreu de gripe. Isso é o que seu capitão está dizendo, quero dizer. Mas os homens da Companhia M não acreditam nisso. Ele estava perfeitamente saudável, e de repente, ele desaparece. E um deles, estão dizendo, que jurou segredo para o capitão, mas ele encontrou seu corpo. Estrangulado. E eles acham que foram os fuzileiros navais que fizeram isso.

A boca de Aubrey ficou seca. — Isso não pode ser. Não pode.

— Você sabe que há um jeito. — disse Joey. — Você não estava no Acampamento Wadsworth? Ou Acampamento Dix? Ou você também estava ocupado perseguindo alguma garota?

— Companhia K! Atenção! — gritou o capitão Fish. — De volta ao trabalho. Essas faixas não vão se estabelecer sozinhas, e temos muito mais para estabelecer antes de começarmos o dia.

Eles rasparam os últimos pedaços de ensopado e abotoaram os casacos. Até que se esfriassem novamente no trabalho, eles precisariam do calor.

Joey puxou o cotovelo de Aubrey e falou diretamente em seu ouvido.

— Aub, aqueles rapazes da Companhia M estão dizendo que um grupo deles vai se vingar. Olho por olho. Um fuzileiro naval para um dos nossos.

Nós revidamos. Aubrey engoliu em seco.

— Vim lutar uma guerra com os alemães. — sussurrou Joey. — Pela democracia. Mas eles vão começar uma guerra aqui mesmo em Saint-Nazaire. Por estupidez.

AFRODITE

Chegam Duas Cartas — 19 de janeiro de 1918

O ENVELOPE MARROM dizia, *Correspondência Interdepartamental YMCA.* Parecia altamente oficial. *A Srta. Hazel Windicott, Cabana de Socorro Y, Campo de Treinamento do Exército dos EUA, Saint-Nazaire.*

Hazel abriu e encontrou um envelope grosso endereçado a ela, de sua mãe, aos cuidados da sede da Y em Paris. Continha uma carta e mais dois envelopes de James, enviados a Poplar.

Eu faria uma injustiça a Hazel se não informasse que ela leu a carta de sua mãe primeiro. Eu faria uma injustiça com a verdade se não informasse que ela mal conseguia ver o que lia.

Ela abriu as duas cartas de James, comparou as datas e começou a ler a primeira.



30 de dezembro de 1917

Querida Hazel,

Gosto muito de pescar e, se seu pai adora, eu também vou adorar.

Depois do Natal, recebemos ordens de deixar o Étaples e ir para a Frente. Viemos de trem e depois

de uma longa marcha pela neve. Eu troquei o chamado das gaivotas pelo rugido das conchas, mas elas ainda estão longe. No entanto, você vê crateras e as ruínas de antigas casas de fazenda. A guerra é sentida em todos os lugares.

Nós nos alistamos com o 5° Exército há dois dias. Ainda não estou nas trincheiras. O oficial de treinamento diz que nós, novos recrutas, ainda temos muito a aprender.

Você está na França? Gosto de pensar em você do mesmo lado do mar que eu. É ótimo que você se ofereça como voluntária. Visitei nossas cabanas Y com frequência em Étaples. Os alemães podem nos matar, mas apenas se o tédio não o fizer primeiro. Tenho inveja dos rapazes que vão ouvir você tocar. O que eu não daria para trocar de lugar com eles.

Eu penso em você todos os dias. Não posso acreditar que já passou mais de um mês desde que estivemos juntos. Escreva para mim para que eu saiba como entrar em contato com você. Esteja segura, fique bem.

Seu,

James



7 de janeiro de 1918

Querida Hazel,

No caso de minha última carta se perder, estou aqui há uma semana e meia. Você deve estar na França

agora. Onde você foi parar?

O tempo está frio, mas o sol é agradável ao meio-dia e aquece consideravelmente. Aparentemente, não sou tão ruim no tiro ao alvo.

Não sei quando chegará minha vez de pegar licença, mas quando chegar, posso pegar um trem para Paris e me encontrar com você lá. Paris está ao seu alcance? Vamos nos encontrar lá.

Eu gostaria de ser do tipo que sabe as palavras certas para expressar o que pensar em você me traz.

Diga que você vai vir, diga. Eu devo algo a você.

Seu,

James

Hazel irrompeu no quarto de Colette, agitando as cartas. Ela encontrou sua amiga prendendo seus cachos escuros com a ajuda de um pequeno espelho de viagem.

— Uma carta? — perguntou Colette. — Do seu Jacques?

Hazel se jogou na cama de Colette, quase amassando-a. — *Duas* cartas. Ele foi para a Frente. — Hazel examinou as linhas novamente. — Com o Quinto Exército. Mas ele ainda não está nas trincheiras. Ele ainda está treinando na reserva. Colette, — disse ela sem fôlego. — ele quer que eu vá vê-lo! Em Paris!

Colette prendeu outro cacho elegante. — Que maravilhoso!

— Como eu posso ir? — Hazel gemeu. — Eu tenho que ir! Eu tenho que ir!

— Eu concordo. — disse Colette suavemente. — Você já foi a Paris?

Hazel balançou a cabeça.

— *Sacre bleu!* Então, está feito. Você *irá*.

Hazel se sentou ereta. — Eu não poderia! — ela engasgou. — É impensável.

Colette olhou para ela com curiosidade. — Por que não ir? — ela passou pequenas gotas de loção em volta do rosto. — Por causa da Sra. Davies? Tudo pode ser arrumado. Os voluntários pedem licenças, de vez em quando.

Hazel balançou a cabeça. — Você não entende. — disse ela. — Eu tenho dezoito anos. Não conheço ninguém em Paris. Onde eu ficaria? Eu não posso simplesmente ir para lá sozinha. E principalmente não para passar um tempo com *um jovem.* E se... — ela pegou o travesseiro da cama de Colette e escondeu o rosto nele.

Colette sentou-se ao lado de Hazel na cama. — Oh, você é inglesa. — ela suspirou. — Têm mais medo de vocês mesmos do que de todos os exércitos do Kaiser combinados.

Hazel abaixou o travesseiro. — Como assim?

— Você tem medo, — perguntou Colette. — de que seu Jacques se aproveite de você?

Hazel balançou a cabeça. — Não. Nem um pouco.

— Então, o que há para ter medo?

Hazel afundou o queixo na palma da mão. O que dizer? O que era, exatamente! — Eu mesma!

As sobrancelhas de Colette se ergueram. — *Você* tem medo de tirar vantagem dele?

Hazel caiu de lado na cama e gritou no travesseiro.

— Aha! — declarou Colette. — Eu acertei em cheio.

— Eu não poderia tirar vantagem de James mais do que eu poderia… Deixa pra lá.

— Então do que você tem medo? — perguntou *la belge.* — Vocês dois vão passar um fim de semana agitado em Paris, comendo sanduíches de pão com manteiga, bebendo leite e citando Salmos um para o outro.

Hazel estufou as bochechas. Sua *pequena paixão* não era tão morna assim.

— Poderíamos ir a uma sinfonia. — disse ela.

— Ah. — Colette acenou com a cabeça muito séria. — Talvez você *precise* de um acompanhante, afinal.

— Oh, pare! — Hazel cutucou a amiga com o travesseiro. — Nunca tivemos um acompanhante. Eu sempre escapei para vê-lo.

Colette engasgou. — Mademoiselle Windicott! Você me choca!

Hazel rolou. — Veja bem, — disse ela. — não sou tão inocente quanto você pensa.

— Vejo — disse a amiga. — que você é exatamente como eu penso, e mais ainda. — Colette assistiu Hazel ficar corada e quis apertá-la no local.

— Se alguém descobrisse, haveria tal escândalo. — disse Hazel. — Quando estou perto de James, faço as coisas mais ultrajantes.

Colette sorriu. — Então eu gostaria de conhecer esse James. Está resolvido. — disse ela. — Eu irei também. Serei sua acompanhante quando você precisar, e irei desaparecer quando você não precisar.

Hazel respirou fundo. A ideia era ainda mais assustadora agora que tinha um cheiro de possibilidade real.

— Mas onde vamos ficar? — disse ela. — Como nós...

— Não importa. — ordenou Colette. — Minha tia Solange ficará encantada em nos receber e fornecerá toda a respeitabilidade que seu coração inglês poderia desejar.

A cada palavra, essa possibilidade assustadora e formigante ficava cada vez mais real. Ela teria dois, talvez três dias para passar com James. Tanto tempo quanto ela já teve com ele até agora. O que pode acontecer? Com James Alderidge, tudo era possível.

Ela se lembrou do final da carta. *Eu devo algo a você.*

Ela agarrou o pulso da amiga.

— Colette, — ela sussurrou. — e se eu fizer algo terrível?

Colette riu. — Eu vou segurar as flores. E o sacerdote será aquele que lerá um Salmo.

Hazel decidiu desligar os holofotes por um tempo.

— E você, Colette? — Hazel disse. — Eu acho que Aubrey gosta de você.

Colette se ocupou em arrumar seus artigos de toalete. — Acho que não. — disse ela. — Ele é muito amigável.

Hazel se sentou e percebeu. Colette evitava olhar para ela. Interessante.

— Eu não sei. — disse Hazel lentamente. — Eu não acho que você viu como ele estava olhando para você. Ele gosta de você, Colette.

Colette franziu a testa para seu reflexo e franziu o nariz. — Olhando para isso? Pah. — ela se virou e sorriu para Hazel. — Digamos, para fins de argumentação, que ele estava olhando para mim. Que ele gosta de mim, o que eu duvido. — E ela encolheu os ombros. — Um soldado em busca de amor às vésperas da guerra? É tão antigo quanto as colinas. Já ouvi essa música antes.

Hazel sabia quando não insistir. — Falando em músicas, — disse ela. — que tal tocar piano?

Colette se permitiu um sorriso. — Agora isso, — disse ela. — é realmente incrível.

ARES

Subindo na Linha — 20 de janeiro de 1918

— SOLDADO ALDERIDGE.

James acordou em um abrigo com um par de botas na frente de seu rosto.

Ele rastejou para fora do abrigo e parou no abrigo da parede leste da trincheira, e saudou. — Sargento McKendrick, senhor!

— Descansar, Alderidge.

O sargento o examinou. Ele estava com problemas?

Foi seu terceiro dia nas linhas de apoio. Depois de um período de dez dias na reserva, sua seção havia caminhado por três quilômetros de trincheiras de comunicação em zigue-zague até a segunda linha, o suporte.

— Você tem trabalhado muito, Alderidge.

James manteve a cabeça erguida. — Obrigado, senhor. — ele deveria perguntar sobre a partida para Paris?

— Eu tenho um relatório sobre você do seu sargento de treinamento. — McKendrick disse, olhando para uma prancheta. — Parece que você se saiu bem.

James ficou na ponta dos pés e esperou. Um relatório?

— Também vejo que você foi um excelente atirador na prática de tiro ao alvo.

Isso tudo estava se tornando um pouco demais.

— Você é um caçador?

— Não, senhor, sargento. Nunca fiz muito no campo da caça.

A sobrancelha de McKendrick franziu. — É mesmo? Interessante. — ele avaliou James. — Precisamos de um novo atirador na linha de frente. — disse o sargento. — Perdi um homem ao amanhecer. Um atirador alemão identificou nossa brecha oculta e o matou. Algum tiroteio poderoso ocorreu lá.

O sargento admirava o atirador alemão mais do que lamentava o britânico. Não é um pensamento reconfortante.

James não queria ser um franco-atirador. Um assassino de sangue frio. O alvo número um do inimigo. Mas ele precisava obter favores do sargento. Sua boa vontade era a passagem de James para Paris.

— Estou colocando você em um treinamento de atirador de elite. — disse o sargento. — Há um aumento salarial. — um aumento de salário por homicídio.

James agarrou-se ao *treinamento.* Um estagiário não atiraria em pessoas. Ainda não. Ele provavelmente voltaria para trás da linha de reserva, para um campo aberto, onde era mais fácil mirar de longe. Ele poderia se sair mal o suficiente no treinamento para ser transferido de volta para a infantaria regular.

— Posso fazer uma pergunta, senhor?

— Você pode.

James não tinha ideia de como abordar isso. — Senhor, quando nossa rotação pelas trincheiras terminar, e tivermos algum tempo de descanso… — ele começou.

As sobrancelhas do sargento se ergueram. James já estava condenado.

— Sim?

Ele engoliu em seco. — Eu tenho uma garota, sargento, e ela pode me encontrar em Paris por um dia.

A expressão do sargento McKendrick endureceu.

— Você espera que, depois de *um* passeio pelas trincheiras, tenha direito a uma licença para passar um dia

em Paris com sua garota? Como um novo recruta? Depois de provavelmente não ver nenhum combate digno de nota?

Sem recuo e sem rendição. — Isso seria, — disse ele. — o que eu esperava. Senhor.

O sargento McKendrick estudou o rosto de James, como se esperasse por algo para dobrar ou quebrar. Para James implorar perdão e dizer: "Deixa pra lá."

— Essa sua garota. — disse o sargento. — Ela é bonita?

James engoliu em seco. — Ela é, senhor. Muito bonita.

— Eu entendo. — o sargento começou a andar de um lado para o outro. — E por que ela estaria em Paris?

— Serviço voluntário, senhor. Com o YMCA. — perto o suficiente da verdade.

— Ah. Eles fazem um bom trabalho.

James acenou com a cabeça. *Se você diz. Se ajudar no meu caso.*

— Deixe-me ouvir um bom relato seu, soldado, — disse o sargento. — e vou considerar esse pedido de licença.

James queria apertar sua mão. Ele se ergueu. — Sim senhor!

O sargento se virou para ir embora, mas fez uma pausa. — Ruiva? Morena? Loira? Como ela é?

James não queria tirar Hazel do bolso para mostrar a ninguém. Mas ele precisava disso.

— Morena, senhor. — disse ele. — Ela toca piano lindamente.

— Uma jovem talentosa de boa qualidade.

— Sim senhor.

— Isso é ótimo. Certifique-se de escrever para ela com frequência. Certo então. Em meia hora, farei com que alguém o conduza até a trincheira da frente, ao posto de vigia dos atiradores.

A boca de James ficou seca. — A trincheira de frente? Observador?

— Precisamente. — Como se dissesse: *Qual é o seu ponto?*

— É aí que o treinamento acontecerá?

O sargento acenou com a cabeça. — As simulações nunca são adequadas. — disse ele. — Não há nada como o treinamento no trabalho.

AFRODITE

Uma Dor de Cabeça — 26 de janeiro de 1918

PEDRAS MAIS UMA VEZ, e desta vez Colette abriu a porta. Aubrey tirou a boina.

O sorriso dela era tudo que Aubrey precisava. Ele enfrentaria um regimento inteiro da marinha inteira por aquele sorriso.

— *Bonsoir, monsieur*. — disse ela.

Aubrey não se importava particularmente com as aulas de francês do ensino médio – senhor, se ele pudesse voltar! – mas ele conhecia um bem-vindo quando ouvia um.

— Boa noite, mademoiselle. — disse ele, com uma pronúncia que esperava não ser tão horrível. (Foi horrível.) — É seguro para mim entrar?

Ela abriu a porta.

— Onde está nossa amiga esta noite? — ele perguntou.

— Hazel estava com dor de cabeça. — disse Colette. — Ela foi para a cama cedo.

Whump fez o coração de Aubrey em seu peito. Apenas Colette esta noite.

Whump fez o coração de Colette. Ela estava sozinha com Aubrey.

— É uma pena. — disse Aubrey. — Espero que ela se sinta melhor. Há doenças por aí.

Colette concordou. — Tenho certeza de que não é nada. — disse ela.

Na verdade, não era nada que eu não tivesse causado para deixar Aubrey e Colette sozinhos.

Oh, pelo amor de Deus. Foi uma *leve* dor de cabeça. A querida menina precisava descansar.

— Vamos tocar piano, então? — perguntou Aubrey.

Colette riu. — As secretárias seniores sabem que Hazel foi para a cama. Se eles deveriam ouvir você tocando, eu não posso fingir que fui eu.

— Oh. Certo. — Aubrey agarrou a boina. — Suponho que eu deva seguir em frente.

Oui. Vá. Por favor. É melhor, não?

Fique, eu disse a ele. *Convide-o para ficar,* disse a Colette.

— Podemos sentar e conversar um pouco. — disse Colette. *Mon Dieu,* ela disse isso. *Idiota!*

Aubrey estava sem o casaco e no sofá em tempo recorde.

Ela se sentou a uma almofada de distância. Seu cabelo curto atraía seus olhos para seu pescoço gracioso e para o brilho turquesa de seu vestido, feito de seda drapeada. Como algo usado por uma deusa.

Era tudo ele. Eu nem mesmo plantei o pensamento. Mas eu *visitei* a costureira dela em Paris mais tarde.

— Sentimos sua falta. — disse Colette.

— Sentiu?

— Hazel e eu.

Oh. Águas mais seguras. — Aquela Lady Hazel. — disse Aubrey. — Ela é uma ótima garota.

Colette sorriu. — Eu a adoro. — disse ela. — Estou tão feliz que nos conhecemos. Ela é a luz do sol.

— Ela sente o mesmo por você. — disse Aubrey. — Você é uma boa amiga.

— *Moi?* — Colette parecia pensativa. — Eu apenas gosto dela, só isso. Eu não posso evitar.

Plantei uma ideia e Aubrey a pôs em prática. — Hazel tem namorado?

Colette tentou não sorrir. — Não cabe a mim dizer.

— Ela tem! — Aubrey deu uma risadinha. — O que você sabe? Lady Hazel tem um namorado!

Bem, o dano estava feito. — Ela gosta muito de seu soldado. — admitiu Colette. — O nome dele é James. Ele parece sentir o mesmo por ela.

— É melhor ele sentir. — declarou Aubrey. — E é melhor tratá-la bem, ou ele e meu punho vão ter uma conversa.

— Você parece um irmão mais velho. — sem aviso, seu rosto se contorceu de dor. *Alexandre.* Ele nunca soube de Stéphane. Ela teria lutado se ele tentasse bancar o protetor, mas agora, oh, o que ela daria se Alexandre entrasse por aquela porta!

A tristeza. Veio em ondas. Justamente quando ela pensou que a tempestade havia diminuído, ela a emboscou novamente.

Aubrey recuou. Colette parecia à beira das lágrimas. Ele disse algo errado?

— Eu sou um irmão mais novo, na verdade. — disse ele por fim. — Minha irmã, Kate, não precisa da minha ajuda com proteção. Ela tem o namorado mais chato do mundo. O sonolento Lester.

— Pobre Lester. — Colette sorriu, grata pela mudança de assunto. — Se sua irmã gosta dele, ele não pode ser tão mau.

Ela ainda parecia frágil, de alguma forma. Aubrey tentou pensar em um tópico mais seguro para uma conversa.

— De qualquer forma. — disse ele. — Hazel é incrível. Estou feliz por conhecê-la. — *Extremamente* feliz.

Colette sorriu novamente. — Há algo… O que eu quero dizer? Puro sobre ela. A guerra é tão feia e a humanidade enlouqueceu, mas aí está Hazel.

Ele arriscou. — E aí está você.

As sobrancelhas de Colette se ergueram. — Eu não sou pura. A guerra já pôs suas garras sujas em mim.

Como ela pode dizer uma coisa dessas? Ela, tão adorável, em todos os sentidos, e não apenas de se olhar, embora ela tivesse certeza disso.

— O que você quer dizer? — ele perguntou. — Alguém te machucou?

Ela hesitou.

Ele realmente se importava. Ela podia ver em seus olhos, na preocupação escrita em seu rosto. Seria mais fácil se ele não o fizesse.

— O Kaiser Wilhelm sim. — disse ela.

Ela estava coberta de pregos, de repente. Uma casca de ovo quebrando em pedaços irregulares.

— O que aconteceu?

A pele de Colette arrepiou. — Oh, você sabe. — ela disse. — A guerra é terrível. A vida é injusta.

Aubrey poderia escrever um livro sobre injustiça, mas havia algo que ela não estava dizendo a ele.

Aproxime-se dele, Colette, e você o perderá, advertiu a si mesma. *Se a sua alma ensanguentada não o afastar, a guerra o arrebatará de você.*

Colette respirou fundo. Ela estava melhor agora. Era ela mesma novamente. Música era o que eles tinham em comum. Música. Eles podem ser amigos musicais.

— No que você está trabalhando ultimamente? — ela perguntou. — Alguma composição nova? Arranjos de jazz? — ela fez uma pausa. — Aquela marcha que você transformou em blues da última vez? *Fantastique!*

Ele sabia que ela o estava afastando. Mudando o assunto. Mas deu a ele uma abertura.

— O jeito que *você* canta, Colette. É diferente de tudo que eu conheço.

— Oh?

— Eu não me refiro apenas à sua voz.

Isso o deixava louco, a diversão fria com que ela aceitava tudo o que ele dizia.

— Tenho medo de perguntar, — disse ela. — o que mais além da minha voz afeta a maneira como canto.

Ele se virou o máximo que pôde em direção a ela, sem realmente colocar os pés em seu colo.

Como ele tinha se desviado até aqui? Quando o que ele realmente queria fazer era dizer a ela como pensava nela o dia todo, todos os dias, a cada golpe da picareta e a cada batida de seu martelo; como ele encheu as páginas do caderno com idéias de músicas que seriam perfeitas para a voz dela, ideais que se encaixavam com sua marca registrada? Sensual, esfumaçada, escuro. Emocional.

Isso era o que ela era. Colette era *emoção*.

— Você mudou a forma como penso sobre a música. — disse ele. — Tenho algumas músicas novas em andamento. Eu não sei quais seriam as palavras, ainda, mas eu tenho as melodias, e talvez...

— *Eu* mudei a forma como *você* pensa sobre música? — ela balançou a cabeça maravilhada. — Eu sou apenas uma garota que canta músicas francesas. Você é aquele cuja música é elétrica.

— É exatamente isso. — disse ele. — Cara, eu gostaria de poder mostrar o que quero dizer no piano. Até agora, eu só queria saber de velocidade. Harmonias complicadas. Uma exibição, sabe? Eu estava buscando brilho.

"Brilho" não era uma palavra que Colette aprendera, mas ela era educada demais para dizê-lo.

Aubrey sabia que ele a estava entediando. — Você me fez pensar mais, — disse ele. — sobre como extrair o sentimento de uma melodia. Fazer algo que você possa cantar por toda a *vida*. Não apenas o corpo. É assim que você faz, sempre.

Eu poderia te ver lá, Apollo. Acenando na janela como um vizinho intrometido. *Vá embora.*

Aubrey Edwards, eu disse a ele, *você não está aqui para falar de teoria musical ou técnica vocal.*

— Você é um mistério, Colette Fournier. — disse ele. — Aquele lugar profundo e escuro de onde você canta.

Colette não sabia o que dizer. Ela não achava que seu canto vinha de alguma verdade interior, de alguma dor anterior. Claro que ela estava com raiva de Dinant. A raiva nem começava a descrever o que sentia. Ela carregaria a raiva para o túmulo. Mas todos os belgas estavam zangados. Aubrey, ela temia, estava rodando alguma fantasia ao redor dela em sua mente porque ele gostava de sua voz.

— O que *aconteceu* com você? — ele disse suavemente.

Por que ele deve persistir? *Corra, Aubrey, corra. Estou muito quebrada para ser amada. Tudo o que amo, eu perco.*

E, no entanto, aqui estava ele, este americano com dedos elétricos e membros dançantes, sentado em uma pequena nuvem com uma lamparina laranja. Falando baixo, perguntando sobre minha vida, minha vida real e esperando para ouvir a resposta.

Eles estavam sozinhos no escuro. Não havia ninguém para ouvi-los. Havia dezenas de maneiras pelas quais um jovem poderia tentar tirar vantagem dessa situação. Mas ele não fez isso.

Então ela contou sua história, sobre crescer em Dinant. Sobre a aldeia mágica refletida como vidro nas águas calmas do rio Meuse, sobre sua infância feliz ali, nos lilases da cidadela, sobre sua mamãe e papai e Alexandre; seus tios Paul e Charles; e seu primo, Gabriel. Sobre a violação da Bélgica e a aniquilação de Dinant, sobre o convento e sobre Stéphane.

E quando ela soluçou até seus olhos ficarem vermelhos e seu nariz escorrer, ele lhe deu um lenço e não se aproveitou de nada. Nada além da chance de dizer, sem palavras, *Aqui, você carrega isso sozinha há muito tempo. Deixe-me carregá-lo com você um pouco.*



A história de Colette partiu o coração de Aubrey. Sem um grama de empurrão meu, ele abriu os braços para ela, e ela se envolveu em seu abraço. Suas lágrimas caíram em seu cabelo.

Ele ansiava por confortá-la, mas o que ele poderia dizer? — Estou aqui. — disse ele. — Eu cuidarei de você.

E ele *cuidou.* Pela primeira vez em anos, Colette não se sentia sozinha.

Aubrey a abraçou. *Quem poderia machucar essa garota?* Que demônios destruiriam a vida preciosa dessa pessoa adorável – destruiria a felicidade dessa garota vibrante, gentil, forte e engraçada?

Agora ele entendia, como não tinha, tão profundamente, antes, por que eles precisavam parar os alemães e vencer esta guerra. Agora ele também entendia que quando chegasse a hora de deixar Saint-Nazaire e enfrentar as trincheiras, seria impossível dizer adeus a Colette e ir embora.

Foi difícil o suficiente dizer adeus naquela noite. O breve beijo que ela deu a ele na porta não foi preenchido com paixão nem desejo, mas doçura, carinho, gratidão.

Aubrey devolveu um beijo para combinar e silenciosamente saiu pela porta.

AFRODITE

Stéphane — 26 de janeiro de 1918

NAQUELA NOITE, COLETTE sonhou com Stéphane.

Foi um sonho simples. Apenas Stéphane, caminhando com ela na grama ao lado da cidadela. Ele não disse nada. Apenas sorriu e segurou sua mão e olhou para ela com olhos cheios de amor. Tudo o que ela sentiu na presença dele – *Ele está vivo! Todos aqueles horrores foram apenas um sonho terrível!* – encheram seus membros de alegria e luz. Ela sabia que era real. Tão real quanto ela mesma.

Juntos, eles observaram os pássaros voando sobre o vale verde e o rio sinuoso. Quando ela se virou para olhar para ele novamente, ele havia sumido.

Ela acordou soluçando.

Hazel ouviu o som e correu para o quarto de Colette e deitou-se ao lado dela. — Está tudo bem. — disse sua amiga suavemente. — Está tudo bem.

Mas não estava.

Deixe este menino soldado ir, a Colette de ontem disse a si mesma. *Ele logo irá embora, mas você terá Stéphane para sempre, e isso é o suficiente. Você não precisa da dor de outro adeus.*

Ela ficou deitada lá, lembrando-se de sua noite com Aubrey. Todas as coisas que ela não podia acreditar que ela disse a ele. Todas as outras coisas que ela ainda não havia compartilhado.

Eu não preciso de despedidas, ela percebeu, *mas eu preciso de Aubrey Edwards. Depois desta noite, eu não posso ser uma garota que não tem o Rei do Jazz para contar tudo. Eu não posso não estar perto dele. Não se ele estiver em algum lugar para ser encontrado.*

ARES

Não Atire no Manequim — 30 de janeiro de 1918

— LÁ. VIU AQUILO? — o soldado Pete Yawkey falou em um sussurro, para que os alemães não ouvissem.

James girou sua mira meio centímetro. — Eu vejo.

Entre uma lacuna nos dois primeiros sacos de areia das linhas alemãs, um capacete subiu ligeiramente.

A língua de James grudou no céu da boca. Eles estavam prestes a matar aquele alemão?

— Vamos ver agora. — Yawkey disse suavemente, falando com seu alvo. — Você é bom mesmo ou não?

— Bom? — James sussurrou. — O que você quer dizer?

— O que você vê, Alderidge?

Se essa fosse uma pergunta capciosa, James seria reprovado no teste. — É uma cabeça.

— É isso? Olha mais de perto.

— Um capacete. — disse James.

— O que há embaixo disso? Rápido, o que há?

Ele engoliu sua impaciência. — Um rosto.

— E o que ele está fazendo?

— Nada.

— Isso mesmo.

James tinha pouca paciência para jogos. — É um rosto. — disse ele. — Cara de cabelos castanhos.

— Não me importo com a cor do cabelo, — disse Yawkey. — Você já viu um ser humano ficar tão quieto?

James olhou novamente. — Ele está se movendo um pouco.

— Como?

Conte até dez. — Meio que balançando para cima e para baixo. Um pouco de lado a lado.

Yawkey acenou com a cabeça significativamente. — O que isso lhe diz?

James olhou novamente. — Seu rosto, por si só, não se move. — disse ele lentamente. — Ele é como uma estátua.

— Isso porque ele é uma. — explicou Yawkey. — Um manequim. Uma cabeça de gesso presa na ponta de uma baioneta com um capacete no topo. Eles estão tentando nos atrair para dar um tiro.

James piscou e esfregou os olhos. — Por despeito, você quer dizer?

— Para nos achar. Para estudar o ângulo da bala. Eles vão apontar sua artilharia diretamente para nós. *Kaboom!*

Não é tão engraçado. Mas a maioria dos soldados experientes que ele conheceu eram assim. Rindo de sua própria destruição, casuais quando falavam sobre carnificina. Talvez rir fosse a única maneira de sobreviver a tudo isso.

Yawkey pressionou as palmas das mãos nos olhos. Ele era um pássaro magro e ossudo com orelhas proeminentes e um grande pomo de Adão. Cada palavra de seu treinamento fez a carne de James arrepiar.

Pete Yawkey não inventou o atirador. Não era culpa dele que James odiasse cada palavra sua. Todos tinham um trabalho a fazer. A sobrevivência dependia disso. E a única maneira de acabar com essa guerra era vencê-la.

— Só atire quando tiver certeza. — disse Pete. — Não atire no manequim. Um atirador não tem nenhum tiro para desperdiçar. Cada um tem que atingir seu alvo. Porque diz ao inimigo onde você está.

Ele pegou seu rifle e olhou pela mira. James observou as linhas alemãs.

À noite, ele e Pete eram substituídos por outro par de atiradores e observadores e dormiam bem, em comparação com o que James havia se acostumado. De qualquer forma, uma vantagem para bancar o assassino.

Ele memorizou cada emaranhado de arame farpado, cada cratera em terra explodida por granadas, cada torrão e pedra e solavanco. Cada cadáver. Era um deserto incolor. Apenas pássaros necrófagos se moviam. No entanto, a qualquer momento, pode haver um ataque.

Seu esconderijo era uma maravilha. Os engenheiros de túneis do Exército cavaram da trincheira de fogo em uma pequena elevação de terra. À noite, um grupo de fadiga invadiu a terra de ninguém, cortou o gramado que o cobria e completou o ninho. Eles recolocaram o gramado sobre uma moldura de madeira e esconderam cuidadosamente os buracos que os atiradores usavam para rifles e miras. Na manhã seguinte, os alemães não viram nada diferente.

— Hsst, — disse Yawkey. — vê aquilo? Trezentos metros atrás.

James viu o que pode ser um tronco de árvore ou um uniforme alemão cinza. Um oficial, provavelmente.

— Muita atividade lá ultimamente. — disse Pete. — Eles estão recebendo carregamentos de munição pesada. Eles devem ter algo planejado. — ele flexionou os dedos. — Devo atirar nele?

O estômago de James embrulhou. *Não me pergunte. Não coloque essa morte nas minhas costas.*

O homem, a mancha cinza – ele tinha esposa? Uma querida? Filhos, filhas? Se o resto de suas vidas seria alegre ou trágico, de repente dependia da escolha de James.

Enrole. — Você pode acertar o tiro de tão longe? — ele perguntou.

— Certamente. — a boca de Pete estava aberta. Ele manteve os olhos abertos no alvo. — Bem, eu deveria?

Não me pergunte. — Isso depende de você. — disse James. — Você o tem em sua mira.

— Eu com certeza tenho. — Yawkey puxou o gatilho.

Claro que James não podia ver a bala espiralando no abismo entre eles. Mas parecia que ele poderia. Claro que o oficial alemão não poderia saber que o *crack* soando nos ouvidos de James era o seu próprio toque de morte. A bala o alcançaria antes do som.

— Eu o acertei, Alderidge? — perguntou Yawkey.

— Sim. — disse James. — Você acertou.

APOLO

Esquadrão de Vampiros — 3 de fevereiro de 1918

NAQUELA MANHÃ DE DOMINGO, com um pouco de tempo livre nas mãos, Aubrey decidiu passar pela Cabana Um para ver se, talvez, uma certa jovem voluntária poderia estar a caminho de algum lugar. Ela não estava. Então ele circulou novamente, e uma terceira vez. Por fim, até mesmo ele admitiu a derrota e se contentou com uma longa caminhada até a aldeia de Saint-Nazaire, fora da base. Esticar as pernas faria bem a ele. E o mesmo aconteceria com a ilusão, embora temporária, de liberdade dos comandos de outros.

No caminho de volta, em uma encruzilhada, ele viu um policial se aproximando do cruzamento à direita à distância. Ele fez uma continência, por precaução, e seguiu em frente.

— Edwards! — uma voz o puxou de volta para o canto.

Opa. — Bom dia, Capitão Fish.

— Descansar, soldado. — disse o capitão Hamilton Fish III. — Caminha comigo?

— Sim senhor. — isso foi inesperado.

— O que você estava fazendo esta manhã?

— Só uma caminhada, capitão, senhor. — disse ele. — Um pouco de exercício.

O Capitão Fish grunhiu. — Eu acho que você teve o suficiente disso durante a semana.

Aubrey concordou. Ele tinha razão.

— Edwards, — disse o capitão Fish. — da próxima vez que você sair da base, chame um amigo, certo?

Isso dificilmente soou como uma ordem. — Senhor?

O capitão Fish demorou a responder. — Houve… ameaças.

O interesse de Aubrey despertou. — Soldados do sul, senhor?

Fish acenou com a cabeça. — Bem, sim. Embora o preconceito seja dificilmente tão simples quanto Norte versus Sul. — ele balançou sua cabeça. — Passei tempo suficiente na sala dos oficiais para ver isso.

Aubrey reprimiu um sorriso malicioso. Foi gentileza de Fish explicar-lhe o preconceito. *Gente branca.*

— Existem alguns homens excelentes e sem preconceitos. — acrescentou o capitão Fish com seriedade. — Recebi muitos elogios sobre a disciplina de nossos homens, de oficiais de todo o país. Tenho certeza de que, uma vez que esta guerra termine, seu exemplo corajoso ajudará a corrigir essa desigualdade.

Esses tipos ricos e brancos de Harvard. Tudo o que disseram soou como um discurso de um candidato ao Congresso. Era uma boa ideia, mas se tantos americanos já estavam com raiva de ver um homem negro de uniforme, alto e orgulhoso com uma arma na mão, Aubrey duvidava que um baú cheio de medalhas fizesse alguma diferença.

Eles haviam chegado à periferia da base.

— Mesmo assim, Edwards. — disse o capitão Fish. — Você terá cuidado, não é?

—Eu vou, mas...

—Sim, soldado?

Aubrey não queria parecer desrespeitoso. — É só, eu ouvi, mas nós somos da cidade, sabe, capitão? Podemos cuidar de nós mesmos. — sua mão foi para o Colt em seu bolso.

O capitão Fish colocou a mão em seu ombro. — Mesmo assim, — ele disse com firmeza. — leve um amigo com

você. Alguns desses meninos que fazem ameaças são – bem, eu não gosto de dizer isso de nenhum soldado do Tio Sam, mas – eles são a escória da terra, e essa é a verdade de Deus.

Não havia uma resposta segura para Aubrey dar a essa declaração, então ele não deu nenhuma.

— Você é um bom soldado e um ótimo músico. — disse Fish. — Não quero perder você.

E um ser humano, Fish. — Terei cuidado, senhor, — disse ele. — Eu prometo.

— Bom dia, soldado. — O capitão Fish fez uma saudação.

Aubrey correspondeu à saudação. — Bom dia, capitão.

O Capitão Fish caminhou por outro caminho e Aubrey terminou a jornada, vagarosamente passando pela Cabana Um. Ele se dirigiu ao acampamento Lusitânia e à cabana em Y para soldados negros. Ainda havia algum tempo para matar antes que o dever o chamasse em qualquer lugar, e como estar com disposição para o amor não importava de uma forma ou de outra, ele decidiu que estava com disposição para pingue-pongue.

Joey Rice o viu quando ele entrou e puxou-o para um canto.

— Você ouviu? — Joey sussurrou. — Nossos meninos. Os que se vingam pelo soldado morto. Chamando a si mesmos de Esquadrão de Vampiros. — Seu aperto no cotovelo de Aubrey era forte. — Eles mataram um fuzileiro naval na noite passada.

ARES

Rotação — 8 de fevereiro de 1918

ELES NÃO ERAM OS mesmos rapazes quando saíram das trincheiras. Na manhã seguinte ao fim dos trinta dias, eles saíram cambaleando, cansados até os ossos. Eles falavam uma nova língua. Entendiam a sobrevivência como nunca antes e se importavam menos com isso. Eles estavam acostumados com o frio e a lama, com o som de granadas e a visão de sangue. Eles fizeram ataques, bombardeando várias travessias da trincheira alemã. Eles não haviam perdido nenhum homem.

James não tinha participado das incursões. Ele e o Soldado Pete Yawkey foram transferidos para o destacamento noturno, então eles permaneceram no ninho dos atiradores. Quando, na noite seguinte, uma companhia alemã se esgueirou por um buraco para se vingar, James os viu. Sombras no breve brilho de uma chama.

Talvez seja porque eles são apenas sombras no escuro que James conseguia fazer isso. Talvez fosse porque ele sabia que eles estavam a caminho para assassinar seus melhores rapazes. Talvez ele pudesse ver, em sua mente, Mick Webber de pernas tortas jogado contra uma parede da trincheira por uma granada, ou a garganta cantante de Chad Browning cortada por uma baioneta serrilhada alemã.

Ele os viu, apontou sua mira para as sombras e atirou. Duas vezes.

Yawkey, colado em sua mira, fez um sinal de positivo com o polegar. — Acho que você acertou os dois.

James já sabia que sim. De alguma forma, ele sentiu cada bala encontrar seu alemão, como se ainda estivesse conectada a ele por uma linha de pesca, e ele pôde sentir o puxão do impacto.

Os alemães não foram mais longe. Eles passaram a noite arrastando seus caídos de volta.

— Acho que um está morto. — disse Yawkey. — Pelos gritos do outro, eu dou a ele cinquenta por cento de chance de estar vivo.

James não estava ouvindo. Ele recuou do rifle em direção à parede traseira de seu abrigo. Ele sabia que estava respirando, mas nenhum ar entrou.

— Eu não culpo você, — disse Yawkey. — por não ter matado os maqueiros. Não parece justo. Deus sabe que a primeira morte é a mais difícil. Todos nós já passamos por isso.

James não respondeu. Ele olhou para suas mãos trêmulas.

— Vá em frente. — disse Pete. — Encontre um pouco de comida e descanse. Coma algo gorduroso com seus companheiros. Tudo bem?

— Devíamos os dois fazer isso. — disse James.

Pete afastou a objeção. — Dá o fora. Não há muito para um observador fazer no escuro.

Era mentira. James não se importou. Ele desabou em um abrigo e dormiu. Quando ele acordou, o sargento McKendrick o saudou e apertou sua mão. Seu tiro salvou vidas britânicas. O olhar astuto para ver um Fritz no escuro e a presença de espírito para abater dois de seus invasores, interrompendo o ataque – essas eram as qualidades de um verdadeiro soldado britânico, tão orgulhosamente representado esta manhã pelo soldado James Alderidge. Uma recomendação por escrito seria anexada ao seu arquivo.

Então, quando James pediu uma licença de dois dias em Paris, e ali, foi concedida, desde que todos permanecessem quietos na Frente. Dois alemães, dois dias. Um cálculo curioso. Eles não foram os últimos que ele matou antes de fazer uma rotação.

AFRODITE

Licença de Dois Dias — 8 de fevereiro de 1918

8 de fevereiro de 1918

Minha querida Hazel, Meu sargento me deu sua palavra. Posso tirar dois dias de licença para viajar para Paris. Posso chegar no final da tarde de quarta-feira, 13 de fevereiro. Os trens podem muito bem estar lentos, mas acho que posso chegar à Gare du Nord por volta das quatro horas da tarde. Você pode se juntar a mim lá? Se você esperar por mim, prometo que vou te encontrar.

Eu espero que você venha. Eu preciso me certificar de que você não é um sonho. Vou encontrar um lugar para tirar a sujeira de mim antes de vê-la, para que eu seja alguém com quem você não se importará em encontrar.

Por favor, venha. Prove que você existe e me permita provar o quanto você significa para mim.

Atenciosamente,

James



A resposta de Hazel foi curta. Mais telegrama do que carta.

Quatro horas, dia 13, quarta-feira, Gare du Nord, dizia. *Eu estarei lá.*

AFRODITE

Noite do Concerto — 11 de fevereiro de 1918

NA VÉSPERA da partida para a turnê que os levaria a Aix-les-Bains, a 15ª Banda de Nova York deu um show de despedida para Saint-Nazaire. Todos que conseguiram um assento foram.

Aubrey não estava indo para Aix-les-Bains. Não depois de Colette ter compartilhado tanto com ele. Ele já havia contado ao Tenente Europe. Com Luckey Roberts ao piano, Europe poderia não precisar dele. Ele voltaria para a banda mais tarde, quando sua divisão se reportasse à Frente. Portanto, não havia necessidade de ele fazer o show daquela noite.

Algum dia, ele disse a si mesmo, *eu serei o titular de qualquer banda da qual faço parte.*

Ele decidiu ir ao concerto de qualquer maneira, por diversão, e fez o caminho mais longo até lá, convenientemente passando pela Cabana Um no caminho. Se alguém em sua Companhia tivesse contado com que frequência o soldado Edwards fazia esse desvio, ele teria algumas explicações a dar.

A porta da Cabana Um se abriu. Ele se escondeu atrás de uma cabana Nissen para ver quem era.

Merda. Era o morcego enrugado que o enxotou e alguma outra velha chata ao lado dela. Ele sorriu. Lady Hazel de la Windicott. As três mulheres partiram sem Colette.

Mas onde ela estava? Por que ela não foi ao show? É hora de descobrir.

— Estamos fechados. — a voz de Colette gritou através da porta quando ele bateu.

— Sou eu. — ele gritou de volta.

A porta se abriu. Bochechas rosadas e olhos brilhantes estavam diante dele.

— *Bonsoir, mademoiselle.* — disse ele. Ele vinha praticando isso há dias.

Colette riu. Sua pronúncia! Foi demais. — Olá, senhor.

— Eu quero te mostrar algo. — Aubrey estendeu a mão. — Importa se formos ao piano?

Ela pegou a mão dele. Tão nova e, ao mesmo tempo, tão familiar. Ela queria explorá-la, estudar cada linha da palma e o formato de cada unha.

Qual era o problema com ela?

— Vamos. — ele brincou. — Para o piano.

Ela estava enraizada no chão. Se o rosto de Colette ficasse mais vermelho, ela seria um tomate. Eles chegaram ao banco.

— Eu preciso de minha mão de volta. — ele disse.

Ela se rendeu de má vontade. Ele piscou e começou a tocar. Uma melodia lamentosa, doce e lenta, tornando-se mais melancólica até que seu final triste se foi, deixando o silêncio ressoando pela cabana.

Ela respirou fundo.

— Estou chamando essa de "Dinant". — disse ele.

Ela engoliu em seco. Ela já sabia disso.

— Obrigada. — ela conseguiu dizer. — Isso foi algo que você escreveu antes?

Ele balançou sua cabeça. — Escrevo desde a última vez que te vi.

Ela balançou a cabeça. — *Formidável.* — ela sussurrou. — Você tocaria para mim de novo?

Ele fez isso. E agora que ela sabia, realmente sabia, para quem era, e o que tudo isso significava, ela poderia

absorvê-la, lentamente, frase por frase.

Sim. Dinant merecia um réquiem assim.



— Vou para Paris amanhã. — disse ela, depois que ele tocou mais um pouco. — Hazel e eu. Para ver o namorado dela, Jacques. Quer dizer, James.

— Mesmo? — o rosto de Aubrey caiu. — Quanto tempo você vai ficar fora?

Ela franziu os lábios, considerando. — Quatro ou cinco dias, imagino. — ela forçou um sorriso. — Mas você vai embora amanhã com a banda, não é? Os soldados reclamam da sua partida há dias.

Ele virou para encará-la. — Eu não vou viajar.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Oh, me desculpe!

Ele sorriu com tristeza. — Está se desculpando por eu não ir?

— Claro que não. — ela disse. — Desculpe por você ter perdido a oportunidade de se apresentar. — ela sorriu. — Você nasceu para se apresentar.

— Eu certamente espero que sim. — *Agora,* ele pensou. *Agora é a hora*. — Pedi para ser retirado da lista de Aix-les-Bains. — disse ele.

— Por que você faria isso? — seu pulso acelerado já sabia a resposta.

Ele olhou nos olhos dela, desesperado para aprender qualquer coisa que eles pudessem revelar. — Eu não queria ficar tão longe de você. — *Não depois de tudo que você me disse. Não depois daquele beijo.*

A esperança tomou conta dela. Não tinha sido apenas gentileza naquela noite. Não foi apenas simpatia.

Sons e vozes de fora da cabana estouraram minha pequena bolha e os lembraram de que as pessoas logo voltariam do show para a cabana.

— Acho melhor eu ir. — disse Aubrey.

— Não. — disse Colette rapidamente. — Há algo que preciso lhe dizer.

Bom ou mau? — Vamos para fora, então?

Vestiram os casacos e saíram, enquanto o caminho ainda estava livre, e encontraram um lugar atrás de um galpão onde pudessem conversar um pouco mais antes que o frio os levasse de volta para dentro.

O céu se estendia acima deles, crivado de estrelas. A brisa do oceano soprou mais estrelas para a costa. Estava tão frio que a única coisa sensata era ficar perto. Ela olhou para o colarinho e a gravata de Aubrey.

— O que você queria me dizer? — ele disse gentilmente.

— Quero agradecer-lhe, — disse ela. — pela outra noite. Por ter me ouvido.

Seus olhos castanhos estudaram os dela. — Não tem que me agradecer, — disse ele. — eu queria fazer isso.

Seu olhar disparou para longe. *Ela está nervosa*, Aubrey percebeu. Ele pegou as mãos enluvadas dela.

— Você é gentil. — ela disse a ele. — Você foi tão bom em ouvir e se importar. Eu… — ela hesitou. — Eu não planejava incomodar você com tudo isso. É muita coisa.

— Demais, — respondeu ele. — para uma pessoa suportar sozinha.

Ela não confiava em si mesma para responder a isso. — De qualquer forma, eu queria te agradecer.

Era isso que era? Um obrigado oferecido educamente? Não se Aubrey pudesse evitar.

Gentilmente, ele ergueu o queixo dela em direção ao dele. — Eles dizem a você o tempo todo que você é bonita, não é? — os olhos de Colette se arregalaram. — Todos esses ianques?

Sopros de respiração congelada escaparam de seus lábios. — Eles não são muito originais. — ela admitiu.

Ele sorriu. — Então terei que fazer melhor. Eles dizem que você canta como uma deusa?

Ela balançou a cabeça. — A maioria nunca me ouviu cantar.

— Isso me torna sortudo.

Colette havia quase se esquecido de como respirar. Mas ela viu para onde Aubrey estava indo e, pelo bem dele, sentiu que deveria alertá-lo.

— Você vê uma garota que canta. — ela disse a ele. — Você gosta da minha voz. Você pode não gostar, não sempre. Você não ouve como eu acordo gritando. Como vejo todos eles em meus sonhos. Durante o dia, eu me seguro. À noite. Eu desmorono.

Levou tudo o que ele tinha para não puxá-la para perto e segurá-la com força. — Eu gostaria, quando acontecer, que eu pudesse estar lá para confortá-la.

Ele percebeu o que tinha acabado de dizer. *Eu gostaria de poder estar lá com você no meio da noite. Quando e onde você dorme.*

Boa, Aubrey, disse a voz de sua mãe.

Também te amo, mãe.

Ele tentou novamente. — Eu gostaria de poder ajudar. Se eu puder.

A doçura disso era demais. Essa pureza. Aquela inocência esperançosa, pensar que assumir uma bagunça furiosa como ela valeria a pena. Para tentá-la a construir o sonho de alguém bonito e maravilhoso, alguém como *ele*, apenas para ver o sonho morrer quando a horrível verdade da dor e do trauma tirou suas roupas e ficou nua diante dele.

— Não há como evitar. — ela disse a ele. — Isso é o que estou tentando dizer a você.

— Mademoiselle Fournier, — disse ele. — você me deixou confuso. Primeiro você não solta minha mão, e agora você está me dizendo para fugir.

Aubrey tentou pensar. Ela iria embora amanhã. Ela voltaria? Ele estaria aqui quando ela o fizesse? Não tinha

como saber. Havia apenas agora, e ele estava determinado a tirar o máximo proveito disso.

— Não quero que você solte minha mão. — disse ele. — Eu não quero que você me afaste.

Seus olhos se fecharam. Quando ela falou, foi em um sussurro. — Eu não quero te afastar.

— Colette, — disse ele. — eu posso amar Stéphane. Posso honrar sua memória. Posso amar seus pais e seu irmão, seus tios, seu primo. Posso amá-los ao seu lado, e irei, se você me permitir.

Ele gostaria de poder dizer isso agora com música em vez de palavras. As melhores palavras que ele conseguiu encontrar não pareciam muito.

— Por favor, — ele disse a ela. — fique comigo. Seja você comigo. Todos vocês.

Com uma respiração tranquila, ela deixou seu medo flutuar na noite e se encostou em seu peito. Ele a puxou para perto e pressionou sua bochecha contra a dela. *Merda*. Ele deveria ter se barbeado.

— Quando estou com você. — ela disse a ele. — Não dói tanto.

Ele beijou o cabelo dela. — Então é aqui que pretendo ficar.

Mais vozes, e outras mais altas, soaram desagradáveis sobre eles.

— Venha. — disse ele por fim. — É melhor levá-la para dentro.

Eles caminharam o mais longe que ousaram em direção à porta. Impulsivamente, ela colocou os braços ao redor dele.

— Eu voltarei em breve. — ela disse a ele.

Ele sorriu. — Eu estarei aqui, esperando.

Ela o beijou.

Não foi um beijo de agradecimento. Um beijo que dizia; *Há mais de onde veio isso.*

APOLO

Problemas com Joey — 11 de fevereiro de 1918

AUBREY CAMINHOU nas sombras por uma hora antes de decidir que era seguro entrar furtivamente em seu quartel. Se seus pés estavam frios, seu cérebro não percebeu. Ele queria gritar dos telhados. Ele, Aubrey Edwards, o Rei do Jazz, o Imperador do Jazz, era o cão mais sortudo do mundo. A celestial Colette Fournier o havia beijado esta noite! O beijado com a intenção de significar o beijo.

Quando as luzes das janelas do alojamento se apagaram por um tempo, Aubrey usou a latrina e então se esgueirou para seus aposentos. Quieto como um gato, ele abriu a frágil fechadura e entrou. Trancou a porta de novo, desamarrou as botas e foi na ponta dos pés até o beliche. Não adiantava tirar o casaco, então ele se arrastou para debaixo do cobertor.

A cama acima dele rangeu. Joey Rice abaixou a cabeça pela beirada.

— Você tem um desejo de morte, Edwards? É isso que você tem?

— Shh!

— Você vai levar um chute na bunda todo o caminho de volta para Harlem, se eles não te mandarem para casa em uma caixa.

— Boa noite, Joey.

— Não pense que eles não estão atrás de você. Os oficiais sabem.

Aubrey sentou-se ao ouvir isso. — Por que, você estava me dedurando?

— Isso mesmo. Me culpe.

Os sons de outros soldados se mexendo durante o sono os fizeram parar.

— Você se acha tão inteligente. — Joey continuou, quando parecia seguro. — Esses outros meninos não são cegos e burros, idiota. Eles sabem que você está saindo quando não devia. Espero que você esteja conseguindo algo bom com isso, pelo preço que isso vai custar a você.

— Boa *noite*, Joey. E você cuida da sua boca.

— Defendendo a honra de sua senhorita. Não é tão fofo.

— Cuide de seus negócios. — Aubrey disse a ele.

— Você torna isso da minha conta toda vez que é estúpido, o que é o tempo *todo.*

Aubrey aninhou-se sob o cobertor. Talvez se ele descongelasse, ele pudesse dormir um pouco. Se dormir fosse possível em uma noite como esta.

— Agora você me acordou. — reclamou Joey. — Tenho que mijar ou nunca vou dormir. — ele saltou do beliche de cima, enfiou os pés nas botas e foi até a porta.

— Não caia. — disse Aubrey.

O calor começou e seus olhos se fecharam. Ele não conseguia dormir, mas talvez, talvez ele pudesse se lembrar de Colette e compor um sonho perfeito.

HADES

Vertigem — 11 de fevereiro de 1918

AUBREY ACORDOU. Ainda estava escuro. Ele tinha dormido o dia inteiro? Não, ainda era noite.

Ele oscilou no tempo. Os sons de soldados adormecidos ao seu redor o puxaram de volta para a terra como uma corda, enquanto a horrível vertigem de ir do sonho à consciência fazia sua cabeça girar.

Ele tinha ouvido algo. Deve ter sido um sonho.

Não, ele ouviu algo. E agora ele não ouvia mais nada. Algo estava errado.

Ele ficou deitado lá, esperando para o seu conceito de cima e baixo se estabilizarem.

O que estava faltando?

Ele apoiou o braço na beirada do beliche e tateou o chão. Lá estavam suas botas. Ele se sentou, quase batendo a cabeça no beliche de Joey.

Joey.

Ele estendeu a mão para cima e cutucou as bobinas debaixo da cama de Joey. O colchão saltou facilmente. Joey não estava em sua cama.

Suas botas não estavam no chão.

Aubrey esfregou os olhos e saiu de debaixo dos cobertores. Devia ter sido o fato de que ele só dormiu alguns minutos e Joey ainda estava usando a latrina. O sono era enganoso. Um pouco pode parecer muito e muito pode parecer um pouco.

Aubrey calçou as botas e se dirigiu para a porta. Seu cérebro parecia espirrar em seu crânio. A noite tinha a irrealidade de uma alucinação que se arrastava através do melaço.

Ele estava lá fora. Tudo em volta dele era escuridão e neve pisada. As estrelas no alto pareciam estéreis agora. Ele seguiu seu nariz em direção à latrina.

A pouca luz que havia pintava o chão de um tom profundo de azul. A casinha se ergueu diante dele como uma montanha fedorenta.

— Joey? — ele chamou suavemente. — Joey, cara, onde você está?

Mas não houve nenhum som, exceto o latido distante de um cachorro da aldeia.

Ele bateu na porta. Ninguém respondeu. Ele abriu a porta.

Uma figura apareceu. Caiu. Caiu nos braços de Aubrey.

Seu pé escorregou e ele caiu na neve com o outro homem em cima dele. Quente e imóvel, e pingando algo úmido na bochecha de Aubrey.

— Joey? — Aubrey disse. — Joey?

HADES

Lanterna — 11 de fevereiro de 1918

AUBREY PASSOU PELA neve. Seus braços tremiam. Seus pés escorregaram. Ele alcançou a porta dos aposentos do Tenente Europe e bateu.

Uma voz dentro murmurou. Que Jim o amaldiçoe aos céus, mas ele tinha que *vir agora.*

A porta se abriu. Uma lanterna atingiu seu rosto.

— *Aubrey?* — a voz de Jim Europe estava carregada de sono. — O que diabos você está fazendo aqui?

— Você tem que vir, Jim. — disse Aubrey. — É sobre o Joey.

— O que tem ele? — O tenente Europe remexeu no bolso do manto à procura dos óculos. — Você não deveria chamar o Capitão Fish?

Aubrey agarrou o pulso de Europe. — Você precisa vir, Jim. — ele implorou. — Por favor!

— Joey está ferido? — Europe exigiu. — O que aconteceu?

— Shh!

Europe agarrou seu casaco. — Vamos lá. Me mostre.

A luz da lanterna do tenente Europe balançava descontroladamente no gelo enquanto eles corriam. Até que encontrou Joey deitado na neve.

— Ah não.

A luz de Europe vasculhou Joey da cabeça aos pés. Ele estava... talvez... por favor, Deus... doente? Bêbado? Foi

atacado?

Mas tinha sangue na neve.

Em sua cabeça. No rosto dele. Seu rosto inchado e enegrecido.

Aubrey caiu de joelhos. Seu corpo se sacudiu e ele vomitou.

Europe se ajoelhou ao lado de Joey. Ele sentiu seu pulso e depois seu pescoço.

— Os bastardos o estrangularam. — sua voz estava cheia de tristeza. — Bateram em seu rosto com seus rifles. Você quase não saberia que é ele.

A esperança surgiu.

— Talvez não seja. — disse Aubrey. — Talvez seja outra pessoa!

— Aubrey. Não faça isso.

Falsa esperança.

— Foi culpa minha — disse Aubrey à noite. — Isso é foi por culpa minha.

— Temos que tirar ele daqui. — disse Europe. — Limpe isso. Não deixe rastros.

— Culpa minha. — Aubrey repetiu. — Fui eu que fiz isso.

Jim Europe apontou sua tocha diretamente para o rosto de Aubrey. Ele apertou os olhos.

— Você está me dizendo, filho, que você estrangulou Joey e depois o acertou com a coronha do rifle?

Joey. Joey. Estúpido Joe.

— *Está?*

Aubrey já havia esquecido a pergunta.

— Se eu não tivesse saído, Joey não teria... Era a mim que eles estavam seguindo...

O estalo de uma grande mão de couro em sua bochecha o despertou.

— Se controle, soldado. — Europe latiu. — É uma ordem.

Europe fez o que pôde por Joey. Limpou o sangue de seu rosto. Fechou suavemente o lábio inferior para esconder o queixo horrivelmente quebrado.

— "Morte onde está o teu aguilhão?" — amarga ironia se misturou à recitação de Jim Europe. — "Sepultura, onde está a tua vitória?" Bem aqui. É aqui.

Ele acenou com a tocha para Aubrey. — Pegue os pés dele. Vamos levar ele de volta para meus aposentos. — Aubrey acenou com a cabeça em silêncio. Eles estavam apenas conversando. Apenas. Brincando como de costume. Carregar seus pés e tocar aquela coisa dura e gelada que costumava ser Joey Rice? Como?

— Olha, garoto, nós também estamos em perigo, certo? Pegue os pés dele e vamos sair daqui.

Aubrey pegou os tornozelos de Joey e os prendeu sob os cotovelos. O Tenente Europe ergueu a parte superior do corpo. Eles cambalearam de volta para os aposentos de Europe. O corpo de Joey Rice caiu como roupa molhada.

O Tenente Europe acendeu a luz. Se atrapalhando com o peso, ele conseguiu estender uma toalha sobre a cama antes de colocarem Joey sobre ela.

Aubrey se afastou da cama. — Devo chamar um médico, Jim?

O olhar sempre intenso da Europe procurou o rosto de Aubrey. — É um pouco tarde para isso agora.

— Mas e se estivermos errados sobre isso? — Aubrey ofegou. — E se houver algo que não vemos e eles puderem ajudá-lo?

Europe puxou um banquinho de uma escrivaninha em um canto.

— Sente-se, filho. — ele ordenou. — Coloque a cabeça entre os joelhos.

Aubrey disparou para a porta. — Eu não posso fazer isso; preciso achar ajuda.

Europe bloqueou a saída de Aubrey como uma parede de blocos de concreto. — *Sente-se.* — ele pegou um frasco e serviu uma polegada de alguma coisa. — Beba isso. — ele entregou o copo.

Aubrey olhou para o líquido cor de resina que girava em redemoinho. — Eu não bebo. — ele murmurou. — Não muito para...

— Beba.

Queimou e ardeu sua garganta já ferida.

Europe encontrou um lençol e o colocou sobre Joey. Então ele se sentou ao pé da cama.

— Agora, — disse ele lentamente. — me diga exatamente o que você quis dizer quando disse que tudo isso é culpa sua e foi você quem fez isso.

Aubrey não sabia, mas estava começando a tremer.

O Tenente Europe, com algum esforço, puxou um cobertor debaixo do corpo de Joey. Ele envolveu Aubrey. Pegou uma barra de chocolate de sua mesa e a empurrou para ele. — Coma isso.

Quando Aubrey finalmente parou, Europe tentou novamente.

— Aubrey, — disse ele gentilmente. — eu te conheço há muito tempo, certo? Pode confiar em mim. Eu preciso que você me diga o que aconteceu. A menos que você mesmo tenha estrangulado e golpeado meu tocador de corneta até a morte, não tem nada a temer de mim. Me conte tudo. Tudo bem?

O lençol cobria os pés de Joey. Como se ele estivesse dormindo na cama.

Ele devia a Joey dizer a verdade. Não importa o que fizeram com ele. Eles poderiam fazer o pior, e não seria nada que ele não merecesse.

— Eu estava fora depois que as luzes se apagaram. — Aubrey sussurrou. — Vendo uma garota.

Europe ficou quieto.

— Já fui lá antes. — disse ele. — Uma vez, um soldado branco me parou. Um fuzileiro naval, eu acho. Puxou uma arma. Ameaçou me ensinar uma lição por colocar as mãos em mulheres brancas.

O que quer que Europe pensava sobre isso, Aubrey não sabia.

— Eu tirei a arma daquele cara. — disse Aubrey. — E eu não parei de sair para ver minha garota. Joey sempre me avisou que eu não deveria. Às vezes, ele me protegia.

— Você não achou que seu atacante voltaria?

Aubrey ergueu os olhos. — Ele era um covarde. Achei que tinha mostrado a ele que não íamos tolerar isso. Tudo com o que ele estava acostumado no Sul.

A voz de Europe estava baixa. — Continue.

— Eu estava fora esta noite, com a minha garota. — disse Aubrey. — Acho que eles me seguiram até minha tenda. Deve ter sido um monte deles. Parei para usar a latrina e depois fui para o meu barracão. Quando entrei, Joey saiu para usar a latrina. Veja bem, eu o acordei.

— E foi aí que você o encontrou?

Aubrey acenou com a cabeça. — Devo ter adormecido, — disse ele. — mas eu acordei de repente. Algo não estava certo. Quando percebi que Joey não estava na cama, fui procurar.

Jim Europe permitiu que sua cabeça tombasse. — Pobre criança. — ele murmurou. — Pobre criança.

Aubrey agarrou o cobertor. A dor o atingiu como uma marreta e ele começou a chorar. O tenente Europe lhe entregou um lenço limpo. A gentileza só fez Aubrey chorar ainda mais.

— Foi culpa minha. — disse ele novamente. — Deveria ser eu.

— Olhe, Aubrey Edwards. — disse Europe, — E ouça bem.

Aubrey piscou. Seu nariz estava a centímetros do de Europe..

— Sair à noite era contra as regras, e você *deveria* ter problemas por isso.

Aubrey acenou com a cabeça. As consequências estavam chegando. Era justo.

— Sair à noite quando você sabia que assassinos estavam te perseguindo não foi sua melhor ideia.

Aubrey acenou com a cabeça. Deus, se ele não tivesse sido tão estúpido.

— Alguns de vocês, rapazes da cidade, não têm ideia do que nós, que crescemos no Sul, entendemos.

Ele parecia o pai de Aubrey.

— Mas vamos ver se entendi. Você não é aquele que deveria ter sido morto. Joey não deveria ter sido morto. Ninguém deveria ter sido morto. Um homem negro tem tanto direito de viver, ver uma garota e ir ao banheiro, pelo amor de Deus, quanto qualquer outra pessoa.

As palavras de Europe caíram como uma onda e, em seguida, como uma onda, elas voltaram para o mar. Se Aubrey deveria encontrar algum conforto nelas, não durou.

Jim Europe andava de um lado para o outro, pensando. Aubrey observou a forma imóvel de Joey, sob o lençol drapejado. Como era estranho que nem a menor respiração ou movimento mexesse no lençol. Porque ele estava morto. Repetidamente, a surpresa disso o agarrou.

— O que acontece agora? — Aubrey perguntou.

Jim Europe tirou o manto e começou a vestir o uniforme. — Primeiro, — disse ele. — você não vai contar a ninguém o que aconteceu. Entendeu?

Aubrey se sentou. — Você acha que as pessoas não vão notar que ele sumiu?

Jim enfiou uma perna em suas calças. — Ele está doente. — disse ele. — Você o ajudou a ir para a enfermaria.

— Você quer dizer que você vai abafar isso e deixar aqueles bastardos escaparem impunes?

O olhar de Jim Europe lembrou Aubrey de que ele estava falando com um oficial superior. Era mais difícil lembrar disso quando o oficial superior abotoava as calças por cima do terno do sindicato.

— Não estou deixando ninguém escapar impune, — disse Europe em tom pesado. — mas vou lidar com isso do

meu jeito. Eu não vou acrescentar nada a essa rixa diabólica. "Olho por olho" não nos leva à Frente, e não viemos aqui para brincar de soldado com fuzileiros navais. — ele prendeu as meias nas ligas. — Quanto a você, você vai embarcar naquele trem esta manhã para Aix-les-Bains.

Ir embora? Ele não deveria. Colette. — Eu não estava na lista.

— Está agora.

Colette se levantou, uma silhueta iluminada no final de um longo corredor. Pequena, como uma estatueta. Enquanto ele observava, o corredor se alongou mais e mais até que ela desapareceu.

Joey devia estar vivo agora. Se alguém tinha que morrer, deveria ser o imprudente que ignorou as regras e trouxe a destruição para um homem inocente. Um cara que sacrificaria a vida de seu amigo para que ele pudesse fugir para ver uma garota não merecia viver.

— Envie uma carta para sua garota quando chegarmos, mas eu vou te tirar dessa bagunça.

Ele sabia disso. Antes mesmo de encontrar o corpo ou descobrir o desaparecimento de Joey. Essa sensação desorientadora em seu sono. Esta era a mensagem que ele estava tentando achar.

Claro que foi. Eu que enviei para ele. Não foi uma vantagem, mas eu precisava prepará-lo. O envolver em confusão foi mais misericordioso do que o deixar com todas as faculdades mentais para enfrentar a verdade nua e crua.

Ele tropeçou em meus portões. Sou gracioso com meus convidados.

O tenente Europe serviu uma dose de refil a Aubrey. — Tenho muito o que fazer antes do nascer do sol, e é melhor você não estar por perto para nada disso. Volte para a cama e durma se puder. Saímos às sete. — Ele entregou o copo a Aubrey. — Beba isso. Você vai precisar.

Aubrey bebeu a xícara em chamas e seguiu seus pés na neve, de volta ao alojamento. A última vez que ele voltou

para esta porta, o beijo de Colette ainda estava pendurado em seus lábios. Aquela vivacidade, aquela alegria que ele sentia ao lado dela, a música, as possibilidades – todas elas escorregaram para baixo da ressaca puxando Aubrey Edwards para Aix-les-Bains e longe de sua própria alma.

HADES

De Volta ao Lar

TRAUMA NA cabeça incha o cérebro, sufocando as partes que controlam a respiração e os batimentos cardíacos. Antes que os brutamontes terminassem de matar Joey Rice, ele escorregou do terror para a insensibilidade. Seu corpo, percebendo que nenhuma recuperação era possível, implementou rapidamente seu procedimento de autodestruição, liberando seu hospedeiro, a alma, de qualquer medo ou dor adicional.

Desamarrada, desvinculada e ainda inconsciente, a alma de Joseph Rice voou pelos portais da terra e da eternidade e chegou às minhas portas.

Ele abriu os olhos, seus verdadeiros olhos, e se viu em um campo gramado pontilhado de pequenas flores brancas. Muito maior que o Central Park. Os pássaros cantam. Uma brisa quente se envolveu ao redor dele e farfalhou os galhos das árvores próximas.

Ele achou seus pés em um caminho que levava a uma porta familiar. Ele abriu e entrou.

Era sua casa no Harlem. O apartamento dos pais dele. Lá estava sua mãe à mesa, fazendo palavras cruzadas todas as noites. Ao lado dela estava seu pai, substituindo uma corda do violão. Eles compartilhavam uma tigela de pipoca entre eles sobre a mesa. Uma fotografia de Joey de paletó e gravata estava sobre a lareira.

— Mãe. — ele chamou. — Pai. Como vão?

Eles não olharam para cima.

Ele ficou ao lado da mesa. — Mãe, pai! Sou eu, Joe!

Eu me juntei a ele. Sem passos, mas ele sabia que eu estava lá. Ele não olhou. — O que está acontecendo?

É melhor, eu acho, deixar as almas liberadas descobrirem as coisas em seu próprio ritmo.

— Estou morto?

Ele se virou para mim. Assumi a forma de seu avô morto, mas Joey não se deixou enganar.

— Parece que você está? — perguntei a ele.

— Não. — disse ele. — O que era aquele lugar gramado?

— Asfódelos, — eu disse a ele. — gostou?

Ele parecia não estar disposto a admitir que houvesse algo a gostar de estar morto. Isso é comum e não me ofende.

— Diga-me francamente. Estou morto, não estou?

— Está.

— Então por que estou aqui?

— É onde você queria estar.

Ele voltou para seus pais. Se ajoelhou ao lado de sua mãe e acariciou seus cabelos.

— Sinto muito, mãe. — disse ele. — Eu sinto muito. Eu disse que sempre cuidaria de você.

Ela não percebeu nada. Ela, no entanto, decifrou uma pista complicada.

O pai de Joey testou e afinou a nova corda. Ele dedilhou alguns acordes experimentais para se certificar de que as cordas estavam de acordo. Joey apertou os ombros de seu pai.

— Pai, — ele sussurrou. — eu não consegui.

Seu pai começou uma música para valer. *"I looked over Jordan, and what did I see, coming for to carry me home...?"*

Joey se virou para mim mais uma vez. — Eles vão surtar quando receberem a notícia — disse ele. — Especialmente

se ouvirem *como* aconteceu. O coração de papai pode não aguentar. E Ma...

Ele começou a chorar. Muitas vezes fico comovido por almas cuja primeira preocupação não é com os próprios anos perdidos, mas com a dor que seu falecimento causará àqueles que amam. É mais comum do que você imagina. Os corpos mortais mais comuns são alojados por almas espetaculares.

"Swing low, sweet chariot, comin' for to carry me home", cantou o pai de Joey.

Joey se ajoelhou ao lado do pai e apoiou a cabeça no joelho.

— Alguém precisa avisar. — insistiu ele. — Para que as notícias não os destruam.

— Parece bom em teoria, — eu disse. — mas na prática, no que diz respeito à morte, é complicado de realizar.

— Alguém precisa cuidar deles. — disse Joey. — Vai ser difícil para eles nos próximos anos.

— Porque não você?

Ele parou e olhou para mim. — Poderia ser eu?

Eu concordei. — Claro.

— Eu não tenho, — ele gesticulou amplamente. — coisas que eu deveria estar fazendo?

Eu sorri. — Não dedilhar harpas ou atiçar fogueiras, se é isso que você quer dizer.

Eu gostava de Joey Rice.

— O que mais acontece aqui? — ele perguntou. — No céu, ou na vida após a morte, ou qualquer outra coisa?

Eu me levantei para sair. — As opções, — eu disse a ele. — são praticamente infinitas. E você tem todo o tempo que poderia desejar para explorar. Mas sempre que quiser, você poderá descansar em Asfódelos.

Joey estava sentado em uma cadeira entre a mãe e o pai. — Acho que vou ficar aqui um pouco.

— Fique o tempo que quiser. — eu disse a ele. — Devo avisá-lo: não será fácil.

— Espera. — disse ele. — Devo ser julgado? Minha alma pesou, ou seja o que for? Bom ou mau? Devo me preocupar com isso?

Apertei sua mão antes de sair da sala. — Foi um teste muito breve. — disse a ele. — Você já passou.

INTERVALO DE ATOS

Três Trens — 12 a 13 de Fevereiro, 1918

APOLO

UM TREM LEVOU a 15ª Banda de Nova York para Nantes, onde eles começaram sua turnê com um show exclusivo em uma sala de ópera. Eles tocaram marchas militares francesas, "Stars and Stripes Forever", e melodias de plantação.

"Lá vem os fogos de artifício", escreveu o baterista principal Noble Sissle. "The Memphis Blues".

"O coronel Hayward trouxe essa banda para cá e começou o movimento de Jazz na França; não é uma coisa horrível visitar uma nação com tantos fardos?" , escreveu Sissle. Mas quando “The Memphis Blues” acabou, o público gritou e Sissle fez uma descoberta. "Isso”, escreveu ele, “é exatamente o que a França precisa”.

Por isso que os trouxe aqui.

Aubrey Edwards, no entanto, perdeu todo o show. Ele estava enrolado como um casulo no banco de trás de um vagão vazio do trem.

AFRODITE

Hazel e Colette embarcaram em um trem do meio-dia de Saint-Nazaire, com destino a Paris, com nada além de emoção e diversão em suas mentes. Seria meia-noite antes de chegarem a Paris.

Elas passaram o tempo com um jogo que Colette inventou. — Qual é o seu segredo? — enquanto os passageiros, carregadores, condutores e garçons passavam, Colette e Hazel os espionavam e, em seguida, propunham uma a outra qual poderia ser o segredo de cada estranho. Uma mulher corpulenta e severa, Colette declarou, tinha uma paixão não correspondida por seu dentista. Um velho de aparência avarenta, decidiu Hazel, chorava todas as noites sobre o túmulo de seu peixinho dourado de infância. Um soldado de olhos azuis era um espião alemão. Uma jovem desamparada com um casaco fino, mas desbotado, era uma princesa Romanov russa no exílio.

Rir era exatamente o que Hazel precisava. Ela estava uma pilha de nervos e borboletas, mas isso só aumentava a emoção de antecipação. Os mortais me amaldiçoam pelo nervosismo do amor, mas eu esqueci. Esse terror delicioso provou a Hazel que ela estava viva.

É o que faço de melhor.

ARES

Ao amanhecer, James pegou uma linha de abastecimento alguns quilômetros atrás das linhas para um depósito em Bapaume. De lá, um trem para o sul o levou a Paris. Foi uma viagem de cerca de cinco horas.

Ele viu os sinais da guerra desaparecerem atrás dele até que tudo o que restou foi o campo. Mesmo coberto de geada, era pintado com cores ricas. Ele ficou maravilhado que a cor ainda existia, que houvesse algum lugar no planeta que não estivesse marcado por buracos de bombas.

Ele gostaria de poder descascar a guerra como uma crosta. Tudo o que ele queria agora era ser um sujeito com uma linda garota ao seu lado. Mesmo que seu uniforme fosse tudo o que ele tinha para vestir.

(Eles nunca me enviam apenas soldados. Eles me enviam dores de cabeça.)

O calor do vagão, seus ritmos calmantes e um mês de privação de sono puxaram James para baixo. Ele nem percebeu que havia adormecido até que o maestro o acordou, declarando que eles haviam chegado a Paris.

TERCEIRO ATO

AFRODITE

Gare du Nord — 13 de fevereiro de 1918

EU ESPEREI MESES por isso. Eu não ia deixar nada ao acaso.

Em toda aquela vasta metrópole, Hazel e James se aproximaram. Duas agulhas em um enorme palheiro. Com que facilidade eles poderiam ter se perdido! Mas eu era o imã no centro. Quanto mais perto eles chegavam, mais forte era meu domínio sobre eles.

Eu esvoaçava para frente e para trás entre eles como um pardal. Encontre o banheiro, James; seu rosto precisa ser lavado. Apresse-se, Hazel, mas não muito rápido; James precisa lavar o rosto dele. Colette, compre uma flor para aquela pobre menina. Ela é tão sem graça quanto seu casaco. Encontre um pouco de água, James. Foi uma longa jornada. Talvez uma bala de menta também enquanto você está nisso. Respire, Hazel. Não é hora de desmaiar. Sorria, James; você está prestes a ver Hazel. Não se preocupe, Hazel. Tudo vai ficar bem.

Gosto de manter um pouco de nervosismo fervendo. Isso mantém os mortais alertas em momentos cruciais. Sensíveis a todos os detalhes. Imprime memórias duradouras. Esses momentos pertencem à eternidade.

Tudo agora dependia *deste* momento. Quando eles se vissem, eles veriam o desejo do seu coração? Ou um estranho que eles imaginaram que gostavam em um breve momento de solidão?

Às quatro da tarde, no relógio acima da porta do terminal, Hazel se aproximou da grande fachada de pedra da Gare du Nord, a maior e mais movimentada estação ferroviária da Europa. Era *enorme*. Isso a fez se sentir como um rato, entrando. Pequena, insignificante e quase nada atraente.

Ela dormiu e tomou banho no apartamento da tia de Colette. Colette tomava todas as decisões envolvendo roupas e cabelos, já que Hazel, ela mesma, era completamente incapaz de pensar. No caminho, Colette comprou uma rosa cor de rosa de um vendedor de rua e a prendeu no casaco cinza de sua amiga. Quando chegaram à praça fora da Gare du Nord, Colette beijou as duas bochechas de Hazel.

— Estarei neste café do outro lado da rua com um livro. — explicou ela. — Se ele não vier em uma hora, venha me encontrar. Se você não me encontrar, vejo você de volta na casa de Tante Solange esta noite.

Hazel respirou fundo e entrou.

A grande entrada estava escura no final da tarde. À frente, o galpão de vidro e ferro brilhava com a luz do sol dourada refletida na névoa das locomotivas a vapor. Trem após trem se enfileiraram no galpão, enquanto milhares de pessoas despejadas se derramavam ao redor dela como água ao redor de uma pedra.

É tão grande, ela pensou. *Eu nunca vou encontrá-lo.*

Soldados franceses em seus uniformes azuis-acinzentados e soldados britânicos em cáqui estavam por toda parte. Comerciantes e operários, carregadores e condutores e engenheiros, homens de negócios e políticos, mães e filhos. James poderia passar direto por ela e nunca vê-la.

Qual era o melhor lugar para ver e ser visto? Ela parecia patética e visivelmente desesperada, parada bem no centro da estação?

Não foi isso que James pensou quando a viu.

Ele saiu de uma segunda ida ao banheiro, conferindo novamente a gravata. Eram 4:02. O terminal fervilhava de gente, mas a imobilidade dela no centro atraiu sua atenção. Lá estava ela.

Ele ficou parado por um momento, observando-a. Essa era ela. Esse era o formato de seu nariz; ele tinha esquecido. Seu cabelo estava um pouco diferente; seu casaco e chapéu eram os mesmos. Ela trocou seu cachecol de lã azul escuro por um lenço mais fino de seda rosa (*merci,* Colette), e rosa certamente era sua cor. Contra o fundo abundante da vasta estação, ela brilhava como um anjo. Suas bochechas estavam vermelhas, seu rosto ansioso, adorável e querido enquanto ela esperava que ele aparecesse. Para *ele.*

Ele deveria ir até ela. Ele não deve prolongar a espera dela. Mas ele não conseguia se mover.

Havia mulheres no mundo! Depois de semanas na Frente, elas eram um milagre esquecido, esses seres que cheiravam a limpo e agradável, usavam cores vivas e não saíam por aí se matando!

Não era sexo em sua mente. Nem luxúria. Mais como uma reverência perplexa. Como a primeira visão de uma árvore de Natal para uma criança. Mas me dê tempo e eu suprirei o que está faltando.

Essa garota havia viajado por toda a França para passar um dia e meio com ele.

O fato de ele ser a razão pela qual aquela linda garota estava aqui parecia um ultraje, uma mentira, uma ofensa contra a natureza. Ele tinha picadas de pulga ao longo de seus tornozelos. A pele de seus pés, de onde ele não tirava as botas por semanas, parecia queijo. Ele devia pegar a mochila que pegou emprestada de Frank Mason, dar meia-volta e pegar o próximo trem para o norte, para Bapaume.

Chega, James. Já foi o bastante.

Tudo bem, Hazel. Olhe para a sua direita.

Ela virou. Ela viu ele.

O que há com uniformes? Que feitiço eles lançam? A boina cerimonial, o sobretudo, a túnica com seus botões de latão – para ver tudo sobre o menino do baile da paróquia, da casa de chá J. Lyons e do Royal Albert Hall – tão preparada quanto poderia, ela estava morta pelo uniforme. Ela não foi a primeira. (O traje de guerra atual tem muito mais apelo sexual se você me perguntar, e você deveria.)

Antes mesmo que Hazel ousasse sorrir, seu rosto se iluminou e ela deu um passo em sua direção. James sabia então que, insubordinação ou não, ele *não* voltaria a aquele trem. Nunca, se ele pudesse evitar.

AFRODITE

Arquimedes — 13 de fevereiro de 1918

FOI ARQUIMEDES de Siracusa quem primeiro disse que a distância mais curta entre dois pontos era a linha reta que os conectava. Longe de mim jamais lançar uma sombra sobre a sabedoria de um grego da Idade de Ouro, mas Arquimedes entendeu errado. O comprimento da linha reta entre duas pessoas que não ousam admitir que estão apaixonadas é infinito. Especialmente depois de meses separados.

Mas eles chegariam lá eventualmente.

Eles ficaram cara a cara. Ainda jovens, ainda inteiros, ainda bonitos.

E, no entanto, eles tinham mudado – cada um um pouco mais magro. Mais experiente. Mais complicado.

Nenhum deles conseguia se lembrar de uma palavra em inglês.

Essa Hazel. Você vê por que gosto tanto dela. Ela superou esse problema em um instante e lançou os braços ao redor de James. Ela não lhe deixou escolha a não ser envolvê-la nos braços e abraçá-la. Hesitação não é uma opção em um ataque de corpo inteiro. Suas presilhas e grampos de cabelo cederam, e ele enterrou o rosto em seus cabelos desgrenhados. Depois de semanas sendo uma ideia, uma memória, um sonho e alguns pedaços de papel, lá estava ela, quente e real, agarrada a ele como se tivesse medo de deixá-lo ir.

Na verdade, ela estava. Mas todos os abraços devem acabar, então eles se separaram, só um pouco. Aquilo doeu muito, então ele apoiou a testa e o nariz no dela. Às vezes, a felicidade é mais do que um corpo pode suportar.

Este era o momento? Haveria um beijo? Nós três estávamos pensando nisso.

Ainda não.

Está bem. Eu esperei tanto tempo; eu poderia esperar mais um pouco. Nesse ritmo, todo o tempo de licença de James para Paris seria gasta em pé neste mesmo lugar.

— Está com fome? — Hazel perguntou a ele. — Cansado? Você deve querer se deitar.

James era um cavalheiro e seus pensamentos eram puros.

— Nem um pouco. — ele disse. — Eu quero fazer tudo. Ver tudo. Com você. — ele pressionou a mão sobre a barriga. — Comer tudo também.

— Venha, então. — Hazel enroscou os dedos nos dele. — Vamos começar.

Ele partiu para acompanhá-la, então parou e puxou-a para perto.

— Você veio. — ele sussurrou. — Você realmente veio.

O que uma garota diz em resposta a tanto sentimentalismo? A coisa errada, é claro.

— Bem, você me pediu. — seus olhos brilharam.

Não havia nada de errado que ela pudesse dizer.

— Olá, Hazel.

Ela corou. — Certo. Olá James. — ela sorriu. — Eu peguei tudo um pouco fora de ordem, não foi?

— Não. — James não pôde deixar de sorrir. Ele quase esqueceu como. — De jeito nenhum.

— *Comida.* — ela disse. — O tempo não vai durar.

Nós veríamos sobre isso.

AFRODITE

Café du Nord — 13 de fevereiro de 1918

EM UMA MESA perto da janela do La Café du Nord, do outro lado da Rue de Dunkerque da estação ferroviária, estava Colette. Um garçom trouxe para ela uma xícara de *chocolate*, colocou-a ao lado de seu livro fechado e perguntou o que ela faria mais tarde. Ela respondeu com um sorriso vago e tomou um gole. Nada mal.

Ela observou a estação de trem. Era muito cedo, sem dúvida, para Hazel ainda ter encontrado seu namorado. Os trens se tornaram extremamente imprevisíveis desde o início da guerra. Ela deveria começar a ler.

Et voilà. Lá, saindo da estação, estavam Hazel e um jovem de braços dados. Ele era alto, vestia um uniforme de soldado britânico e não tinha olhos para os encantos de Paris, mesmo quando ela começou a acender suas lâmpadas noturnas. Ele se concentrou inteiramente em Hazel.

Bon, ela pensou. *Hazel a trouvé son Jacques.*

Ela terminou seu chocolate, leu uma página e descobriu que sua atenção se recusava a obedecer. Então ela deixou algumas moedas e se dirigiu para o apartamento de sua tia.

Se ao menos Aubrey estivesse aqui com ela esta noite, ela pensou. Até mesmo um cidadão da grande metrópole de Nova York encontrará muito o que desfrutar em la Ville Lumière. Paris foi feita para dois.

Colette Fournier quase invejou sua encantadora amiga inglesa naquela noite. Mas, ela considerou, que amanhã Hazel precisaria se despedir de Jacques, enquanto em alguns dias ela poderia voltar para Aubrey. Ela precisaria oferecer conforto a Hazel quando chegasse a hora.

AFRODITE

Saint-Vincent-de-Paul — 13 de fevereiro de 1918

SAUDAÇÕES REALIZADAS, amor e saudade deram lugar à difícil tarefa de fazer um plano.

Eles saíram da estação de trem e James teve seu primeiro vislumbre de Paris. Mesmo depois de quatro anos de guerra, suas adversidades, sua escassez de mão de obra, a cidade era um espetáculo para se ver.

As pessoas estavam por toda parte. Soldados e oficiais uniformizados. Ônibus cheios de feridos com destino aos hospitais. Casais de braços dados e homens mais velhos fumando nas portas. Em todos os lugares, luzes piscaram. A música podia ser ouvida flutuando de algum lugar.

— Você quer ir caminhar? — perguntou James. — Ver um concerto? Talvez haja um concerto?

— Você precisa comer. — disse Hazel.

James olhou de volta para o relógio da estação de trem. — Jantar? Agora? Não são nem cinco horas.

Ela o conduziu até o outro lado da rua. — Há um mercado coberto. — Disse ela. — Vamos pegar algo e chamá-lo de chá. Mais tarde, encontraremos um restaurante. A tia de Colette fez uma lista.

— Então, você vai ficar com Colette e sua tia?

Hazel acenou com a cabeça. — Você também. — ela o cutucou. — Eu sou uma convidada, mas você terá que pagar o aluguel.

O mesmo lugar que Hazel! — Tem certeza? Pensei em um hotel.

— Tive de garantir à tia de Colette que você era um cavalheiro — provocou Hazel. — Então é melhor você não provar que estou errada.

Eles chegaram ao mercado de alimentos, Marché Couvert Saint-Quentin, e exploraram as barracas. Eles escolheram pãezinhos quentes e um saco de nozes torradas. O pobre James não percebeu, completamente, o quão avidamente ele engoliu sua comida. Suas boas maneiras morreram nas trincheiras. Mas Hazel ficou feliz em vê-lo comer.

Ela estudou o mapa. Quando ela olhou para cima, ele a presenteou com um buquê de rosas cor de rosa.

— O que é isso? — ela perguntou surpresa. Atrás dele, um carrinho de flores com placas lembrando a todos de não esquecer do dia de *São Valentim*. Um vendedor robusto de avental estava sorrindo para ela.

— Quer ser minha namorada, Srta. Hazel Windicott?

Ela inalou o perfume das rosas. — Bem. — disse ela. — Só porque ninguém mais parece disposta a assumir o cargo.

Essa garota. James queria rir alto. Ele estava tão preocupado que, de alguma forma, a facilidade que sentiu com ela em Londres não sobreviveria ao tempo que passaram separados. Ele não conseguia ter o suficiente dela.

Ela sentiria o mesmo, quando soubesse de seus feitos de guerra?

Pelo menos, ele pensou, poderia aproveitar esses momentos agora.

O sol havia se posto no momento em que rumaram para o noroeste no Boulevard de Magenta. James carregou sua mochila e o saco de pãezinhos. Hazel embalou suas rosas como um gatinho em seus braços.

Eles dobraram na Rue la Fayette e logo chegaram a uma praça contendo uma grande igreja. Isso fazia os edifícios ao redor parecerem anões. Situada em uma elevação, a basílica de pedra cinza era flanqueada por duas grandes torres de relógio. Santos esculpidos, mendigos e anjos olharam para eles. Em jardins com terraço, os caules das ervas daninhas do ano passado estremeciam com o vento. A guerra. Tudo o que não é essencial foi negligenciado.

Hazel observou James pensativamente. — Você precisa voltar para Paris. — disse ela. — E passar um ano olhando prédios, não é?

A ideia de se tornar um arquiteto parecia enterrada nas trincheiras com os mortos na guerra.

— Isso seria brilhante. — disse ele. — Mas não seria divertido se você não estivesse lá.

Isso chamou minha atenção. Quando o “Para Sempre” entra na conversa, sou toda ouvidos. Ou até mesmo uma conversa de longo prazo. As coisas estavam indo muito bem.

Dois jovens corados subiram os degraus da l’Église Saint-Vincent-de-Paul.

— Colette disse que... — disse Hazel, sentindo que uma mudança de assunto pode ser necessária. — Vale a pena ver esta igreja. Há algumas belas obras de arte dentro e um órgão esplêndido.

— Você vai tocar o órgão?

Ela olhou para ele. — Você não pode simplesmente entrar e tocar órgão quando quiser.

Eles passaram pelo pórtico e entraram no santuário.

— Oh meu Deus. — sussurrou Hazel.

À luz suave das lâmpadas penduradas, eles contemplaram a grandeza de l’Église de Saint-Vincent-de-Paul.

Duas fileiras de grandes colunas corriam de cada lado do vasto santuário, e um segundo nível de colunas de uma galeria superior estendia-se até o teto lindamente

esculpido. Pinturas deslumbrantes adornavam as paredes e a lateral em cúpula. As pinturas, fortemente douradas, brilhavam à luz do lampião, inundando o espaço com um brilho sombrio.

Eles caminharam ao longo do corredor que conduzia atrás da nave até uma capela isolada. Chapelle de la Vierge. Capela da Virgem Maria. Um lugar privado onde se pode ir para orar.

James largou sua mochila e se sentou. Ele observou Hazel examinar as esculturas e os vitrais com curiosidade e sorriu. Então ela percebeu que ele se sentou e voltou a se sentar ao lado dele.

— É realmente incrível, não é?

Ele assentiu. — Magnífico.

Ela observou seu rosto com seriedade. — Eu pensei, talvez, depois de seu tempo no Fronte, em toda aquela sujeira e fumaça, que algo muito bonito poderia ser exatamente o que você precisava ver.

Ele passou o braço em volta dela e puxou-a para perto. — Você estava certa.

— Eu não estava procurando um elogio. — disse ela indignada.

— Você vai ter que aceitar, do mesmo jeito.

— Hmph.

As janelas escureceram quando a noite caiu sobre Paris. Tornou a luz da lamparina mais brilhante e menor, já que o escalão superior do santuário deslizou para a escuridão.

— É bom ver algo que foi feito com amor e cuidado, — disse ele por fim. — A guerra dá a sensação de que tudo o que os humanos já fizeram foi destruir.

Ela se encostou em seu ombro. — É terrível?

Tudo o que ele queria pensar era ela. Não nas trincheiras.

— É mesmo. — ele disse. — Mas, eu não acho que vi o pior ainda.

Ela se virou para olhá-lo nos olhos. — Eu espero que você tenha.

— Vou te dizer uma coisa. — disse ele. — Não vamos voltar para Saint-Nazaire e eu não vou voltar para o Fronte. Vamos ficar aqui, olhando as coisas. Tudo bem? Não vamos deixar isso acabar.

Ela sorriu. — Tudo bem.

Ele riu. — Você só diz isso porque sabe que não é isso que eu quero dizer.

— Você não pode estar falando sério — disse ela. — Mas você o faria se pudesse.

Ela o entendeu tão rápido, tão completamente, tão naturalmente. Quase o assustou. Se ela entendesse tudo o que ele sentia por ela, isso a assustaria?

— Você sabe... — disse ele, com as palavras saindo rápidas. — Eu estava com medo de ver você.

Ela o observou com os olhos cheios de preocupação.

— Eu não sabia como seria. — disse ele rapidamente. — Eu não sabia se o que sentimos... – o que você sentiu – o que eu esperava que você sentisse... – poderia sobreviver. Se tinha sido real, ou se eu tinha imaginado.

Ela acenou com a cabeça. — Eu entendo.

— Mas aqui está você. É como se estivéssemos juntos todos os dias.

Hazel sabia que algo o pressionava fortemente.

— Não houve um dia... — disse ela. — Em que eu não pensei em você.

Seus olhos procuraram seu rosto. A hora era agora. Por favor, Deus, não agora, mas era agora.

— Hazel, — disse ele. — Eu sou um atirador de elite.

Aqueles olhos arregalados, com seus cílios longos e escuros, abriam e fechavam, abriam e fechavam.

A ocultação havia passado. Ele fez um buraco na imagem que ela tinha dele. Ela iria embora. Ela poderia muito bem imaginar todos os motivos.

— Eu matei seis alemães. — disse ele. — Isso eu sei com certeza. Atirei neles a sangue frio.

Agora ela recuaria de horror.

Seria melhor apressá-la ao longo do caminho que ela inevitavelmente deve seguir. — Esposas deixadas viúvas. — ele disse rapidamente. — Crianças órfãs. Pais com o coração partido. Atirei neles enquanto consertavam cercas ou cozinhavam o jantar.

Fale. Diga-me que você nunca mais quer me ver novamente. Mas diga isso rapidamente.

Não era assim que ele pretendia dizer a ela. Ele sabia que deveria, mas pelo menos, ele poderia ter experimentado um pouco mais da companhia dela, de forma egoísta e assumidamente, antes de estragar tudo.

E Hazel?

O que ela viu?

Seu belo James, mais lindo do que nunca na luz dourada, abatido pela tristeza que o dever exigia dele. O que a guerra exigia. A guerra ou o dever *deveriam* ter tal poder? A guerra, ela viu, matou mais do que aqueles cujas famílias receberam telegramas.

Seis vidas tiradas. Nada, ela sabia, que ela pudesse fazer ou dizer para oferecer conforto apagaria essa dor. Isso nunca o deixaria. E ele, tão jovem.

Ela se levantou e caminhou lentamente de volta para o corredor que conduzia aos escritórios da igreja, deixando suas rosas para trás.

Lá vai ela. James fechou os olhos. Então os abriu novamente, porque ele preferia a dor do que *não* vê-la ir embora.

Mas ela não foi embora, ainda não. Ela parou perto de uma porta de escritório e falou com um clérigo vestido de preto. Ela tirou algumas moedas da bolsa e deu uma ao clérigo. Uma doação na saída. Mas então o clérigo deu algo a ela, e ela voltou para James.

A esperança e o desespero o sufocaram. Ele não sabia como olhar para ela.

Ela estendeu sua mão. — Venha comigo.

Ele pegou a mão dela e a seguiu. Ela o levou em direção a uma prateleira de potes votivos de vidro na frente da capela de Maria. Os potes de vidro eram vermelhos e velas tremeluziam em alguns deles. Ela abriu seu pacote e uma caixa de fósforos. Do pacote, ela pegou uma vela, que entregou a James.

— Para o primeiro alemão. — ela deu-lhe os fósforos. Ele hesitou e ela o cutucou. — Acenda.

Com as mãos trêmulas, ele riscou o fósforo de papel. Demorou duas ou três tentativas antes que a chama laranja alcançasse seus fios tecidos. Ele colocou cuidadosamente a vela em um jarro vazio e colocou-a no suporte. À medida que a pequena chama ficava mais segura, o vidro vermelho começou a brilhar.

Hazel entregou-lhe outra vela. — Para o segundo alemão.

Ele riscou outro fósforo e acendeu a vela. Hazel ficou com ele. Ele colocou sua segunda vela ao lado da primeira, já queimando intensamente, seu filamento de fumaça subindo como uma alma para Deus.

O suporte de velas nadou diante de seus olhos, um mar de luzes douradas oscilantes em um campo vermelho.

— Para o terceiro alemão.

Ele enxugou as lágrimas do rosto com os dedos, e elas arruinaram sua próxima tentativa. Ele teve que tentar outra vez. Ele acendeu a terceira vela e colocou-a ao lado de suas irmãs.

Ele acendeu a quarta vela e a quinta. Para cada um, uma vida. Para cada um, uma chama. Ele encheu uma prateleira inteira no suporte de velas com chamas bruxuleantes. Ele viu suas mãos acenderem os fósforos e se lembrou: essas mãos puxaram o gatilho. Ele sabia que estava chorando

abertamente agora, e que Hazel o viu, mas não importava; nada importava; ele não importava.

Ele cobriu os olhos com as mãos.

— Haverá mais. — ele sussurrou — Antes que eu termine. Quantas velas eu irei precisar acender, se eu chegar em casa?

Ela tirou a caixa de fósforos do bolso dele, riscou um e acendeu a última vela, então gentilmente tirou a mão direita do rosto dele e colocou a vela em sua palma.

— Para o sexto alemão.

Ele colocou a vela em uma jarra, colocou-a na prateleira e observou todas elas queimarem. Correntes lentas de ar dobraram as chamas para a esquerda e para a direita. Graciosamente, como um bando de estorninhos voando.

AFRODITE

Le Bouillon Chartier — 13 de fevereiro de 1918

POBRES MORTAIS. Eu me apaixonei por eles. Aquela noite em Paris não poderia ser descrita em toda a sua riqueza, seu esplendor por fração de segundo, não se eles passaram décadas tentando contá-la. E essa é apenas *uma* das noites deles. Eles as amontoam aos milhares, mas ainda assim se levantam todas as manhãs e amarram os sapatos. Você tem que admirá-los. Eles são muito corajosos para continuar vivendo.

Pegue um beijo, por exemplo...

Mas espere, estou me adiantando.

Hazel conseguiu conduzir James, com seu mapa, em uma longa caminhada pela cidade. Por fim, eles chegaram ao Le Bouillon Chartier, um restaurante que a tia de Colette havia recomendado. Toalhas de mesa vermelhas, luz quente, comida farta, nenhum pedigree real necessário e paciência generosa com *les anglais.* O garçom os acomodou em uma mesa de canto no convés superior, anotou os pedidos e os deixou em paz, sabendo disso. Raramente preciso intervir com garçons franceses. Eles são meu povo.

Hazel se aproximou de James e sentou-se perto dele. Ele não teve escolha a não ser passar o braço por cima do ombro dela e é claro que ela não se importou.

— Não foi você. — disse ela. — Você não matou aqueles pobres soldados mais do que eu.

Como ele poderia ser arrancado das trincheiras e levado para este restaurante acolhedor em Paris com a garota mais querida e gentil ao lado dele, oferecendo um bálsamo para suas feridas?

— O mundo enlouqueceu. — disse ela. — É como se as nações da Europa fossem… Não sei… leões ou dragões, feras selvagens com suas próprias intenções cruéis. Não é você e não sou eu. É o dragão, travando combate com os outros dragões. E tudo o que podemos fazer é assistir e tentar não ser pisado ou queimado.

— Não estou apenas assistindo. — disse ele.

— Essa analogia é muito ruim, pensando bem. — ela admitiu. — Nunca fui boa em metáforas na composição. — ela bateu no queixo. — Você é, hum, você é uma das garras do dragão. O que você tem que ser, senão eles vão te jogar na cadeia por não ser uma garra… — ela suspirou. — Talvez você tivesse que ser uma narina que cospe fogo. Desisto. Mas ainda não é sua culpa.

— Uma narina. — disse ele. — Já fui chamado de coisa pior.

— Se você tivesse que ser uma narina. — disse ela. — Acho que um dragão teria uma certa influência.

— Uma certa narina?

Ela fez uma careta para ele. — Você sabia que suas piadas são terríveis?

Ele assentiu. — É assim que eu gosto delas.

Ela riu. — Eu também.

Oh, mas ele queria abraçar essa garota e nunca mais soltar.

Um casal chamou a atenção de James. Eles se beijaram em sua cabine como se tivessem o quarto só para eles. Ele engoliu em seco.

— Você diz o que os capelães dizem, — disse ele. — "Não é você. Não leve para o lado pessoal". Você teria que ser um monstro para não levar para o lado pessoal. Mas é isso

que você se torna lá fora. Um monstro. Alguém que ri de cadáveres. Ou você não sobrevive.

Ela segurou seu rosto com as mãos. Ele fez a barba em sua homenagem, e ela estava morrendo de vontade de sentir suas bochechas desde que o viu pela primeira vez na estação de trem.

— Então seja um monstro. — ela disse. — Você deve sobreviver, para que possa voltar para mim.

Ele pegou as mãos dela e as beijou. — Hazel Windicott... — disse ele. — Se sobrar alguma coisa de mim depois da guerra, nada me impediria de encontrar o caminho de volta para você.

As palavras caíram sobre ela e fizeram com que Hazel se perguntasse e se preocupasse tão naturalmente, que ela se perguntou qual era seu verdadeiro temor. Eles eram verdadeiros e a verdade nunca deveria deixá-la com medo.

— Você tem que voltar. — ela disse. — Eu te amo, você sabia disso?

Todos os nós derreteram do corpo e da mente cansados de James. — Eu sei disso. — disse ele, maravilhado com a descoberta. Ele sabia. Então era assim que era ser amado.

Quanto a si mesmo, ele sabia há muito tempo. — Eu também te amo.



Não há como dizer o que poderia ter acontecido a seguir se o garçom não tivesse aparecido naquele momento com dois pratos fumegantes de confit de pato e batatas. O primeiro prato. Ele esperou um momento, discretamente, sentindo que palavras importantes estavam sendo ditas, mas quando uma pausa ocorreu, ele a agarrou. Se eles têm uma compreensão profunda do amor, os franceses têm uma compreensão ainda mais profunda da comida e de quando

ela deve ser comida. É exatamente quando ela está pronta e nem um minuto depois.

James e Hazel, ambos atordoados e tímidos, saudaram a comida como uma forma de se ocuparem com algo além das palavras, após a avalanche que acabara de cair sobre eles.

Quanto a mim, bem, não me importo de dizer, eu estava uma bagunça completa. Tive que pedir emprestado um guardanapo de pano para secar os olhos. Eu sabia desde o início que esses dois pertenciam um ao outro. Mas isso não torna menos maravilhoso quando sou provada que estou certa.

Deixe-os começar suas guerras terríveis, deixe a destruição chover e deixe a praga varrer, mas eu ainda estarei aqui, fazendo meu trabalho, mantendo a humanidade unida com amores como este.

DEZEMBRO 1942

Um Beijo É Só um Beijo

— ENTÃO, ME AJUDE, — troveja Ares. — Se aquele garoto não beijar aquela garota e logo, eu vou...

— Você vai o quê, Ares? — Pergunta Hades.

Ares fumega. — Eu mesmo vou beijá-la.

Afrodite começa a rir. — Não é à toa que sou a Deusa do Amor — ela ronrona. — Eu posso deixar o próprio Deus da Guerra tonto por uma garota da qual ele só ouviu falar em uma história.

Apollo produz para si um piano suntuoso, ilumina sua superfície brilhante e começa a tocar.

— *Você deve se lembrar disso.* — ele canta. — *Um beijo é só um beijo. Um suspiro é apenas um suspiro...*

— Quer parar com esse barulho? — Ares nunca gostou muito de música.

— A rede de Hefesto pode prendê-la, Deusa, mas sua história nos mantém cativos. — diz o galante Apolo. — Eu posso entender Ares. Sua Hazel parece gritar para ser beijada. Falando metaforicamente.

— O que foi aquilo sobre um dragão? — pergunta Ares. — Ela estava *me* chamando de dragão?

— Não importa, Ares. — Afrodite dá um tapinha na cabeça dele. — Basta ouvir a pequena história de amor boba.

AFRODITE

Finalmente — 13 de fevereiro de 1918

ELES COMERAM. Eles se olharam nos olhos. Eles alimentaram um ao outro com pedaços de seu jantar. Fizeram todas as coisas adoráveis que um jovem casal faz juntos em público, quando se imaginam sutis e discretos. Na verdade, eles trouxeram uma grande diversão calorosa para muitos no restaurante, que adoraram ver um jovem soldado britânico e sua *petite amie.* Os pombinhos estavam alegremente alheios.

Mas estava na *hora.* Ares, Apolo, eu sei como vocês se sentem; eu me senti da mesma forma. James e Hazel sentiram isso.

Mas onde? Uma vez, James quis planejar algo perfeitamente romântico.

Paris, eu disse a ele, *é bastante romântica. Vá em frente.*

Então, quando o cordial garçom finalmente trouxe a conta – ele não havia cobrado os profiteroles de sobremesa – James pagou a conta e eles se aventuraram no frio. Aparentemente, eles estavam caminhando para casa, em direção à casa da tia de Colette, mas na realidade, os dois estavam procurando o lugar certo.

Eles o encontraram. Um parque minúsculo, apenas um canto, na verdade, com algumas árvores nuas, um viveiro de peixes vazio e uma estátua do meu querido Cupido, bênçãos a querida criança. Feito sob encomenda, e de fato foi, embora eu não goste de dar dicas. Estava escuro, mas

separei as nuvens acima e pintei o céu de estrelas. Estava frio, mas eu enviei o vento forte em cada lado do parque e deixei uma bolha confortável de quietude lá.

A mochila e as flores foram para um banco do parque enquanto os dois namorados passeavam um pouco, de braços dados. Folhas secas rangeram sob seus pés quando deixaram os caminhos de paralelepípedos. Ambos sabiam o que viria a seguir. Eles não permitiriam que a pressa ou a urgência interferissem em seu caminho.

— Hazel?

— Sim, James?

— Dance comigo.

Então, eles dançaram no parque ao som de Hazel cantarolando uma música. E quando ela esqueceu como era a próxima parte, a tolice do que eles estavam fazendo os pegou, eles começaram a rir, nada poderia ser mais fácil do que se abraçarem nos braços um do outro.

— Oh, você, — ele sussurrou. — Como você pode ser real?

— Quando estou com você — disse ela. — Não tenho certeza de que sou.

E antes que ele percebesse, ele deslizou as mãos atrás das orelhas dela e enfiou os dedos pelos seus cabelos. Ele beijou sua testa, uma, duas vezes, e encontrou sua bochecha e beijou-a também, um beijo ali e outro mais abaixo, e em seu nariz. Então, lentamente, lentamente, ele trouxe sua boca para a dela, e gentilmente, reverentemente, a beijou.

DEZEMBRO 1942

Uma Oração Atendida

— OBRIGADO, DEUSA. — suspira Ares.
Afrodite diz: — De nada.

AFRODITE

Quando Éramos Jovens — 13 de fevereiro de 1918

JÁ HOUVE uma época em que *nós* éramos jovens?

Nunca envelheceremos, é claro; temos beleza, paixão e vigor eternos, mas já houve um momento em que éramos *novos?* Quando tivemos nossas primeiras vezes?

Você consegue se lembrar do seu primeiro beijo de verdade? Tudo que subiu rapidamente de seus pés para seu rosto, tudo o que despertou em você que você não percebeu que estava dormindo?

Não há nada como a correção disso. Nada como sua maravilha. Se eu vir mais um trilhão de vezes antes que este mundo gire em direção ao sol, ainda serei uma espectadora admirada, até o fim, bebendo seu néctar em santo ciúme.



Como vou valsar com você pelas próximas vinte e quatro horas?

Não quero envergonhar James e Hazel, mas não quero perder nada disso.

James já havia beijado uma ou duas garotas antes. Elas eram estátuas, de certa forma; prenderam a respiração, se deixaram beijar passivamente, friamente, sem resposta. Talvez fosse uma moda feminina. Alguns companheiros seus até pareceram gostar. *Essa* donzela de gelo, eles

pareciam sentir, poderia ser derretida; era um desafio que poderia ser vencido à força de um esforço viril.

Não é assim com Hazel. Ela o beijou de volta. Qualquer outra garota que ele já beijou se transformou em pó.

Bom.

Todos tiveram um ótimo tempo.

Eles finalmente encontraram o caminho de volta para a casa da tia de Colette. Houve muitas, muitas paradas ao longo do caminho, mas deixo isso para sua imaginação. Colette e sua tia Solange ficaram acordadas, mantendo-se acordadas com doces de sabor violeta e rodadas intermináveis de *Le Tourn'oie*, um jogo de tabuleiro que Hazel conhecia como o Jogo da Glória. Seria hospitaleiro, insistiu Tante Solange, esperar acordada para recebê-los, por mais tarde que fosse.

— Pah, — foi a resposta de Colette. — Você queria ver o quão bonito é o soldado britânico de Hazel.

Tante Solange encolheu os ombros. — *Bien sûr.* — disse ela, sem um pingo de desculpas.

Quando Hazel e James finalmente tocaram a campainha, Tante Solange aproveitou o duvidoso privilégio de mulheres mais velhas do continente para comentar sobre sua altura, beijar suas bochechas, beliscá-las, admirar seus ombros e geralmente mortificar seu convidado até que ele ficasse mais vermelho do que um tomate. Quando ele pegou francos para pagar suas acomodações, Tante Solange acenou para que eles se afastassem e mostrou-lhe seu quarto. Com o assunto resolvido, ela se retirou para a cama. Colette seguiu seu exemplo.

A cozinha era a mais distante dos cômodos, então James e Hazel encontraram o caminho até lá. Deixados à própria sorte, eles descobriram que beijos sem sobretudos eram um prazer inteiramente novo a ser explorado, e eles poderiam estar ainda naquela cozinha, se Tante Solange não tivesse aparecido para uma tesoura de unhas urgentemente necessária guardada, naturalmente, na

gaveta de utensílios. Então, eles se despedem pela noite, cada um certo de que dormir seria totalmente impossível.

Mas James não dormia em uma cama adequada há meses, e Hazel havia passado a maior parte da noite anterior sentada em um trem. Então, não demorou muito depois que cada um encontrou seu caminho entre lençóis com aroma de lavanda antes de sucumbir a um sono profundo e quase sem sonhos, exceto por uma imagem adorável que preencheu as horas entre seu "boa noite" e se verem novamente.

HADES

Trem da Meia-noite — 13 de fevereiro de 1918

A MÃE DE AUBREY EDWARDS sempre disse que nada poderia manter aquele menino no chão por muito tempo. Ele era alegre, como sua música. Ele era flexível, como suas mãos que tocam piano. O que quer que o estivesse puxando para baixo, ele apareceria na superfície como uma bola de borracha.

Ela se preocupou com os danos que o empurrariam de volta para baixo. Que certamente viriam; Aubrey era um jovem negro confiante que cresceu em uma América segregada.

Não que Nova York não fosse melhor do que o Mississippi. Senhor, sim. Em Nova York, você tem uma chance. Você tem empregos com melhores salários. Não ótimos, mas melhores. Você pode votar. Você pode conseguir um emprego no governo. Você pode até conseguir um julgamento justo ou, de qualquer forma, um julgamento real em um tribunal com um juiz que ouvirá. Normalmente, você poderia comprar mantimentos onde os brancos compravam os seus. Você não precisava chamar os brancos de senhor e senhora e fingir que gostava quando eles te apalpavam, chutavam ou cuspiam em você na rua.

Mas não se engane: os cinemas eram segregados. Piscinas públicas foram segregadas. Restaurantes, clubes. Escolas, bairros, igrejas. As Forças Armadas. A força

policial. Havia preconceito, havia discriminação, havia linguagem odiosa, havia brutalidade.

Havia, pelo menos, em Nova York, a possibilidade de construir uma vida para si mesmo no Harlem ou no Brooklyn. Havia escolaridade disponível. Arte, poesia e música. Empreendedores e artistas prósperos, jornais. Havia *energia.* Havia Jim Europe e sua banda. E, apesar de tudo, havia esperança e fé de que, no tempo de Deus, a justiça prevaleceria e um dia melhor viria.

Mesmo assim, não havia maneira de conduzir seu Aubrey à idade adulta sem que sua confiança ultrajante fosse golpeada e marcada pela hostilidade. Ela apenas rezou para que fosse o tipo de cicatriz que ele poderia sobreviver. Do tipo em que se levantar e ir embora fosse pelo menos possível.

Se ela pudesse ver seu filho agora, encostado na janela de um trem da meia-noite, observando a França escura passar à luz de uma lua crescente – se ela pudesse saber o quão abafada e silenciosa estava sua alma, circulando entre as memórias de Joey vivo e Joey morto, seu coração iria se partir. Se ela soubesse a violência que ele testemunhou em primeira mão, ela ficaria arrasada. Se ela soubesse que Aubrey tinha sido o alvo dessa violência, ela cairia de joelhos, agradecendo a Deus por ele ter sido poupado. E passaria noites acordada, tremendo de medo pela próxima vez, quando talvez não estivesse.

AFRODITE

Dia dos Namorados — 14 de fevereiro de 1918

ELES ACORDARAM antes de você, Apolo, quando a manhã era apenas um murmúrio ao longo das ruas de paralelepípedos da cidade. Nenhum dos dois queria perder mais um minuto dormindo.

O quarto de hóspedes de Tante Solange tinha sua própria *salle de bains*, então James tomava banho, um luxo que ele já não considerava garantido. Ele fez a barba e se vestiu em tempo recorde e se aventurou no apartamento. Hazel o surpreendeu na cozinha.

— Bom dia. — ela disse a ele.

Ele demorou a devolver o cumprimento. Quem diria que "bons dias" eram tão celestiais?

Eles ouviram um som de agitação vindo da direção do quarto de sua anfitriã e ambos foram tomados pelo desejo de ficarem sozinhos. Eles encontraram seus casacos e cachecóis, e James agarrou sua mochila, deixando uma pilha de francos na mesinha ao lado de sua cama.

Eles desceram as escadas e saíram para as ruas de uma cidade que desperta. Uma caminhada rápida de volta à Gare du Nord aqueceu seus corpos, mas diminuiu seus ânimos. Eles teriam que voltar antes que este dia acabasse. Por enquanto, eles verificaram a mala de James no balcão de reclamações e verificaram os horários. O último trem para o norte partiria à meia-noite. James comprou uma passagem. Apenas um dia, e um dia não era nada parecido

com o suficiente, mas eles espremeram o máximo que podiam desse dia.

Eles encontraram uma confeitaria e tomaram um café da manhã com doces decadentes, cada um tão elegante quanto delicioso. Você sabia que comida é infinitamente mais saborosa quando você está apaixonado? E Paris é um bom lugar para passar fome. Mesmo com o racionamento do tempo de guerra, havia creme e manteiga disponíveis se você pudesse pagar por isso, e por aquele dia juntos, James e Hazel poderiam pagar.

Eles vagaram pelas ruas da cidade, admirando os pontos turísticos, os edifícios vistosos, as esculturas, as curvas e contornos elegantes da Capital do Mundo.

Eles passaram por uma boutique feminina onde um casaco de primavera rosa, exposto na vitrine, chamou a atenção de Hazel. Ela não disse uma palavra sobre isso, mas James percebeu, pegou-a pela mão e a levou para a loja. Antes que ela pudesse protestar, James e uma vendedora muito esperta tiraram Hazel de seu casaco cinza e a colocaram em um rosa perfeitamente ajustado. James passou o dinheiro para a mulher enquanto Hazel estudava o casaco no espelho.

O que era o valor de três meses de pagamento do exército, se não para momentos como este?

— Você parece uma tulipa. — James disse a ela.

— Eu me sinto como uma. — disse ela. — Você não precisava. — seu sorriso dizia claramente o contrário.

Eles encontraram o estúdio de um fotógrafo onde o cavalheiro cuidava de seus negócios mais cedo, preparando-se para um casamento no Dia dos Namorados, e pediram para ele tirar um retrato deles juntos e enviasse as impressões para os endereços fornecidos. Sentindo-se muito hilários, eles posaram ao lado de um modelo de gesso de uma estátua do meu precioso Cupido.

Não zombe deles. Jovens amantes podem ser criaturas ridículas, mas não terei sarcasmo às custas deles. Qualquer

um que nunca esteve onde está é digno de pena. O fotógrafo guardou qualquer opinião para si mesmo. Ele ganhava a vida com o negócio do amor e era pago adiantado.

Eu me certifiquei de que o sol estava tão quente quanto poderia estar em meados de fevereiro. Eu não queria que chovesse no dia deles. Embora dificilmente precise da minha ajuda para fazer isso, eu queria que Paris brilhasse.

Eles seguiram em direção à Torre Eiffel. James ficou boquiaberto com sua altura imponente. — Isso é algo que eu gostaria de ver sendo construído.

Hazel enroscou o braço no dele. — Você pode imaginar como foi para os trabalhadores?

Sua proximidade eclipsou imediatamente o monumento de aço. — Você não está se oferecendo para pintar o topo da torre, está? — ele perguntou.

— Eu já te disse,— ela disse. — Meu preço são as jóias da coroa.

James sorriu. Ela se lembrou.

Eles compraram ingressos e ficaram em uma longa fila. A torre colossal, erguendo-se ao lado deles, fazia com que se sentissem realmente muito pequenos. O uso de aço rebitado parecia maravilhosamente moderno. Para James, isso sinalizou mudança, novos materiais, novas perspectivas, novas possibilidades para a construção de um mundo mais limpo e mais forte. Se houvesse um no qual construir nos anos que viriam.

Há algo de maravilhoso em estar apaixonado em uma cidade onde você não conhece ninguém. A opinião pública sobre o seu comportamento não vale a pena. Então, se você quiser beijar sua garota na esplanada da Torre Eiffel, você deve.

E no nível de observação do primeiro andar, que pode muito bem ser a lua.

E no segundo andar, do qual toda Paris se estende diante de você em detalhes espetaculares.

Em seguida, você embarca nos elevadores hidráulicos que o levam até o topo vertiginoso da torre e a beija como se não houvesse amanhã.

Do topo, você pode ver para sempre. O rio Sena, serpenteando pela cidade. O belo palácio Trocadéro do outro lado do rio da torre. A cúpula vistosa da tumba de Napoleão. Os longos e elegantes espaços verdes do Champ de Mars estendendo-se na outra direção.

Champ de Mars. Campo de Ares.

Eles desceram nos elevadores, então encontraram um café para almoçar.

Eles passeavam de braços dados ao longo das margens do Sena, uma exigência absoluta.

Enquanto comiam e caminhavam, conversavam sobre seus pais e familiares. Histórias sobre Maggie e Bob, e Georgia Fake e Olivia Jenkins. Sobre os verões da infância passados na praia com os avós e a infância o ano todo em Poplar, sem avós vivos. Muito sobre Colette e Aubrey e sua música, e sobre Frank Mason, Chad Browning, Billy Nutley e Mick Webber. Sobre Pete Yawkey e os rapazes mais experientes da 2ª Seção. Sobre soldados americanos e sotaques americanos e a Sra. Davies. Sobre os atiradores de elite e a vida nas trincheiras, sobre o fogo de artilharia e o fluxo do rio de homens feridos, e o deserto devastado por granadas da terra de ninguém.

Ajudou muito falar sobre tudo isso. Ajudou James a ter alguém para contar.

Eles encontraram lojas de chocolate decoradas com a pompa do dia dos namorados e aproveitaram ao máximo. Se James fosse algumas décadas mais velho, ele teria recuperado todo o peso perdido na guerra somente naquele dia. Eles decidiram escapar do frio assistindo a um filme vespertino no cinema. Nenhum deles poderia te dizer alguma coisa do que aconteceu no filme. Qualquer barreira de idioma não teve nada a ver com isso.

Eles encontraram o caminho para o jantar em um restaurante elegante. Poderia muito bem extravasar, James pensou. Ele mal havia gasto um centavo consigo mesmo desde que deixou Londres, e hoje valia a pena qualquer custo. Eles entregaram seus casacos e encontraram uma mesa. Um garçom os cumprimentou, cuidou do essencial e depois os deixou em sua solidão.

— Ainda há muito de Paris para ver. — Hazel afundou o queixo nas mãos.

— Nós voltaremos. — ele deslizou o braço em volta da cintura dela. — Eu prometo.

Ela enterrou o rosto em seu pescoço. Eles tiveram um dia tão lindo e tão divertido, mas agora, enquanto a escuridão caía sobre a cidade, Hazel achava difícil manter a tristeza sob controle. Para o bem dele, ela pensou, ela deveria permanecer alegre e esperançosa. Ela falhou nisso.

— Não vá. — ela sussurrou.

— Tudo bem, — disse ele. — Vamos fugir juntos, certo?

Ela se sentou. — Em um balão de ar quente?

— Com um poodle como companhia.

— Um poodle?

— Por que não um poodle?

Ela não conseguia pensar em nenhuma razão para não. — Tudo bem. Um poodle.

— Vamos embalar chocolates para comida. — disse James.

— E rosas para a beleza. — disse Hazel.

James balançou a cabeça. — Nós teremos você. Você é toda a beleza de que precisamos.

Ela deu a ele um olhar penetrante. Se ela esperava que ele acreditasse que ela estava irritada, ele era mais esperto do que isso.

— Caso contrário — explicou ele, — o balão de ar quente seria muito pesado para voar.

— Com todo aquele chocolate.

Ele assentiu. — Exatamente.

Ela não se convenceu. — Então, suponho que não poderei trazer um piano.

— Oh, com certeza traga o piano, — disse James. — Vamos precisar de música, para onde estamos indo.

Como ela amava aquele menino que a fazia rir!

— E para onde, exatamente, estamos indo? — ela perguntou.

Ele considerou esta questão. — A lua.

— Isso parece frio. — disse ela.

James fez um excelente uso de suas sobrancelhas. — Vou mantê-la aquecida.

Por mais satisfeita que estivesse, Hazel achou melhor direcionar a conversa para outro lugar.

Ela fez uma proposta. — Que tal uma ilha tropical?

Ele sorriu. — Melhor ainda. — O menino safado! Eu sabia o que *ele* estava pensando.

— Suponho que o chocolate derreteria ali. — disse ela.

— Vamos viver de cocos.

Ela estendeu a mão para apertar. — Está resolvido, então.

Ele pegou a mão dela e segurou-a por um momento, e os dois perceberam, ao mesmo tempo, o que realmente haviam prometido. O que significava oferecer uma mão.

Ela bateu na bochecha com um dedo. — Sabe, — disse ela. — Podemos ficar sem coisas para conversar. Com apenas nós dois.

Ele suprimiu um sorriso. — Vamos conversar com as crianças da ilha.

— Oh? — Hazel ficou intrigada. — Que crianças?

Ele encolheu os ombros como se a resposta fosse óbvia. — As crianças que moram lá.

Ela franziu os lábios. — Vamos para uma ilha cheia de crianças?

— Não no começo, — ele explicou. — Vai ficar assim eventualmente.

Hazel de repente sentiu uma grande necessidade de se esconder atrás de um gole de seu copo de água.

James beijou as costas da mão de Hazel.

Seus olhos brilhantes encontraram os dele.

Com um tempo impecável, o garçom trouxe o prato de sopa.

AFRODITE

Deixando Ir — 14 de fevereiro de 1918

— EU NÃO POSSO DEIXAR você ir. — Hazel disse a James quando eles saíram do restaurante por volta das nove e meia.

— Eu realmente não vou embora, — disse ele. — Eu só vou embora por um tempo.

Hazel estudou os sinais. — Este é o caminho errado. Isso leva em direção à casa da tia de Colette.

— É para lá que estou levando você.

Ela parou no meio do caminho. — Eu quero ir com você para a estação de trem. — ela protestou.

— E voltar para casa sozinha à meia-noite, pelas ruas de Paris?

— Eu posso cuidar de mim mesma. — disse Hazel.

A preocupação em seus olhos castanhos a fez derreter. — Eu sei que você pode — disse ele. — Mas é um longo caminho. Eu não conseguiria suportar a ideia de que algo acontecesse com você.

Diz o menino que está voltando para as trincheiras. — Tudo bem.

Seus passos os levaram por uma porta de onde a música derramava. — O que você acha, Srta. Windicott? — ele perguntou. — O Dia dos Namorados ainda não acabou. Vai dançar comigo?

Ela sorriu. — Provavelmente irei tropeçar e cair.

— Eu não vou deixar você cair.

Fiz tudo o que pude para fazer aquela hora durar. Quase, James podia imaginar que estava de volta ao salão paroquial, no baile beneficente, dançando com Hazel pela primeira vez. Talvez ele nunca tenha ido para a guerra. Talvez tudo isso tenha sido um devaneio estranho, talvez ainda estivessem dançando em Poplar.

— E se você não tivesse concordado em dançar comigo, naquele baile da igreja?

Perece o pensamento! — E se Mabel Kibbey não tivesse me feito fazer isso?

James deu uma risadinha. — É esse o nome dela? Terei que agradecê-la.

A música começou a tocar.

— Você vai escrever para mim com frequência, não é? — ela perguntou.

Ninguém estava olhando, então ele respondeu com um beijo. — Todos os dias, se quiser.

— Eu quero.

— Eu também.



Fiz tudo o que pude, mas o momento chegou mesmo assim. Eles tiveram que deixar o salão de dança. Passos lentos ainda os levavam à porta de Tante Solange. Os últimos momentos que eles ousaram protelar foram usados. Seus lábios estavam doloridos e seus olhos ardiam. Hazel pretendia ser alegre, mas não conseguiu.

— Tenha cuidado. — Ela disse, uma e outra vez. — Esteja a salvo.

— E você, — ele disse. — Continue saudável. Esteja a salvo.

Não é o que é dito em momentos como este. Não premiamos a retórica ao melhor adeus. Para agradecer um ao outro por um momento maravilhoso; se separar com um

sorriso ou lágrimas; para se despedir com um beijo final ou uma palavra final – ninguém sabe o que fazer. Até eu desviar o olhar e dar privacidade aos casais.

Quando eu olho para trás, vejo uma garota em uma porta, observando as costas de um soldado uniformizado enquanto ele se afasta apressado, para que ele não ceda à tentação insuportável de se virar. Vejo uma amiga na escada, esperando para pegar uma garota de coração partido em seus braços depois que ela esperou do lado de fora, muito além da razão, na pequena chance de que ele se virasse.

Três Trens De Novo — 15 de fevereiro, 1918

HADES

UM TREM DESCARREGOU Aubrey Edwards e o resto da banda da 15ª Guarda Nacional de Nova York, o Quarteto da Companhia K, e uma pequena trupe de soldados de infantaria dançantes em Aix-les-Bains.

Era o lugar mais estranho: uma cidade resort suntuosa e luxuosa situada nos Alpes franceses, com um lago azul cristalino e picos de montanhas deslumbrantes, um cassino cintilante, um teatro opulento, hotéis e restaurantes premium. Quase vazio. Uma desolada cidade fantasma.

Um sargento do exército os encontrou na estação e os conduziu ao único hotel que poderia ser considerado a opção de aluguel mais barato para Aix-les-Bains. Mesmo assim, eram quartos agradáveis e o clima geral entre a banda era otimista.

O tenente James Reese Europe orientou os membros de sua banda a achar quartos, comer e se encontrar para um primeiro ensaio no palco do teatro em duas horas. Antes que ele pudesse se dispersar junto com os outros, o tenente Europe puxou Aubrey de lado.

— Você — disse ele. — Pegue um pouco de comida, então encontre um piano em algum lugar. O cassino ou um

hotel. Eu quero você tocando jazz no piano até o pôr do sol. Você me entendeu?

A cabeça de Aubrey caiu. — Tudo bem, Jim. — disse ele. — Eu apenas vou dormir...

— Isso é uma ordem, soldado, — respondeu Europe. — Você vai tocar com a banda eventualmente, mas é melhor você colocar suas mãos tristes em movimento primeiro. Eu quero você tão sólido no "St. Louis Blues" que você poderia fazer um solo de trás para frente para mim. Entendido?

Aubrey fez uma saudação. *Entendido.* Em seguida, foi direto para a cama.

ARES

O soldado James Alderidge retornou ao seu regimento fora de Gouzeaucourt no início da manhã de 15 de fevereiro de 1918, depois de cavalgar para o norte a noite toda para Bapaume e pegar uma carona para o leste em um trem de abastecimento até a parada mais próxima de seu setor de combate. Ele estava exausto depois de uma noite sem dormir oscilando entre a felicidade e o tormento. Mas ele estava pronto, no momento em que se juntou a seus camaradas, para responder às suas perguntas sobre o passeio do dia dos namorados com "sua garota".

— Sim, — disse ele pelo menos uma dúzia de vezes naquela manhã. — Nos divertimos muito.

AFRODITE

Tante Solange estava mais do que um pouco chateada por não ter tido outra chance de colocar os olhos e, provavelmente, as mãos no belo soldado britânico antes de ele partir. Foram necessários vários jogos de tabuleiro para acalmá-la. Mas, no meio da tarde de sexta-feira, Hazel e Colette guardaram as malas e embarcaram em um trem

lento com destino a Saint-Nazaire, seguindo direto para o sol poente.

AFRODITE

Esperando por Cartas — 19 a 28 de fevereiro de 1918

Demorou alguns dias para que as cartas de James começassem a chegar à Cabana Um em Saint-Nazaire. Eles seguiram em um fluxo constante.

Colette voltou a Saint-Nazaire ansiosa para ensaiar canções todas as noites. Ela verificou a porta ao menor som.

Os dias passaram e Colette ficou ansiosa. Algo mudou a opinião de Aubrey sobre ela? Ela visitou o comissário e arranjou desculpas para passar pelo recinto do desfile. Nenhum soldado Edwards estivera na ala dos soldados negros da enfermaria.

Ela perguntou a outros membros da 15ª de Nova York se eles sabiam onde Aubrey estava. Com quase dois mil soldados nos regimentos, a maioria não o conhecia. Finalmente ela encontrou um que o fez.

— Faz um tempo que não o vejo, senhorita, — disse ele. — Ele deve ter viajado com a banda.

Melhor ter ido embora do que ser infiel. Mas por que ir? E por que não escrever para ela?

Semanas se passaram sem notícias. Certamente, se ele tivesse enviado uma carta, ela já a teria recebido.

Ela enviou uma carta ao soldado Aubrey Edwards, 15ª Guarda Nacional de Nova York, Aix-les-Bains, QG do Exército dos EUA, e esperou.

Nada voltou.

HADES

Refúgio — 1 a 12 de março de 1918

CARGAS DE TREM DE soldados americanos começaram a chegar a Aix-les-Bains. A 15ª Banda de Infantaria de Nova York do primeiro tenente James Reese Europe era a atração mais popular lá. O envolvimento deles foi aumentado, por demanda popular, de duas a quatro semanas.

Terminar o inverno sob um céu azul, ao lado de um lago glacial de cristal, certamente poderia ter sido pior. Estava mais quente aqui, e quando os soldados não estavam ensaiando ou se apresentando, eles caminhavam pelos contrafortes que cercam a cidade. Quase podiam esquecer que *La Grande Guerre* estava acontecendo.

Aubrey sentou-se às margens do Lac du Bourget. Ele observou a água e viu o rosto inchado de Joey. Ele não ouviu o canto dos pássaros, mas Joey resmungando por ele ter ficado fora até tarde. Joey atrapalhando Aubrey, Joey resgatando sua pele lamentável.

Ele tentou tocar piano, mas só trouxe Colette de volta.

Cortou seu coração por machucá-la, depois de tudo que ela havia perdido.

Talvez tenha sido apenas o começo. Mas ele a amava. Com uma garota como Colette, não demorou muito para ter certeza. Mas aonde isso poderia levar? Ele não tinha nada para oferecer a ela agora.

Ele a amava e Joey morrerá por causa disso.

Em um mundo melhor, a guerra não teria começado. Colette Fournier estaria em Dinant, nos braços de seu antigo namorado, Stéphane.

A única escolha honrosa, era Aubrey deixá-la encontrar um novo Stéphane.

Então, quando a carta dela chegou até ele, perguntando se ele poderia deixá-la saber que estava seguro, ele fez a coisa mais difícil possível. Ele a guardou sem responder.

APOLO

Três Milhões de Notas — 13 de março de 1918

— ENTÃO, VOCÊ escreveu muito para sua garota desde que chegou aqui?

Aubrey Edwards ergueu os olhos da mesa do quarto de hotel do Tenente Europe. Já passava da meia-noite e seus olhos estavam cansados do árduo trabalho de transcrever notas musicais, pontuando novas peças para a banda.

— Não, — Aubrey disse lentamente. — Eu não fiz isso.

Jim Europe olhou por cima do ombro de Aubrey.

— Você não está escrevendo em Si bemol. — ele apontou para uma medida ofensiva.

Droga. Como Europe percebeu isso tão rápido? Ele tinha esquecido que estava escrevendo para trompas, não para o piano. Ele precisava dormir. Ele pegou uma nova folha de papel da equipe. Alguns soldados ficavam acordados a noite toda cavando trincheiras ou guarnecendo postos de vigia. Alguns ficavam acordados a noite toda preparando cantigas para acompanhar o jazz.

— Você saiu sem dizer uma palavra? — Europe perguntou. — Ela não tem ideia do que aconteceu com você?

Aubrey ergueu os olhos. — Não era esse o ponto?

Europe preencheu notas, hastes e bandeiras com uma velocidade surpreendente. — Eu não estava tentando acabar com o seu caso de amor, — disse ele. — Só queria te tirar dessa bagunça. — ele soprou as notas molhadas. —

Você sabe que Saint-Nazaire não era seguro para você. — ele bocejou.

— Você deveria dormir um pouco — disse Aubrey. — Senhor.

O tenente sentou-se e espreguiçou-se. — Não terminei — ele disse. — Eu disse aos caras que ficaria acordado a noite toda, copiando três milhões de notas.— ele sorriu. — Não disse a eles que tenho um ajudante secreto.

— Caramba, valeu.

Europe retomou seus rabiscos. — Me parece — disse ele. — Que você pensou que aquela garota valia um monte de riscos e problemas. — ele cantarolou um trecho da melodia, seus dedos batendo em um piano imaginário. — Você não se importava muito com ela?

A maneira mais rápida de fazer Europe mudar de assunto seria mentir, dizer: Não, ele não se importava muito com ela, não mesmo.

Ele pensou nas tragédias de Colette nas mãos dos alemães. Ela havia perdido muito. Justamente quando ela começou a ter esperança novamente, Aubrey a abandonou sem dizer uma palavra.

— Penso se ela não era muito mais para você do que algumas risadas — disse Europe. — É melhor você simplesmente deixar isso morrer. É doloroso, sem dúvida, mas talvez seja o melhor.

Aubrey se apoiou na pilha de papéis musicais da pauta.

— Edwards, — disse Europe, — você não está fazendo nenhum favor a Joey ao permanecer infeliz.

Aubrey baixou os olhos. — Sim, senhor.

O Tenente Europe não parecia satisfeito. Ele esperou até que Aubrey o olhasse nos olhos.

— Se ela valeu a pena naquela época, então ela ainda vale a pena. — disse ele. — Não seja um idiota.

— Não, senhor. — respondeu o soldado Aubrey Edwards. — Quero dizer, sim, senhor. Eu não serei.

AFRODITE

Nota por Nota — 16 de março de 1918

Querida Colette.

Em sua última noite em Aix-les-Bains, Aubrey tirou seu próprio papel musical.

Que tipo de Romeu eu sou, Aubrey pensou. *Escrevendo para Colette porque um oficial comandante me ordenou.*

Ele tentou pensar no que dizer. *Desculpe por ter desaparecido? Sei que falamos muitas coisas um para o outro, mas, sabe, ando ocupado?*

Ele nunca deveria tê-la deixado esperando. Foi egoísta. Estúpido. Você não descarta uma garota como Colette Fournier.

Seria muito mais fácil se ele pudesse contar a ela sobre Joey, mas o tenente Europe o havia alertado, várias vezes, para não dizer nada a ninguém. A verdade iria devastar-lá. Não há necessidade de outro coração ser atormentado pela culpa. O dele já estava fazendo muito bem esse trabalho.

As linhas finas da pauta musical o encararam.

Ele se ajoelhou ao lado da cama e procurou debaixo dela por sua mochila. No final, ele encontrou seu caderno e, nele, as canções que havia começado a escrever para Colette.

Ele escolheu a primeira música e a copiou, nota por nota. No final, ele escreveu: *Com amor, Aubrey*.

AFRODITE

Procurando — 18 de março de 1918

A BRISA DO MAR no rosto de Hazel trouxe um sopro de primavera enquanto ela fazia a caminhada para o acampamento Lusitânia e sua cabana de socorro do YMCA. A esperança pairou no ar. Saint-Nazaire estava em movimento.

Novas remessas – que palavra! – de soldados americanos chegavam a Saint-Nazaire quase diariamente. Quase não havia lugar para colocá-los. Diariamente, divisões treinadas eram enviadas para o Fronte. Logo chegaria o momento em que o impacto americano na guerra, se houvesse algum, seria totalmente sentido. *Que seja rápido,* rezou Hazel, *e que seja decisivo.*

Hazel entrou na cabana. Estava quieto lá dentro ao meio-dia, embora houvesse soldados e voluntários da YMCA por perto. Hazel observou as jovens com alguma surpresa. Seus uniformes eram iguais aos dela. Por que ela não as conheceu quando foi apresentada aos outros voluntários da Y em Saint-Nazaire?

Porque elas eram negras.

Uma jovem se aproximou dela. — Posso ajudar? — ela perguntou. — Você está trazendo uma mensagem da sede da Y?

Hazel balançou a cabeça. — Não, — ela disse. — Estou aqui com uma questão de, hum, natureza mais pessoal. Sobre um soldado da 15ª de Nova York.

A jovem olhou para ela de soslaio. — Venha comigo. — ela conduziu Hazel em direção a um par de cadeiras baixas em um canto.

— Meu nome é Jennie. — disse ela a Hazel.

— Prazer em conhecê-la, — Hazel disse a ela. — Eu sou Hazel.

— Você é britânica, não é?

Hazel acenou com a cabeça. — Culpada pela acusação. Você conhece um soldado Aubrey Edwards?

Jennie piscou. — Você o viu? — ela sussurrou com urgência.

Hazel foi pega de surpresa. — Você quer dizer, eu o vi tocar piano?

Jennie balançou a cabeça. — Não. Quero dizer, você o viu ultimamente?

O coração de Hazel afundou. Esta jovem também não sabia.

— Você o conhece, então. — disse Hazel. — Não, eu não sei onde ele está. Vim esperando que alguém aqui possa saber.

Jennie recuou um pouco, como se uma nova cautela lhe tivesse ocorrido. — Houve problemas? — ela perguntou. — Por que você está procurando por ele?

— Problema, — disse Hazel rapidamente. — Não, absolutamente nenhum.

O rosto de Jennie relaxou. — Aubrey Edwards é muito querido por aqui.

— É fácil ver por quê — disse Hazel. — Mas você, também, acha que ele está desaparecido?

A sobrancelha de Jennie franziu. Ela acenou com a cabeça.

— Ele e minha amiga haviam se aproximado… bastante — disse Hazel. — E até mesmo na noite anterior à saída da banda em sua turnê, eles passaram um tempo juntos. Ele garantiu a ela que não iria na turnê.

A expressão de Jennie era ilegível.

— Depois disso, ele desapareceu, — disse Hazel. — Ele não estava por perto e ninguém o viu. Minha amiga enviou-lhe uma carta em Aix-les-Bains e não obteve resposta. — ela percebeu como isso deve soar. — Claro, às vezes as amizades, er, acabam. Mas não havia indicação de que essa iria. Muito pelo contrário, de fato. E minha pobre amiga está bastante perturbada.

Ela viu os olhos de Jennie escanear a sala próxima, como se para se certificar de que eles estavam realmente sozinhos.

— Eu esperava — continuou Hazel — Que você conhecesse alguém a quem poderíamos escrever uma carta, perguntando se Aubrey fez a viagem? Só queremos saber se ele está bem. — suas palavras vazaram. — Mesmo que ele prefira interromper as coisas.

Jennie ficou em silêncio por um tempo. — Ninguém sabe onde ele está, — disse ela finalmente. — Ele não estava na lista de soldados que viajariam.

Hazel acenou com a cabeça. Jennie parecia estar escondendo algo, mas o que quer que fosse, ela finalmente deixou de lado.

— Aqui está o que eu sei. — Jennie se aproximou. — Alguns soldados aqui são coveiros.

Hazel empalideceu. — Coveiros?

— Entre as doenças e as vítimas, existem centenas de sepulturas aqui em Saint-Nazaire.

Hazel temeu o que Jennie diria a seguir.

— No dia em que a banda partiu, um de nossos soldados, que é coveiro, nos disse, confidencialmente que havia recebido uma missão secreta para enterrar um jovem soldado negro.

O cérebro de Hazel começou a zumbir. Ela não permitiria essa ideia entrar.

— Ele foi assassinado, — disse Jennie. — Espancados até a morte. Além do reconhecimento.

— Mas… há milhares de soldados negros aqui. — Hazel protestou.

— Shh.— Jennie colocou um dedo de advertência sobre os lábios. — Eu sei. Quando soube disso pela primeira vez, me senti péssima, é claro, mas não tinha motivo para associá-lo a ninguém que eu conhecia. — ela olhou ao redor da sala mais uma vez. — Aubrey parou de aparecer quando a banda saiu. Mas ele disse a muitas pessoas que não faria a turnê. — ela suspirou. — Então, quando ele não estava em lugar nenhum, perguntei a seus amigos na Companhia K. Ninguém sabia de nada. — ela baixou a voz ainda mais. — O coveiro me disse que o corpo foi trazido em uma maca pelo Tenente Europe e o Capitão Fish.

— O mestre da banda? *Esse* tenente Europe?

Jennie acenou com a cabeça. — O Capitão Fish era o comandante de Aubrey.

Hazel pressionou as mãos nas têmporas. Não poderia ser. Aubrey era mais vivo do que dez pessoas juntas. Matá-lo deveria ser impossível. Ele deveria ter mais vidas do que um gato.

Pobre Colette!

— Isso ainda não é prova, — disse Hazel. — Podemos estar erradas.

Jennie não disse nada. Ela parecia alguém que havia tentado e falhado em se convencer da mesma coisa.

— Valeria a pena escrever para alguém que toca na banda?

Jennie apertou os lábios. — Não posso colocar meu amigo coveiro em apuros divulgando o que ele disse. — ela olhou tristemente para Hazel. — Lamento não poder ajudar mais.

Hazel segurou a mão dela brevemente. — Estou feliz por ter conhecido você — disse ela a Jennie. — Embora sua história seja terrível de ouvir. Mas está claro que você também se preocupa com Aubrey.

A jovem enrijeceu ligeiramente. — Ele era um bom amigo.

Possivelmente, Hazel pensou, Jennie esperava que ele pudesse ser mais. Quem poderia culpá-la?

Hazel assentiu, agradeceu mais uma vez e despediu-se.

AFRODITE

Traição — 18 de março de 1918

O QUE É PIOR? O coração de um amante esfriando? Ou perder um amor até a morte, tendo duvidado dele?

O pior de tudo é ser pego sem saber nas garras de ambas as agonias. Muitos namorados se encontraram neste pesadelo durante a guerra. Quando as cartas pararam, os soldados foram mortos ou capturados? Morto ou estava se afastando? Se você é humano, e Colette era, você espera que eles ainda estejam vivos para amar novamente, se Deus quiser. Uma traição agonizante do coração contra si mesmo.

Quando Hazel compartilhou seu relatório, a cor sumiu de Colette, deixando-a como cera. Ela balançou para frente e para trás, tremendo. Hazel pegou as mãos dela. Elas eram frias ao toque.

— Aubrey? — Colette sussurrou. — Ele não pode ter morrido.

— Tenho certeza de que não, — protestou Hazel. — Pode ter sido qualquer um.

— Ele tinha a vida toda pela frente. — disse Colette fracamente. — A música dele. Amigos dele. A família dele. — seu rosto se contorceu. — Não pode ser verdade.

— Tenho certeza que não. — protestou Hazel.

— Algum destino cruel me odeia, — sussurrou Colette. — Ele gosta de me ver sofrer.

O coração de Hazel sangrou. — Não *sabemos,* — disse ela. — rezo para que não tenha sido ele.

— Eu sou menos que um peão. — Os olhos de Colette estavam vazios. Toda a luz a deixou. — Eu sou um joguete para um deus vingativo. — ela olhou para o teto. — Onde eu pequei?

Hazel passou os braços em volta de Colette e tentou fazer com que parasse de tremer. — Não pode ser isso.

— Mas pode. — Colette se libertou. Seus olhos estavam selvagens. — Um deus amoroso nunca permitiria isso. E se não houvesse nenhum deus, certamente o acaso ocasionalmente me favoreceria, *não?* A probabilidade por si só às vezes poderia me poupar? — ela riu amargamente. — Mas não. Existe um deus, um deus malicioso, que me despreza. Minhas lágrimas são seu esporte favorito.

Hazel esfregou as costas de Colette e trouxe um pano frio para sua testa em chamas.

Colette cedeu com o tempo, mas isso, Hazel descobriu, era pior. Ela parecia quase sem vida.

— Oh, Aubrey — Colette sussurrou. — O que eles fizeram com você?

Hazel trouxe seus cobertores, um travesseiro, seu colchão de acampamento, e dormiu no quarto de Colette naquela noite. Depois que Hazel adormeceu, Colette vagou pela Cabana Um no escuro, vestida com camisola e robe. Ela se sentou no banco do piano. Ela se sentou no sofá.

Ela tinha palavras duras para mim, mas não estou ofendida com a amargura da dor no coração. Eu seria realmente infiel se abandonasse os meus quando o amor escapa de suas mãos.

A deusa da Paixão entende. Não é blasfêmia culpar-me quando um amor se perde. Apenas para cercar um coração de ódio, preconceito, ganância ou orgulho até que eu não consiga mais encontrá-lo.

AFRODITE

Você Nega Isso? — 19 de março de 1918

EM ALGUM PONTO antes do amanhecer, Colette dormiu. Eu ajudei; a pobre criança precisava do esquecimento. Seu descanso foi breve. Uma batida forte na porta do quarto acordou Colette e Hazel. A porta se abriu.

— Ah. Senhorita Windicott. Senhorita Fournier. Por favor, reportem-se ao meu escritório.

Elas se vestiram rapidamente, alisaram o cabelo e foram para o escritório da Sra. Davies.

Ela tinha a aparência de uma mulher que preparava seus comentários com antecedência.

— Chegou ao meu conhecimento — disse ela. — Que muitas noites, depois que eu tinha ido para a cama, você recebia soldados homens *nesta mesma cabana.* — os lábios da Sra. Davies tremeram. — Você nega isso?

A água fria fechou-se sobre o corpo de Hazel. Ela não tinha nenhuma experiência, nenhuma, com desafio ou rebelião séria. Não fazia ideia de como responder.

Colette teve vontade de rir. Ela estava ficando louca. Esta intrometida britânica, acima de tudo.

— Parece que você acredita nos relatos que ouviu, Madame Davies. — ela respondeu friamente.

Hazel queria fazer uma reverência a Colette. Onde ela encontrou tanta força, tanto controle?

Mas a Sra. Davies não queria saber disso. — Garota descarada! — ela se virou para Hazel. — O que você tem a

dizer, Srta. Windicott?

Seja como Colette. — Eu digo — Hazel começou. — Que, que tendo em conta sua opinião, parece que a Srta. Fournier e eu deveríamos empacotar nossas coisas. — ela se levantou.

A Sra. Davies correu para a porta, como se quisesse impedir que eles saíssem.

— A Associação Cristã de Rapazes foi formada para *melhorar* o caráter moral dos jovens. Para não corrompê-lo!

— Sra. Davies, — disse Hazel. — Por favor, nos desculpe. — Ousadia era inebriante.

— Eu *não* desculpo!

— Nós pedimos demissão. — disse Colette.

— Vocês foram despedidas em desonra, — exclamou a Sra. Davies. — Seus familiares receberão cartas descrevendo sua conduta. Vocês serão impedidas de qualquer associação futura com o YMCA e não receberão nenhuma referência. Outras organizações de caridade serão avisadas para não se envolverem com vocês.

Hazel ansiava por dizer o que ela poderia fazer com as cartas desagradáveis de rejeições. — Bom dia, Sra. Davies, — disse Hazel. — Vamos juntar nossas coisas e partir.

Elas deixaram o escritório. Hazel sentiu uma pontada ao olhar ao redor para a grande sala, o palco, o piano. Tantas memórias aqui. Ela pegou sua música no banco do piano e voltou para a sala que ela e Ellen dividiram para embalar suas coisas. Talvez, Hazel pensou que ela pudesse encontrar o padre Knightsbridge antes de partir. Ela não era católica, mas do jeito que estava indo, provavelmente precisava de um padre para fazer sua confissão. Antes que ela fosse atingida por um raio e lançada no inferno.

Ellen se sentou na cama e observou Hazel fazer as malas com olhos sonolentos e perplexos.

— O que é mais chocante — exclamou a Sra. Davies, que as havia seguido. — É que vocês se misturaram romanticamente com *soldados negros.*

A raiva encheu Hazel. Aubrey Edwards valia dez da Sra. Davies. Vinte. Cinquenta.

— Você não tem vergonha? Não tem orgulho da sua raça?

— Nenhum no momento — disse Hazel. — Mas tenho orgulho de minha amizade com um jovem brilhante que sempre foi decente, gentil e um cavalheiro perfeito. O que é mais do que pode ser dito sobre muitos da minha própria raça que passaram por essas portas.

Colette já havia terminado de fazer as malas e saiu para o corredor. — Madame Davies, — disse ela docemente. — Nosso pagamento final.

A Sra. Davies havia previsto isso. — Por aqui, e assine.

— O que está acontecendo? — Ellen sussurrou.

— Adeus, Ellen. — sussurrou Hazel. — Colette e eu vamos pedir demissão. Seja o que for que a Sra. Davies lhe diga, quebramos uma regra ou duas, mas não fizemos nada de errado.

— Você está *indo embora?* — Ellen saiu cambaleando da cama e deu um abraço em Hazel. — Você tem que ir?

Hazel devolveu o abraço. Ellen balançou a cabeça maravilhada. — Não entendo. Escreva para mim quando chegar em casa, certo?

Casa? Hazel engoliu em seco. Qual, exatamente, seria seu próximo passo? Ela não tinha nenhum plano.

— Eu vou. — ela mandou um beijo para a colega de quarto, afivelou a bolsa, agarrou o casaco, assinou o pagamento e, com Colette a seu lado, foi embora.

ARES

Preparações — 20 de fevereiro a 20 de março de 1918

HÁ UMA SEMELHANÇA na vida durante a guerra. Os dias se misturam quando o combate não está ativo. Uma incursão aqui e ali, a dose diária de bombardeio. Vítimas, mas não o suficiente para escrever. A menos que o Exército Britânico faça isso por você e eles mandem telegramas. Telegramas muito breves.

"Lamento informar que seu filho, o Soldado Tal e Tal, foi relatado como morto em ação durante um bombardeio pesado" ou "morreu de ferimentos em uma estação de limpeza de vítimas". Seguido por uma carta de um Oficial Comandante relatando, em todos os casos, que eles passaram com bravura, rapidez, sem muita dor. Eles nunca dizem, "pendurado por horas em uma cerca de arame farpado com suas entranhas para fora, implorando por resgate, mas ninguém ousou ir por medo de fogo hostil".

A primeira vítima da guerra é a verdade.

Se James e seus camaradas na 2ª e 3ª Seção não estivessem trabalhando, eles estavam dormindo. Eles dormiram no chão. Eles dormiram em montes de artilharia. Eles dormiram em pé. Eles dormiram enquanto marchavam. Você não acredita em mim. Meia hora foi um longo descanso noturno.

Quando o sol se pôs, a fatiga dos suprimentos começou. Caminhando por quilômetros de túneis estreitos,

congestionados e tortuosos, carregando caixas de comida, água, balas, granadas, sacos de areia e curativos. Fardos de arame farpado que cortam suas mãos em tiras.

Os dias ficaram mais longos, as noites mais curtas. A atividade de combate foi silenciosa. No entanto, lá estavam eles, carregando projéteis pesados, carregando fardos de rifles e fardos de armas danificadas de volta para conserto. Claramente, eles estavam se preparando. Os alemães também. Abastecimento de trens, trens de tropas e aviões espiões. Preparando-se para um ataque massivo, apontado para o 5° Exército. O exército de James. Os alemães superariam as forças britânicas em algo como três para um.

Eles viram isso, eles viveram com isso, eles colocaram isso fora de suas mentes. Nada que eles pudessem fazer até que algo acontecesse.

A fonte constante para o boato, e a fonte de uma operação de apostas em pequenas mudanças animada, era quando o Grande Ataque iria começar. Todos os tipos de datas foram incluídos no chapéu de apostas. 1º de março. Os idos de março. Dia de São Patrício.

Quando a notícia de uma nova data se espalhou, as tropas ficaram cansadas. A 3ª Seção zombou em 21 de março. O equinócio vernal. O primeiro dia da primavera. Parecia arbitrário. Supersticioso, até. Mas os alemães capturados, levados em ataques de trincheiras, juraram que esse seria o dia.

James escreveu cartas para seus pais, para Maggie e para Bob. Havia tanto que ele gostaria de dizer, mas como? Bem, ele raciocinou, se você pode morrer, não se preocupe com o que os outros pensam.

Na noite de 20 de março, James escreveu a Hazel uma longa carta cheia de coisas que ele nunca ousou dizer. Esperanças para o futuro. Esperanças que a incluíam. Se ele nunca voltasse da batalha que se aproximava, o coração

dela ficaria mais partido, ou menos, sabendo que ele teria dado o seu para sempre a ela?

Se fosse seu destino morrer pelo Rei e pelo País, se esse fosse o preço a pagar, não parecia uma grande recompensa pedir ao Destino que a garota que ele amava, e que teria amado para sempre, fosse obrigada a suportar seu túmulo, o fardo de saber como ele se sentia.

Na noite de 20 de março de 1918, James Alderidge postou a carta ao pôr do sol de sua posição com seus camaradas nas trincheiras de apoio, então encontrou um abrigo para se deitar e foi dormir enquanto ainda podia.

AFRODITE

Reagrupando — 20 de março de 1918

NA MANHÃ de 20 de março de 1918, Hazel e Colette voltaram a Paris. Colette foi direto para a cama e ficou lá.

Foi uma viagem de trem silenciosa, mas a certa altura Colette falou.

— Quando os alemães mataram minha família — disse ela. — Ninguém me deixou ver seus corpos.

Hazel esperou, com o coração partido.

— Eu perguntei, mas todos eles disseram, "*Non, mon enfant*, você não deve ver; a visão iria te matar".

Hazel fechou os olhos. Seus próprios pais, massacrados. James, deitado no chão.

— Hazel, — disse Colette finalmente. — Você acha que Aubrey está morto?

As palavras atingiram Hazel com uma pontada. O que ela *achava?*

— Eu acho — disse ela lentamente. — Que é muito cedo para essa conclusão.

Os olhos avermelhados de Colette procuravam a verdade. Ela não se deixaria embalar por uma falsa fé ou mentiras disfarçadas de encorajamento.

— Eu acho — disse Hazel. — Que devemos ter esperança.

Colette voltou a observar o deslizamento das terras agrícolas.

ARES

Operação Michael — 21 de março de 1918

JAMES ACORDOU sobressaltado. Estava escuro, o ar denso e pesado. O barulho trovejou em seus ouvidos.

Bombardeio, mas nenhum bombardeio comum. Os alemães estavam lançando projéteis de artilharia tão rápido que James não conseguia distinguir o espaço entre uma explosão e a seguinte. Apenas um rugido contínuo de destruição. Um bombardeio como o uivo de uma fera.

Ele tateou em busca de seu capacete. O ar tinha gosto de fumaça e sujeira, e o leve cheiro de cebola de gás mostarda. Oficiais correram, gritando ordens. Os soldados rastejaram para fora dos abrigos e encontraram seus rifles.

O solo balançou e tremeu como um navio em uma tempestade. Explosão, grito. Explosão, grito. A batida de poeira caindo. Eles estavam de volta às linhas de apoio, mas os grandes canhões sabiam disso. Nenhuma linha na rede de trincheiras estava a salvo de um ataque de granada tão massivo.

A 3ª Seção se reuniu ao redor dele no escuro. Ele os conhecia por som, cheiro, altura.

— Você me deve duas moedas, Nutley, — gritou a voz estridente de Chad Browning. — Eu disse que hoje seria o dia, mas você acreditou em mim? Nah, e isso vai te custar.

— Cala a boca. — Billy teve que gritar para ser ouvido.

— Não no túmulo da sua avó. — protestou Browning. — Paga logo. Não sei se algum de nós estará vivo esta noite, e

eu não me sentiria bem em roubar os bolsos de um amigo morto, não é?

A voz de Mick Webber se originou bem abaixo da de Billy Nutley. — Onde está McKendrick?

— *Whizz-bang!* — gritou Mason. Eles se abaixaram. O projétil explodiu a três metros de distância.

Eles se espalharam, assim um projétil não poderia acertar todos, mesmo que circulassem baixo. As bombas gritaram alto. Finalmente, seus próprios canhões de artilharia rugiram para a vida e arrotaram retaliação contra o inimigo.

— Muita sorte. — disse Mason. — Os Fritz estarão fora de alcance. Eles planejaram tudo isso.

— Sou só eu, — gritou James, — ou as explosões estão se aproximando? Empurrando nosso caminho?

— Barrando nosso redor — respondeu Mason. — Eles fazem um dossel de tiros, e sua infantaria se arrasta por baixo dela para invadir nossas trincheiras sob uma cobertura segura enquanto estamos nos escondendo de seus projéteis. Eles os empurram para frente enquanto seus homens avançam. Claro, se eles errarem, suas armas matarão seus próprios homens.

— Eu gostaria disso, — murmurou James. — Devo ir para o ninho dos atiradores?

— Espere por ordens, — aconselhou Mason. — Com toda essa fumaça e escuridão, não haveria nada para ver. Você está mais seguro aqui.

Explosões e gritos soavam mais próximos. Apenas o ocasional jato de chamas fornecia alguma luz. Eles se agacharam sobre os joelhos com as mãos tapando as orelhas com força.

Mas gritos balançaram entre os dedos de James. Eles eram rapazes da 3ª Seção? Billy, Chad, Mick, Sam, Vincent, Alph?

Onde estava o sargento McKendrick? Aconteceu alguma coisa? Se ninguém os levasse para a segurança, eles

morreriam aqui com facilidade. Eles não podiam abandonar seu posto sem ordens.

A parede de assalto de som dominou seus ouvidos. Seus rifles, tão úteis quanto palitos de dente, estavam pendurados nas coxas, onde eles se agachavam. Se eles se escondessem em abrigos, uma explosão poderia transformar esse abrigo em uma tumba. Pelo menos, em uma trincheira, havia uma chance de ser arrastado para longe.

Eles tomaram cada respiração cheia de fumaça como se fosse a última, e esperaram para provar que estavam certos.

AFRODITE

De Paris — 21 de março de 1918

AS JANELAS DO QUARTO sacudiram.

Hazel acordou na escuridão do quarto que dividia com Colette na casa de Tante Solange.

As janelas não paravam de chacoalhar.

O relógio na mesinha de cabeceira marcava 4:45 da manhã.

Seus pés descalços pousaram no chão de madeira frio. Ela foi até a janela e puxou as cortinas. Destravando a janela, ela abriu-a e se inclinou para o frio da manhã.

A cidade inteira vibrou com uma pulsação sentida nos ossos. A terra retumbou e seus edifícios estremeceram. Um cachorro latiu na rua abaixo e outro respondeu de longe.

Um terremoto?

O frio arrepiou sua pele. Outras janelas também se abriram. Ela ouviu Colette se mexer na cama.

O som veio do norte. E assim por diante, um som como pedras distantes caindo umas contra as outras, ou, como o choque de uma vasta brigada de tambores.

Armas no Fronte, ela percebeu. Armas sem intervalo. Armas ao norte. Onde James estava.

ARES

Entregues aos Franceses — 21 de março de 1918

FINALMENTE O MOMENTO havia chegado.

Na quinta-feira, 21 de março, a 15ª Guarda Nacional de Nova York chegou de trem em Connantre, na região de Givry-en-Argonne, e se encontrou com o resto de sua divisão, que tinha ido direto para lá de Saint-Nazaire.

Eles receberam um novo nome. Eles não eram mais a 15ª Guarda Nacional de Nova York. Eles eram agora a 369ª Infantaria dos Estados Unidos. Ou melhor, o *369e Régiment d'Infanterie US (RIUS).* Eles foram entregues ao exército francês para lutar com eles.

Os exércitos francês e britânico imploraram aos Estados Unidos que enviassem reforços, mas o general Pershing recusou-se a renunciar ao comando de quaisquer tropas americanas. Eles eram sua responsabilidade para liderar e, tanto quanto possível, salvaguardar. Ele não queria que os americanos fossem usados como bucha de canhão descartável por generais não americanos.

Mas ele poderia dispensar um regimento negro, para ser usado quando necessário.

ARES

Nevoeiro — 21 de março de 1918

AS ARMAS PESADAS continuaram zumbindo por horas. Morteiros e canhões de campanha, procurando por James.

Não havia nada a fazer a não ser esperar. Nenhum lugar para ir que fosse mais seguro, nem menos.

Através da fumaça, da poeira e da confusão, o sol nascente mal apareceu, até bem depois das sete da manhã, quando uma calmaria caiu sobre a batalha. As armas pararam. O céu estava mais claro, envolto em névoa. Estava pendurado, frio, úmido e pesado, sobre as trincheiras. James não conseguia nem ver Frank Mason, a um ou dois metros de distância.

O silêncio, depois das armas, foi ensurdecedor. A névoa abafava e silenciava tudo. O ar estava tão úmido que respirar tornou-se um lento afogamento.

Vozes baixas começaram a chamar umas às outras. Gritos de "Médico!" e "Maca!" perfurou a nuvem de névoa, mas eles pareciam morrer antes de chegar aos ouvidos de quem pudesse ajudar.

— Mason, — James sussurrou.

Mason estava em seu ouvido. — Quieto. — ele assobiou. — Eles estão vindo.

James tirou as gotas de orvalho úmidas presas em seu rifle e aparafusou a baioneta.

Uma granada explodiu na linha. Chad e Billy. Eles foram por ali. Eles estavam bem? Seu pulso disparou. Como ele

poderia avisá-los, sem atrair o perigo para todos eles?

Eles chegaram sem fazer muito barulho, quando invadiram as trincheiras. Como o *plash* de um cubo de gelo caindo em uma bebida. Figuras oníricas em cinza, carregadas com granadas, rifles e munições. Seus capacetes de carvão foram pintados com camuflagem.

Tropas de assalto. Soldados de elite fortemente armados. Eles não fizeram prisioneiros. Eles apenas mataram.

Dois deles. Ele os viu, mas eles não o tinham visto. Eles nadaram para dentro e para fora de vista, ambos carregando pistolas prontas.

James ergueu seu rifle. Eles estavam a apenas alguns metros de distância.

Um passo soou. Eles se viraram. Era Mason, de costas. Ele não os viu.

James puxou o gatilho.

Um alemão a menos.

O outro girando, James limpando e armando, o clique da pistola, seu próprio rifle subindo, crack, a coronha da arma de Mason bate no braço da arma do alemão, se James atirar, ele pode matar Mason, em guarda, mirar,

tiro longo,

torção,

matar,

matar,

matar.

Uma boca se abre,

olhos azuis olham para ele,

a surpresa dos olhos azuis que parecem um ovo de tordo enquanto uma garganta vermelha derrama sangue em um uniforme cinza.

Ele atirou no primeiro soldado de assalto no pescoço. As tropas de assalto usavam armaduras. Pescoço e axilas vulneráveis.

— Obrigado, cara. — diz Mason.

Ele pega as pistolas, Mason o faz, uma para cada. Espólios de guerra. Ele amarra uma tipóia de granadas. James pega a arma que ele entrega a ele, ainda quente, a destrava e a coloca em seu cinto.

Eles ouvem agora: as linhas de fogo, sob cerco. Claro que estão, se as tropas de assalto estiverem invadindo a linha de apoio.

Chad e Billy correm para a travessia..

— Vocês estão bem? — diz Chad Browning.

— Onde está McKendrick? — diz Billy Nutley.

Outro passo. Um cheiro, um som.

— Abaixem! — grita Mason.

O jato de chamas cruza a trincheira. Uma tropa de choque com um lança-chamas. *Flammenwerfer.* Fogo líquido amarrado em suas costas, disparando jardas de uma mangueira em sua mão.

James se agacha, seu rifle ainda nas mãos. Sem tempo para apreciar a vista. Ele mira no rosto.

O corpo sem cabeça do alemão tomba para frente, ainda espalhando fogo. Chad grita.

— Recuar! — Vem um grito de algum lugar. — Recuar!

Chad se contorce nas patilhas. Mason e Nutley mergulham em cima dele. Eles o espancam para apagar a chama. O cheiro de carne queimando lembra James de comida, de cozinhar carne.

— Precisamos de uma maca. — Billy está pálido e ofegante.

Mason balança a cabeça. — Nunca vou conseguir uma aqui.

James joga seu rifle atrás dele. — Coloque-o nas minhas costas, — diz ele. — Coloque ele em mim, então vocês recuam. Eu estarei bem atrás de vocês.

— Eu faço isso. — diz Billy.

— Então vocês dois podem ser mortos? — diz James. — Você é muito grande. Fique abaixado e saia daqui. Billy, você carrega minha mochila. Me cubra, certo?

— Ele está certo, Bill, — diz Mason. — Você não pode fazer isso.

— Coloque-o em mim — diz James a Mason. — E saia daqui.

Chad Browning parou de gritar. Sua roupa está meio derretida, meio fundida em sua pele. Mason tira seu sobretudo, e eles envolvem Browning nele, em seguida, colocam-no sobre as costas de James. Seus braços flácidos caem sobre os ombros de James e sua cabeça bate na sua. Seu corpo é leve. Ele parece não pesar mais do que um pacote.

— Terceira Seção. — chama Frank Mason, seu novo comandante indiscutível. Outras formas familiares se materializam na névoa.

— Onde está o Alph? — pergunta Mason. — Onde está Sam?

Vince Rowan balança a cabeça. — Granada.

Não há mais cão de caça. *Será o linchamento de novo. Suicídio.*

— Morto? — Mason observa seus rostos. — Certo. — ele aponta para o norte. — Trincheira de comunicação, por aqui. Bill, você primeiro, e Mick, depois James. Cuidado com os alemães lá em cima. Você é o próximo, Vince, e eu seguimos atrás.

Billy Nutley, com a baioneta pronta, se prepara para a retirada. Suas costas grandes desaparecem na névoa. Mick Webber, James e sua carga, Vince Rowan e Frank Mason os seguem. De volta ao leste, em direção ao nascer do sol velado pela névoa, os canhões alemães rugem de volta à vida.

ARES

Jesse James — 21 de março de 1918

AS TRINCHEIRAS DE COMUNICAÇÃO foram um pesadelo. Sufocadas pela névoa, escorregadias de tanto sangue. Macairos empurrando pessoas de volta para os postos de preparação de campo, empurrando com reservas correndo para o Fronte. Tropas de assalto alemãs enxameiam por cima. As tropas britânicas com pistolas vigiavam a borda e eliminavam qualquer coisa que se movesse através da névoa. Mas eles não conseguiram localizar os lançadores de granadas.

Chad Browning era tudo em que James conseguia pensar. Caindo pesadamente em suas costas. Ele deve estar em agonia. Irritado e engraçado Chad. *Quem não seria um soldado, hein? Oh, é uma pena aceitar o pagamento!*

Eles contataram uma equipe da Cruz Vermelha e entregaram Chad. Seu corpo queimava através do sobretudo como se o *Flammenwerfer* ainda estivesse aceso. Ele estava vivo. Não havia mais o que eles pudessem fazer.

— Terceira Seção. Esses são vocês?

Clive Mooradian e o atarracado Benji Packer apareceram.

— Vamos, meus queridos, — disse Clive. — A infantaria alemã está seguindo as tropas de choque, seguindo a barragem. Eles pegaram uma seção da linha de fogo e nós vamos retirá-la.

— Linha de fogo? — disse Mick. — As tropas de assalto acabaram de nos expulsar da linha de apoio!

O soldado Mooradian encolheu os ombros. — As tropas de assalto não ficam por perto — disse ele. — Vamos voltar lá antes que os Fritz fiquem confortáveis demais e comecem a reorganizar a mobília.

— Vocês sabem o que aconteceu com o sargento McKendrick? — perguntou James.

— Ferido, esta manhã, alguém disse — disse Benji Packer. — Gravemente ferido por uma explosão nos aposentos dos oficiais. Talvez ele sobreviva.

Eles seguiram a 2ª Seção de volta à linha do fronte, através do labirinto sufocante das linhas de comunicação lotadas. Outra granada caiu na linha, logo atrás de onde eles estavam.

— É isso, — declarou Mason. — Vocês, rapazes, continuem. Vou subir para tirar o desgraçado que atira aquelas granadas. Dê-me um impulso, Alderidge.

James congelou. — Você será um alvo fácil lá em cima, Frank.

— *Vamos,* — gritou Benji. — Você está obstruindo a linha.

— Me deixe fazer isso. — disse James. — Eu atiro melhor e não tenho mulher e filho em casa.

— Pare de se gabar, Jimmy. — retrucou Clive. — Quem vai ser?

— Nós dois iremos, — disse Mason. — Jesse James aqui pode tirar os alemães da jogada. Eu vou cobri-lo.

— Alcance-nos, então,— disse Mooradian. — Tem munição? Certo. Vá em frente.

Billy entrelaçou os dedos e puxou James sobre o parapeito. Ele pousou e se abaixou. Ele ainda tinha a névoa como cobertura, mas sem as paredes da trincheira ao lado dele, ele se sentia nu e exposto. Antes ele odiava as trincheiras. Agora ele estava perdido sem elas.

Frank Mason voou por cima e pousou bem no lombar de James.

— Desculpe, camarada, — disse Frank. — Nada pessoal.

Eles espiaram através da mira de seus rifles para a névoa rodopiante.

ARES

Atirador na Neve — 21 de março de 1918

COMO É, ser um atirador na neve?

A névoa era uma parede de neve. Tanta brancura pura. Como uma piada terrível. Ela cobriu os sons de morte e destruição.

James lutou contra ser um franco-atirador. Mas ele era um agora, gostasse ou não. Os atiradores de elite precisam de suas cortinas. Suas capas. Suas placas de proteção para protegê-los enquanto eles assistem silenciosamente, esperam, matam. Mas agora a batalha o engolfou.

James e Frank avançaram para frente, rastejando em suas barrigas.

— Vamos, Fritz, onde você está? — sussurrou Mason.

James ergueu a mão para silenciá-lo. Havia tanto barulho e comoção de armas pesadas e soldados aglomerados que ele não conseguia distinguir um passo ou um galho rachado como faria em um turno da meia-noite. Mas talvez…

Lá. À distância. Uma forma cinza, rastejante. Mirando com uma arma enorme. Um lançador de granadas de rifle.

James mirou no coração. O atirador caiu.

— *Vai, vai, vai.* — sibilou Mason. — Agora eles sabem que estamos aqui.

Eles agarraram seus rifles e rolaram de lado por alguns metros.

Com certeza, um soldado de assalto rastejou por onde eles estavam, procurando.

Crack fez a pistola de Mason. A cabeça do alemão virou para o lado. O sangue jorrou de suas têmporas.

— Excelente tiro. — murmurou James.

— Você não é o único que sabe o que fazer com uma arma.

Eles rolaram e esperaram. — Eles sabem que há uma armadilha, agora. — sussurrou Mason.

Nada mudou. Mas alguém estava lá fora. James sentiu isso.

Na pantomima, ele disse a Mason: *Você fica aqui. Observando. Eu vou por aqui. Você me cobre.*

Mason acenou com a cabeça.

Centímetro por centímetro, James deslizou para a direita até ficar a três metros de Mason. A névoa se dissipou à medida que o sol da manhã a queimava. Ele podia ver Mason, observando-o.

Então ele viu o que Mason não podia ver. Aparecendo atrás dele. Um soldado de assalto com um rifle apontado diretamente para seu amigo.

Sem tempo para girar seu próprio rifle. Com a mão esquerda livre, ele puxou a pistola alemã do cinto. Ele poderia atirar com a esquerda?

Em um movimento fluido, ele engatilhou a pistola e acertou o peito do alemão.

A névoa recuperou a queda do alemão. Mas Mason, assustado, saltou sobre as mãos e joelhos e se endireitou.

Um ganido entrando.

Um flash prateado.

Uma explosão, para cima. Uma coluna de poeira e fumaça. Uma explosão de ar percussivo empurrando James para trás, jogando terra em seu rosto.

Quando a fumaça se dissipou e James limpou a areia dos olhos, Frank Mason não estava mais lá. Apenas um fogo,

um capacete, um par de botas rasgadas e um pequeno livro de orações carbonizado.

DEZEMBRO 1942

Telegrama

O FORTE SILÊNCIO da noite cai sobre o quarto do hotel.

O fogo morreu e o quarto está quase escuro. Apenas o brilho sutil dos deuses oferece algum desafio para a noite.

— Adelaide Sutton Mason, — Afrodite diz. — Eu me lembro dela. Ela tinha passado por momentos difíceis enquanto crescia. Um pai rude, que bebia. Ela parecia em grande perigo de acabar com o tipo errado de homem, antes que Frank aparecesse. — ela enxugou o olho. — Eles passaram três anos muito felizes juntos. E, claro, tiveram dois filhos.

— Dois? — Ares ergue os olhos. — A fotografia de Mason tinha apenas...

— Ela escreveu para contar a ele. — diz Afrodite. — Ela ficou grávida. Lembra? Seu ferimento? Ele ficou em casa por um tempo?

Todos os deuses masculinos presentes são pais. Possivelmente não o melhor dos pais – o assunto está aberto para debate – mas eles não são desprovidos de sentimento.

Diante de seus olhos, uma cena aparece. Uma campainha toca. Um jovem magricela, com sua bicicleta apoiada em um poste de engate no meio-fio, está de pé no degrau da frente. Um envelope balança entre seu indicador e polegar. A jovem esposa cujos olhos sempre entendem a piada espia pela porta que se abre lentamente.

HADES

Na Praia

O SOLDADO FRANK MASON caiu abruptamente em meu reino.

— O que aconteceu? — ele disse em voz alta. — Onde está James?

A névoa ainda estava densa ao seu redor, mas o ar não cheirava mais a fumaça e pólvora. Cheirava úmido e verde. Ele se levantou e deu um passo à frente.

— James? — ele chamou. — Você está aí?

Não houve som de projéteis, nenhum tiro de rifle soando. Apenas o silêncio da natureza, que não é nada silencioso, quando você ouve. Pássaros cantando, insetos zumbindo, galhos balançando.

A névoa se dissipou. Ele se viu em um campo de grama escura salpicada com delicadas flores brancas. Mais à frente, ele sentiu o cheiro do mar. Depois de tantos meses no litoral e trincheiras, ela acenou para ele.

Ele começou a correr.

Ele alcançou a areia e olhou para baixo para descobrir que seus pés estavam descalços, seu corpo frouxamente vestido com as calças leves e a camisa que ele usava nos verões nos barcos de pesca. Areia úmida espremida entre os dedos dos pés e borrifos salgados sopraram em seu rosto.

— Estou em casa. — disse ele.

A praia estava quase vazia. Era o início da noite, quando o fim da tarde se aproxima do crepúsculo. Uma mulher caminhou lentamente ao longo da beira da água, segurando uma criança pela mão.

— Oh, não. — disse Frank. — Não não não!

Eu apareci, então. Um velho marinheiro que ele conhecia há muito tempo, quando se juntou a uma tripulação.

Minha presença não o surpreendeu. Raramente o faz; eu sou aquele que cada alma sabe que os encontrará no final.

— Estou morto, não estou? — ele se virou para mim então. — Eles me pegaram, os desgraçados!

Eu concordei. — Em certo sentido, sim. Eles fizeram isso. Mas agora você tem você.

Ele afundou na areia e chorou. — Minha pobre esposa, sozinha, — ele soluçou. — Meu filhinho, nunca conhecendo seu pai. E o bebê! — Ele se virou para mim implorando. — Quem vai cuidar deles?

— Eles ficarão muito bons em cuidar uns dos outros.

Isso não foi muito confortante. — Vai ser brutal para eles, — disse ele. — Você não pode fingir que não vai.

— Vai ser brutal para eles, — eu disse a ele. — Você precisará enviar conforto e ajuda. O que você faria por eles, se pudesse.

Ele olhou para cima. — Isso pode ser feito?

— Pode, — eu disse a ele. — Quando o desejo é forte.

Frank Mason olhou com desânimo para sua família que se aproximava. Seu filho se sentou e começou a moldar um castelo com areia.

— Se serve de consolo, — eu disse a ele. — Lembre-se: o sono os aproxima de você.

Ele ergueu os olhos, esperançoso.

— A infância também, — acrescentei. — Os pequeninos veem tudo.

Frank Mason Jr. se virou para o pai e deu um sorriso babão. Em um salto, seu pai estava ao seu lado.

— E cuidado com os gatos. — eu disse a ele, como um adeus, embora não acredite que ele tenha me ouvido.

HADES

Chapa de Identificação — 21 de março de 1918

QUANDO ELES ENCONTRARAM James, estava escuro.

Ele estava nas trincheiras de socorro, a centenas de metros do local onde havia subido para derrubar as tropas de choque. Ele não sabia como chegou lá.

Ficou claro para os médicos, quando finalmente o examinaram, que ele não tinha comido nem bebido água durante todo o dia. Ele estava enrolado em um abrigo e não queria sair.

Mas ele precisava. Os alemães haviam adotado suas linhas. Eles estavam pressionando duramente contra o 5° Exército do BEF. As tropas britânicas estavam em plena retirada. Ele seria um prisioneiro de guerra se não o tirassem de lá.

Ele apontou um rifle para qualquer um que tentasse fazê-lo sair de seu abrigo. Ele teve sorte de não ter levado um tiro de um oficial por causa disso. Eles não podiam permitir que sua retirada fosse retardada, e eles não podiam permitir que soldados caíssem prisioneiros e fossem torturados, e talvez revelassem segredos.

O soldado James Alderidge não tinha segredos.

— Onde está Mason? — é tudo o que ele dizia. — Alguém viu o Mason?

O oficial encarregado de atraí-lo era mais humano do que alguns. Ele persuadiu o homem escondido a entregar sua chapa de identificação militar, para que pudessem

encontrar alguém que ele conhecia. Ele obedeceu. As plaquetas, antes penduradas em seu pescoço, deram seu nome como Soldado J. Alderidge, Quinto Exército, 7ª Unidade, 39ª Divisão, Companhia D. Com alguns gritos, eles encontraram outro soldado que o conhecia: o soldado William Nutley.

Billy tentou convencê-lo a sair. Quando persuadir não funcionou, Billy rastejou atrás dele. Ele entregou suas armas para seu camarada sem resistência, e Billy pegou James, em toda sua altura, e o carregou para fora do abrigo.

Preso contra o peito de Billy, James começou a tremer. O bombardeio noturno lançou pequenas rajadas de luz laranja que eram quase festivas, como fogos de artifício.

— Está tudo bem, Jim. — Billy disse ao seu camarada. — Está tudo bem.

— Você viu Mason?

— Eu não. — disse Billy.

Ele quase acrescentou: "Tenho certeza de que ele está bem". Mas eu o adverti contra isso. Mentiras são piores do que nenhum conforto. Especialmente para uma mente já queimada pela verdade.

Billy o trouxe para a tenda da Cruz Vermelha. James ficou lá, se contorcendo, tremendo sob um lençol fino e cobertor. Quando uma enfermeira se aproximou de sua cama, ele sentou-se, segurou-a pelos braços e disse: — Você viu Frank Mason?

— Sedativo. — chamou a enfermeira. Um plantonista apareceu. Ele mergulhou uma seringa de aço e uma agulha em um frasco e puxou uma dose de alguma coisa. James sentiu um aperto forte no braço e não se lembrou de mais nada.

INTERVALO DE ATOS

AFRODITE

O Destino de Certas Cartas

QUANDO UMA CARTA chegou a Cabana de Socorro do YMCA, endereçada a Colette Fournier, enviada de Aix-les-Bains, a sra. Celestine Davies raciocinou consigo mesma. Esta carta pode ser de qualquer soldado americano. Mas muito provavelmente, veio de um dos soldados negros daquele bando do exército viajante que tinha ido lá para se apresentar.

Portanto, em vez de enviar a carta para o endereço que mantinha arquivado para a Srta. Fournier – alguma parente em Paris – ela encaminhou a carta, com uma nota de reclamação, a um sargento do Exército dos EUA em Saint-Nazaire. Soldados negros estavam se comportando de maneira desenfreada com as voluntárias brancas da YMCA. A liderança do exército americano precisava assumir a responsabilidade pelo problema dos negros.

O sargento, para seu crédito, abriu a carta e, descobrindo que não continha nada mais provocativo do que um trecho de música sem palavras, revirou os olhos e jogou-a no lixo.

Uma carta de um soldado J. Alderidge, servindo no 5° Exército, ao norte de Paris, chegou à Cabana Um endereçada à Srta. Hazel Windicott. O coração patriótico da Sra. Davies sangrou pelo pobre jovem. J. Alderidge, servindo ao rei e ao país, merecia muito mais do que desperdiçar sua afeição com um objeto como Hazel. Ela

pode ser ligeiramente bonita e pode tocar piano de uma maneira agradável (embora Celestine tivesse ouvido pianistas melhores), mas ela não era digna.

Então a Sra. Davies devolveu a carta a ele, aos cuidados do 5° Exército, e incluiu dentro dela uma nota explicando que a Srta. Windicott fora despedida em desgraça do YMCA por receber homens de má reputação depois do expediente. Ela omitiu a menção de que pelo menos um era negro, não vendo razão para ferir o orgulho viril natural do soldado Alderidge. Ela tinha partido, disse a Sra. Davies, sem endereço de transferência.

Uma outra falha na comunicação por correspondência não tinha nada a ver com a Sra. Celestine Davies.

Enquanto os sons de bombardeios e notícias terríveis chegavam a Paris, Hazel enviava carta após carta para James, informando-o de onde agora ela poderia ser encontrada e implorando que ele escrevesse para que ela soubesse que ele estava seguro. Elas foram dirigidas à sua atenção, aos cuidados do 5° Exército, mas em seu atual estado de caos e recuo, e à luz dos eventos que se seguiram, a maioria das cartas de Hazel nunca chegou a James. Milhares de cartas foram perdidas neste momento. Quando finalmente a poeira baixou e as malas de correio esquecidas foram distribuídas, não havia nenhum soldado James Alderidge para quem enviar cartas.

QUARTO ATO

ARES

Chocolate — 24 de março a 5 de abril de 1918

DENTRO DE DIAS, os jornais de Paris estavam cheios de notícias horríveis. O 5° Exército britânico, estacionado de Gouzeaucourt ao rio Oise, havia sofrido uma derrota devastadora. As hostilidades da ofensiva de primavera, centradas em Saint-Quentin, apelidada de "Operação Michael" pelos alemães, quase aniquilaram o 5° Exército. Os alemães haviam empurrado a linha de frente cerca de sessenta milhas para trás.

Sessenta milhas perdidas! Após anos de virtual impasse!

Pior do que milhas, dezenas de milhares de vidas foram perdidas em ambos os lados, em apenas alguns dias de luta. A derrota foi tão ruim que o 5° Exército estava sendo dissolvido.

Hazel, lendo jornais de Paris com seu francês incompleto de colegial, ficou paralisada de choque. Um exército inteiro, dissolvido devido a falhas e perdas massivas. James estava entre eles? Ela se recusou a acreditar. No entanto, com um exército inteiro dissolvido, o que mais ela poderia pensar?

Os alemães realmente iriam ganhar esta guerra, depois de tanta bravura e sacrifício britânicos, e com os americanos fazendo fila na porta?

Se alguma fresta de esperança foi encontrada, era esta: os Aliados *acabaram* parando os alemães. Os alemães não conseguiram tomar a cidade de Amiens ou chegar aos

portos do Canal. O comando vital dos mares da Grã-Bretanha permaneceu em vigor. Isso, os Aliados sentiram, era mais crucial. Paris ainda estava tão segura quanto poderia estar quando os alemães tinham canhões de longo alcance apontados diretamente para ela.

Embora fosse caro e desanimador recuar sessenta milhas antes do ataque alemão, a terra perdida não tinha nenhum valor estratégico particular para os alemães. Suas tropas de assalto e infantaria avançaram mais rápido do que as rotas de abastecimento podiam acompanhar. E a linha britânica não se mudou para todos os lugares. Logo os alemães que avançavam se viram abandonados, cercados e famintos.

Percorrendo os suprimentos deixados às pressas pelos britânicos, eles encontraram carne, chocolate, cigarros e até champanhe entre suas provisões. Os Fritz foram levados a acreditar que os Aliados eram tão pobres e famintos quanto eles. Depois de quatro anos de guerra, aqui estavam eles, aproveitando as coisas boas da vida, enquanto as famílias dos Fritz, em casa, morriam de fome.

Qualquer aumento de sessenta milhas capturadas que poderia ter trazido moral aos alemães foi apagada pelo chocolate nas embalagens do BEF.

A guerra é moral. A guerra é um suprimento. Guerra é chocolate.

Por mais que a máquina de propaganda alemã tentasse tranquilizar os Fritz de que eles estavam ganhando sua guerra gloriosa, os Fritz não se deixaram enganar. Se os britânicos bebessem espumante e comessem chocolate, enquanto os alemães bebessem um substituto de café feito de cascas de nozes e carvão de alcatrão, tudo estaria acabado. Nove meses e mais quatro milhões de baixas, mas ainda assim.

HADES

Desaparecendo — 22 a 25 de março de 1918

A SERINGA APARECEU muito mais vezes nos dias que vieram.

James iria acordar com a luz do dia, ou uma escuridão confusa, perguntando-se onde ele estava. Os sonhos cruzaram o limiar entre o sono e a vigília: o alemão de olhos azuis. O alemão com o lança-chamas, engolfando James. Não, engolfando Hazel.

Hazel. Onde ela estava? Se foi, se foi. Aqui, de pé diante dele, então, *bum,* se foi.

Não, esse era o Frank. Graças a Deus, não era Hazel, mas oh Deus, oh Deus, era Frank.

Então o toque. Seus ouvidos zumbiam com o gemido estridente de um míssil. Mas nunca bateu, nunca pousou. Continuou vindo para ele. Tocando e tocando em seu crânio. Ele se debateu entre os lençóis suados, mas seus pulsos estavam amarrados à cama. Ele estava vestido com uma fina camisola de hospital, tão fina que nunca pararia os mísseis. Onde estavam suas roupas?

Ele tinha que fugir. Ele tinha que se proteger. Qualquer coisa pode acertá-lo aqui.

Não, não. Ele estava em um hospital. Ele estava seguro em um hospital.

Então *houve* uma explosão. Médicos e enfermeiras correndo, pacientes gritando.

Figuras correram para sua cama, levantaram-na e o carregaram, com a cama e tudo, para um caminhão. O caminhão sacudiu e ele gritou. Alguém veio com a seringa de prata, e a pinça que queimava, e seu campo de visão, já raso e escuro, turvou nas bordas e James desapareceu.

HADES

Apostadores de Corrida de Cavalos — março a abril de 1918

SR. E SRA. WINDICOTT de Grundy Street e Bygrove, Poplar, Londres, agradeceram às suas estrelas, quando a Grande Guerra estourou, que sua única filha nunca enfrentaria o perigo da batalha. Ela, uma menina quieta devotada ao piano, passaria ilesa por essa provação.

Então ela começou a agir secretamente e de repente se apaixonou por um soldado, largou as aulas de piano e fugiu para a França para ser voluntária em uma enorme base de soldados americanos. Os horrores que poderiam acontecer a ela mantinham a Sra. Windicott acordada à noite.

Suas cartas eram cheias de amor por eles e ansiedade por seu pobre soldado.

Com o tempo, eles começaram a comprar, de um livreiro, a Lista Semanal de Mortes. (O *London Times* havia parado de imprimi-la no jornal diário. Ele havia crescido tanto que não havia espaço para outras notícias.) Outros na Grã-Bretanha estudaram esta lista com mais pavor do que os Windicotts. Mas a cada semana eles examinavam a lista com uma lupa, procurando por Alderidge, J. (Chelmsford). Ele era apenas um nome para eles, mas era importante para Hazel. Eles passaram a amá-lo por causa dela.

Escolha qualquer nome e preste atenção por tempo suficiente, e envie uma oração silenciosa de agradecimento

quando você não o encontrar em uma lista de morte, e logo, se o que você sente não é amor, o que é?

Um jogador de corrida de cavalos que segue com ávido interesse os ganhos, tempos e lesões de Bachelor's Button (1906 Ascot Gold Cup) ou Boticário (1915) sabe o que quero dizer. Aqueles cujo destino era criar a geração alimentada para essa guerra eram todos os apostadores de corridas de cavalos.

APOLO

Émile — 22 de março a 13 de abril de 1918

TALVEZ, AUBREY PENSOU, uma carta para Colette depois de tanto silêncio, contendo nada mais do que música, era muito confusa. Então ele escreveu outra. E ainda não houve resposta.

Alcançar o Fronte tinha sido bom para Aubrey, por incrível que pareça. Seu treinador francês, Émile Segal, era divertido. Ele era um verdadeiro poilu (“o cabeludo”), coberto da cabeça ao pescoço por cachos castanhos grossos e emaranhados. E as caras que ele fazia! Como ele imitava os alemães Boche e os maneirismos dos oficiais franceses. E os soldados do 369e (“Sammies”, para Émile, em homenagem ao Tio Sam), que foram derrubados nas costas pela distribuição diária rotineira de vinho para os soldados franceses. O Sammies não conseguia lidar com tanto vinho francês potente.

Aubrey não precisava ficar bêbado para que Émile o fizesse rir.

Isso foi um milagre, à sua maneira. Semanas se passaram, depois meses. A dor da ausência de Joey e a terrível culpa de Aubrey nunca desapareceram. Mas depois de dois meses, o tempo, o trabalho e a amizade levaram Aubrey a um lugar onde era possível doer e rir no mesmo dia. Ele nunca teria imaginado que poderia.

Aubrey e Émile rapidamente desenvolveram uma linguagem própria, de francês repetido e frases

emprestadas do inglês. Eles sabiam o suficiente da língua do outro para ficarem totalmente confusos, como quando Aubrey usou mal o francês para vento, *vent*, para a palavra para vinho, *vin*, e disse a Émile que gostaria de um pouco mais de vento depois do jantar, *s'il vous plait.* Émile o atendeu com um peido premiado. Se eles pudessem acender o peido, teriam sido *Flammenwerfers.*

Feijão para o jantar. Bons tempos.

Émile ensinou Aubrey como sobreviver no Fronte. Como distinguir os projéteis e os explosivos do gás. Como se esgueirar silenciosamente e discernir o suspiro de *vent* nas árvores de um grupo de invasores Boche na ponta dos pés. Como aquecer a tampa de uma lata sobre uma chama minúscula e jogar os piolhos pegos nas roupas e jogá-los na lata em brasa até que chispem e estourem como pipoca.

Em Maffrécourt, onde foram alojados, Aubrey encontrou um piano em uma taverna bombardeada. Não estava nas melhores condições, mas Aubrey deu a Émile um show que trouxe outras pessoas da Companhia K para uma apresentação improvisada.

Depois disso, Émile Segal exibia seu camarada pianista sempre que podia, reivindicando todos os direitos de se gabar. A maneira como aqueles *poilus* dançaram o primeiro jazz que já ouviram fez Aubrey querer enfiar o punho na boca para não gargalhar alto. Aubrey ensinou-lhes o fox-trote, para que não morressem e fossem até os portões de pérolas, dançando como um bando de palhaços com artrite.

Até que eles entraram nas trincheiras para valer em 13 de abril de 1918, Aubrey se apresentou todas as noites. Émile deveria ser agente de reservas depois da guerra, Aubrey pensou. Ele com certeza sabia como atrair uma multidão. E Aubrey certamente gostou de ter uma.

O setor de Champagne estava quieto e eles se consideraram sortudos. Eles podiam ouvir os tambores da guerra trovejando ao longo da linha ao norte. Mas aqui, não havia muito sendo baleado além de javalis. E a única dor no

coração, além da perda de Joey, era o fato de que dia após dia, nenhuma carta de Colette chegava.

AFRODITE

Qualquer Trabalho Servirá — 29 de março de 1918

APÓS UMA SEMANA de perambulação, silenciosa, de braços dados, pelas ruas de Paris, de luto, Hazel e Colette conseguiram enfrentar a realidade mundana e encontrar trabalho de guerra. Qualquer trabalho. Apenas para terem algo a fazer.

Foi difícil. Todos queriam saber o que estavam fazendo em Paris, uma garota belga e uma garota britânica. Elas já deviam estar fazendo um trabalho de guerra, e o que era? Como isso acabou? Havia cartas de referência? Houve algum problema?

Colette estava muda demais de tristeza para conseguir chegar a uma posição, e Hazel não estava preparada para respostas suaves, confiantes e não muito terrivelmente desonestas. Os comitês de admissão viram através dela e recusaram suas aplicações.

Finalmente, elas encontraram uma agência desesperada o suficiente para aceitar qualquer ajuda que pudessem obter. Era um trabalho humilde, servil, trabalho que poucos outros alistados voluntários fariam. O tipo de trabalho que nem os pais de Hazel nem Tante Solange aprovariam. Mas foi tudo o que puderam encontrar.

O trabalho não ajudou nos esforços de vitória nem ajudou os soldados. Soldados aliados, claro.

Elas conseguiram um emprego trabalhando em cozinhas, preparando e servindo comida em uma agência

da Cruz Vermelha que supervisionava os campos de concentração na França para prisioneiros de guerra alemães.

HADES

O Quarto Rosa — 12 de abril de 1918

FOI O SILÊNCIO que primeiro assustou James. O silêncio e a limpeza.

As roupas de cama eram imaculadas e brancas. Seu pijama azul claro era macio contra sua pele.

Eu morri, ele pensou. *Isso é o céu.*

Um hospital é o paraíso?

A sala iluminada pelo sol era moderna e elegante. Suas paredes eram rosa. Ao lado da cama estava um vaso de margaridas. Não houve sons de bombardeios. Apenas o tráfego da cidade na rua abaixo.

Uma enfermeira entrou. Ela usava um vestido cinza, um avental branco e uma capa vermelha curta. Uma braçadeira branca exibia uma grande cruz vermelha e um véu branco protegia seu cabelo do rosto e pescoço.

— Você está acordado. — disse ela. — Você gostaria de um pouco de água?

Ela serviu-lhe um copo e ele engoliu em seco. Quando a água atingiu sua língua, ele percebeu como parecia uma lixa seca e suja. Ele estendeu o copo vazio e ela serviu-lhe mais.

— Que dia é hoje? — ele perguntou. Sua voz falhou. Parecia estranho e jovem.

— É 12 de abril. — ela disse a ele.

Ele balançou sua cabeça. 12 de abril. A batalha… quando foi isso?

A batalha caiu sobre ele como uma avalanche. *Não, não, não, não.*

A enfermeira segurou o pulso dele entre as pontas dos dedos frios. Ela tirou o cabelo da testa dele.

— Está tudo bem, — ela disse a ele. — Você está seguro aqui. Você estará saindo daqui em pouco tempo.

— Onde estou? — ele resmungou.

— Você está no Hospital Militar Maudsley, — ela disse a ele. — Em Camberwell. Sul de Londres.

Londres. De volta à Grã-Bretanha. Hazel. Paredes rosa o lembravam dela.

A enfermeira deu-lhe um prato com frango e purê de batata ao molho de natas e ervilhas enlatadas rolando no prato. Depois da refeição da trincheira, parecia um banquete.

— Vamos sentar nesta bela cadeira perto da janela, certo?

Ele deixou a enfermeira ajudá-lo a se levantar.

— Aqui vamos nós. Isso mesmo. — ela colocou uma bandeja em seu colo. — Vamos alimentá-lo e recuperar sua força. Então você pode olhar para fora e ver as árvores. Isso vai te fazer bem.

A enfermeira saiu. Ele raspou um pouco de batata e colocou na língua. Sua mãe fazia uma comida melhor, mas depois da carne bovina, isso era digno de um rei. Ele engoliu em seco, mergulhou no frango e perseguiu as ervilhas com a ponta da faca. A faca mal cortou o frango. Então James percebeu. Ele deve estar em um hospital psiquiátrico. Não se pode dar facas afiadas para os casos mentais.

Isso explicava toda a gentileza também. Paredes cor-de-rosa e uma bela enfermeira e uma agradável simpatia. Porque ele precisava ser tratado com gentileza, como se fosse uma criança. Sua comida azedou em sua língua.

Flores verdes e rendadas brotavam dos botões das árvores abaixo.

A enfermeira voltou. — Seus pais estiveram por aqui. Eles estarão de volta esta tarde.

A luz dourada nas paredes rosa fez James fechar os olhos e respirar lentamente. Como um dia à beira-mar, visitando a avó no verão.

Seus pais sabiam que ele estava aqui em um hospital psiquiátrico. Portanto, o dano já estava feito. Mas eles o amariam de qualquer maneira. Mesmo no santuário ferido e sangrando de seu coração, ele sabia disso e se consolava nisso.

AFRODITE

Repolho em Compiègne — Abril a Maio de 1918

EXISTE ALGO FRESCO e limpo no cheiro dos repolhos. Existe algo satisfatório no som de trituração de pedaços, no som de vegetais sendo cortados e depois caindo com um *splash* em grandes tigelas.

O trabalho de Hazel era fatiar, diariamente, três carrinhos de mão cheios de couves verdes. Cerca de duzentos quilos de repolho por dia. Suas mãos ficaram vermelhas e cruas por causa do suco do repolho.

Mas era melhor do que cebolas. Hazel não conseguia lidar com cebolas. Portanto, Colette, que podia, poupava a amiga e cortava o pacote inteiro de quinze quilos de cebolas diariamente. Mesmo assim, ela teve que usar óculos de aviador, para que seus olhos não lacrimejassem na sopa.

Depois dos repolhos e das cebolas, elas esfregavam e cortavam as batatas. Às vezes, havia ossos de açougueiro para ferver no caldo. Então, os prisioneiros alemães parados na fila da sopa aplaudiam. Esses foram os pontos altos da vida em Compiègne.

O campo de Compiègne abrigava oito mil prisioneiros de guerra combatentes alemães. Eles dormiam em barracas ventiladas, tomavam o café da manhã com pão racionado antes do amanhecer e depois trabalhavam o dia todo. O governo francês fez com que reconstruíssem estradas e colocassem trilhos de trem. À noite, os homens estavam

famintos. Hazel e Colette serviam sopa cinza em suas tigelas.

Hazel odiava ver como eles eram magros e desamparados. Abatidos pela guerra e pelo cativeiro.

Agora que via alemães diariamente, com seus olhos azuis brilhantes e barbas desgrenhadas, ouvindo seus *"Danke, Fräulein"* para a sopa, ela lutava para entender por que eles e rapazes franceses e britânicos haviam passado quatro anos se matando.

Claro que ela sabia sobre as atrocidades alemãs na Bélgica. Ela sabia a terrível brutalidade que eles causaram em 1914. Mas certamente não foram *esses* os caras que fizeram isso. Como uma nação produziu almas humildes e assassinos?

Eles tiveram mães, irmãs e namoradas, empregos, hobbies e animais de estimação. Músicas, comidas e livros favoritos. Por que eles devem morrer? Por que nossos meninos devem morrer?

Para Colette, servir aos alemães todos os dias era uma agonia. Em seus rostos, ela viu os olhos que apontaram suas pistolas para seu pai, seu irmão, seus amigos. Ela nunca poderia perdoá-los. Mas ela os alimentou. *Qualquer deus que queira me ferir mais irá falhar, pois não tenho mais nada a ser ferido,* ela pensou. *Qualquer deus que exigir perdão de nós, terá que se contentar com sopa de repolho.*

Hazel não falava alemão, mas Colette sim. Ela entendeu quando eles amaldiçoaram a França e a Grã-Bretanha em voz baixa.

Alguns falavam inglês, alguns pareciam britânicos e outros americanos. Eles conversaram um pouco com ela. Ela fez o possível para ficar alegre por eles. Ela esperava que quem quer que estivesse com James agora fizesse o mesmo. Ela orou para que alguém o tivesse sob seus cuidados. A alternativa era impensável.

Outros a ignoraram, e alguns foram rudes, ou mesmo vulgares na maneira como a olhavam. Ela não sabia o que eles murmuravam, mas levou pouca imaginação para adivinhar.

Depois da comoção de Saint-Nazaire e do glamour de Paris, Compiègne estava enfadonho e sombrio. Após a limpeza, elas caminharam uma curta distância até o albergue onde a Cruz Vermelha as alojou. Elas conversaram, escreveram cartas e jogaram cartas. Outras oito meninas, todas francesas, servindo em várias funções, enfermeira, datilógrafa e lavadeira, moravam ali. Elas eram amigáveis.

Apenas a lenta aproximação da primavera trouxe alguma animação. As folhas se desenrolaram e os açafrões começaram a cutucar o solo gelado. A brisa começou a cheirar a chuva e coisas verdes frescas que não eram repolho. Quase haveria esperança no ar, se não fosse pela total falta de notícias de Aubrey ou James.

— Este trabalho é a nossa penitência — disse Colette certa manhã, enquanto caminhavam para o trabalho. — Se não tivéssemos permitido que Aubrey entrasse em nossa cabana, ainda estaríamos lá.

Hazel olhou para ela com espanto. — Você não está arrependida, está?

Colette balançou a cabeça. — Eu faria tudo de novo. Nem que seja para irritar a Sra. Davies. Mas a Justiça é cega — disse ela. — E regras são regras. Agora nós pagamos. Em cebolas e batatas.

— Se eu deixar este trabalho — disse Hazel. — Nunca irei, enquanto viver, comer repolho. — ela riu. — É uma vergonha. Eu gostava de repolho cozido.

Colette torceu o nariz. — *Ffaugh.*

— Sinto falta do piano — disse Hazel. — Eu me pergunto se ainda consigo tocar.

Colette parecia confusa. — Não seja boba. Claro que você consegue.

Elas caminharam mais um pouco, até que os prédios da cozinha estavam quase em cima deles.

— Você acha, Hazel, — perguntou Colette, — Que só precisamos aprender a esquecê-los e seguir em frente com nossas vidas?

Ficou assustada ao ouvir Colette expressar a pergunta que Hazel estivera fazendo a si mesma.

— Certamente não, — ela chorou. — Até que tenhamos uma prova firme do contrário, mantemos a esperança.

— Por quanto tempo?

Hazel observou seus sapatos desbotados esmagando o cascalho. — Até que eles estejam seguros em casa novamente.

Abril tornou-se maio, e maio avançou resolutamente para junho. Hazel fez a aritmética um dia e percebeu que havia cortado algo perto de oito toneladas de repolho. Suas mãos pareciam com as de sua mãe – vermelhas, em carne viva e rachadas.

Uma noite, quando a fila do jantar terminou e todos os homens estavam sentados ou amontoados em algum lugar com suas tigelas de sopa, Colette voltou ao banheiro para se trocar, enquanto Hazel consolidava todos os restos de sopa de cada tonel em uma pequena panela.

— Mais sopa, por favor?

Um forte sotaque alemão pronunciou as palavras. Hazel ergueu os olhos para ver um prisioneiro alemão parado na porta com uma tigela em concha nas mãos. Ela olhou para a porta onde os guardas armados sempre ficavam. Sem dúvida, eles diriam aos alemães que pedissem mais comida que não havia uma segunda porção. Mas os guardas foram embora. Hazel estava sozinha na área da cozinha com o alemão. E ele parecia estar com muita fome.

Ele se afastou da linha de servir, então Hazel saiu de trás do balcão para servir a sopa diretamente em sua tigela. Ele largou a tigela e a prendeu contra a parede. Uma mão ele pressionou em seu abdômen e a outra em seu

pescoço. A panela caiu de sua mão e a sopa quente encharcou sua saia. Antes que ela pudesse gritar, ele cobriu sua boca com a dele.

Hazel ficou tão chocada que não sabia o que fazer. Ela lutou, mas ele era mais forte. Ele lambeu seus lábios e dentes com sua língua asquerosa, então a forçou dentro de sua boca.

Ela lutou e lutou, mas ele era muito forte. Mesmo quando ele forçou seu rosto sobre ela, ele riu dela, um som amargo e odioso.

Seu cérebro entrou em alerta total, e o choque e a repulsa se transformaram em medo desesperado. Ela mal conseguia respirar. Ela lutou, chutou e lutou. Se ninguém viesse logo, ele poderia – como isso *poderia* estar acontecendo? Onde *estavam* aqueles guardas? – quando de repente ele a deixou ir.

Dois outros prisioneiros alemães o tinham arrancado de Hazel, deixando-a encostada na parede. Um golpeou seu agressor no rosto com o punho, acertando seu olho e depois sua mandíbula. O outro o derrubou no chão e sentou-se em seu peito enquanto o primeiro prendia suas pernas.

— Vá, Fräulein, — disse seu primeiro salvador. — Sentimos muito.

A comoção fez com que os dois guardas franceses corressem pela porta de onde quer que estivessem vagando. Colette também apareceu e estava ao lado de Hazel em um instante.

— Esse homem machucou você, Mademoiselle? — os guardas franceses perguntaram a Hazel.

Se ela dissesse não, ele poderia molestá-la de novo, ou a Colette, ou a qualquer uma das jovens ali. Mas se ela dissesse sim, os guardas poderiam levar o agressor para algum lugar de onde ele nunca poderia retornar. As leis internacionais impediam os países que mantêm soldados como prisioneiros de guerra de matá-los, mas "acidentes"

acontecem. Alguns soldados franceses estavam ansiosos por qualquer razão para isso.

Ela esfregou a boca com o pulso. A visão do homem no chão, observando-a com olhos zombeteiros, a fez engasgar. Mas ela não estava pronta para assinar sua sentença de morte.

— Ou eles estavam apenas lutando?

Seu coração afundou. Agora, até mesmo seus salvadores estavam em perigo de punição.

Ela ansiava por água quente. Uma escova de dentes. Algo para limpar cada traço dele nela.

— Ele foi muito rude comigo. — sua voz estava tão fraca quanto sua resposta. — Eles me defenderam.

Colette girou sobre os guardas mais velhos com uma torrente de francês raivoso. Algo sobre *Por que minha amiga foi deixada sozinha?* e *Ela tem direito à proteção em todos os momentos.*

Hazel cobriu o rosto enquanto ondas de choque, nojo e violação a varreram.

— Levantem-se, vocês três — exigiu o chefe da guarda. — De pé. *Vite, vite.*

Seus salvadores soltaram o agressor e todos se levantaram. Seu agressor olhou para ela com o canto do olho.

— Vamos para casa, Hazel. — Colette passou o braço em volta dela. Quando eles deixaram os prédios do acampamento, Colette acrescentou: — Vamos deixar este lixão e voltar para Paris.

Hazel ficou muito feliz em concordar, até que voltou ao quarto e encontrou uma carta de sua mãe, com um recorte de jornal.

HADES

Bem-vindo de Volta ao Lar — 6 de maio de 1918

APÓS ALGUMAS semanas no Hospital Maudsley, James recebeu alta no início de maio.

Os dias se transformaram em um borrão rosa.

Houve períodos em que ele não pensou em absolutamente nada. No tordo empoleirado no peitoril da janela. Nas flores do vaso.

O tremor diminuiu. Ele nunca mais viu a seringa.

Eles tocavam gramofone na sala comunal, onde James fazia as refeições. Ele jogou damas com outros pacientes. Eles conversavam e, às vezes, choravam.

Seus pais se sentaram um de cada lado dele na viagem de trem para Chelmsford. Sua mãe enroscou o braço no dele e o abraçou. Isso o fez se sentir como um menino.

A visão de Maggie e Bob, esperando na varanda e correndo para ele, trouxe lágrimas. Bob estava mais alto, com manchas no nariz, e Maggie estava um pouco mais gorda, com o cabelo mais crespo do que nunca. Quando o viram chorar, temeram que fossem a causa. Ele queria dizer a eles, não, não, vocês nunca me fizeram tão bem, mas ele não podia, então ele foi para o seu quarto.

Ele sentiu como se tivesse treze anos novamente, como Bob. Um conjunto empoeirado de soldadinhos de chumbo dispostos em sua estante era engraçado demais para rir.

Ao lado de sua cama estava uma caixa contendo seu kit de exército, que foi encontrado, por algum milagre. A visão

disso o repeliu.

Na mesa ao lado de sua cama havia uma pilha de cartas. Ele as abriu, deixando as de Hazel por último, embora não soubesse dizer se adiava o prazer ou a dor.

O primeiro era, entre todas as pessoas, do soldado Billy Nutley.

12 de abril de 1918, dizia. *Caro James, Nosso novo sargento me deu seu endereço. Fomos transferidos para o Terceiro Exército sob o comando do General Byng. Não estamos muito mais à frente do que antes, mas as coisas se acalmaram. Os alemães nos deram uma surra terrível, mas eles perderam o fôlego e estamos nos segurando. Foi um bom trabalho, mas a que preço. Eu ouvi falar da família de Chad Browning. Ele está de volta ao País de Gales e parece que está se recuperando bem. Ele ficará com cicatrizes. Os pais dele queriam escrever para você. Eu dei a eles seu endereço. Eu disse ao novo sargento o que você fez, afastando as tropas de choque e colocando Browning em segurança. Todos nós dissemos a ele para te inscrever para uma medalha. Gilchrist morreu, como eu acho que você sabe, e Selkirk. Mason se foi. O resto de nós, o que sobrou de nós, ainda estamos aqui. Melhore logo e volte para se juntar ao regimento. Enquanto isso, pense em nós enquanto você está colocando os pés para cima. Até logo, Bill.*

A carta tremeu em sua mão. Ele rapidamente abriu outra.

20 de abril de 1918. Caro Sr. Alderidge, escrevo para expressar a maior gratidão minha e da minha esposa por heroicamente ajudar nosso pobre filho, Chad, com suas queimaduras, e transportá-lo para um local seguro. Ele ainda está se recuperando no hospital e fez vários enxertos de pele. Continuamos esperançosos por sua recuperação. Ele ainda é nosso Chad por baixo de todas as bandagens. Não sabemos como lhe agradecer, mas esperamos que, se houver uma maneira de ajudá-lo, você não hesite em pedir.

Atenciosamente, Sr. e Sra. Bowen Browning, Tenby, País de Gales.

A seguir foi uma carta do exército. Ele foi premiado com uma Medalha de Serviço Distinto. Em anexo estava um cheque de vinte libras e um aviso de quando a medalha real chegaria.

A próxima carta trazia a letra de uma mulher e uma insígnia da YMCA no canto. Ele leu a nota da Sra. Davies, acusando Hazel de conduta imoral com soldados.

Paris girou diante de seus olhos. Poplar. Os trens. O Royal Albert Hall.

Era impossível acreditar que sua garota de piano pudesse ser algo parecido com o que essa mulher havia dito. Tinha que ser mentira. Mas por que essa mulher se daria ao trabalho de enviar tal carta, então?

Ele não tinha mais coração para partir, mas em algum canto escondido, enterrado sob a guerra, ele chorou. Se Hazel Windicott não fosse o que parecia ser, então não havia mais nada neste mundo em que acreditar. Honra, Honestidade, Justiça – eles já estavam no monte de poeira.

Ele leu a carta mais uma vez.

Algum tipo de destino fez a secretária enviá-lo, ele pensou. Para aliviar a dor de se despedir. Se sua falta de correspondência ainda não tivesse matado qualquer afeto que ela tinha por ele, deveria agora. Ele não era mais elegível para o amor de qualquer garota, boa ou má. Ele era apenas a casca de um homem. A casca de um *menino,* encolhendo-se na pequena cama do quarto de sua infância na casa de seus pais. Totalmente inadequado para ser o que qualquer garota deseja agora.

Ele tentou imaginar Hazel aqui, agora. Entrando nesta sala.

Sua pele ficou fria.

Não porque vê-la não seria seu desejo mais caro. Porque *seria.*

Pode chegar o dia em que ele poderia olhar para trás para sua vida, para a memória malva de Hazel, e ficar feliz por tê-la conhecido. Aquela vez, ele significou algo para uma garota como ela. Aquela vez, ele a beijou e a ouviu dizer que o amava.

A carta de Hazel, enviada do QG do Quinto Exército, permaneceu fechada. Um envelope grande e rígido foi tudo o que restou. Ele o abriu e tirou um fólio de papelão preto. Na foto lá dentro, ele, Cupido, e Hazel, com o casaco novo que ele comprou para ela, sorriam para a câmera.

Pelo resto do dia, quando sua família bateu na porta, ele não respondeu.

ARES

Soletrando a Palavra "Americano" — 14 de maio de 1918

TRÊS REPÓRTERES AMERICANOS em busca de histórias de pastores no exterior e visitantes de regimentos das Forças Expedicionárias Americanas do General Pershing em toda a França chegaram ao setor de Champagne em 14 de maio de 1918. Seus nomes eram Thomas M. Johnson (do New York *Evening Sun*), Martin Green (do New York *Evening World*) e, o mais famoso de todos, Irvin S. Cobb, um escritor popular do *Saturday Evening Post.*

Eles sabiam que soldados de cor estavam servindo na guerra, mas acreditavam que estivessem trabalhando como estivadores. Eles ouviram rumores de um regimento negro em ação, mas não viram relatórios oficiais.

Finalmente, a notícia chegou aos seus ouvidos de uma 369ª divisão do Exército dos Estados Unidos, ligada ao comando francês, servindo no setor de Champagne, então lá eles se apressaram para divulgar a história. Como queria o destino, eles chegaram na manhã seguinte, depois que dois soldados, Henry Johnson e Needham Roberts, lutaram contra cerca de 24 alemães em um ataque.

Irvin Cobb, um sulista de Kentucky, era famoso por retratar os negros como "escurinhos" preguiçosos e ignorantes, negociando estereótipos e piadas de melancia. Muitos soldados negros se recusaram a cumprimentá-lo. Mas Cobb, aprendendo sobre o heroísmo de Henry Johnson

e Needham Roberts e vendo o local onde a batalha ocorreu repleto de armas alemãs e uma poça de sangue coagulado do tamanho de uma banheira, conhecia uma história quando via uma.

Todos os três repórteres despacharam artigos para casa. "Joven Preto Joe", eles chamavam Johnson e Roberts. Mais tarde, foi apelidado de "A Batalha de Henry Johnson' . A história foi uma sensação nacional. Eles descreveram a batalha em detalhes vívidos – como Roberts, que levou tiros em vários lugares, se deitou no chão e atirou granadas no inimigo, enquanto Johnson, também sendo atingido muitas vezes, ainda lutou contra os alemães e defendeu Roberts, primeiro com seu rifle, depois com a coronha do rifle, então com um facão. O facão faria dele uma estrela de costa a costa.

Até Cobb, que ganhava a vida vendendo estereótipos de Jim Crow e sabia disso, ficou comovido com o heroísmo de Johnson. Ele colocou uma coda curiosa em seu próprio artigo:

*…como resultado do que nossos soldados negros farão nesta guerra, uma palavra que foi pronunciada bilhões de vezes em nosso país, às vezes com escárnio, às vezes com ódio, às vezes com toda a bondade – tenho certeza de que nunca caiu em orelhas pretas, mas deixou uma dor no coração – terá um novo significado para todos nós, do Sul e do Norte também, e que daqui em diante ne - * - * - * - o será apenas uma outra maneira de soletrar a palavra Americano.*

AFRODITE

Ligação de Casa — 1 ° de junho de 1918

NO SÁBADO, primeiro de junho, em uma manhã clara e nublada, Hazel bateu na porta de uma grande casa na Vicarage Road, a antiga Moulsham, Chelmsford, com o coração na garganta.

Uma mulher de aparência confortável em um vestido de chita para o dia atendeu a porta.

— Bom dia, querida — disse ela. — Quem seria você?

— Bom dia, — Hazel conseguiu dizer. — Meu nome é Hazel Windicott. Estou procurando um Sr. James Alderidge. — ela engoliu em seco. — Eu sou amiga dele.

A expressão da mulher mudou. — Você é? — ela disse. — Pode entrar, então.

A mulher jogou um braço rechonchudo em volta dos ombros dela e a conduziu pela porta de entrada para uma sala de estar da frente. Estava escuro, com painéis de carvalho manchado. Parecia mais caseiro do que elegante, o que deixou Hazel aliviada.

— Deixe-me pegar sua jaqueta. Que rosa lindo! Aqui, fique confortável.

Uma jovem de quinze anos ou mais, com o cabelo castanho-claro mais espesso que Hazel já vira, enfiou o nariz na sala da frente. Maggie.

— Margaret, querida, uma *amiga* de James está aqui. Traga-nos um pouco de chá e biscoitos, sim? — ela colocou

"amiga de James" em camadas com o significado de "Rainha da Inglaterra".

As sobrancelhas de Maggie se ergueram. Ela desapareceu em direção aos fundos da casa.

Hazel sentiu-se bastante tonta. Cada aspecto de sua aparência, ela percebeu, agora estava sendo estudado. Sua saia violeta era muito espalhafatosa? Seus sapatos de Paris eram muito vaidosos?

— Diga-me, — perguntou a mulher — Como você conheceu James?

James está aqui? Por que você não me conta?

— Nós nos conhecemos em um baile paroquial, — disse Hazel. — Em Poplar. Pouco antes de ele partir para a França.

— Um baile paroquial! — disse a mulher. — Bem, ele não é o tipo de pessoa que diz nada à sua abençoada mãe! Embora eu suponha que a maioria dos jovens seja.

Hazel deu o salto. — Você *é* a Sra. Alderidge?

A mulher pôs a mão na testa. — Querida, sim! Perdi minha cabeça junto com minha juventude há muito tempo, ao que parece. Sim, sou a Sra. Alderidge. — ela deu uma risadinha.

— E James *está* aqui?

O rosto da mulher ficou imóvel. Ela abriu a boca e então fez uma pausa. — Você não sabe.

A carne de Hazel ficou fria. Deus do céu, por favor, não.

— Sra. Alderidge, — ela implorou. — O que eu não sei?

— Oh, você está tão pálida, — disse a Sra. Alderidge. — Quando você teve notícias de James pela última vez?

— Estávamos escrevendo regularmente — disse Hazel. — Mas então houve a grande batalha, onde o Quinto Exército – bem, de qualquer maneira, depois da batalha, as cartas pararam. E eu estava com tanto medo.

O rosto da Sra. Alderidge derreteu com simpatia.

— E então minha mãe me enviou um recorte que viu no jornal — as palavras de Hazel continuaram apressadas. —

Dizendo que ele estava recebendo a Medalha de Serviço Distinto.

A Sra. Alderidge inchou de orgulho.

— Então, voltei da França, onde estava fazendo um trabalho de guerra, para ver se conseguia saber alguma coisa dele.

— Você voltou da França, — ecoou a Sra. Alderidge com admiração. — Onde você esteve fazendo trabalho de guerra. Oh, você querida, querida menina. — ela fechou os olhos, como se a ternura da cena fosse mais do que ela pudesse suportar.

Esta é a mãe de James, Hazel disse a si mesma. *Não agarre seus ombros e sacuda-a.*

Maggie apareceu então na porta com uma bandeja carregada com um serviço de chá, que ela colocou sobre uma mesa próxima. — Devo levar um pouco, er..., lá em cima? — ela perguntou a sua mãe.

Quem está lá em cima? Hazel estava desesperada para saber. Maggie estava tentando dizer algo a ela?

— Eu vou fazer isso em um momento, Margaret. — a Sra. Alderidge disse.

Maggie se retirou lentamente da sala. A Sra. Alderidge ocupou-se servindo chá e perguntando a Hazel como ela o queria, com ou sem creme, quando a paciência de Hazel explodiu.

— Por favor, Sra. Alderidge, — Hazel implorou. — James ainda está vivo?

Uma sombra passou pelo rosto de sua anfitriã. — Ele está, graças ao Senhor. — ela largou a xícara e pegou as duas mãos de Hazel nas dela. — Seu pobre cordeiro. Você temia que ele estivesse morto?

Lágrimas picaram os olhos de Hazel. Ela fechou as pálpebras com força.

— Ele está gravemente ferido, então?

A Sra. Alderidge soltou suas mãos lentamente. Um novo pavor se instalou nos ombros de Hazel. *Não importa*, ela

disse a si mesma. *Seja o que for, não importa. Contanto que ele ainda seja James.*

A mãe de James a observou pelo que pareceu uma eternidade.

— Ele está bem de corpo — disse ela por fim. — Mas ainda não é ele mesmo.

Em outros cantos da casa, as pessoas se moviam, mas nenhum som alcançou Hazel. *Ainda. Não. É. Ele mesmo.*

— Por que não subo as escadas — disse a Sra. Alderidge. — E apenas tenho uma conversinha com James? Ver você pode fazer um grande bem.

Hazel logo ouviu passos subindo as escadas.

Ela tentou se recompor.

Ele está bem de corpo, mas ainda não é ele mesmo.

Ainda.

"Ainda" significava que ele poderia se tornar ele mesmo. O que estava errado poderia ser corrigido com o tempo.

Os passos estavam na sala logo acima desta, que dava para a rua. Ela olhou para o teto. Lá estava James. Em algum lugar acima dela. Ali.

Trauma pós guerra? Foi isso? Alguns dos prisioneiros alemães sofreram com isso. Os casos mais graves foram mantidos em uma enfermaria separada. Eles não podiam funcionar direito.

Sua mente conjurou coisas indizíveis. Camisas-de-força. Loucura arrebatadora. Violência. O pensamento de Prisioneiros alemães trouxeram de volta a cena horrível de Compiègne que assombrava seus momentos de silêncio e seus pesadelos. Ela apertou o punho sobre os lábios.

Pare com isso.

Por que James não desceu?

Talvez ele estivesse se vestindo. Ela ajeitou mechas imaginárias de cabelo de volta no lugar.

Ou talvez ele não pudesse vê-la hoje, mas ele estaria ansioso para vê-la muito em breve.

Tudo bem. Claro! Vamos ver. Ela poderia encontrar hospedagem em algum lugar, talvez, e ficar na área alguns dias, mandar um telegrama para seus pais. Encontrar alguma senhora respeitável que alugue quartos para hóspedes e...

Um passo muito mais lento soou na escada, descendo.

Hazel se preparou. *James.*

Mas não era James.

— Eu sinto muito, Srta. Windicott, — a Sra. Alderidge começou. — James não está com vontade de ter companhia no momento.

Hazel se obrigou a sorrir. — Tudo bem, — disse ela. — Eu posso voltar outro...

A Sra. Alderidge balançou a cabeça. — James me pediu para lhe dar uma mensagem.

Hazel abaixou a cabeça. Era toda a privacidade que o momento lhe permitia.

— Ele me pediu para dizer — disse a mulher. — Que é melhor que sua amizade termine com as lembranças agradáveis que vocês compartilharam. Ele deseja a você o melhor para sua saúde e felicidade.

A Sra. Alderidge teve o tato de deixar Hazel sentar-se por um momento.

— O que quer que esteja errado com ele, — ela sussurrou de joelhos. — Eu o ajudaria. Eu seria paciente enquanto ele melhorava.

A Sra. Alderidge suspirou. — Isso é muito bom da sua parte, minha querida, — disse ela com tristeza. — Muito, muito bom.

Hazel ficou pendurada, suspensa em choque, até que se lembrou que a Sra. Alderidge estava assistindo.

Ela se levantou. — Obrigada pelo chá.

— Tudo de bom para você, minha querida. — a Sra. Alderidge entregou a Hazel seu casaco. — Eu simplesmente não posso te dizer o quando sinto muito.

Hazel desceu o caminho de cascalho até o portão do jardim. Tudo nela queria olhar para as janelas da frente e ver se o rosto de James estaria lá, mas ela sentiu o olhar da Sra. Alderidge preso entre suas omoplatas e se moveu rapidamente rua abaixo.

AFRODITE

Vendo Ela Ir — 1º de junho de 1918

À PORTA da casa em Alderidge, Maggie estava ao lado da mãe.

— James mandou uma garota *assim* embora sem nem mesmo um olá?

Sua mãe suspirou. — Não é culpa dele, Mags.

Maggie balançou a cabeça. — Eu não me importo de quem é a culpa. É estúpido e eu gostei dela.

— O seu irmão também.

— Então por que não...

— Não se atreva a se intrometer nisso, Maggie. — Disse sua mãe. — Eu já falei demais. O pobre menino já tem problemas suficientes.

Maggie foi até a despensa do mordomo que ela havia transformado em sua sala de digitação e digitou um exercício de teclado, pensando, pensando.



Em uma janela do segundo andar, James ficou na sombra e observou-a sair. Ele não conseguiu evitar.

Quando ela se virou no portão, ele avistou rapidamente o rosto dela de perfil. Lá estava ela, abatida e perfeita.

Sua postura alta, seu cabelo escuro empilhado no alto da cabeça, seu pescoço comprido, sua cabeça baixa em tristeza, seus passos lentos. A renda branca e macia de seu

colarinho, enrolada em sua garganta. Aquele casaco brilhante que ele comprou para ela. Ela estava *bem ali.* Com a luz do sol lançando um halo ao redor dela. Ficando menor, porém, à medida que cada passo a levava para mais longe.

Ela tinha vindo. Para vê-lo.

Se ela fosse o que aquela mulher do YMCA disse, ela teria vindo?

Se ela fosse o que ele acreditava que fosse, como ele poderia vê-la partir?

Se ao menos ele pudesse sair correndo agora, tomá-la nos braços e morrer ali.

Mas ele não era mais o que ela sabia que ele era. Ele nunca seria aquele James novamente.

Eu nunca vou te machucar, Hazel Windicott.

Oh, Deus.

Melhor que ele a machucasse uma vez, agora, do que prolongar sua dor, ou mesmo permitir que sua piedade e bondade a prendesse em um compromisso que a machucaria pelo resto de sua vida.

Se ele a amava, ele deveria deixá-la em paz.

Ele a observou até que uma curva na estrada a tirou de vista.

AFRODITE

Espasmos — 1º de junho de 1918

ESTE FOI O momento crucial. Todo o meu trabalho estava prestes a ser jogado fora. Perco amores suficientes para o infortúnio, a estupidez e o egoísmo, sem falar na doença e nas guerras mortais. Eu não poderia deixar Hazel embarcar naquele trem para Londres. Eu procurei desesperadamente. Tive apenas alguns minutos para evitar uma tragédia.

Seus passos a levaram cegamente, não vendo nada através de um filme de lágrimas.

À frente ficava um antigo vicariato. Tricotando na varanda estava a esposa idosa do vigário.

Não estou orgulhosa do que fiz a seguir.

Em minha defesa, esse tipo de coisa aconteceu à Sra. Puxley várias vezes em um determinado dia.

Eu dei a ela um espasmo nas costas. Ela gritou de dor. Eu sabia que ela seria teatral sobre isso.

Seu grito atingiu Hazel, mesmo em seu desespero. Ela subiu apressada a caminhada.

Eu sei que não foi esportivo ou legal. Eu também nunca disse que era. Mas eu não sou um monstro. O resto de sua semana foi sem espasmos, e seu marido beijou sua bochecha, duas vezes.

Posso continuar? Obrigada.

A Sra. Puxley estava tão dobrada que, quando Hazel se ofereceu para ajudar, a senhora de cabelos brancos viu

apenas uma saia violeta e um par de sapatos elegantes, como as garotas parisienses podem comprar na prateleira enquanto as senhoras de Chelmsford que apenas sonham com eles os desaprovam fracamente.

A saia e os sapatos ajudaram a Sra. Puxley a sentar em um sofá, encontrar almofadas para a cabeça e os joelhos e buscar um copo d'água. Apesar de sua dor, ela deu uma boa olhada em Hazel.

— Quem é você, minha querida? — ela perguntou. — Você não é daqui.

— Não, — respondeu Hazel. — Eu sou de Londres. Vim ao bairro visitar um amigo.

A Sra. Puxley estremeceu quando outro nervo escolheu se expressar. — Bem, você foi um anjo de misericórdia para mim. — disse ela. A Sra. Puxley, quero dizer. Não o nervo.

— Há alguém que eu deva chamar para você? — perguntou Hazel.

— É o dia de folga da empregada — lamentou a Sra. Puxley, — e meu marido está em um funeral na cidade.

— Devo pegar uma aspirina para você? — perguntou Hazel.

— Coisas desagradáveis de alemão, — respondeu a Sra. Puxley. — Eu não acredito nisso.

A velha parecia tão frágil e lamentável que Hazel não sabia como ir embora.

— Você continua olhando para o piano, minha querida, — observou a Sra. Puxley. — Você toca?

— Sim, — disse Hazel — embora já faça um tempo.

— Toque algo para mim — disse a Sra. Puxley. — Algo gentil, para os meus pobres nervos.

Hazel hesitou. Ela não tinha a música com ela, havia meses. Ela tinha vindo direto para Chelmsford da França. Ela nem mesmo parou em casa para ver seus pais. Ela poderia ir vê-los para celebrar o encontro com James, ela pensou, ou chorar em seus ombros se…

Se.

Muitos ses. Ela nunca tinha imaginado isso – James, vivo, recusando-se a vê-la.

— Minha querida? — perguntou a Sra. Puxley. — Você está bem?

— Oh. — Hazel tentou sorrir. — Estou bem.

— Não há necessidade de tocar se isso chateia você. — disse a esposa do vigário.

— Não, não.— Hazel se levantou rapidamente. — Estou feliz em tocar.

Então ela tocou, para a Sra. Puxley, "Pathétique" de Beethoven. O segundo movimento. "Adagio cantabile".

"Patético" de Beethoven, Aubrey o havia chamado. Ela fez uma pequena oração para que ele estivesse em algum lugar seguro.

E ela entendeu agora, de uma forma que nunca tinha antes, a tristeza e o desejo envolvidos na Sonata para Piano número 8 em Dó menor de Beethoven, opus 13. Eles fluíram para ela tocando de seu coração partido. Isso era o que ela precisava. Este bálsamo para sua alma ferida.

— Minha querida, — a Sra. Puxley sussurrou sem fôlego, depois que as últimas notas reverberaram por toda a casa. — Quem é você?

— Meu nome é Hazel Windicott. — disse ela.

— Você é uma acompanhante? Você dá aulas?

Ah. Hazel tentou pensar em como responder. — Eu estava fazendo um trabalho de guerra — explicou ela. — mas as circunstâncias me forçaram a deixar meu cargo e vim para cá. — ela desejou que a senhora parasse de questioná-la e a deixasse tocar. Uma prova tão breve, depois de meses sem música, foi uma agonia.

A Sra. Puxley quase salivou. — Você quer dizer — ela sussurrou. — Que você está completamente desapegada no momento?

Sua escolha infeliz de palavras picou o coração de Hazel. Ela era muito apegada, mesmo que seu amado não fosse mais por ela.

— Eu tinha planejado retornar a algum outro tipo de trabalho de guerra, se pudesse encontrar um — disse ela. — Mas minha esperança, eventualmente, é me preparar para audições para um conservatório de música.

Suas palavras a surpreenderam. Sim. Ela *iria* se candidatar. Onde estava seu medo de se apresentar para os outros agora? Se foi, junto com tantas outras coisas infantis. Qualquer outra coisa que seu futuro reservasse, ela tocaria piano. Porque *ela* queria. Não porque alguém esperava isso dela.

— Eu espero que você pretenda estudar em um conservatório, — a Sra. Puxley disse decisivamente. — Com um talento como o seu, seria um crime não o fazer.

Hazel havia tocado em competições de piano o suficiente para saber que o seu talento não era lendário. Mas deveria haver um lugar para ela em algum lugar, em alguma escola de música respeitável, se ela trabalhasse duro.

— Você tem um lindo piano — disse ela. — Um tom adorável, e a sala tem uma acústica excelente.

A Sra. Puxley viu sua abertura. — Senhorita Windicott, — disse ela. — Isso é um tanto precipitado da minha parte, mas é apenas meu marido e eu, aqui, neste grande lugar antigo. Nosso filho se casou e se foi. Não temos um pianista infantil agora, para a escola dominical. O que poderia ser mais agradável do que ficar conosco por um tempo, praticando para audições e tornando este lugar antigo um pouco mais brilhante?

Hazel ficou pasma.

Não direi que não me *envolvi* neste convite um tanto precipitado.

— Meu marido sempre me pergunta, por que *eu* me dou ao trabalho de manter aquele instrumento afinado — ela continuou. — mas eu digo a ele, "Alfred, você nunca sabe quando vai precisar de um piano." — ela se virou para Hazel. — Obviamente, você é uma jovem bem-criada. Você tem alguma bagagem?

Bagagem? Elas haviam chegado ao estágio de discutir *bagagem?*

Ela deveria fazer essa coisa terrível? Situar-se na mesma rua de James, depois que ele disse que não queria mais vê-la?

Faça isso, eu disse a ela. *Aproveite a chance.*

Ele merece, ela pensou maldosamente. Mandá-la embora sem nem mesmo um olá! Ela tinha vindo da França para se certificar de que ele estava bem e não iria embora até que o fizesse. Deixe-o dizer a ela na cara que acabou, e então ela iria embora. Enquanto isso, ela ficaria por perto e praticaria neste adorável piano. Por que não?

— Minha bagagem está na estação. — disse ela à Sra. Puxley.

— Excelente, — disse aquela mulher digna, levantando-se do sofá e esquecendo-se de seu espasmo. — Vou mandar o vizinho ir buscá-la para você.

A esposa do vigário, tendo encontrado a menina do piano para suas horas solitárias e a escola dominical de seus filhos, não estava disposta a deixá-la caminhar até a estação e mudar de ideia.

ARES

Serviço Leve — 3 a 4 de junho de 1918

NA SEGUNDA-FEIRA, JAMES se aventurou pela cidade, vestindo paletó e gravata. Seu objetivo era o conselho militar de revisão, cujo trabalho era determinar sua taxa de recuperação e sua prontidão para retornar ao serviço militar. Se o encontrassem bem o suficiente, ele estaria de volta às trincheiras, onde, em seu estado entorpecido, não duraria uma semana. Se eles o achassem inadequado, seria mais uma lembrança humilhante de seu eu despedaçado.

Havia três médicos no conselho. Um parecia adotar a filosofia do “volte para isso, seus devaneios”, enquanto outro era cheio de simpatia pelos casos neurastênicos, como eram chamados os pacientes em estado de choque, e um terceiro mantinha seus sentimentos bem protegidos. James submeteu-se às cutucadas e agulhadas de um plantonista, então sentou-se e respondeu às perguntas disparadas contra ele pelo painel de três. Parecia o Dia do Julgamento. Quando a entrevista acabou, ele ficou sentado, entorpecido, até que um veredicto foi anunciado: ele havia progredido. O descanso tinha lhe feito bem. Ele ainda não estava pronto para retornar ao combate, mas provavelmente chegaria a tempo. Ele deveria se apresentar no escritório de recrutamento na cidade no dia seguinte para "serviço leve". Papelada. Ele poderia vestir seu uniforme e fazer sua parte.

Ele voltou para casa.

Só o pensamento de seu uniforme o fez estremecer. Ele não queria deixar a segurança de seu quarto. Mas talvez fosse bom para ele fugir da preocupação de sua mãe.

Na manhã seguinte, ele se banhou, vestiu um uniforme e subiu a Vicarage Road em direção à cidade.

AFRODITE

Esperando Que Pudesse Ser Você — 4 de junho de 1918

— VOCÊ AMA MEU irmão, não é?

Hazel deu um pulo. Ela deu um passeio ao meio-dia pelo parque ao redor da igreja e estava ajoelhada para admirar algumas flores. Agora ela se levantou, quase colidindo com uma garota. Uma garota com cabelo crespo.

Margaret.

— Você pode me chamar de Maggie, — a garota disse. — Então, você o ama?

Hazel deu um passo para trás. — Eu...

— Porque eu poderia levar um bilhete para você.

Hazel piscou. — Sua mãe certamente não aprovaria.

— Eu não contaria a ela — disse Maggie, como se essa fosse a solução mais óbvia do mundo. — É por isso que você ficou em Chelmsford, não é? Pela chance de vê-lo?

O coração de Hazel era tão óbvio?

Elas continuaram o passeio que Hazel estava dando antes de Maggie aparecer.

— Maggie, — disse Hazel. — Como está James? Ele... Está bem?

Maggie pensou sobre esta questão. — Mamãe diz que ele vai ficar bem, mas papai não tem tanta certeza.

Uma punhalada no coração. — E o que você acha?

Maggie caminhou um pouco, então se virou para Hazel. — Acho que ele precisa de algo e não vai melhorar até

encontrar, — disse ela. — Minha mãe, eu poderia dizer, estava esperando que pudesse ser você.

— Mas agora ela não pensa mais assim.

Maggie balançou a cabeça. — Não. Ela não pensa.

Hazel caminhou sem ver. — Eu acho — disse ela lentamente. — Que isso é o que eu estava esperando também.

AFRODITE

Trabalho — 4 a 9 de junho de 1918

JAMES TRABALHOU TODA aquela semana. Hazel tocou a semana toda.

Os primeiros dias no escritório de recrutamento foram terríveis. Eles não tinham trabalho nem escrivaninha para ele, então ele se sentou em um banco até que alguém apresentasse uma tarefa sem sentido. As horas se arrastaram e sua atenção vagou. *Eu nunca vou ver Hazel novamente.*

Ao piano, Hazel reconstruiu sua força e destreza. Ela tentou se concentrar, mas um pensamento persistente a atrapalhou: *O que poderia ter acontecido para que James não quisesse me ver, não importa o quê?*

Eventualmente, o escritório de recrutamento encontrou algo útil para James fazer. Classificar os arquivos de rascunho e atualizá-los com detalhes das listas de vítimas. Foi insuportável. Muitas das vítimas eram rapazes com quem ele havia crescido, ou seus irmãos mais velhos e, em alguns casos, seus pais. Dor e tristeza em todos os lugares.

Às vezes, caminhando para casa, ele ouvia acordes de música de piano flutuando do vicariato. Isso o lembrou dolorosamente de Hazel.

No sábado, 8 de junho de 1918, os alemães lançaram a Operação Gneisenau em Noyon-Montdidier, França, a quarta de suas cinco grandes investidas em sua Ofensiva de Primavera.

No domingo, 9 de junho de 1918, James concordou em ir à igreja com sua família, mas Hazel, que trabalhava na escola dominical infantil, nunca o viu, nem ele, a ela.

O gentil e idoso vigário orou para que a guerra logo terminasse.

HADES

Que Seja Eu — 14 de junho de 1918

JAMES SENTAVA-SE NO jantar com a família agora. Ele sorria às vezes, e falava sobre o dia de trabalho.

Sua irmã pensou, *eu sei de algo que ninguém mais sabe.*

Na sexta-feira daquela semana, ele saiu para dar um passeio à noite com Bobby. Eles saíram da cidade um pouco, até um passeio no bosque perto de um riacho que James sempre gostou quando era jovem e pelo qual Bobby, o escoteiro da família, era louco. As noites eram longas agora, e Bobby trouxe seus binóculos. Ele mostrou a James vários pássaros e apontou os nomes de árvores e plantas, e quais eram comestíveis. James ficou impressionado. Este passatempo juvenil teve seus usos. Na guerra, se Bobby fosse separado de seu esquadrão, ele sobreviveria melhor do que a maioria.

A ideia de Bobby ter que ir para a guerra atingiu James no estômago. Ele parou de andar. Bobby continuou, observando um esquilo através dos óculos. Uma criança tão linda.

James segurou Bobby quando ele era um bebê. Rolou bolas para ele, leu histórias para ele, ensinou-o a andar, firmou o guidão de sua minúscula bicicleta. Bobby mostrou sinais de juventude no horizonte próximo, mas ele ainda era o irmão mais novo de James.

Ele viu o corpo queimado e encharcado de sangue de Bobby deitado na lama no fundo de uma trincheira.

Que seja eu, ele disse ao céu. *Estou danificado, mas ele está livre. Faça-me melhorar e mande-me de volta, para que eu possa morrer em vez de Bobby. Ele tem futuro. Envie-me de volta para onde eu pertenço.*

AFRODITE

Mutilado — 14 de junho de 1918

BOBBY SE LANÇOU atrás do esquilo. James esperou, ouvindo os pássaros cantando e tagarelando, então, sabendo que Bobby encontraria o caminho de casa, James voltou. Ele sabia o que precisava fazer, e isso daria um propósito aos seus dias até que ele voltasse para o Fronte. Ele tinha outro assunto que precisava resolver, e logo haveria um fim.

Ele se virou para a Vicarage Road, quase colidindo com uma jovem.

— Eu sinto muito… — ele começou.

— Olá, James. — disse ela.

Quatro olhos assustados, dois corações batendo forte.

Ele tirou o chapéu e olhou nos olhos ansiosos e suplicantes dela. Ele mal conseguia ver o tumulto rodopiante dentro de sua cabeça.

— Por quê você está aqui?

As palavras machucaram. Elas saíram como um ataque. James imediatamente se arrependeu delas. Ele não quis dizer aquilo, não com o tom agressivo, mas era tarde demais. Ela deu um passo para trás e desviou o olhar. Então ela ergueu a cabeça com orgulho.

— Vim ver se você estava vivo — disse ela. — E para estar com você, se pudesse, para ajudá-lo na sua recuperação, se você não estivesse bem.

A visão dele a assustou. Ele parecia pálido e mais magro do que em Paris. E ele tinha *mudado.* O som de um automóvel distante o fez estremecer e olhar por cima do ombro.

Mas ele ainda era seu lindo James.

Ela nunca tinha parecido mais gloriosa. Ele nunca a tinha visto em um vestido de verão, com os braços nus abaixo do cotovelo e os tornozelos nus afinando em sapatos leves. Suas bochechas estavam rosadas de tanto caminhar. Fios de cabelo haviam caído de seu penteado e balançado com a brisa da noite. O céu lilás era apenas sua cor. Ele queria se envolver em torno dela também.

— E se eu tivesse sido mutilado? — ele deixou escapar. — Perdido um braço ou algo assim?

Doeu saber que o que ele estava realmente perguntando era: *E se você não me amar o suficiente?*

— Você *foi* mutilado? — ela perguntou a ele.

Ele cobriu a boca com a mão. Foi quase engraçado. Ele tinha sido mutilado? No cérebro, mas e daí? Para começar, seu cérebro não era lendário. Ele tinha visto uma verdadeira mutilação. O riso, como tantas vezes acontecia hoje em dia, transformou-se rapidamente em lágrimas. Ele as forçou a recuar.

Ele podia ver que a estava machucando e isso o assustou.

— Sinto muito, — disse ele. — Eu sinto muito.

— Pelo que?

Por sobreviver.

A resposta seria patética, soaria como um grito desesperado, e ele ainda tinha alguma dignidade em algum lugar, então ele não disse. Ele recolocou o chapéu, curvou-se e foi embora, deixando um rastro de pedaços quebrados de si mesmo, como migalhas de pão ou gotas de sangue.

AFRODITE

Viagem para Lowestoft — 15 de junho de 1918

NA MANHÃ SEGUINTE, bem cedo, Hazel chegou à estação ferroviária de Chelmsford. O vizinho dos Puxley trouxe ela e sua mala em sua carroça. Ela comprou uma passagem de trem para Londres.

James entrou na estação e embarcou em um trem já em seu lugar. Ele não a viu.

Deixe-o ir, ela pensou amargamente.

Mas a semente não podia criar raízes no coração de Hazel. Lá estava ele, embarcando naquele trem, como Mais Uma Chance prestes a escapar.

Ela lutou para arrastar sua mala pesada de volta para o guichê.

— Posso mudar minha passagem de Londres para uma daquele trem? — ela perguntou ao caixa, uma pessoa calva e ligeiramente oleosa, nenhum por culpa própria.

— Para onde você vai? — perguntou ele.

— Aonde quer que seja que o trem está indo. — foi sua resposta.

Os olhos do caixa se arregalaram. Essa foi a coisa mais interessante que aconteceu na estação de Chelmsford durante um mês de domingos. Ele trocou seu tíquete.

— Você não está perseguindo aquele jovem camarada que acabou de entrar no trem, está? — ele disse.

— Essa é uma pergunta bastante impertinente, você não acha? — retrucou Hazel. — Porter!

O caixa a observou partir. — Ela está perseguindo aquele camarada — disse ele a seu colega caixa na janela adjacente. — Aposto o meu salário da semana.

— Eu também o faria se fosse ela. — respondeu a outra caixa, uma solteirona de certa idade. Mulheres em empregos masculinos! A guerra era a razão, é claro.

Hazel embarcou no trem. Quando o trem saiu da estação, ela se levantou e avançou até avistar James. Ele tinha se sentado sozinho em um grupo de quatro assentos e olhou pela janela. Ela invadiu sua seção e sentou-se no assento do corredor de frente para ele. Se ele tentasse ir embora, ela jurou, ela chutaria uma perna e o derrubaria.

Se ela não conseguisse derrubá-lo, eu mesmo o faria.

Ele olhou para cima logo, mas não instantaneamente, parando apenas o tempo suficiente para que ela quisesse gritar. Mas ele viu ela, e a surpresa em seu rosto valeu uma passagem de trem extra.

Ele olhou para ela, pasmo, pelo que pareceu uma eternidade, então afundou na cadeira, escondeu o rosto dentro da aba do chapéu e começou a rir.

Hazel não sabia se ficava aliviada ou golpeava os joelhos dele com a bolsa.

Ele disse algo, mas pelo feltro de seu chapéu, Hazel não tinha certeza do quê.

— O quê?

Ele tirou o chapéu. — Eu disse: "O que vou fazer com você?"

— Você vai falar comigo, — disse ela com firmeza. — Acho que mereço isso.

Ele não conseguiu evitar. Ele sorriu para ela, mesmo que seu rosto tivesse esquecido como. Ela estava com raiva, e tão *adoravelmente* irritada, que ele não sabia o que fazer. Isso era, sem dúvida, uma coisa muito condescendente de se pensar, mas não importava. Culpado pela acusação.

A visão de seu sorriso descongelou algo em Hazel.

— O que você quer que eu diga? — James perguntou a ela.

O que de fato?

— Onde você está indo? — ela perguntou.

— Onde *você* está indo?

— Nada disso, — disse ela com firmeza. — Eu perguntei a você primeiro.

— Para Lowestoft. — disse ele.

Esta era a última coisa que Hazel esperava ouvir, não que ela tivesse qualquer expectativa. — Dia perfeito para um passeio ensolarado na praia? — ela perguntou.

— Não seja sarcástica.

— O lugar certo para tirar os problemas da mente.

O olhar que cruzou seu rosto a fez parar. Ela tentou novamente em um tom mais gentil.

— O que o traz a Lowestoft?

Ele se virou para olhar para ela. — Para ver alguém.

— Alguém que você conheceu na França? — ela perguntou.

Ele balançou sua cabeça. — Uma mulher.

Para crédito de Hazel, ela não ficou com ciúmes. Perplexa, no entanto.

— Quanto tempo até Lowestoft? — ela perguntou.

— Quase duas horas e meia, — disse ele. — Você vem comigo?

Ela ergueu os olhos rapidamente. — Para passar o dia com você?

— Não parece — disse James. — Que eu tenho alguma escolha no assunto.

— Você não tem, — ela concordou. — Mas eu tentarei parecer educada.

Ele sorriu, contra sua vontade, e balançou a cabeça. — Você é uma garota e tanto, Hazel Windicott.

Ela encontrou seu olhar. — Foi o que um bom amigo me disse uma vez.

HADES

O Que Adelaide Precisava Saber — 15 de junho de 1918

A VIAGEM FOI LONGA. James observou pela janela. As tentativas de Hazel de conversa fiada não levaram a lugar nenhum. Ela se escondeu atrás de um romance. Ela comprou um saco de nozes e ofereceu a ele, que ele recusou.

— Você sabe, — disse ela. — Você ainda nota todos os grandes edifícios em cada cidade que passamos.

Ele sorriu. Só um pouco, mas Hazel percebeu. — Eu?

Eles ficaram em silêncio. Em Ipswich, eles saíram do trem e esperaram por outro. James ajudou Hazel com sua bagagem. Novamente, eles se sentaram em uma cabine privada, um de frente para o outro.

— Como está a sua amiga? — ele perguntou longamente. — Colette.

— Ela está bem. — Hazel fez uma pausa. — Bem, e não muito bem. Você se lembra de quando eu te contei sobre Aubrey? Meu amigo, o pianista de jazz de Saint-Nazaire?

Ele assentiu.

— Ele desapareceu, — disse Hazel. — A banda foi enviada para a guerra, e ele não deveria ir com eles, mas ele desapareceu e ninguém soube dele. Mas houve o assassinato de um soldado negro na base e — ela engoliu em seco — Colette está convencida de que foi ele quem foi morto.

— Você acha que ele foi assassinado? — perguntou James.

— Espero que não, — disse Hazel. — Mas se ele está vivo e se importava com Colette, por que não escreveu?

Ela percebeu sua gafe tarde demais. Ela desejou que ela pudesse rastejar debaixo de seu assento e se esconder.

— Talvez ele não se importasse tanto quanto sua amiga pensava.

O rosto de Hazel, ela tinha certeza, poderia iluminar lenha. Ela mergulhou de volta no romance.

— Foi passar um tempo com Aubrey — perguntou James. — Que colocou você e Colette em apuros?

Hazel ergueu os olhos bruscamente. — Como você sabe disso? Em minha carta, eu disse que tínhamos nos demitido.

Ele não tinha lido a carta, mas não podia admitir. — Então você não me contou toda a verdade?

— Bem, quem te contou? — ela respondeu.

Ele foi pego agora. — Sua supervisora, — disse ele. — Sra. Davies.

Hazel meio que se levantou de sua cadeira. — Ela *o quê?*

James olhou ao redor, envergonhado. — Ela me escreveu — sussurrou ele. — Quando minhas cartas se amontoaram depois que você saiu. Ela disse que foi demitida por entreter soldados depois do expediente.

A raiva de Hazel não era mais exatamente adorável. — Como ela ousa! Tem muita *coragem!* — ela se virou para James. — E você acreditou nela, é isso? É por isso que você parou de escrever?

— Não, — ele disse simplesmente. — Não é.

Isso a deixou desanimada e, em seguida, atordoada. — Tem certeza?

Ele olhou pela janela. — Muita certeza.

A amargura de coração do Hazel era aguda. Foi quase engraçado. Ela ficou animada, ela percebeu, e esperançosa. Se a Sra. Davies os tivesse separado, uma explicação

poderia consertar tudo. Mas se o cuidado dele por ela tivesse morrido por conta própria, nada poderia consertar isso. Ela procurou um lenço na bolsa com urgência.

James viu as lágrimas e sabia que ele era a causa.

O condutor anunciou a estação de Lowestoft, chegando. James juntou suas coisas.

Mais uma vez, eles pegaram a mala pesada e a guardaram na esteira de bagagens. James consultou um cartão em seu bolso com um endereço, então estudou um mapa. Juntos, eles partiram.

Metade da Grã-Bretanha decidiu passar um sábado ensolarado na praia de Lowestoft. Mães e filhos, jovens muito jovens para a guerra e os de meia-idade saíram da plataforma do trem com cestas de piquenique. James e Hazel seguiram a multidão em direção à orla até que ele virou em uma rua lateral.

James encontrou o número que queria, e Hazel se perguntou se ela deveria ficar no portão. Mas James segurou o portão aberto para ela, e quando ela passou por ele, ela sentiu mais uma vez aquele cheiro familiar dele, de algodão limpo e passado e loção pós-barba de rum picante. Foi humilhante, realmente, o quanto isso a afetou.

James respirou fundo, se aproximou da porta e bateu.

Uma mulher abriu a porta lentamente.

James conhecia o rosto, mas a expressão era diferente da imagem que ele tinha visto. Ela estava enormemente grávida, carregando um menino pequeno e robusto em um braço.

A criança fez James sofrer. Aquele rosto redondo e rechonchudo. Ele precisaria de um pai para brincar de bola e ensiná-lo a nadar. James queria pegar o menino nos braços. Ou ir para a estação de trem.

— Sra. Mason? — ele perguntou.

— Quem está perguntando?

— Meu nome é James Alderidge, — ele disse. — Servi com seu marido na França.

Ela colocou a mão livre sobre a boca e engasgou. — Entre, entre, por favor.

Hazel absorveu essa informação em choque silencioso. Frank Mason. Aquele que ele sempre mencionou em suas cartas. Seu amigo mais próximo no Fronte. Morto. Ele se foi.

Eles a seguiram até a cozinha. Não estava arrumada e a Sra. Mason claramente se sentia envergonhada.

— Eu sinto muito, — gaguejou a Sra. Mason. — Com o bebê a caminho, e este aqui me cansando, estou um pouco relaxada…

— Por favor, não pense nisso. — murmurou Hazel. Ela gostaria de poder ajudar lavando a louça suja na pia, mas isso multiplicaria o constrangimento da mulher.

— Eu sou Adelaide. — a jovem mãe estendeu a mão para Hazel. — Você é a Sra. Alderidge?

Hazel corou. — Não, eu sou uma amiga. Hazel Windicott.

— Sua amiga, então, — disse Adelaide a James. — Que bom que vocês dois vieram. — ela encheu uma chaleira com água. — Vou apenas aquecer e vamos tomar chá, está bem? — ela olhou para o canto, onde a criança estava ocupada arrastando todas as panelas e frigideiras para fora de um armário. — Aqui! Frankie. Nada de fazer barulho agora, amor. Vá brincar com seus blocos.

O pequeno Frankie não tinha intenção de desistir das panelas e frigideiras. Hazel se sentou no chão e estendeu a mão para os blocos de madeira. Ela tentou atraí-lo para brincar, mas o garotinho robusto a ignorou, então ela mesma construiu uma torre. Uma vez que ela não parecia mais se importar com a atenção de Frankie, ela a tinha por completo. Em pouco tempo eles estavam trabalhando, adicionando blocos à torre e rindo quando ela caiu. Ela percebeu que James e Adelaide não estavam conversando. Ela olhou para cima para ver a mãe do menino sorrindo, e

James a observando atentamente, com um olhar que ela não conseguia identificar.

Frankie, ela pensou, *finalmente eu encontrei você. Um rapaz cujos sentimentos são fáceis de ler.*

— Sua vez. — ela entregou a ele um vermelho.

Adelaide Mason preparou canecas para o chá. — Foi muito bom vocês terem vindo.

— Frank nunca me disse que você estava grávida, — disse James gentilmente. — Ele sabia?

O rosto da pobre mulher ficou vermelho. — Ele sabia. — ela encontrou um lenço no bolso do avental. — Frank sempre quis uma família grande. Um punhado de filhos para se juntar a ele no negócio de pesca.

Ela começou a chorar. O pequeno Frankie caminhou até a mãe, escondeu-se na saia dela e juntou-se a ela.

— Pobre criança. — ela riu entre soluços. — Ele tem uma mãe que chora mais hoje em dia do que o próprio bebê.

James observou o pequeno Frankie. A criança vagou para estudá-lo.

— Olá, homenzinho. — James deu um sorriso. — Aperto de mãos?

Frankie não estava interessado. Quando o choro da Sra. Mason diminuiu, James se dirigiu a ela.

— Seu marido estava em minha companhia, em meu esquadrão, — disse ele. — Eu era um novo recruta. Ele me ensinou como sobreviver nas trincheiras. Eu estaria morto uma dúzia de vezes se não fosse por ele.

Todos eles ouviram a pergunta se infiltrando na mente da pobre mulher. *Então por que ele está morto?*

— Ele era o homem mais gentil e atencioso.

— Ele era, não era? — as lágrimas de Adelaide explodiram novamente. — Ele nunca me tratou como nada além de uma lady, e nunca agiu como nada além de um cavalheiro. — ela assoou o nariz.

Frankie retomou a construção da torre. Uma saliva clara escorria de sua boca pegajosa, completa com oito dentes de

leite perolados próprios. Hazel enxugou o queixo no babador e o abraçou.

— É muito solitário lá fora, nas trincheiras — disse James. — E ter um amigo como Frank fez toda a diferença.

— Aposto que sim, — disse a viúva. — Ele me escreveu sobre você também, sabe. Disse que você era um cara muito bom. De Chelmsford, certo? — ela sorriu. — Ele disse que, quando a guerra acabasse, deveríamos recebê-lo aqui para uma visita à beira-mar. — ela ergueu o queixo. — Você ainda pode vir. — então ela se lembrou, aparentemente, que James era solteiro e ela, viúva. — Bem, quando você e esta jovem simpática tornarem isso oficial, vocês dois podem vir. — ela sorriu para Hazel. — Frankie se encantou por você!

— O sentimento é mútuo. — Hazel pegou um bloco azul de sua mão pegajosa e colocou-o no topo da quarta torre. Ela esperou que James comentasse sobre eles "tornando oficial", mas ele não disse nada.

— Diga-me, — perguntou a Sra. Mason a James. — Você sabe alguma coisa sobre como ele morreu?

Os olhos de James se fecharam.

— As outras viúvas por aqui, receberam cartas de oficiais comandantes contando o que aconteceu, e pacotes contendo os pertences pessoais de seus maridos, mas eu não recebi nada! Ninguém parece saber. Ele está enterrado? Onde ele está enterrado? Eu escrevi e escrevi.

Hazel empilhou blocos sem vê-los.

— Diz nos jornais que o Quinto Exército foi dissolvido, — ela continuou. — Para quem escrevo?

Com esforço, James se endireitou e começou a falar.

— Eu estava com Frank quando ele morreu, — disse ele gentilmente. — Eu estava lá.

A toalha de mesa se amontoou sob as mãos da Sra. Mason.

— Era dia 21 de março, — disse ele. — O primeiro dia da batalha de Saint-Quentin. Estávamos sob ataque — disse

ele. — Os alemães nos superaram em número.

— *Bócu* — disse Frankie, injetando vocabulário em seus exercícios de construção.

— Estávamos guardando uma seção da trincheira — ele continuou. — Quando as tropas de choque alemãs a invadiram.

Aquele jovem quieto, aquele que dançou com ela em Londres e em Paris, cercado por alemães armados.

— Eu li sobre aqueles guerreiros da tropa de assalto, — sussurrou Adelaide. — Eles pegaram meu Frank?

James balançou a cabeça.

— Havia dois deles, com pistolas, — disse James. — Eu tirei um da jogada, então Frank impediu o outro de atirar em mim antes que eu pudesse pegá-lo também. Ele salvou minha vida.

— E você salvou a dele, parece. — disse Adelaide.

Mas não por muito tempo, ninguém disse.

A mão de Hazel tremia. James, alemães, armas e sangue. A torre de blocos caiu.

— *Boom!* — gritou Frankie.

— Uma das tropas de assalto tinha um lança-chamas, — continuou James. — Eles pegaram nosso amigo, Chad Browning, o deixaram muito mal.

Adelaide prendeu a respiração. — Não aquele garoto engraçado! Ele morreu? — James balançou a cabeça e ela cedeu de alívio. — Frank também o mencionou em suas cartas. — Ela acenou com a cabeça na direção de Hazel. — Meu Frank era ótimo para escrever cartas.

— Porque ele sentia sua falta, — disse Hazel. — E ele te amava.

A Sra. Mason sorriu tristemente para a mesa. — O que aconteceu depois?

— Eu atirei no soldado com o lança-chamas, — James disse lentamente. — e Frank e outro garoto se jogaram em cima de Browning para apagar o fogo. Então nós o

carregamos para a estação da Cruz Vermelha, que ficava bem longe, através das trincheiras.

— Frank foi um herói, não foi? — disse Adelaide. — Eu sempre soube que ele seria.

O pequeno Frankie se cansou da torre em que estavam e a demoliu com uma gargalhada. Hazel juntou os blocos e começou novamente.

— Alguns soldados alemães estavam no parapeito, atirando em nós em nossas trincheiras — disse James lentamente. — Éramos alvos fáceis. Então, assim que cuidamos de Chad, Frank e eu escalamos o topo para tirar os atiradores alemães.

Lá estavam aquelas palavras de novo: "tirar". Como algo que se faz com um saco de lixo. Hazel olhou para a criança sorridente, pegajosa e de bochechas rechonchudas ajoelhada, brincando de blocos de construção, e para o jovem de rosto sóbrio sentado à mesa. *Uma vez ele era como você,* ela disse ao pequeno Frankie em silêncio. Que experiências terríveis devemos enfrentar para falar tão casualmente sobre matar?

Que você nunca os enfrente, pequenino.

Mas sua oração não foi atendida. Frankie é um homem agora. Soldado Frank Mason Jr. do Regimento Suffolk. Estacionado na Argélia, lutando bravamente contra os nazistas, assim como seu pai lutou contra os alemães antes dele.

HADES

As Respostas de James — 15 de junho de 1918

A NÉVOA NA cabeça de James e a névoa sobre as trincheiras se misturaram. Por fim, a névoa se dissipou.

— Havia um alemão com um lançador de granadas, — disse ele lentamente. — Eu o acertei.

A Sra. Mason estava sentada muito quieta agora, com os olhos fechados.

— E outro, mirando em mim. Frank atirou nele.

A Sra. Mason se encolheu, como se tivesse sentido o impacto da bala.

Hazel se pegou prendendo a respiração. O que foi esse pesadelo que seu James descreveu? Este inferno enfrentado por seu doce menino que poderia chorar com a beleza de uma orquestra sinfônica?

A chaleira começou a chiar. O pequeno Frankie emitiu uma imitação de doer os ouvidos. Adelaide derramou, através de uma nuvem de vapor, sobre as folhas de chá da peneira e dentro do bule de porcelana.

— A névoa estava densa, — disse James. — Estávamos no chão. Um alemão mirou em Frank.

— Bastardo!

Hazel cobriu as orelhas do pequeno Frankie.

— Mas ele não o acertou — explicou James. — Eu atirei naquele alemão também, antes que ele pudesse.

A chaleira voltou a bater no fogão a gás. — *Então quem o matou?*

O coração de Hazel sangrou pela Sra. Mason. Ela já sabia como essa triste história terminava. Ela estava apenas procurando encontrar seu vilão.

— Eu não sei, — disse James fracamente. — Algum atirador a alguns quilômetros de distância.

O lenço de Adelaide encontrou seu uso novamente.

— Quando atirei no alemão que tentava matar Frank, — disse James. — Frank ficou tão surpreso que deu um pulo de onde estava deitado. — ele engoliu em seco. — Bem a tempo de pegar uma granada bem no peito.

O silêncio caiu sobre a cozinha. Adelaide colocou os braços em volta da cintura, como se para afastar o míssil, descobrindo, para sua surpresa, que havia um bebê ali para proteger também.

— Boom! — gritou Frankie, virando outra torre.

Adelaide deu um pulo. — Agora não, criança! — ela chorou. — Você não pode ver que a mamãe precisa pensar?

Frankie ignorou alegremente a repreensão, como costumam fazer as crianças bem-amadas. Hazel se ocupou com uma nova criação: uma torre dupla, com dois quarteirões de largura. Frankie rapidamente embarcou nesse plano. Construa e destrua, construa e destrua. Este jogo nunca envelhecia.

— Você quer me dizer — perguntou Adelaide a James. — Que se Frank tivesse ficado abaixado, ele poderia estar vivo hoje?

— Eu sinto muito. — a voz de James falhou. — Eu disse a ele para não subir. "Você tem mulher e um filho" disse a ele. "Fique abaixado". Mas ele não me deixou subir sozinho.

Adelaide segurou suas mãos. — Meu Frank nunca faria isso, e essa é a verdade.

O queixo de James caiu. — Eu sinto muito. — seu corpo estremeceu. — Me desculpe.

Adelaide lançou um olhar desesperado para Hazel. *O que devo fazer?*

— Eu gostaria que tivesse sido eu — disse James. — Ele deveria ter voltado para casa para você.

Adelaide Mason serviu uma xícara de chá para James. — Não diga isso, — disse ela. — Não funciona assim, e você sabe disso. — ela estremeceu e esfregou a barriga grávida. — Este também é um menino, ou eu sou uma idiota. Ele é um chutador, assim como seu irmão mais velho. — ela sorriu. — Eles serão nadadores, como o pai deles. Ele era um peixe. Sempre me perguntei por que ele não entrou para a marinha.

Ela serviu canecas de chá para Hazel e ela, e uma xícara minúscula composta principalmente de leite e açúcar, e um pouco de chá, para Frankie.

— Posso perguntar a você, James, — ela disse suavemente. — Se você acha que Frank sofreu alguma dor?

James se sentou um pouco mais ereto. — Nenhuma, — disse ele. — Estou certo disso. Foi muito repentino.

Ela dobrou o lenço e enxugou o nariz. — Isso é uma bênção, não é? — sua voz rangeu enquanto ela tentava não chorar. — Tive longas noites para imaginá-lo em todo tipo de sofrimento.

Frankie se cansou dos blocos, então Hazel encontrou um livro infantil com orelhas e começou a ler baixinho para ele. Ele se jogou no colo dela.

— Eles o enterraram, então? — Adelaide perguntou.

O corpo de James enrijeceu. — Eu não sei, — ele sussurrou. — Depois que eu… perdi a consciência por muito tempo. Passei muito tempo no hospital. Em enfermarias neurastênicas.

Hazel fechou os olhos e chorou silenciosamente. Frankie incitou-a a continuar a história. Foi por isso que as cartas pararam.

— Eu acho que é provável — disse James, suavemente. — Que não houvesse muito para enterrar.

A viúva estremeceu e desviou o olhar. Era indescritível.

James enfiou a mão no bolso da jaqueta e puxou algo.

— Recebi uma Medalha por Serviço Distinto pelo que aconteceu — disse ele. — Que deveria ter sido dele. — ele entregou a medalha, embrulhada em uma grande fita vermelha e azul, para a Sra. Mason.

— Eu não posso aceitar, — ela protestou. — É sua.

— Eu quero que você fique com ela — insistiu James. — E as vinte libras. Pegue, para o bebê.

Adelaide olhou mais uma vez para Hazel, sentada no chão, em busca de orientação. Hazel assentiu com firmeza. *Pegue.* Adelaide se rendeu e aceitou o dinheiro e, por fim, a medalha.

Ele então entregou a ela o pequeno livro de orações chamuscado de Frank. Quando ela viu, ela soluçou.

— Frank me mostrou sua foto, mais de uma vez, — disse ele, abrindo onde estava. — Ele estava muito orgulhoso de você e de seu filho.

Ela pegou o pequeno livro e pressionou-o contra o coração. — Não sei como te agradecer.

Frankie aproveitou esse momento para se virar no colo de Hazel e jogar seus braços gordinhos em volta do pescoço dela.

— Eu fiquei muito preocupada com o meu Frank lá fora, sozinho. — Adelaide pressionou em meio às lágrimas. — Isso era o que me assombrava. O pensamento dele, sem ninguém. — ela enxugou o nariz. — E quando eu soube que ele tinha morrido, não consegui dormir pensando nele, morrendo sozinho, sem ninguém para se importar. — ela pegou as mãos de James mais uma vez. — Saber que ele nunca esteve sozinho, que morreu ajudando seu bom amigo… — seus olhos transbordaram. — Será um grande conforto para mim nos anos que virão. Um grande conforto.

Ela estendeu os braços acenando para Frankie, que se esqueceu de Hazel e cambaleou para sua mãe. Ela o pegou com força e o apertou contra si. — Seus filhos saberão sobre o pai.

Hazel se virou para James. Ele era muito mais velho do que quando ela o conheceu, sete, oito meses atrás. Ele parecia exausto. Drenado, pálido e exausto.

Mesmo assim, havia algo em seu rosto que ela não via desde Paris. Algo, ela pensou, como paz.

INTERVALO DE ATOS

Litoral — 15 de junho de 1918

AFRODITE

ELES SAIRAM DA casinha juntos, prometendo visitá-la novamente. Hazel se perguntou se ela própria estava mentindo.

O salto do sapato de Hazel torceu ligeiramente e ela tropeçou. James ofereceu seu braço a ela. Ela corou, mas aceitou mesmo assim.

Eles chegaram à esquina onde deveriam virar à direita para voltar em direção à cidade e à estação de trem, mas James os guiou para a esquerda.

— Não vamos voltar para a estação de trem? — ela perguntou.

James protegeu os olhos do sol. — É um lindo dia, — disse ele. — Seria uma pena não gastar um pouco na praia, não acha?

Hazel não sabia o que achava.

Eles seguiram o caminho gasto até a orla, onde a terra gradualmente se transformou em areia e a grama se transformou em ervas daninhas esparsas e depois desapareceu. Eles tiraram os sapatos e as meias ou meias calças, o que era uma proposta complicada para Hazel, mas ela conseguiu, por baixo da saia. A visão de seus pés

descalços foi o suficiente para dar ao pobre James um golpe ali mesmo.

Eles enrolaram as meias, enfiaram nos sapatos e carregaram-os pela areia. A novidade da areia quente entre os dedos dos pés fez Hazel esquecer suas limitações. Ela correu para a água, deixou cair suas coisas em uma pilha e avançou nas ondas rasas, puxando a saia quase até os joelhos. James ficou para trás e a observou.

Ela quase o fez esquecer a dor. E suas pernas! Ele não deveria olhar. *Sim, você deveria. Mas mais discretamente.*

A sensação da brisa do mar e da areia quente, o riso das crianças e os gritos das gaivotas, o cheiro de pipoca e salsichas escaldantes o encheram. Ondas de crista branca rolavam indefinidamente.

Ele foi e viu a viúva e o filho de Frank. Ele tinha feito isso. Ele sabia desde o início que precisava fazer isso. Todas essas semanas, o esforço de vencer o medo o deixou meio morto.

E lá estava Hazel, curvando-se para pegar uma concha e apertar dentro dela.

HADES

Um leve cheiro de madressilva atingiu o nariz de James. Uma presença que ele conhecia estava ao lado dele, mas ele não devia olhar. Isso devia ser alarmante, ele pensou, mas era familiar como o amanhecer.

Ele manteve o olhar fixo na linha do horizonte. — Você é um homem de sorte, Frank.

— Nem pela metade. — disse Frank.

— Você tem uma família e tanto.

— Eu sei isso.

Os dois olharam para Hazel na água.

— Por que *eu* deveria…

— Porque você pode, — disse Frank. — Vá buscá-la, camarada. Você não está me fazendo nenhum favor se não o fizer. Você não acha que eu o faria?

James se lembrou da criança robusta nos braços de Hazel e de como ela riu e brincou com ele. Já houve uma garota tão maravilhosa e tão gentil? Alguém que amava crianças. Haveria algum dia…? Ele estava com calor e não era o sol. *Uma criança.* Ele se lembrou da barriga redonda de Adelaide. Outra criança que nunca conheceria seu pai.

— Eu estarei cuidando deles. — disse Frank. — Eu sei que você também.

— Eles vão me mandar de volta para a guerra, você sabe. — disse James.

Frank deu uma risadinha. — Você vai sair dessa logo, filho, — disse ele. — Não tema. Acho que você vai chegar ao outro lado. Não está tão longe agora.

James observou Hazel chutar as ondas.

— Você não está realmente aqui, está? — diz James. — Isso é parte da minha loucura?

— Isso importa? — perguntou Frank. — Se é uma loucura te dizer para se casar com aquela garota e ser feliz, que conselho você prefere ter?

— Somos um pouco jovens, não acha?

— Eu não disse que você tinha que fazer isso amanhã. — disse Frank. — Você se sente jovem?

— Não. — admitiu James.

— Ela vai fazer você se sentir jovem novamente.

— Eu nem sei como sobreviver a um dia. — disse James.

— Ninguém sabe — disse Frank. — Mas aquela garota ali vai te ajudar.

Ele sentiu uma mão firme empurrar entre suas omoplatas. Ele tropeçou para a frente na areia.

AFRODITE

Por um terrível momento, Hazel pensou que James a tivesse abandonado. Ela não conseguia vê-lo. Suas saias afundaram nas ondas, absorvendo a água fria e agarrando-se às pernas. Então, de repente, lá estava ele, diante dela, com calças arregaçadas até os joelhos e mangas até os cotovelos, com a camisa aberta.

Ela foi tomada pelo desejo de inspecionar essas novas partes de James agora em exibição.

Ele segurou o rosto dela com as mãos. Seu coração ficou preso na garganta com a dor em sua expressão.

— Você sabe que eu nunca poderei ser o rapaz que você conhecia.

Ela se afastou de suas mãos. — Mas é quem eu vejo, — disse ela. — O único rapaz que vejo.

Ele fechou os olhos com força. — O que eu fiz e o que vi, sempre estará comigo.

Esta foi a última vez que ela faria esse apelo. — Deixe-me também estar sempre com você.

Ele ficou lá, sem dizer nada, por mais tempo do que ela poderia suportar esperar.

Ela se virou em direção à areia e se dirigiu para a praia.

James correu para ela e ficou no caminho dela. Antes que ela pudesse falar, enviei um pequeno aceno, empurrando-a para ele, e ela caiu em seus braços. James mal se preparou a tempo de evitar que os dois tombassem.

A sensação do corpo dela pressionado contra o dele passou por ele como um choque elétrico. Quando ela se endireitou e se afastou, ele a puxou de volta para ele e a abraçou, girando-a e girando. Os dedos dos pés dela desenhavam círculos ao redor dele à luz do sol na água.

QUINTO ATO

AFRODITE

A Batalha de Henry Johnson — 5 de junho de 1918

DE VOLTA A PARIS, Colette começou a trabalhar em uma cafeteria. Uma manhã, enquanto limpava as mesas, ela notou um jornal deixado para trás e rodeado de café. Ela estava prestes a lançá-lo no lixo quando uma manchete chamou sua atenção: *“La Bataille d'Henry Johnson, Héros Nègre Américain! 24 Allemands Tués!”*

Ela abandonou seus clientes e devorou o artigo. Ele falava do heroísmo de um certo Henry Johnson, um soldado negro americano do estado de Nova York, que lutou bravamente contra um grande grupo alemão de ataque. Ele era um membro do *369e Régiment d'Infanterie US*, ligado ao Quarto Exército francês, sob o comando do General Henri Gouraud, e estacionado no setor Meuse-Argonne. Essa divisão, conforme o artigo citado, era famosa por sua notável banda.

Ela se deixou cair em uma cadeira. Seu coração bateu forte e sua cabeça inundou. Esperança, sua terrível inimiga, veio bater na porta.

Colette ignorou os clientes cujos cafés esfriaram. Ela apoiou os cotovelos na mesa suja e tentou pensar. Aubrey havia pertencido à 15ª Guarda Nacional de Nova York. Poderia ser a mesma divisão? Ou havia dezenas de divisões negras no exército americano, todas com bandas notáveis?

Mas e se fosse o regimento de Aubrey? Ele estava morto.

Seu comandante, pelo menos, poderia confirmar isso para ela. Ela ainda poderia passar o resto de suas noites acordada, mas pelo menos não estaria se perguntando. Não se ela soubesse com certeza.

Colette sabia lidar com a verdade. Ela sabia muito sobre si mesma.

A batalha ocorrera algumas semanas antes, em maio. Já estávamos em meados de junho. Eles ainda podem estar lá. Valia a pena mandar uma carta para descobrir.

AFRODITE

Comitê de Revisão Médica — 1º de julho de 1918

O COMITÊ DE REVISÃO MÉDICA em Chelmsford declarou que James estava melhorando. Comer, dançar e rir muito eram, aparentemente, o tônico de que ele precisava. Ele recebeu ordens para se apresentar para retreinamento em 15 de julho.

Tudo mudou. Ele não tinha nenhum desejo de voltar para a guerra e morrer por Bobby. Ele queria viver por Bobby, e por Maggie, e especialmente por Hazel. As noites tornaram-se mais difíceis de novo, com cenas das trincheiras perseguindo seu sono. Mas quando a manhã chegou, ele se recompôs. Por que desperdiçar dias ensolarados de verão tendo uma linda garota ao seu lado? Aproveite o dia.

Hazel odiava a notícia, odiava, mas ainda faltavam duas semanas. Eles já tinham tido duas semanas. Ela decidiu aproveitar as semanas restantes sem medo.

Afinal, as reportagens eram muito promissoras. Os Aliados conseguiram impedir todos os quatro principais avanços alemães até agora nesta primavera. Os alemães não haviam alcançado o Canal da Mancha e o bloqueio naval da Grã-Bretanha à Alemanha ainda se mantinha. Os americanos finalmente estavam exercendo sua força. O que faltava em experiência aos americanos, eles compensavam triplamente em moral, em suprimentos e em números aparentemente ilimitados. A maré estava mudando. Tinha

que estar mudando. O resto da guerra seria breve e James voltaria para casa em segurança e logo.

AFRODITE

Entrega pelo Correio — 29 de junho de 1918

— COLETTE, — TANTE SOLANGE CHAMOU. — Alguém está aqui para ver você.

Era de manhã cedo. Colette saiu cambaleando da cama. Talvez Papin, o gerente oleoso do café, a tivesse seguido até sua casa, o limo. Ela diria a ele onde ele poderia procurar outra garçonete.

— *Un moment.* — disse Colette para a tia. Ela vestiu as roupas de ontem e enfiou alguns grampos no cabelo. Ela não se incomodaria em parecer muito polida para Papin. Ela deveria limpar os dentes? *Non.* Ela manteve o visitante esperando. Se fosse Papin e seu hálito estivesse ruim, *bien.*

Ela entrou na sala de estar.

Encostado na porta, preenchendo toda a sala, atraindo para si toda a luz da manhã, estava Aubrey.

Realmente, verdadeiro e sólido Aubrey.

O grito dela, admito, acordou os vizinhos. Ela quase desmaiou de tanto chorar. Ela quase se dobrou em duas. Ela escorregou para o chão e chorou.

Alegria por poder fazer isso. Por doer tanto quanto podia doer.

Aubrey, que passou uma viagem de trem preocupado com o que dizer, entrou em pânico. Isso foi terrível.

— Seu monstro! — ela chorou. — Eu pensei que você estava morto.

Sim. Ele estava em apuros.

Lá estava aquele sorriso maroto que ela lembrava.

— Os alemães fizeram o possível para me matar — disse ele. — Mas não fiquei parado para deixá-los fazer isso.

Colette não o deixaria escapar com um charme. — O que você tem para dizer em sua defesa? — ela exigiu, em meio às lágrimas. — Como você pôde fazer isso comigo? — ele cheirava a sabonete e hortelã-pimenta. Ela se lembrou, para seu horror, que ela não.

(Isso não é o que Aubrey estava percebendo naquele momento.)

Este, ele sabia, era um momento em que seria melhor escolher suas palavras com cuidado.

Ele estendeu um envelope. — Eu escrevi uma carta para você, — disse ele. — Eu queria ter certeza de que chegaria aqui, então achei melhor trazer eu mesmo.

Ela olhou a carta com desconfiança e se afastou. — Deixe-me me limpar… — ela começou, mas Aubrey segurou sua mão.

— Eu prometo — disse ele. — Que você é a coisa mais limpa que vi em meses.

As lágrimas caíram sobre ela mais uma vez, e sua visão turvou. — Você está realmente aqui?

— Estou, — disse ele. — mas não diga ao coronel Hayward.

Ela se afastou. — Você vai levar um tiro por deserção! — ela chorou. — Você deve se apressar para voltar!

Ele riu. — Fiz um acordo com o Capitão Fish. Eu vou voltar hoje à noite.

Mas deixar Colette Fournier para trás, agora que ele a encontrou! Os exércitos do Kaiser combinados não conseguiram obrigá-lo a fazer isso.

As emoções da pobre Colette a assediaram. — Achei que você estivesse morto, — ela repetiu. — Ouvimos sobre um soldado assassinado e... por que você não escreveu? — ela engoliu em seco. — Aquelas coisas que você me disse. Você quis dizer alguma delas?

— Eu quis dizer todas elas. — sua garganta estava um nó. — Eu ainda quero. — Ele estendeu o envelope mais uma vez. — Está tudo na carta.

Colette pegou o envelope insegura. Ela esperou o suficiente por uma resposta e, no entanto, de alguma forma, ser solicitada a esperar o tempo que levaria para ler a carta parecia um insulto a mais. *Apenas me diga!*

Mas ele veio até aqui. Ele estava tentando se desculpar. Ela deveria ser educada.

Ela se sentou em um sofá e ouviu o barulho do quarto de Tante Solange.

— Tenha cuidado, — ela sussurrou para Aubrey. — Minha tia não vai te deixar em paz.

Ele riu. — Eu acho que posso lidar com uma senhora idosa.

Colette encolheu os ombros. — *Bonne chance.* Você está por conta própria.



Dez minutos depois, eles saíram do apartamento e caminharam pelas ruas.

— Você não estava brincando — disse ele. — Sobre sua tia.

Colette não teve tempo para o mau comportamento de sua tia naquele momento. — Aubrey, — disse ela. — Sinto muito pelo seu amigo. — Ela balançou a cabeça. *Quelle horreur!*

Aubrey não disse nada, mas apertou o braço dela. Eles seguiram em frente. Os olhos de Aubrey viram Paris, suas ruas charmosas, suas lojas elegantes, sem absorver muito.

— Eu entendo por que você não escreveu, — Colette disse a ele. Ela o cutucou nas costelas. — Isso não quer dizer que eu te perdôo. *Ainda.*

Aubrey sabia que estava perdoado e continuou.

Foi o sorriso que a teve, todas as vezes. Para pensar, ela percebeu, ela nunca tinha visto isso antes da luz da manhã. Nem mesmo soube como esse Aubrey dela brilhava à luz do sol.

Eu nem estava fazendo isso, juro. Era totalmente Aubrey. Outras mulheres com quem cruzaram na rua também notaram.

Colette sorriu para si mesma.

Claro, seu sorriso fez Aubrey derreter. Como da primeira vez.

— Não parece certo, — disse ele por fim. — Eu, aqui com você, enquanto Joey está debaixo do chão. Quando era eu, pensando que sou imortal, que eles estavam vindo atrás.

Colette ouviu. Ela deixou Aubrey levar seu tempo.

— Por que eu? — ele disse em voz alta. — Por que eu consigo viver quando tantos morrem? Por que vou viver quando tantos negros são mortos só por respirar o mesmo ar que brancos furiosos?

Colette não confiou em si mesma para responder então. Se ela dissesse o que estava em seu coração: — Você foi poupado porque eu preciso de você. — ela revelaria aos céus traiçoeiros que precisava de Aubrey, e então, da próxima vez, o destino não erraria o alvo que ela acabara de pintar em seu peito.

— Se eu os tivesse ouvido, — Aubrey continuou. — Se eu tivesse saído com ele. Se eu tivesse minha pistola.

— Então você poderia estar morto também.

— Se ele simplesmente não tivesse que mijar!

Ela encostou a cabeça em seu ombro.— Eu sei.

Aubrey lembrou-se, então, de quão bem ela sabia.

— Ele era meu amigo, — disse ele. — Eu sei que não é o mesmo que perder sua família.

Ela o parou com um beijo em sua bochecha. — O luto não é um concurso. — disse ela. — O que aconteceu foi horrível. Ninguém deveria ter que enfrentar isso.

Principalmente por seus próprios compatriotas. É um crime contra a humanidade. Contra a decência e a razão.

— Às vezes parece que a América está carente de tudo isso. — disse Aubrey amargamente.

— Mas a América produziu você — disse ela. — Portanto, não pode ser de todo ruim.

— Não é como se — disse Aubrey. — Estes fossem apenas alguns caras ruins. Doentes da cabeça, sabe? Isso está em todo lugar. Em todo o exército. Em todo o Sul. E não apenas no Sul.

Colette o observou. — Você vai voltar? — ela perguntou. — Ou você pode ficar aqui na França?

Seus olhos se arregalaram. — Ficar aqui? — ele considerou a perspectiva, até que sua expressão caiu. — Tio Sam não me deixaria — disse ele. — E eu sentiria falta da minha família.

Ela se encostou no braço dele. — Se você tem uma família, — ela murmurou. — e você pode ficar perto deles, faça.

Ele beijou as costas da mão dela. — Não acredito que estou aqui, — disse ele. — Você não pode acreditar no quanto eu senti *sua* falta.

— Sim, eu posso.

Seu sorriso sumiu. — Não sou quem era antes, — disse ele. — Eu não tenho muito a oferecer a você. Agora sou um soldado, não um pianista.

Colette riu. — Sim, e sou uma bailarina.

— Você é?

Ela revirou os olhos. — Você sempre será um pianista, Aubrey. Ninguém pode tirar isso de você. — Ela olhou para ele com olhos tristes e traçou a ponta do dedo levemente sobre os contornos de seu rosto. — Você não está apenas de luto por Joey, — ela disse a ele. — Poderia ter sido você. Você acha que deveria ter sido. Você se culpa por não ser o único na latrina quando os assassinos o procuram. Você está em choque com a sua própria quase morte.

Ele enrijeceu. — Você me faz parecer egoísta.

Seus olhos se estreitaram. — *Non.* Eu faço você soar exatamente como eu.

Ele a observou com curiosidade.

— Eu me culpo, todos os dias, por cruzar o rio naquela manhã para colher maçãs. Por ter corrido para o convento assim que ouvi os primeiros tiros.

Ele acariciou sua mão. Deus abençoe as maçãs e Deus abençoe as freiras.

— Eu me sinto um monstro por sobreviver aos alemães que caçaram minha família e atiraram neles a sangue frio. Eu sou uma covarde egoísta… depois que minha mãe morreu de tristeza, meu coração continuou batendo. Eu amava minha própria vida, sabe, mais do que me recusei a enfrentar um mundo sem aqueles que perdi.

Os pedestres se aglomeraram ao redor deles na rua.

— Você não é um monstro por viver, — disse ele. — Não há crime em colher maçãs.

— E não há crime em sair furtivamente à noite para ver sua *petite amie*. — disse ela, então sorriu ironicamente. — Bem, o exército diria que existe, mas isso é uma questão diferente.

Aubrey observou os cachos do cabelo de Colette, escapando de seu lenço, dançando na brisa. Eles se encontraram uma vez, depois se encontraram mais uma vez. Aqui estava ela – não uma cantora de jazz, não uma belga glamorosa, mas uma garota de luto que entendia. Que lutou para viver, e que encheu Aubrey com a vontade de lutar e viver ao lado dela.

Mas o que viria a seguir? Esta noite ele tinha que voltar para o Fronte. Se essa guerra acabasse, ele teria que voltar para Nova York.

Nova York parecia tão distante. Em Nova York, ele não podia beijá-la ao ar livre sem medo do que os espectadores poderiam dizer.

Mas em Paris, ele poderia. Ele poderia beijá-la como se estivesse recuperando o tempo perdido.

Pelo menos naquele beijo, a morte e a dor estavam longe.

Talvez, ele pensou, ele devesse apenas beijar Colette e nunca parar.

Mas mesmo os melhores beijos acabam eventualmente.

— Eu senti tanto sua falta, — ele sussurrou. — Eu nunca quis te deixar para trás.

Eles seguiram em frente. Uma espécie de paz encheu o corpo de Aubrey. Ele não tinha percebido o quão pesado tinha sido, mantendo Joey em segredo por todos aqueles meses.

— Eu gostaria de poder fazer algo por Joey, — Aubrey disse por fim. — Ou por sua família. Ou algo para lembrar dele.

Ela sorriu. — É uma boa ideia, — disse ela. — Algo para preservar a memória dele.

— Mas o quê? — ele perguntou. — Uma lápide extravagante?

Eles dobraram uma esquina. — Muitas vezes desejei — disse ela. — Poder fazer algo por meu irmão Alexandre. Um memorial. Mas qualquer ideia que eu já tive parecia fraca. Insuficiente.

— As lápides são frias — disse Aubrey. — Os memoriais só vão até certo ponto.

— Fique rico — brincou ela. — E doe um prédio em nome de Joey.

Eles começaram a olhar ao redor e realmente ver Paris. Ele percebeu que estava com sede, então pararam em um café para comprar limonadas.

— Escrevi canções para Joey nas trincheiras, — disse ele. — Eu escrevi músicas para você também.

— Vamos para Nova York e gravá-las. — disse Colette.

Aubrey deixou cair seu canudo. — Isso é uma oferta?

Colette enrubesceu. Ela tinha falado muito cedo? — Hum, a sua é uma oferta? — *Eu irei a qualquer lugar que você estiver, Aubrey Edwards.*

— É uma oferta, mademoiselle, — disse ele. — É melhor você acreditar nisso.

DEZEMBRO 1942

Um Possível Final

— PODEMOS TERMINAR aí, — Afrodite diz aos outros deuses. — Podemos terminar neste momento, com os nossos dois jovens casais felizes, finalmente, depois de suportar muito.

Hades pressiona as pontas dos dedos e observa a deusa do amor pensativamente.

É uma longa história, mas o que é hora para os imortais? Afrodite pode espremer um épico no espaço entre os cliques do ponteiro dos segundos do relógio.

Hefesto coça o queixo barbudo. Então ele se levanta e manca até a rede dourada. Com um toque de sua mão, ele se abre, deixando uma abertura para Afrodite passar.

— O tribunal está encerrado, — diz ele. — O réu é absolvido.— ele sorri ironicamente. — A prisão *deste* réu foi declarada ilegal. Perdoe-me, Deusa, por detê-la.

Afrodite pisca. Por um momento, ela está muito atordoada para aproveitar sua saída. Ela se aproxima de Hefesto e fala baixinho, apenas para ele ouvir.

— Eu saio agora? — ela pergunta. — Você quer que eu acabe aqui?

Ele gesticula em direção à porta para mostrar que não vai impedi-la. — Você está livre para ir, se quiser.

— Não é o que você pensa, — ela sussurra. — Eu, com ele.

Ele balança a cabeça. — Não faça isso, — diz ele. — Vamos apenas lidar com a verdade de agora em diante, você e eu.

Ela morde o lábio. — Não é isso que quero dizer. — ela se vira para pegar Ares esticando o pescoço para tentar ouvi-los. — Eu não estou negando o caso. O que eu quero dizer é…

Hefesto prefere ouvir qualquer coisa, menos isso agora.

— A atração, para você, é forte, durante uma grande guerra. — É muito melhor para ele expressar as palavras do que ela. — Muitos corações precisam de você. É inebriante ser necessário. É isso?

Apolo mexe em seu piano e finge não bisbilhotar. Hades olha pela janela para a rua da cidade abaixo.

— Eu não sou o que eles pensam. — o olhar de Afrodite está no chão. — Eu não sou apenas uma vadia.

— Eu sei. — ele sabe. Não importa o que os outros possam dizer, nem como eles possam julgar.

Ela passa pela abertura que ele criou para ela na rede dourada.

— Obrigado pela história, de qualquer maneira — Hefesto diz a ela. — Não vou esquecer. Você é boa no que faz. E… acho que entendo o que você quer dizer.

Seu rosto pensativo se abre em um sorriso.

Hefesto não consegue resistir a sorrir de volta. — Eu invejo seus mortais.

Uma de suas sobrancelhas se levanta. — Como diz Ares, eles morrem, você sabe.

O deus do fogo acena com a cabeça. — Eles o fazem. Mas os sortudos vivem primeiro. — ele se curva ligeiramente. Suas costas aleijadas tornam difícil para ele se curvar muito. — Os mais sortudos ficam com você.

Afrodite pisca surpresa.

Ares teve mais do que suficiente desses dois. Ele tenta disparar pela abertura que Hefesto criou, mas não consegue passar. — Ei! Deixa-me sair daqui.

— Você pode apodrecer no inferno. — Hefesto diz a seu irmão.

— Tecnicamente, ele não pode. — observa Hades.

Ares chama por seu irmão. — Esse não é o fim da história. Ela não está contando tudo. — Um sorriso de escárnio se espalha por seus lábios. — Ela *nunca* te contou tudo.

O Resto Da História — 15 de julho a 17 de agosto de 1918

ARES

A GUERRA ATERROU. O último grande ataque dos alemães, a Ofensiva Champagne-Marne, ou a Segunda Batalha do Marne, terminou em uma derrota esmagadora para a Alemanha. A um custo total de um quarto de milhão de vítimas, mortos e feridos.

James e Aubrey viram o combate na batalha, a muitos quilômetros de distância no Fronte Ocidental. James foi transferido para o Décimo Exército da Grã-Bretanha sob o general Charles Mangin. Ele lamentou não estar de volta com seus velhos amigos, mas isso não poderia ser evitado.

James chegou a Frente exatamente quando a batalha começou. Um veterano experiente, um atirador mortal, ele lutou como um guerreiro Egeu. Não porque gostasse de uma batalha, mas porque isso lhe dava a melhor chance de voltar para casa.

Eu gostaria de poder dizer que ele lutou sem medo. Que ele se sentia imune ao perigo, depois de tudo que ele havia passado. Mas a batalha foi brutal. Morte por todos os lados. Se ele não tivesse sua garota em quem pensar, e sua família em casa, ele nunca teria feito isso.

Aubrey também lutou como um dragão. Este foi o pior combate que ele já tinha visto. Todos os homens da 369ª eram dragões no campo de batalha. Gigantes. Hoplitas. Destes, 171 receberiam a Croix de Guerre dos franceses. “Les Hommes de Bronze”, eles os chamavam. “Blutlustige Schwarzmänner.” Alemão para “homens negros sanguinários".

Eu não sei sobre "sanguinário", mas você não queria ser um alemão que caiu na trincheira de um rapaz do Harlem. Você definitivamente não queria ser um alemão que fez um soldado do Harlem prisioneiro. Eles viriam atrás de você e sempre pegariam seu homem.

Eles lutaram como um. Eles lutaram como tocaram na banda do Tenente Europe. A experiência gera unidade; um bando de soldados que lutou contra o mesmo inimigo, a mesma guerra, juntos, por toda a vida, a mesma unidade. Assim como seus pais e avós antes deles.

AFRODITE

Eu nunca disse que não contaria o resto da história, Ares.

Colette e Hazel voltavam a cortar repolho e cebola em Compiègne. Hazel estava apreensiva. O alemão que a atacou perseguia seus pesadelos. Ela e Colette começaram sua segunda estada no campo de concentração reunindo-se com os guardas e sargentos no comando e alertando-os de que esperavam que sua segurança e a de todos os trabalhadores estivessem garantidas. Os diretores do acampamento estavam com tanta falta de pessoal e tão gratos pelo retorno das meninas que aceitaram todos os termos sem discussão. Hazel ficou alerta, mas nunca viu um sinal de seu agressor.

Compiègne ficava perto de Soissons, onde James foi colocado. Cartas voavam entre eles quase tão rápido quanto telegramas. Embora o eco das armas fosse mais

alto, ela recebia cartas de James com tanta frequência que nunca se perguntava por muito tempo se ele estava bem.

Quando a batalha terminou, James escreveu para informar a Hazel que teria meio dia de descanso e relaxamento no sábado seguinte. Havia alguma maneira de ela passar esse tempo com ele? No mesmo dia, chegou uma carta de Aubrey dizendo que ele teria folga na segunda-feira seguinte. Então, as meninas traçaram um plano. Elas vestiriam seus velhos uniformes da YMCA e viajariam de trem de tropa para o depósito mais próximo ao setor de James. Ele iria encontrá-las lá. Eles passariam algumas horas maravilhosas juntos. Em seguida, Colette e Hazel levariam o ramal de volta a uma artéria principal que os levaria em direção a Verdun. Elas viajariam no domingo e passariam a segunda-feira com Aubrey.

Era perverso, ousado, inofensivo e tão simples. Elas embarcaram no trem em Compiègne sem oposição e suaram durante a curta viagem no calor de agosto até o local de encontro. Vendo como ninguém parecia se importar se elas estavam com o YMCA ou com o circo, elas tiraram os casacos dos uniformes de lã. Quando o trem se aproximou da estação perto de Soissons, Hazel pegou emprestado um espelho e um pente de Colette para se arrumar. Ela estava muito animada para sentir o calor.

James esperou na estação pela chegada do trem. Ele se sentiu ansioso. Essas poucas semanas de intervalo pareceram mais longas do que toda a guerra.

Ele enxugou o suor da testa e procurou por qualquer coisa nesta terra chamuscada que pudesse dar a um sujeito alguma cor.

ARES

O barulho ocasional de armas à distância era tão normal agora quanto o tráfego na cidade ou os pássaros no campo.

James mal percebeu.

A pista começou a vibrar. Ele viu fumaça e ouviu a música do motor. *Aqui vem ela!*

Dentro do carro de passageiros, Hazel olhou para cima.

— Quase lá, — disse ela a Colette. — O trem está parando.

Do nada, uma rajada de ar jogou James no chão. Então veio o gemido, depois da própria concha. De uma arma de longo alcance. The Long Max. Trinta e oito centímetros.

A explosão sacudiu a terra abaixo dele. O gêiser de terra choveu sobre os trilhos do trem. Fumaça e chamas rugiram do que restava do trem.

HADES

O motor e os dois primeiros carros foram aniquilados.

Os carros além se dobraram e se chocaram uns com os outros.

Soldados e trabalhadores de guerra foram atirados para todos os lados.

Cacos de vidro das janelas quebradas voaram como estilhaços.

Colette saiu ilesa, pois Hazel havia jogado o corpo sobre o da amiga.



James encontrou Colette segurando Hazel, embalando-a como uma criança. Como se ela estivesse apenas adormecida. Como se ela pudesse ser persuadida a acordar.

— É minha culpa, — ela repetiu. — Foi errado da minha parte amá-la. Eu não tinha o direito de fazer isso. — ela engoliu em seco e gritou. — *La guerre* leva todos que amo de mim. Ela nem vai me poupar Hazel. Eu nunca deveria ter me tornado sua amiga.



James, o veterano da batalha, ao entrar em cena, sabia o que fazer. Aplique pressão no sangramento e chame um médico. Limpe o fluxo de ar, solte roupas apertadas.

James, o menino do baile paroquial, se perdeu na névoa de um mundo escuro, procurando em todos os lugares por alguém que não seria encontrado.

HADES

The Royal Albert Hall

HAZEL CHEGOU. Ela usava um vestido leve de verão e caminhava descalça pela grama macia. Pequenas flores brancas brilhavam como pérolas entre o verde profundo.

Seus passos a levaram a uma porta desconhecida. Ela a abriu e se viu em uma sala vasta e escura, tão grande que nenhuma parede podia ser vista. A falta de qualquer eco deu-lhe vertigem.

Ela não estava pronta para estar aqui.

À distância, ela pensou ter visto um raio de luz. Cautelosamente, pisando cegamente, ela avançou. O piso de madeira era macio sob seus pés descalços.

A luz cresceu. Um holofote, em seu oval perfeito, iluminando um reluzente piano de cauda de cetim de ébano da Steinway & Sons de quase três metros. Seu topo aberto acenou para ela.

Um instrumento lindo. Nunca em sua vida ela tinha chegado perto de um tão luxuoso, tão imaculado.

Isso, na verdade, ainda era verdade.

Hazel se aproximou do banco e se sentou.

As luzes das casas aumentavam até o mais leve vislumbre. Apenas o suficiente para ela ver onde ela estava. A grande sala apareceu em solene majestosidade. O Royal Albert Hall vazio no meio da noite.

Ela tocou as teclas, tocando notas provisórias. À medida que cada nota de som ecoava, sua hesitação desaparecia.

Ela começou a tocar. "Pathétique." O segundo movimento da Sonata para Piano Número 8 de Beethoven em Dó menor, opus 13. "Adagio cantabile."

O som encheu o salão vazio e correu de volta para ela como uma revelação. Tanta pureza, tanta doçura de tom. Cada martelo batia em sua corda como um sino repicando, enchendo a escuridão de beleza.

Lágrimas caíram de seus olhos. Nunca, nunca ela havia tocado assim. Nunca teve tal instrumento nem um espaço tão divino acusticamente. Nunca sentiu tanta liberdade para tocar como ela desejava, sem um corpo nervoso atrapalhando. Nenhum medo paralisante de uma audiência – mas agora, ela viu, que crime era que ninguém mais pudesse estar lá para ouvir aquela música.

Sentei-me ao lado dela como Monsieur Guillaume. Ele não estava realmente morto, mas Hazel entendeu.

— Eu morri, monsieur?

Ela olhou para cima, ainda tocando, e viu, no alto das sacadas, bem onde ela e James sentaram uma vez, um pequeno grupo de pessoas. Os pais dela. Colette, Aubrey. Tante Solange. Georgia Fake e Olivia Jenkins. Padre Knightsbridge. Ellen Francis. Reverendo e Sra. Puxley. Maggie.

James.

Eles estavam muito além do alcance, mas ela podia vê-los tão claramente como se estivessem perto.

Ao lado deles estavam outras pessoas. Enchendo fileiras e mais fileiras lentamente, enchendo a varanda. Pessoas que ela ainda não conhecia. Pessoas que teriam entrado em sua vida e a agraciado, preenchido, mas agora não o faziam. Uma jovem com cachos escuros. Um menino de cabelos cor de areia.

— Por favor, — ela me perguntou. — Posso voltar um pouco mais?

Ela esperou pela minha resposta enquanto seus dedos ainda tocavam.

Não sou indiferente à música. Não precisamos ser todos você, Apolo, para apreciar isso.

Nem sou indiferente ao amor, não importa quantos amores fui forçado a interromper.

Hazel persistiu. — Você não pode me mandar de volta?

— É sabido que isso aconteceu, — eu disse a ela. — Embora nada mais seja o mesmo.

— Por favor — ela implorou. — Quando você me chamar pela segunda vez, irei de boa vontade.

Levantei-me do banco e recuei para as sombras. Por mais que me aflija, entendo que minha companhia nem sempre é bem-vinda. Hazel continuou a tocar e fiquei feliz em ver isso. A música era a melhor coisa para ela então. Nada poderia fazer mais para resigná-la a essa transição dolorosa.

Alguém apareceu ao meu lado.

— Por que, Afrodite. — eu disse, se você se lembra, Deusa. — A que devo a rara honra de sua visita?

Você se curvou. — Se isso lhe agrada, meu senhor, — você disse. — Se alguma vez te agradou, imploro que devolva Hazel para mim. Deixe ela ir.

— Adorável Deusa, — eu disse a você, — Essas são as fortunas da guerra. Se cada alma amada fosse arrancada da morte simplesmente porque ela seria lamentada e perdida, o universo se dobraria sobre si mesmo.

— Hazel não terminou — Afrodite insistiu. — Ela tem muito mais para dar e fazer.

— Posso dizer o mesmo de cada um dos milhões de mortos na guerra. — disse eu.

Afrodite, você se virou para mim então, e caiu de joelhos. — Por favor, me dê Hazel, — você implorou. — O amor dela eu mal comecei. James precisa dela. Seus pais precisam dela. Colette precisa dela. Por favor, Lorde Hades, Deus do Submundo, Governante de Todos.

Eu acredito que, se a memória não me falha, eu precisava de um lenço.

— Ela está gravemente ferida. — eu disse a você.

— Não onde é mais importante. — você rebateu.

— O destino vai gritar em protesto, — eu avisei. — Eles seguirão seus passos.

— Eu vou cuidar dela, meu senhor, — você disse, Deusa. — Eu vou protegê-la tanto quanto eu puder.

Embora os mortais tenham me retratado há muito tempo, e eu os perdoo por isso, meu coração não é de pedra.

Peguei sua mão e a levantei. — Paixão, amor e beleza. — eu disse a você, Afrodite. — Você sabe que ela não pode mais ter todos eles.

AFRODITE

Preguiçosa — 20 de agosto de 1918

TUBOS DE SANGUE VERMELHO pendiam de bolsas montadas em uma estrutura de metal e corriam, Hazel percebeu, em uma agulha injetada em seu braço. Queimou onde a agulha estava, cravada em sua carne como uma afronta.

Ela não sabia, mas estava em um hospital de campanha.

Seu corpo doía. Seu abdômen – até mesmo respirar era uma agonia. Coisas dentro dela que ela não conseguia nomear gritaram em protesto. Ela virou a cabeça de um lado para o outro para ver. Esse leve movimento enviou ondas de dor para cima e para baixo em seu corpo.

Ela tentou se sentar e caiu de volta no travesseiro com um suspiro.

Colette estava ao seu lado em um instante. — Bom Dia!

Hazel olhou em volta. — É realmente de manhã?

Colette beijou a bochecha de Hazel. — *Non, ma chère.* Não é. Mas você teve uma longa noite de sono. — ela puxou um banquinho e sentou-se perto. — Dói muito?

Hazel respirou lentamente. Sua cabeça ainda estava em algum lugar entre o sono drogado e a vigília.

— Deixa pra lá, — disse Colette. — Eu posso ver a verdade.

— Há quanto tempo estou aqui? — Hazel ficou maravilhada com a forma como sua voz soou áspera.

Os olhos de Colette se encheram de preocupação. — Três dias, — disse ela. — Estávamos com tanto medo.

— Nós? — Hazel desistiu de tentar se levantar. — Posso beber um pouco de água?

Colette deslizou o braço sob o travesseiro de Hazel e a endireitou. Ela estremeceu de dor e levou um copo d'água aos lábios.

Hazel fechou os olhos. Colette pegou sua mão e entrelaçou os dedos nos dela.

— Eu não posso te dizer como é bom vê-la acordada.

Hazel sorriu e abriu os olhos. — É bom ver você também. — ela respirou fundo. — Três dias?

— Preguiçosa.

Hazel riu por um segundo, até que a dor disse a ela para não fazê-lo.

— Colette, — disse ela. — o que aconteceu comigo?

O coração de Colette sangrou. Por onde começar? — Você se lembra da viagem de trem?

Hazel acenou com a cabeça uma vez.

— Você se lembra da explosão?

Hazel franziu a testa. — Eu? — ela esperou. Sua mente ainda era um redemoinho confuso. — Talvez?

— Um projétil atingiu nosso trem, — explicou Colette gentilmente. — Pessoas morreram. Muitas ficaram feridas.

Hazel estudou o rosto de Colette. — Você parece estar bem.

Colette engoliu em seco. *Ela não se lembra do que fez.* Ela abriu a boca para dizer a ela, então fez uma pausa. Algo – fui eu – a avisou para não fazer isso.

— Você me conhece, — disse Colette levemente, embora isso a matasse. — Sempre a sortuda.

— Imagino. — Hazel sorriu. — Bem, o que me atingiu?

— Vidro quebrado — disse Colette. — Como estilhaços. Seu corpo estava muito cortado. Você sangrou muito. — ela pressionou a mão de Hazel nos lábios. — Pensamos que tínhamos perdido você.

Hazel fez uma checagem. Ela mexeu os dedos. Eles estavam lá. Ela mexeu os dedos dos pés. Eles também estavam. Ela viu saliências na cama acotovelando-se onde deveriam estar os pés.

— Perdemos alguma parte de mim?

Colette teve vontade de rir, mas não se permitiu. Aparentemente, eles não perderam o humor de Hazel.

— Eles operaram, — disse Colette, — para remover o vidro e estancar o sangramento. Os médicos disseram que é uma maravilha que você tenha superado.

Hazel tentou compreender todas essas informações. O que ela sabia? O que ela lembrava? Algo sobre um piano. Algo sobre uma sala de concertos. Uma presença ali ao lado dela. Não assustadora, mas também não totalmente confortável. Apenas ali, vigilante.

E enquanto tudo isso acontecia, ela quase morreu. Ela foi esculpida em uma mesa de operação. Estranhos examinaram suas entranhas. Ela estremeceu.

— Colette, — disse Hazel. — meus pais sabem?

Colette concordou. — Demorou para localizá-los. Esperamos que eles cheguem em algumas horas.

Hazel fez um gesto pedindo mais água e, mais uma vez, sua amiga a ajudou. Ela colocou uma colherada de maçãs cozidas entre os lábios secos e rachados. A paciente fechou os olhos. Essas sensações de líquido e comida eram quase mais do que ela podia compreender.

— Colette?

— Sim querida?

— Por que não consigo ver com meu olho direito?

Uma risada ou soluço explodiu dos lábios de Colette. — Está tudo bem, — disse ela. — Está coberto com uma bandagem. O olho em si está bem, no entanto. Isso é o que os médicos dizem.

— Mas está coberto com uma bandagem. Por que?

As lágrimas escorreram pelo rosto de Colette. Ela se lembrou da visão terrível. Vermelho e branco e ossos onde

o rosto adorável de sua amiga deveria estar.

— Sua bochecha foi gravemente cortada, *chèrie,* — sussurrou Colette. — E sua testa.

A mente de Hazel estava abençoadamente turva naquele momento. Ela não conseguia sentir tudo o que sentiria mais tarde sobre isso.

— Mas seu olho estava ileso — Colette continuou apressadamente. — Os médicos dizem que foi um milagre. Como se alguém tivesse coberto para você.

— Bem. — Hazel respirou fundo. — Se algum dia eu conseguir descobrir quem foi, vou agradecer a ele. Você não pode comprar olhos na loja.

Uma sombra caiu da porta. Colette ergueu os olhos e Hazel, embora lentamente, percebeu e ergueu os olhos também.

O soldado James Alderidge estava parado na porta.

— Olá, senhorita Windicott, — disse ele. — Estava com saudades de você.

AFRODITE

Cicatrizes — 21 de agosto a 1º de setembro de 1918

COLETTE E JAMES nunca contaram a Hazel que ela salvou a vida de Colette. O heroísmo é um fardo muito pesado para carregar. James sabia disso e Colette concordou. Com uma ajudinha minha.

Hazel não precisava de atos heróicos para se reconciliar com seu novo rosto. Ela estava viva. Ela tinha todos que amava por perto. Desde seu encontro com a morte, muitas coisas que pareciam ter importância uma vez simplesmente não importavam mais.

Apenas pela preocupação de James, as cicatrizes vermelhas de raiva esculpindo o lado direito de seu rosto a preocupavam. Quando as bandagens foram retiradas, James implorou para estar lá, junto com os pais dela e Colette. Hazel relutou em deixá-lo, mas concordou.

Uma enfermeira tirou delicadamente as bandagens e o gesso. O olho direito de Hazel se abriu e piscou com a luz desconhecida. Melhor ainda foi ver James sorrindo para ela.

— Olhe para você. — disse ele.

— Eu não posso, a menos que você me trouxe um espelho. — ela disse a ele asperamente. — Por favor, me diz que trouxe.

Ele entregou a ela um espelho, e ela se avaliou com curiosidade.

— Elas se curaram melhor do que eu esperava, — disse a cirurgiã, examinando suas cicatrizes. — Sem infecção. Você é muito sortuda.

Melhor do que ela esperava? — Eu estou horrível. — disse ela com naturalidade.

— Comparado com a sua aparência no trem — disse James. — Você parece incrivelmente bem.

— Obrigada. — disse Hazel. — Eu acho. — ela olhou para seus pais e viu sua mãe lutar para manter a compostura. Pobre mamãe.

— Eu sou o monstro de Frankenstein agora, — disse Hazel na sala. — Isso será útil de várias maneiras. Assustando ladrões, afastando os maus espíritos…

O Sr. e a Sra. Windicott, aconchegados ao lado de Hazel, sorriram para sua garota e derramaram todas as palavras encorajadoras. Se eles voltaram para sua hospedaria naquela noite e choraram em seus travesseiros, ninguém, creio eu, os culparia por isso.



Aubrey conseguiu fazer uma visita em uma tarde de domingo. Colette manteve a visita dele uma surpresa, então o levou ao quarto de hospital de Hazel, onde ela se sentou diligentemente completando seus exercícios de fortalecimento.

— O que você tem feito, Lady Hazel de la Windicott?

Hazel gritou e tentou pular, mas uma pontada de dor aguda a deteve. Aubrey envolveu a garota do piano em um abraço. Ele sabia o que ela não sabia sobre o que tinha feito no trem e ele nunca se esqueceria.

Aubrey e James finalmente se encontraram. Tenho certeza de que eles teriam sido amigos em qualquer circunstância, mas com Hazel e Colette em suas vidas, eles

rapidamente se tornaram cunhados, ou, se não na lei, na verdade.



O mês de agosto foi passando e as noites começaram a esfriar. Hazel soube que teria alta do hospital no dia seguinte.

O atual sargento de James era uma alma de coração terno, por trás de uma grande arrogância. Ele deixava seu jovem soldado visitar sua voluntária ferida sempre que podia ser dispensado do serviço. Com a Segunda Batalha do Marne bem para trás agora, um grande trabalho de reparo, fortificação e limpeza ainda precisava ser feito, mas se uma heróica jovem apaixonada por um soldado em sua companhia não merecesse conforto e alegria, quem o fazia? O soldado Alderidge não ajudaria muito se não pudesse visitá-la no hospital a cada dois dias.

Naquela última noite no hospital, depois que os pais de Hazel voltaram aos seus quartos para fazer as malas para a viagem de amanhã a Londres, James chegou ao quarto de Hazel e sentou-se ao lado dela.

— Você realmente não vai me deixar amanhã, vai? — ele perguntou a ela.

Suas cicatrizes já estavam um pouco achatadas, embora ainda vermelhas e cruéis. Seu rosto nunca mais seria o mesmo. Ele sabia disso; ela sabia disso. Seu sorriso estava torto agora, e sua sobrancelha direita estava entrecruzada de linhas dos pontos. Uma cunha de pálpebra inferior rosa invadiu a visão de seu olho direito. Sua bochecha nunca mais seria redonda e lisa.

Mas ela estava totalmente aqui, e era totalmente Hazel.

— Eles estão me expulsando, — disse ela. — Não estou pagando meu aluguel.

— Eu gostaria que você pudesse ficar— James disse a ela. — Mas estou feliz por tê-la segura, longe daqui.

Hazel revirou os olhos. — Está tudo quieto agora — ela disse a ele. — Os jornais dizem que os Aliados empurraram os alemães de volta para a Linha Hindenburg.

— A maré está mudando. — disse ele. — Este ano, acho que terminaremos até o Natal.

Hazel fechou os olhos. — Não seria o paraíso?

Ela se virou e observou James. Seu coração estava transbordando e partido. Ele tinha sido tão gentil, e ela, desde que acordou neste quarto de hospital, brincou com a charada de que tudo ainda estava certo entre eles. Pareceu a coisa mais gentil a fazer. Mas o fingimento não podia continuar.

Quando ela acordou, a vida parecia envolta em doçura e gratidão. Qualquer vida, mesmo uma vida mutilada, era um presente. Suas cicatrizes, escondidas atrás de curativos, não pesavam sobre ela.

Mas a cada dia que passava, a doçura ia embora, deixando a incerteza em seu lugar.

Por fim, ela se decidiu. Já era tempo; ela estava indo para casa. A guerra não acabou. Qualquer despedida pode acabar sendo um último adeus. E algumas coisas morrem mesmo quando todos sobrevivem. Havia palavras que ela precisava dizer a James enquanto ainda podia.

— Obrigada — disse ela. — Por salvar minha fé na vida. E ficar perto de mim, todo esse tempo.

Ele sorriu. — Você não precisa me agradecer por isso.

— Você tem sido o meu amigo mais querido, — disse ela. — Sua bondade significou tudo.

Os olhos de James se arregalaram. — Hazel, — disse ele rapidamente. — O que você está dizendo?

Seu coração afundou. Por dias, ela temeu isso. Como ela poderia colocar em palavras?

— Hazel Windicott, — disse ele, com uma hesitação em sua voz. — Você está me dizendo adeus?

Ela deu um passo para trás. Como ele pode soar tão chocado, tão magoado? E como ela poderia suportar fazer isso? Ela respirou fundo e se preparou para o que viria a seguir.

— Nunca mais serei a mesma. — disse ela. — Isso é claro para nós dois.

Ele se aproximou. — Você não pode estar falando sério o que acho que está prestes a dizer, — disse ele. — Você não pode.

Ela virou o rosto para que seu lado direito cumprimentasse James por completo. Riscado por linhas vermelhas lívidas. Uma zombaria do que seu rosto tinha sido.

— É este o rosto...

— É *este* o rosto. — Ele a cortou. — O rosto que eu quero ver. — seus olhos procuraram os dela. — Você acha que as cicatrizes importam para mim?

Como ele pode fazer tal pergunta? Quando ela estava assim? — Elas deveriam importar, — ela protestou. — Elas importariam para qualquer um. Isso não o torna infiel ou fraco.

— Hazel!

Suas mãos agarraram as costas de uma cadeira para se fortalecer. — Não posso deixar você unir sua vida a isso, — disse ela. — Eu não posso deixar você prometer sua eternidade nisso por pena ou dever nobre.

O rosto dele caiu.

Agora ele iria protestar, agora ele iria insistir, agora ele faria alguma declaração de que os anos passariam como água sobre areia. Ele ficaria encurralado.

Agora ela teria que discutir com ele e vencer, para persuadi-lo a deixá-la ir. Uma traição horrível do coração contra si mesmo.

Ele estendeu a mão e suavemente, suavemente, acariciou o rosto dela com a ponta dos dedos. Ele pairou levemente sobre as cicatrizes para não causar dor.

O olho esquerdo de Hazel começou a chorar.

James puxou Hazel para si e a envolveu em seus braços. Ela não podia escapar, nem tinha vontade de tentar. Ela escondeu a bochecha contra o peito dele.

— Nunca serei a mesma. — disse ela.

Ele se afastou para olhar nos olhos dela.

— Você sempre será a mesma, — ele disse a ela. — Você sempre será minha adorável Hazel.

Isso ainda era amor que ela viu lá? Tanto quanto em Lowestoft? Chelmsford, Poplar?

James beijou a bochecha marcada dela. — *Eu* nunca serei o mesmo. — ele a lembrou. — Você sabe disso.

— Você é para mim. — ela protestou.

Ele olhou para ela incisivamente.

— Você está se saindo esplendidamente, — disse ela. — Seus problemas ficaram para trás agora.

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Eu gostaria... — disse ele por fim. — Que isso fosse verdade. Que meus problemas ficaram para trás.

Ela queria abraçá-lo e tranquilizá-lo. *Não, garota tola,* ela se lembrou. *Isso é o que você não pode mais fazer.*

— Você ainda é você, — disse ela. — Ainda é James. Ainda maravilhoso. Ainda inteligente e gentil. Ainda bonito. Ainda é corajoso. Ainda forte.

James andou de um lado para o outro como alguém desesperado. Ele passou as mãos pelo cabelo até que ele se arrepiasse. — Você acha que eu procurei você no baile do Poplar por causa do seu *rosto?* — ele demandou.

— Cuidado, carente — disse ela. — Suponho que agora você vai me dizer que meu rosto antigo era horrível?

Ele estendeu as mãos na direção dela, então as segurou. — Seu rosto nunca foi horrível, — disse ele. — Sempre foi perfeito. Ainda é.

Ela riu em descrença amarga. — Você é louco!

Ele olhou para ela incisivamente. — Sim, — disse ele. — Eu sou. Agora você vê. Tão louco, tão louco, que tive que

sentar por semanas em um quarto rosa. Depois de passar semanas dopado com morfina. Quem sabe quando vou precisar voltar e fazer tudo de novo?

Hazel não tinha percebido. Não de verdade. *Ele ainda está com medo.*

— Se você realmente precisa voltar — ela disse a ele. — Não há nada para se envergonhar. Você vai superar isso. Você vai melhorar, assim como da última vez. O que aconteceu com você não é sua culpa.

Ele olhou para ela.

Claro que o que aconteceu com ela também não foi culpa dela, mas não foi a mesma coisa.

— Por que você não me deixou? — ele sussurrou. — Por que você não fugiu do rapaz com problemas na cabeça?

Hazel sentiu as lágrimas picarem suas pálpebras mais uma vez. — Como você pode me perguntar isso? — ela disse. — Por que eu faria uma coisa dessas?

— Você acha que eu te amo menos do que você me ama. — ele disse suavemente.

— Eu nunca disse isso!

— Você acha que não consigo ver as linhas antigas em seu rosto, — disse James. — Linhas que com o tempo irão desaparecer.

Hazel enxugou os olhos na manga. — Mas nunca irão embora.

— No entanto, você vê além da sombra, — disse ele. — Tudo o que resta de uma criança que foi para a guerra.

Ela balançou a cabeça com raiva. — Você está errado em se chamar de sombra. — sua respiração veio rapidamente. — Você é tudo para mim.

Ele afundou em uma cadeira. — Então, como você pode me deixar? — ele chorou. — Como você pode tentar me fazer deixá-la?

Ela enxugou os olhos na manga, mas as lágrimas não paravam. — Porque durante toda a sua vida, James, — ela disse. — Você vai olhar para mim e ver as cicatrizes. Você

vai vê-las e eu vou te ver. Toda a sua vida, se eu deixar você ficar, vou assistir você trabalhar para se reconciliar com o rosto para o qual fez uma promessa. Mesmo quando você passar a desejar que não tivesse. — Ela escondeu o rosto, com cicatrizes e tudo, com as mãos. — Eu não serei capaz de suportar.

— Você está errada em se chamar de um rosto, — disse ele. — Danificado ou não. — ele puxou algo do bolso, tirou a mão dela delicadamente de seu rosto e colocou a coisa em sua palma.

Um fino círculo de ouro.

— Se você acha que posso viver sem você, Srta. Windicott, — disse James. — você não me conhece.

DEZEMBRO 1942

Lenços

SE ALGUÉM pudesse escutar com o ouvido de um deus, naquele quarto escuro de hotel, nas horas antes do amanhecer, poderia ouvir o som úmido de deuses imortais segurando as lágrimas.

Hades mostra uma pilha de lenços. Até Ares pegar um.

Afrodite vira seus lindos olhos para o marido.

— Você vê? — ela pergunta. — Por que eu os invejo?

Ares enfia seu lenço usado atrás de uma almofada. — Quer dizer que você trocaria de lugar com ela?

— É fácil dar uma resposta para uma escolha que nunca será oferecida a mim. — diz ela. — Sim. Em menos de um batimento cardíaco, eu o faria.

O deus da guerra balança a cabeça. — Você é a deusa da beleza, — diz ele. — Por que você trocaria sua aparência – sua perfeição – pela mortalidade dela? Por suas cicatrizes?

Apolo e Hades trocam um olhar desesperado.

— Vemos o que somos capazes de ver. — diz Hades.

Ares revira os olhos. — Não seja enigmático. Eu já tive o suficiente disso.

Hefesto agarra os braços da cadeira e se prepara para se abaixar. No caso de Hades discordar do tom de Ares.

— Se você vê um rosto com cicatrizes — diz Apolo. — ou um amor que durará séculos, depende de você.

AFRODITE

Onzes — 1918 e Além

SEMANAS PASSARAM. O outono ficou mais frio e cinza, mas quatro jovens corações mal notaram.

E então, um milagre: a guerra acabou. O Kaiser abdicou, formou-se um novo governo alemão e os delegados alemães assinaram o armistício, às 11 horas da manhã do dia 11 de novembro: 11/11, 11 horas. A maioria dos soldados de ambos os lados da Frente apenas assistia à passagem da manhã, depois se virava e partia. Em alguns pontos, as hostilidades continuaram até o ponteiro dos minutos bater onze.

É necessário ser preciso ao matar, pelo que parece.

Demorou muito para a Força Expedicionária Americana enterrar seus mortos, fazer as malas e retornar aos Estados Unidos. Enquanto esperavam, a 369ª Divisão de Aubrey Edwards viajou para a Alemanha, tornando-se a primeira divisão Aliada a chegar ao Reno – algo que os Aliados acreditavam que poderiam fazer antes do final do verão de 1914. Ou até o Natal. Sempre, sempre, "até o Natal".



Quando eles não estavam ocupados, Aubrey passou um tempo em um hospital militar francês, visitando Émile. Este *poilu* havia perdido um braço na última semana de luta e

tinha quatro anos de xingamentos para lançar – não para seu ferimento, mas para o momento em que foi causado.

— Onde você estava, seu ferimento estúpido, quando eu poderia ter usado você para sair desta guerra miserável? — ele rugia. — Mas non, você ficou longe, me deixando saudável e forte, para que os alemães pudessem mijar em mim com suas munições e balas ano após ano, e agora, agora, quando finalmente acabou, *agora* você aparece?

Ele acenou com o coto para o céu.

— Enfermeira — Emílio dizia. — Traga-nos uma garrafa de vinho e um piano, para que meu amigo inútil aqui, com todos os *seus* dedos, possa dar-lhes um bom uso e tirar minha mente das minhas tristezas.

Émile era o grande favorito de todas as enfermeiras.

— Quem você está chamando de inútil? — perguntou Aubrey.

— Você, seu porco, — disse Émile. — Alguns de nós estão trabalhando duro aqui, tendo as unhas dos pés aparadas pelas enfermeiras e nossas nádegas enxugadas – por enfermeiras muito bonitas também – e você apenas fica sentado aí, como se não tivesse nada melhor para fazer do que rir de seu pobre amigo Émile, que te ensinou tudo o que você sabe.

— Bem, você me pegou, — disse Aubrey. — Depois de um ano de luta e semanas de reconstrução de estradas o dia todo e tocando jazz por toda a França, venho aqui apenas para provar o quão inútil sou.

— Eu sempre soube que você não prestaria — disse Émile. — Eu disse ao meu tenente: "Não me coloque com o pianista inútil, pelo amor de Deus", mas alguém ouve Émile? Ninguém ouve Émile.

Meia dúzia de enfermeiras estavam no corredor, rindo e ouvindo Émile.

— Vou morrer como um homem solitário — rugiu ele, acenando com o coto.

— Eu posso ver isso. — disse Aubrey.

— Enfermeira! — berrou Émile. — Traga-me aquele piano!

E um dia, as enfermeiras realmente o fizeram. Émile riu tanto que caiu da cama. Daquele dia em diante, os shows de Aubrey atraíram pacientes de todo o hospital, até que finalmente Émile se recuperou o suficiente para ser mandado para casa. Ao que parecia, uma das enfermeiras havia renunciado mais ou menos na mesma época e estaria viajando para casa com ele.

Ele agarrou Aubrey com uma mão e um coto e deu-lhe um beijo rápido em cada bochecha. — Você virá nos ver, meu amigo, — declarou ele. — E vamos vê-lo em Nova York. Somos irmãos, você e eu.

— Irmãos. — disse Aubrey.



James chegou em casa muito antes de Aubrey. Depois de uma parada em Chelmsford, ele foi para Poplar e ficou com seu tio para ficar o mais perto possível de Hazel. Ele a levou para jantar. Para museus e festivais de inverno e concertos de Natal. Para as lojas de chá J. Lyons.

— Minha mãe quer saber — James disse a ela uma noite, enquanto voltavam de uma peça para casa. — Se nos juntaremos a eles no jantar de Natal.

Os olhos de Hazel se arregalaram. A ceia de Natal, daqui a duas semanas, parecia bastante oficial. Mas nada era verdadeiramente oficial ainda. Pelo menos, não para ninguém além dela e James.

— Eu adoraria — disse Hazel. — Mas eu me sentiria péssima, deixando meus pais sozinhos.

Eles atravessaram uma rua movimentada. — Eles estão convidados, — disse James. — Quanto mais melhor.

— Perfeito! — Hazel sorriu. — Minha mãe vai passar o resto da temporada de férias se preocupando com o que

vestir.

— Eu estava pensando — James continuou. — Que deveríamos convidar Colette e Aubrey também. Se ele conseguisse alguma licença, eles poderiam vir passar o Natal aqui.

— Oh! Vou escrever para ela imediatamente. — disse Hazel. — Não. Vou enviar um telegrama.

James não havia terminado. — E então comecei a pensar — disse ele. — Que se vamos estar todos reunidos para a ceia de Natal, deveríamos matar dois coelhos com uma cajadada.

Hazel fez uma pausa para notar o extravagante chapéu laranja de uma mulher. — E comemorar o dia depois do Natal?

Sua resposta foi indiferente. — E fazer uma recepção de casamento.

Esquecido tinha sido o chapéu.

O queixo de Hazel caiu. Seus pés se recusaram a dar outro passo. — Você não está falando sério.

Ele assentiu. — Como o verme, — disse ele. — Eu estou em Dead Ernest.

Hazel não conseguiu nem repreendê-lo pela piada. Sua mente vacilou. Na sua cômoda em casa havia uma pequena travessa de bugigangas de porcelana. Dentro, escondido para o mundo, estava um anel de ouro. Às vezes, à noite, ela o colocava. Mas ela nunca o usou abertamente. Seus pais não sabiam que ele existia.

James estava diante dela, assistindo, esperando.

Hazel valorizava o anel e o amor que ele representava. Mas para sua mente, isso significava apenas que algum dia, algum dia distante, eles iriam, se James ainda se sentisse o mesmo, talvez, eventualmente… Ela não conseguia nem admitir a palavra. E agora...

— *Você quer se casar* — disse ela lentamente. — Em duas semanas.

Ele assentiu. — Só porque não consigo pensar em uma maneira respeitável de fazer isso mais cedo.

Como alguém deve se comportar em tal momento? Não, Hazel tinha certeza, como uma idiota radiante. (Ela estava errada, aliás.) Mas alguém, ela pensou, deveria manter a cabeça fria.

— O casamento é para sempre, James. — disse ela com firmeza.

— Essa é a questão.

Ela engoliu em seco. — Não somos um pouco jovens para isso?

Uma expressão de preocupação cruzou seu rosto.

— Você acha? — ele perguntou sério. — Depois desta guerra, sinto-me com cento e dois.

— Eu também. — ela sorriu. — Noventa e sete, pelo menos.

Ele passou os braços em volta dela, sussurrando perto de seu ouvido.

— Esperei uma vez para te beijar — disse ele — E quase perdi a chance. Esperei que a guerra acabasse antes de pedir que você se casasse comigo, e você quase morreu. — ele beijou sua testa. — Se a guerra me ensinou alguma coisa, é que a vida é curta. Não vou perder mais nada esperando por você.

— Eu não tinha ideia — disse ela. — De que você estava tão impaciente.

Você pode imaginar, tenho certeza, o que aconteceu a seguir. Eu, é claro, tive que assistir.

Eles demoraram muito a respeito disso. Mas, finalmente, a fala foi mais uma vez possível.

Ele cruzou os braços sobre o peito. — Você ainda não me respondeu, — disse ele severamente. — Ceia de Natal? Casamento de natal? O que vai ser, Srta. Windicott?

Ela deve encontrar uma maneira de atormentá-lo, só mais um pouco, primeiro. Então ela bateu o dedo no queixo.

— Agora, eu me pergunto *o que* devo colocar nas caixas do dia depois do Natal de Colette e Aubrey — ela meditou. — Devemos torná-lo divertido. Imagino que nenhum deles jamais tenha comemorado isso.

Ele deslizou seu braço pelo dela, e eles continuaram seu progresso pela rua. — Contanto que eles estejam lá no dia vinte e cinco, não me importo nem um pouco com o vinte e seis. — ele deu a ela um olhar significativo. — *Estaremos* ocupados de outra forma.



Aubrey conseguiu uma licença para viajar a Londres e levar Colette ao casamento. Ele tocava e ela cantava, e os amigos de James em Chelmsford ficaram maravilhados com o fato de ele ter feito amizade com tais luminares do jazz durante a guerra. Esses dois estavam indo a algum lugar.

Chelsmford parecia certo.

Hazel e James comeram o bolo e jogaram as flores, e encontraram um pequeno apartamento barato no segundo andar em Londres. Hazel mantinha vasos de flores nas janelas. James contraiu um músculo, lutando contra um piano espineta de segunda mão em uma curva na escada impossível. Para desgosto de seus vizinhos, eles adotaram um poodle.

Maggie vinha frequentemente nos fins de semana da faculdade de treinamento em administração. Colette veio quando podia fugir, até que a divisão de Aubrey partiu para os Estados Unidos.

Hazel dava aulas de piano para jovens e James conseguiu um emprego em uma empresa de engenharia. Eles queimaram o jantar e ficaram sem dinheiro e descobriram as coisas à medida que avançavam. Eles convidaram seus pais para irem tomar chá. Eles deram longas caminhadas no Hyde Park, lembrando.

Três anos depois de se casarem, Hazel deu à luz uma filha, Rose. Seus pais apaixonados a chamavam de Rosie.

James contraiu outro músculo, deslocando a espineta para uma superfície maior. Um ano depois, Rosie aprendeu a andar agarrando o cabelo do poodle e cambaleando ao lado dele.

E então, um dia, uma carta de aceitação chegou a James, da Bartlett School of Architecture, Universidade de Londres. Um novo apartamento era necessário mais uma vez, em uma parte diferente da cidade. Hazel aceitou mais alunos de piano e retomou seus estudos com Monsieur Guillaume.

Houve noites em que James acordou soluçando. Momentos estranhos quando uma luz piscando ou o escapamento do motor de um carro fez seu corpo tremer. Mas Hazel estava ali, para confortar e ouvir. Ela o incentivou a se reconectar com um dos médicos de Maudsley. Por fim, James ingressou e, por fim, liderou uma fraternidade de serviço para veteranos da Grande Guerra. Mais uma vez, os meninos de cáqui serviram juntos, cuidando uns dos outros. Ajudar os outros a lidar com a situação, como Colette aprendera anos antes, era uma boa receita.

No mesmo ano em que James se formou na escola de arquitetura, Hazel recebeu um envelope grosso pelo correio da Royal Academy of Music de Londres. Ela fez seu caminho através do programa de graduação, parando por um tempo quando seu segundo filho, um menino, Robert, nasceu.

James garantiu uma posição como arquiteto, e a espineta cresceu da noite para o dia e virou um baby grand de segunda mão.

Sempre que James perguntava a ela, provocativamente, se ela queria tocar no Royal Albert Hall, a resposta de Hazel era um firme não. Ele nunca entendeu por quê. Ela tocou em locais menores para públicos sortudos.

Algumas de suas colegas se perguntaram se suas cicatrizes prejudicaram sua carreira ou se a maternidade a atrapalhou. Hazel não ligou de ter uma colher de chá. Ela teve exatamente a vida que ela implorou.

Ela nunca ganhou prêmios importantes ou alcançou grande aclamação. Mas aqueles que a ouviram tocar reconheceram seu amor pela música e sua gratidão pela vida.

Seu maior fã era James.

Havia um tempo, em seu apartamento, quando a posição do piano significava que enquanto James brincava com a pequena Rosie e segurava o bebê Robby e observava Hazel tocar, ele via apenas o lado esquerdo do rosto dela. Ela se parecia com a garota que ele vira pela primeira vez no baile paroquial em Poplar.

Mas quando uma reorganização da mobília aconteceu, por um capricho, deixando o lado direito de Hazel em exibição, James decidiu que gostava ainda mais dessa vista. Ela era sua, de todos os ângulos. As cicatrizes eram um lembrete de que ela voltou.

Harlem Bound — 1919 e Além

ARES

OS TRIUNFANTES SOLDADOS SOBREVIVENTES vindos do Harlem marcharam em um desfile por toda a extensão da Quinta Avenida para uma recepção selvagem de boas-vindas. Nunca antes soldados negros desfilaram na cidade de Nova York. Marchando em perfeita sincronia, em formação reta, segurando cabeças e rifles no alto, ostentando orgulhosamente faixas e medalhas e dezenas de Croix de Guerre, eles deslumbraram a cidade. Famílias e namoradas lutaram e não conseguiram se manter nas calçadas. Eles romperam as fileiras e atacaram seus heróis de volta ao lar com abraços, beijos e bebês que alguns pais nunca tinham visto, exceto em fotos.

Eles marcharam todo o caminho até o arsenal onde se alistaram para serem processados para dispensa honrosa. A noite estava escura quando Aubrey finalmente deixou o arsenal. Ele mal podia esperar para chegar em casa.

AFRODITE

Mas sua casa tinha vindo buscá-lo. Sua mãe e seu pai, tio Ames, Kate, e até mesmo o velho e sonolento Lester,

emboscaram Aubrey quando ele saiu melhor do que qualquer patrulha alemã jamais conseguira.

Seis dias depois, Aubrey trouxe uma beleza belga para casa para o jantar de domingo.

E lá ela ficou. A família de Aubrey a amava. Sempre que Colette não estava fazendo testes para papéis como cantora de apoio em uma boate ou show de baixo orçamento, e sempre que Aubrey não estava tocando com a 15ª Banda do Exército de Nova York – o que aconteceu muito – eles praticaram e escreveram novas canções juntos.

APOLO

O tenente James Reese Europe tinha grandes planos. A fama de sua música e as lendárias façanhas de seus soldados fizeram de James Reese Europe um nome familiar. Ele organizou sessões de gravação para a banda criar faixas com a Pathé Records. Eles gravaram "Memphis Blues", de W. C. Handy, e suas próprias composições, "Castle House Rag", "Clef Club March" e seu maior sucesso de guerra, "On Patrol in No Man's Land". Europe programou a banda para uma turnê nacional, começando pelo nordeste. Os Aliados haviam vencido a guerra e agora Europe estava determinada a conquistar os americanos para seu novo som ousado. Onde quer que fossem, eles eram uma sensação. Aqui estava uma chance de mudar não apenas os gostos musicais, mas também as atitudes em relação à raça na América. Ou assim Jim Europe esperava.

HADES

Mas na noite do show de Boston, pouco antes de eles subirem ao palco, Steven Wright, um dos bateristas "gêmeos de Wright", ficou com raiva de Jim Europe por favorecer o outro baterista, segundo ele. Quando ele

protestou, Wright, ele próprio uma vítima do trauma pós-guerra, esfaqueou Europe no pescoço com um canivete. Europe instruiu Noble Sissle a prosseguir e conduzir o show enquanto ele foi ao hospital para curar o ferimento. Mas o corte abriu uma artéria e Europe morreu em poucas horas. Os Estados Unidos perderam um visionário do jazz à beira do que certamente se tornaria uma carreira lendária.

Aubrey pegou o trem de Boston para casa em perplexidade e descrença. Jim Europe ensinou-lhe tudo o que sabia sobre jazz. Ele recomeçou de onde o tio Ames parou e transformou Aubrey em um verdadeiro músico. Ele o manteve vivo em Saint-Nazaire depois que Joey morreu. E ele juntou suas peças quebradas em Aix-les-Bains. Ele seria o trem expresso que levaria Aubrey a grandes conquistas. E agora ele se foi.

James Europe foi o primeiro negro a receber um funeral público na cidade de Nova York. Milhares fizeram fila para prestar suas homenagens.

APOLO

Aubrey e Colette fizeram testes em clubes e restaurantes por toda a Nova York.

Os proprietários bateram as portas na cara deles ou sopraram nuvens de fumaça de charuto neles. Alguns lugares permitiam que tocassem dezesseis compassos de uma música, apenas para determinar que seus clientes não queriam música negra, mesmo que uma garota branca estivesse cantando. Muitos proprietários não gostavam de estrangeiros ou "negroes". Mesmo assim, Colette recebeu mais do que algumas ofertas obscenas para voltar mais tarde, sem Aubrey, para uma audição para papéis de um tipo diferente, e Aubrey era frequentemente informado de que a cozinha estava contratando ajudantes de mesa e lavadores de pratos se ele quisesse um dia trabalho

honesto. Ele nunca tocou em Colette na presença deles, mas foi avisado mais de uma vez para manter as mãos longe dela.

A rejeição teria sido demais para a maioria das pessoas. Era quase demais para eles. Até que, um dia, em um teste em que eles entraram sem muito entusiasmo, com a certeza de que era inútil, o dono de um café lhes disse: — Acho que posso usar vocês.



Eu gostaria de poder dizer que foi uma jornada tranquila a partir daí.

Eles montaram uma banda e tocaram algumas semanas naquele café, então o dono os cancelou depois de uma noite em que duas de suas trompas não apareceram. Mas outro dono de clube deixou cair um cartão de visita no frasco de gorjetas do piano de Aubrey.

O dinheiro era escasso. Os membros da banda discutiram e desistiram. O público amava a música ou a odiava. Colette atraiu comentários sarcásticos, e as mulheres a avisaram que ela não estava segura com homens negros.

Aubrey empurrou sua raiva de lado e escreveu novas peças. Quanto mais ele se apresentava, melhor ele compunha. Quanto mais ela cantava, mais ousada Colette ficava e mais colaborativa ela se tornava na escrita de letras e arranjos de músicas. Ela treinou com dançarinos e aprendeu o fox-trote.

Foi uma época agitada, caótica, louca e criativa. Aubrey voou alto. Colette estava mais feliz do que jamais esteve desde que a Alemanha invadiu a Bélgica. Ela sentia falta de Hazel e elas se escreviam fielmente, mas Colette estava longe de ser solitária. Ela adorava a mãe de Aubrey e sua irmã, Kate.

Então, 1920 chegou e a Lei Seca se tornou lei. Restaurantes e clubes sofreram. Alguns se tornaram clandestinos. A Era do Jazz começou para valer.

A banda de Aubrey e Colette cresceu, sua lista de músicas cresceu, sua reputação também e suas taxas de reserva aumentaram. Eles fizeram uma turnê pelo nordeste, e depois uma turnê pelo centro-oeste, e até mesmo uma turnê pela Costa Leste. Isso significava cidades do sul. Significava o Jim Crow South.

O agente de agendamento deles conseguiu shows principalmente em locais do sul, onde músicos negros eram bem-vindos. Mas havia ocasiões em que os gerentes os encontravam enquanto eles afinavam seus instrumentos, davam uma olhada neles e os mandava embora – a menos que alguém que não fosse Colette cantasse.

— Por aqui, — disse um empresário. — Nós gostamos de bandas brancas, e não nos importamos com bandas negras, mas uma dama branca cantando com uma banda negra? Você deve estar louco.

— Toque sem mim. — disse Colette a Aubrey.

— Sem chance, — ele disse. — Tocamos juntos ou não tocamos.

Eles perderam dinheiro com as reservas canceladas. Em outros shows, eles aprenderam a deixar o clube rapidamente, e todos juntos, pela porta da frente, apesar dos protestos dos proprietários. A porta dos fundos era o que os músicos negros deveriam usar. O problema era que um punhado de bêbados – proibido ou não – costumava esperar por eles do lado de fora da porta dos fundos.

— Eu lutei contra os hunos na França — Aubrey disse a Colette amargamente. — Isto é pior. Prefiro lutar contra os alemães do que tocar para os fanáticos. Em combate, você sabe quem é seu inimigo.

Eles voltaram ao Harlem para gravações em estúdio, álbuns e vendas de partituras. Logo eles tiveram seu

primeiro show no rádio. Nova York estava começando a saber seus nomes.

AFRODITE

— Temos um dia de folga no próximo sábado. — Aubrey disse a Colette uma manhã durante o café da manhã.

— Eu sei. — ela procurou a rima certa em um dicionário de inglês americano. — Esse seria um bom dia para procurar aquele terno novo que você está querendo comprar.

— Já comprei um, — Aubrey disse a ela. — Eu preciso disso para o sábado.

Ela bateu com o lápis na ponta do nariz. — *Romance, dance, chance, olhe...* O que mais há? — ela fez anotações. — Quando você comprou um terno?

— *Prance*.

— *Non, merci.*

— Então, — disse Aubrey. — Quer se casar no sábado?

A Sra. Edwards, espiando pela cozinha, prendeu a respiração e apertou todos os músculos de seu corpo. Ela nunca ouviu a resposta de Colette, mas podia muito bem imaginar. Não é a proposta romântica mais elaborada já inventada, mas não menos amorosa por isso. A Sra. Edwards imediatamente começou a planejar um menu. Deus, se aquele menino pudesse avisar a mãe um pouco mais! O bolo sozinho levaria dias para planejar.

MÚSICA DE SAÍDA

DEZEMBRO 1942

Argumentos Finais

— SUA HONRA, — Afrodite diz, de seu novo assento perto da lareira, onde ela esticou as pernas diante das brasas. — A defesa encerra sua apelação.

Sim, pensa Hefesto. *Lindamente.*

— Podemos parar com toda essa bobagem de tribunal falso? — diz Ares. — Isso deixou de ser uma prova antes mesmo de começar.

Apolo toca um riff em seu piano. "Frog Legs Rag" de James Sylvester Scott. — Como se você soubesse, — disse ele a Ares. — Você foi o único a ser julgado, deus. Você foi condenado por ser um idiota de classe A. Ou você nunca entendeu?

Os olhos de Hefesto vão para os de Afrodite.

— Todo o mal nessas duas histórias — diz Apolo a Ares. — foi obra sua. As perdas de Colette. Os traumas de James. As lesões de Hazel. Até as injustiças de Aubrey remontam à guerra. — ele franze a testa. — Por meio de intolerância, preconceito, escravidão e ódio. Mas ainda assim.

Ares se levanta majestosamente, apesar da malha dourada que o envolve. — Ele está certo, Deusa? — ele exige. — Você estava pregando uma peça em mim?

Afrodite sorri. — É uma boa teoria, Apolo. — ela diz a ele. — Não se iluda, Ares. Isso não era tudo sobre você. Embora Zeus saiba que sempre tem um dedo seu.

O alívio de Ares rapidamente se transforma em agravamento. — Olha, apenas me deixe sair daqui, certo?

— Se eu te soltar — pergunta Hefesto. — como vou saber que você não vai arrancar minha cabeça?

A voz de Hades reverbera com a autoridade do governante do submundo. — Ares vai se comportar — diz Hades. — Ou ele vai ter que responder a mim.

Hefesto parte a rede. Seu irmão emerge, cerrando os punhos. As veias ondulam ao longo de seu torso enquanto seus poderes irrestritos retornam. Ele bebe uma respiração exultante.

— Bem, estou indo, — diz ele. — Mas antes de eu ir… — ele hesita e se vira para Afrodite. — Deusa. A sua história. Depois que a guerra acabou. O que veio a seguir?

Ela está confusa. — A seguir?

— Para James e Hazel. — ele encolhe os ombros como se realmente não se importasse. — Para Aubrey e Colette.

— O que você quer dizer? — pergunta Afrodite. — Eles se casaram. Não é óbvio?

— Ambos os casais — diz Apolo. — felizes para sempre.

— Bem, — diz Hades. — Eu não usaria essas palavras.

A testa de Ares franze. — Por que não?

— A vida nunca é assim, — diz Hades. — Particularmente, há a guerra. Essa. A atual. Surgiu exatamente quando seus filhos – o de James e Hazel, e o de Aubrey e Colette – logo quando alcançaram a idade de alistamento.

— Mesmo? — Ares parece satisfeito. — Bom. Duas gerações em batalha. Vou ficar de olho neles.

Hades pega Afrodite com um olhar tenso.

— Para onde vamos agora, Ares? — ele pergunta.

O Deus da Guerra considera. — Eu preciso visitar o Pacific Theatre, — ele diz. — Conferir os últimos desenvolvimentos. Mas então, Bolinhos, estarei de volta ao Olimpo, esperando por você.

— Faça isso. — chama Afrodite. Hades olha para ela com curiosidade.

Ares desaparece com um estrondo como o disparo de uma metralhadora Paris. O rosto de Hefesto relaxa, quase imperceptivelmente. Sua inspiração soa como se fosse a primeira vez em que ele inspirava.

Afrodite se volta para suas outras duas testemunhas. — Obrigada a vocês dois — ela diz a eles, — por estarem aqui esta noite. E pela importância que dão ao meu trabalho.

Apolo se curva como um pianista de concerto. — Não há de quê, Deusa, — ele diz a ela. — Não perderia por nada. Amor e arte caminham juntos como barítono e contralto, tinta e tela, como o nascer do sol e uma atmosfera ardente. Sempre que você quiser contar uma história, eu assumo a trilha sonora.

Afrodite manda um beijo para ele. — Obrigado, Apolo. — ela acena com a cabeça em direção à janela. — O nascer do sol acena. Melhor se apressar.

— Sabe, Deusa, — Apolo diz, empurrando seus pés argilosos nas pontas de suas asas marrons e brancas. — deveríamos fazer uma colaboração. Produzir algo na Broadway, talvez?

Hefesto se volta para sua esposa. — Vocês realmente deveriam.

O queixo de Afrodite cai. — Eu… er…

— Entrarei em contato, — diz Apolo. — Podemos trocar ideias durante o almoço algum dia. — ele pisca para os dois. — Até mais tarde, vocês dois. — com um clarão do nascer do sol, ele se foi.

Hades se levanta e dissolve sua cadeira de aparência severa. Ele desaparece com um leve *pff.*

— Você me fez pensar, Lady Afrodite, — Hades diz. — Se não estava, eu mesmo, talvez, em julgamento esta noite.

Afrodite se levanta para uma postura ajoelhada, um olhar de consternação escrito em seu rosto adorável.

— Então eu falhei, meu senhor Hades, — ela disse a ele. — Em mostrar a devida gratidão. Você é minha coroa e minha glória.

Hefesto fica surpreso ao ver o que pode – ou não – ser uma lágrima nos olhos de Hades.

— Eu rabisco em gravetos e argila, — diz ela. — Você faz do meu trabalho um templo.

Hades se curva para a deusa do amor. — Por palavras tão graciosas — ele diz a ela. — Uma bênção, se estiver em meu poder concedê-la. O que você pediria de mim?

Afrodite aperta as mãos. — Se te agrada, — diz ela. — Cuide dos filhos deles nesta guerra. O de James e Hazel. O de Colette e Aubrey. Traga-os, eu imploro, em segurança para casa.

Hades acena com a cabeça. — Se os Destinos me permitirem, — ele diz a ela. — Eu vou. — sua sobrancelha escurece. — Se os Destinos não permitirem, teremos uma conversa, eles e eu.

Hefesto quase se preocuparia com os Destinos, mas eles são biscoitos velhos e duros.

— Eu prometo isso, — Hades continua. — Quando alguém destas famílias encontrar o seu caminho para mim, eu farei sua passagem indolor. De uma forma ou de outra, vou trazê-los em segurança para casa.

Ele desaparece, deixando marido e mulher sozinhos.

— Não é bem o que você esperava? — Hefesto pergunta a Afrodite.

Ela olha para as brasas cintilantes. — Nunca se consegue exatamente o que se esperava da Morte. — ela reflete.

Hefesto ri. — Quero dizer, contando sua história.

— Oh. — ela olha para o fogo. — Isso ainda está para ser visto.

Oh?

Hefesto estica as pernas tortas. Por mais divino que seja, a rigidez e as dores devem ser conhecidas. E ele está

sentado há muito tempo.

Por que ele fez isso? O que ele esperava realizar? Tudo parece tão embaraçoso. Tão completamente estúpido pensar que confrontando Afrodite e expondo sua infidelidade, ele poderia fazer qualquer coisa mudar. Ele tinha enlouquecido? O que poderia ter acontecido com ele?

E, no entanto, aqui está ela, ao lado dele. E durante todo seu longo conto, sua postura em relação a Ares parecia ser – o quê? Não o que Hefesto esperaria de uma deusa para seu amante.

— Acho que você está certa — ele diz a ela. — Sobre os olimpianos serem inadequados para o amor verdadeiro. Sobre a morte e a fragilidade serem essenciais.

Ela se inclina mais perto do fogo. — Dizemos que um edifício é feito de tijolo — diz ela — Mas é a argamassa, preenchendo as fendas, que mantém tudo unido. Isso fornece a força.

— A cicatriz — diz ele — Que torna um osso quebrado mais duro, mais forte do que era antes. — O único deus lançado do Olimpo quando criança para aterrissar em uma pilha despedaçada na terra sabe algo sobre isso. Seus ossos são de ferro.

Afrodite encosta a cabeça em uma almofada.

Ele é um deus. Ele a viu um trilhão de vezes. Mas sua beleza ainda o derrete. Sempre. Não menos por estar eternamente fora de seu alcance.

Ele foi completamente derrotado. Mostrado pela criança insignificante e ciumenta que ele é. Humilhado pela rede, que ele teceu – literalmente – para humilhar sua esposa traidora.

E, no entanto, ela ainda está aqui.

Ele decide tentar mais uma vez.

— Você diz que a perfeição limita você — diz ele. — Mas você não é tão perfeita quanto gostaria de deixar transparecer.

Suas sobrancelhas arquearam. — É isso mesmo?

— Sim, é. — ele vira os ombros tortos em direção a ela. — Por um lado, você tem péssimo gosto para homens.

O canto de sua boca se contrai. — Qual deles?

Meu irmão burro. — Todos eles, — diz ele. — Você escolheu uma série de vencedores. — ele encolhe os ombros. — Você se casou comigo, afinal, e eu não sou um espécime premiado.

Ela olha para a forma dele e olha para ele como se dissesse: *E?*

— Você é completamente mole no que diz respeito aos mortais — ele diz a ela. — Coração para fora. Vulnerável a tudo. Não gosto de dizer isso, mas você é sinônimo de nome no Olimpo. Investida demais, eles te chamam. Muito detalhista com os mortais. Isso estraga a sua calma. Distorce o seu julgamento.

Sua raiva aumenta. — Quem diz isso?

— Ah, você sabe. — ele encolhe os ombros. — O pessoal.

— Hermes, — ela diz sombriamente. — Ele vai ouvir de mim.

Se esta é sua tentativa de conquistá-la, está funcionando tão bem quanto sua última tentativa.

— Tudo o que estou dizendo — diz Hefesto, com o coração na garganta. — É que, se o amor exige estar quebrado, não se considere excluída. — ele engole em seco. — E você teria que pesquisar em toda parte para encontrar um deus mais quebrado do que eu.

Ela o encara. Seu sorriso de Mona Lisa não revela nada.

— O que você diz, Deusa? — ele pergunta a ela. — E quanto a mim?

Ela puxa os joelhos para perto e os envolve com os braços. — Eu digo que está na hora.

DEZEMBRO 1942

Está na Hora (Parte II)

HEFESTO arranha a cabeça desgrenhada. — *O que* você acabou de dizer?

— Você não tem ideia. — sua voz chega a um tom de repreensão. — Há anos venho tentando fazer com que você me ofereça isso. Me ofereça *você.*

Ele pisca em descrença.

— Como eu sofri durante aqueles encontros horríveis com seu irmão estúpido e arrogante. — ela revira os olhos. — Certifique-se de posar estrategicamente para a câmera de Hermes. *Ffaugh*.

Hefesto acha que a sala pode ter começado a girar.

Afrodite se estende na lareira. — Ele é *tão chato,* — diz ela. — Pensei em começar a roer as unhas. E eu *nunca* faria isso.

— Você… *Me…* desejava?

— Você nunca me quis, — Afrodite diz. — Você é o único deus que não fez isso. Então Zeus me gruda em você como um selo postal. Tudo bem, você diz a si mesmo, eu vou tomar uma esposa, se for preciso. Mas você nunca *me* escolheu. Você! O único deus com meio cérebro e um quarto – ah, digamos um terço – do ego olímpico típico.

— Meio cérebro? — ele chora. — Um terço de…

— Mas você se ressentiu de mim, — chora Afrodite. — Fui um lembrete embaraçoso de que você era – o quê? O

caso de caridade do Olimpo? Você tinha certeza de que eu nunca poderia te amar. Então você me excluiu.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? — ele ruge. — Tudo que eu queria…

— Você estava disposto a ter uma *esposa* — diz ela. — se Zeus o obrigasse. Mas você nunca *me* conheceu. — ela enfia uma lenha no fogo. — Você sabe o quão duro eu trabalhei para ter certeza de que você sabia que Ares e eu estaríamos aqui esta noite? Esta pequena provação levou *meses* para ser feita.

Hefesto se pergunta se ele está sonhando. Alucinando. Perdendo sua mente.

— Meses para ser feita? — ele chora. — *Eu* planejei isso.

Ela dá um tapinha no joelho dele. — Sim, querido.

Ele desvia o olhar. Ele não sabe se ri ou quebra uma janela.

— Então, realmente fui eu, que estava em julgamento, — diz ele lentamente. — Em julgamento por ser incapaz de amar.

— Não, seu traseiro desabrochado, — ela chora. — Você está acusado de *ser* capaz de amar. E de ser amado. Se você pudesse olhar para mim por uma vez e saber quem eu sou.

O deus do fogo flexiona os dedos. Nada faz sentido. Isso tudo é um sonho estranho.

— Você não deve ter ideia do quanto eu olho para você, Deusa, — ele diz a sua esposa. — Eu digo a mim mesmo, posso parar a qualquer hora.

Ela se levanta, uma deusa furiosa em sua ira total, e os lustres começam a tremer. — Então *por que você nunca percebeu?* Você não vê o quanto estou tentando te dizer? Você poderia me conhecer, se você tentasse. Eu te amaria, se você me deixasse.

Nem mesmo Poseidon, o senhor dos terremotos, poderia fazer Hefesto se sentir mais vacilante.

O espelho atrás de Afrodite mostra sua cabeça calva, sua barba eriçada, sua forma torta. Suas mãos nodosas, chamuscadas e marcadas por uma eternidade em sua forja vulcânica.

— Você se sentiria melhor — ela pergunta. — Se eu assumisse uma aparência diferente? Algo um pouco mais – digamos – na média?

Hefesto engole. — Tudo bem, — ele diz a ela rapidamente. — Devemos ser capazes de, er, ser nós mesmos um com o outro.

Afrodite bufa. Ela cobre o rosto com a mão e dá uma risadinha. Apesar de tudo, Hefesto também começa a rir.

A risada morre. Depois de tudo o que foi dito, a cabeça do pobre Hefesto jaz em fragmentos no chão. Ele se sente tímido agora, ao lado de sua esposa. O casamento era mais simples, ele percebe, quando o plano de jogo era "apanhar ela na rede".

— Então, isso foi tudo culpa sua.

— Você mesmo disse — ela diz. — Eu sou boa no que faço.

Ele balança a cabeça. — Eu ainda não vejo como eu pegando vocês dois juntos faria…

— Eu precisava mostrar a você como é o amor — ela diz a ele. — A reação de cada um de vocês revelaria a qualquer pessoa com cérebro de peixinho dourado qual de vocês dois tem um coração amoroso.

— O cérebro de um peixinho dourado. — ele ecoa.

Entre as cortinas, a luz do sol rosa e dourada irrompe. Seu conto de uma noite inteira não impediu Apollo de servir outro nascer do sol de tirar o fôlego. Feito sob medida, Hefesto pensa, para um casal apaixonado. Ele espera que em algum lugar os Alderidges e Edwards também o vejam.

— Então, o que acontece a seguir? — ele diz longamente.

Ela pisca para ele, uma piscadela que, por si só, derreteria exércitos inteiros. — Poderíamos nos encontrar alguma manhã — diz ela. — Para um chá e bolo de limão.

Hefesto se levanta e estende a mão. Ela a pega e se levanta.

Agora? Hefesto se pergunta. *Agora* é a hora certa? Ele esperou por este momento, tempo demais.

Afrodite o ajuda. É o que ela faz de melhor, pelo que é famosa.

Beijos aos bilhões acontecem todos os dias, mesmo em um mundo solitário como o nosso.

Mas este é um beijo que para sempre será lembrado.

NOTA HISTÓRICA

Lovely War é uma obra de ficção, mas vários personagens são reais, e a linha do tempo dos eventos da Grande Guerra retratados é real. Os soldados rasos da Força Expedicionária Britânica (B.E.F.) e os sargentos nomeados são fictícios, mas os oficiais superiores nomeados são reais. Para mais informações sobre o destino do Quinto Exército, procure por *O Quinto Exército em março de 1918,* de Walter Shaw Sparrow.

James Reese Europe, compositor e maestro da Clef Club Orchestra e primeiro-tenente da 15ª Guarda Nacional de Nova York (mais tarde 369ª Infantaria dos EUA), ajudou a despertar o amor da França pelo jazz, junto com outros maestros de bandas do exército negro. Durante seu tempo em Aix-les-Bains, ele brincou sobre nunca dormir, mas ficar acordado todas as noites para copiar “três milhões de notas” enquanto arranjava novas partituras. (Achei que seria divertido adicionar Aubrey como seu ajudante não creditado.)

Europe subiu ao estrelato junto a Vernon e Irene Castle, super-celebridades da dupla de dança branca dos anos anteriores à guerra. Eles dançaram a música de Jim Europe, usando versões de danças afro-americanas que ele havia ensinado. Eles foram fenômenos globais, criadores de tendências e ícones de estilo, ajudando a trazer a música e a dança afro-americana para o mundo em maior escala.

A energia criativa e o talento ilimitados de Europe certamente teriam feito James Reese Europe um nome

familiar se sua vida não tivesse sido tragicamente interrompida em 9 de maio de 1919, por um ataque não provocado de um baterista descontente, provavelmente sofrendo de trauma pós-guerra. Para saber mais sobre sua notável vida, liderança e música, sugiro *A Life in Ragtime: A Biography of James Reese Europe,* de Reid Badger.

O capitão Hamilton Fish III, capitão da Companhia K, era uma estrela do futebol americano de Harvard e filho de uma família rica com raízes profundas na história e na política americana. Após a Grande Guerra, Hamilton Fish III foi eleito para a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, onde serviu por décadas, um defensor ferrenho dos veteranos e soldados, e da paz.

Usei os nomes reais de vários membros da Banda do Exército, incluindo Pinkhead Parker (saxofone), Alex Jackson (tuba) e Luckey Roberts (piano). Jesús Hernandez (clarinete) foi um dos vários trompistas de Porto Rico recrutados por Jim Europe para completar sua orquestra. Noble Sissle (bateria principal, vocal) passou a liderar uma banda. Seu talento e charme são capturados em vídeos disponíveis online. Sissle era um dos amigos mais próximos de Europe, junto com o lendário compositor de jazz e pianista Eubie Blake. (Blake afirma que foi Europe quem cunhou o termo "show" para descrever um evento para o qual um músico é contratado.)



Os eventos envolvendo a orquestra do Clef Club e os soldados Harlem são todos retirados de fontes históricas, começando com o Carnegie Hall “Concerto de Música Negra”, e até o desfile da vitória marchando pela Quinta Avenida. Suas experiências de perseguição em Acampamento Dix, Acampamento Wadsworth, Saint-Nazaire e Aix-les-Bains foram retiradas do registro

histórico. (Um pós-escrito leve sobre o concerto do Carnegie Hall: algumas das minhas fontes disseram que dez pianos verticais foram usados na orquestra. Outros clamaram que era *quatorze.* Eu escolhi o número menor, embora este possa ser o único livro impresso que afirma dez pianos em um estágio para ser "o número menor".)

MILITARES NEGROS NA GRANDE GUERRA

A história da contribuição da América no último ano da Primeira Guerra Mundial é de sacrifício, valor e honra. Mas não é uma história de heroísmo puramente branco. A vergonhosa verdade de como militares negros que arriscaram tudo por seu país sofreram ódio generalizado, traição e violência *de seu país* é uma parte crucial da história..

TA 369ª infantaria dos EUA não foi o único regimento negro a ver o combate na Grande Guerra. Dos quase 400.000 soldados americanos negros que serviram, 200.000 foram enviados para a Europa e, deles, aproximadamente 42.000 lutaram. Os demais trabalharam como estivadores, coveiros, construtores de estradas e ferrovias e outros trabalhadores pesados, no ramo militar conhecido como SOS (Serviço de Suprimentos). Soldados do SOS negros eram maltratados cruelmente, trabalhavam da manhã à noite, sete dias por semana, muitas vezes recebendo o mínimo de comida, roupas ou moradia. Eles enfrentaram brutalidade, humilhação e lembretes violentos de que deveriam se curvar à autoridade branca; e que restaurantes, lojas, vagões de trem e, acima de tudo, a sociedade branca, especialmente as mulheres brancas, eram proibidos. Um soldado SOS descreveu seu tratamento como sendo "no espírito da escravidão".*

A LONGA NOITE ESCURA

Com o início da Grande Guerra, a supremacia branca na América estava tendo seu apogeu pós-Guerra Civil. A América Branca, há muito marcada pela amargura e divisões da Guerra Civil, estava cansada de permanecer adversária, Norte contra Sul. As oportunidades políticas, econômicas e culturais possíveis para sanar a brecha entre o Norte e o Sul eram tentadoras demais para deixar de lado. A segregação, seja avidamente abraçada ou discretamente negligenciada, tornou-se o compromisso que lubrificou uma reunificação nacional dos interesses políticos e econômicos do norte e do sul, às custas dos direitos legais, civis e humanos dos negros americanos.

Ativistas negros descreveram o período entre 1890 e a Grande Guerra como "a longa noite escura". Com a decisão de 1896 em que *Plessy vs. Ferguson* que legalizou instalações "separadas, mas iguais", a segregação, agora legalmente abençoada, logo se infiltrou na vida americana. Escolas, trens, ônibus, restaurantes, teatros, locais de trabalho, igrejas e espaços cívicos foram segregados em ambos os lados da linha Mason-Dixon.

A supremacia branca não era a visão de apenas uma franja estreita e odiosa; era onipresente, consagrada na Casa Branca com a eleição de Woodrow Wilson em 1912, o primeiro democrata do sul eleito desde James Polk em 1844. Como presidente de Princeton, Wilson havia bloqueado todas as inscrições de negros na universidade. Como presidente dos Estados Unidos, Wilson ocupou seu governo com democratas do sul, que demitiram e rebaixaram trabalhadores negros, segregando o serviço postal e o Departamento do Tesouro. Essas políticas ajudaram a aprovar as leis de segregação residencial nas legislaturas dos estados do sul.

A supremacia branca baseava-se – e ainda se baseia – na ganância, especificamente, o desejo de enriquecer com

trabalho gratuito ou barato ou recursos roubados, ou para reduzir a competição por empregos e privilégios suprimindo a elegibilidade de outros grupos; nos temores do poder político negro nas urnas; no medo da força da resistência negra armada; e, principalmente, no medo de contaminar a “pureza” da raça branca por meio do cruzamento. Baseava-se, portanto, no sexo tanto quanto em dólares, leis, votos e armas. Os negros “degenerados” tinham que ser mantidos longe das mulheres brancas e de circunstâncias que mostrassem seu intelecto, capacidade, caráter, força, determinação, bravura e ambição.

Onde melhor demonstrar essas qualidades admiráveis do que por meio do serviço militar? Os negros americanos, ansiosos por provar que a América negra poderia produzir cidadãos e soldados exemplares, acorreram à Grande Guerra, vendo nela uma grande oportunidade. Em contraste, a América supremacista branca – a América com controle total das rédeas do poder político – viu homens negros armados treinados em combate efetivo como seu pior pesadelo.

EXPORTANDO JIM CROW

Os militares da supremacia branca assistiram alarmados enquanto os franceses relativamente igualitários abraçavam os soldados negros como irmãos de armas, temendo que isso os “estragasse” e desestabilizasse ainda mais o “problema racial” na América. O Exército dos EUA proibiu os soldados negros de interagir com mulheres brancas no exterior, mas as mulheres locais receberam bem sua companhia.

Finalmente, em desespero, oficiais do Exército dos EUA induziram seus homólogos franceses a distribuir um memorando aos oficiais militares franceses intitulado “Informações Secretas Sobre Tropas Negras Americanas".

W. E. B. du Bois publicou-o na revista NAACP, *Crisis,* em 1919. Abaixo estão alguns trechos ilustrativos.

> …o público francês acostumou-se a tratar o negro com familiaridade e indulgência.
>
> Americanos… temem que o contato com os franceses inspire nos negros americanos aspirações que para eles [os brancos] parecem intoleráveis…
>
> Embora cidadão dos Estados Unidos, o negro é considerado pelo americano branco como um ser inferior com o qual só são possíveis relações de negócios ou de serviço. O negro é constantemente censurado por sua falta de inteligência…
>
> Os vícios do negro são uma ameaça constante para o americano, que deve reprimi-los com severidade. Por exemplo, as tropas negras americanas na França, por si mesmas, deram origem a tantas reclamações por tentativa de estupro quanto todo o resto do exército…*

As acusações difamatórias sobre o estupro eram totalmente falsas.

Para seu crédito, quando o alto comando militar francês soube do memorando, ordenou que fosse recolhido e queimado. No final da guerra, o Exército francês honrou prodigamente as contribuições dos soldados americanos negros, e da 369ª em particular.

AS BOAS VINDAS DOS HERÓIS

Quando a guerra terminou em 1918 e os soldados negros voltaram para casa, seu evidente orgulho, respeito próprio e confiança enfureceram os supremacistas brancos do sul.

Os linchamentos aumentaram em 1919. Os veteranos negros da Grande Guerra eram alvos frequentes e muitos mais foram espancados, ameaçados e abusados. Alguns enfrentaram violência simplesmente por aparecerem publicamente de uniforme.

As condições não melhoraram materialmente para a maioria dos negros americanos que serviram; para muitos, a reação agressiva tornou as coisas insuportáveis. Mas, para o bem e para o mal, os soldados negros que voltavam da guerra não eram mais idealistas. Eles voltaram para casa confiantes, zangados e determinados; prontos para se organizarem e exigirem direitos legais e cívicos. Quando a Segunda Guerra Mundial aconteceu, vinte e cinco anos depois, um milhão de soldados negros serviram. Vinte e cinco anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Civil Rights Act (1964), Voting Rights Act (1965) e Civil Rights Act de 1968, conhecido como Fair Housing Act, foram aprovados. A luta pela liberdade apesar da violência e opressão tornou-se parte do contexto geracional do qual emergiram os heróis dos direitos civis.

Para saber mais sobre militares negros durante e após a guerra, recomendo o extraordinário trabalho F*reedom Struggles: African Americans and World War I*, de Adriane Lentz-Smith. Para uma visão mais detalhada dos soldados do Harlem, veja *A More Unbending Battle: The Harlem Hellfighters 'Struggle for Freedom in WWI and Equality at Home,* de Peter N. Nelson; *e Harlem's Hell Fighters: The African-American 369th Infantry in World War I,* de Stephen L. Harris.

Um documentário de 1977, *Men of Bronze: The Black American Heroes of World War I,* dirigido por William Miles, então o historiador oficial da US 369ª, apresenta imagens originais dos Harlem Hellfighters, junto com entrevistas com o Capitão Hamilton Fish III e outros sobreviventes do regimento. Os assassinatos em Saint-Nazaire de homens da 15ª Guarda Nacional de Nova York

(como eram então chamados) por fuzileiros navais, seguidos de assassinato por retaliação, são descritos nessas entrevistas.

Muitos relatos mostram a horrível realidade de como todos os negros americanos, do norte e do sul, foram tratados pela América branca durante o início do século XX. Achei *Black Boy: A Record of Childhood and Youth*, a autobiografia de Richard Wright (também o autor de Native Son), um relato fascinante do estrangulamento do ódio racial durante os anos de guerra e nas décadas que se seguiram.

MULHERES E A 1ª GUERRA MUNDIAL

A Grande Guerra teve um impacto reverberante nas mulheres, especialmente no Reino Unido, onde uma grande porcentagem de homens foi colocada a serviço do esforço de guerra. Antes da guerra, leis e atitudes rigorosas mantiveram as mulheres britânicas de classe média e alta dentro de esferas restritas, em grande parte domésticas. As mulheres da classe trabalhadora eram empregadas principalmente como empregadas domésticas, ganhando pouco. Algumas mulheres trabalhavam em fábricas, em condições terríveis, com salários de que mal podiam viver.

Quando a guerra estourou na Europa, milhões de britânicos foram para o exterior. Cada setor agora enfrentava uma terrível crise de trabalho: agricultura, pregação, ensino, trabalho administrativo, entretenimento, atletismo profissional, manufatura, medicina, transporte e muito mais. De repente, as mulheres estavam operando trens, dirigindo caminhões e ambulâncias, trabalhando em fábricas, ajudando em hospitais e até realizando cirurgias. Mulheres de todos os degraus da escada socioeconômica subiram para "fazer a sua parte". Mulheres ricas

organizaram instituições de caridade e organizações de socorro para refugiados belgas, para feridos de guerra, para viúvas e órfãos. Elas abriram hospitais e contrataram médicas e enfermeiras para atendê-los. Mulheres jovens se juntaram ao Exército Terrestre Feminino e se mudaram para o campo para cultivar alimentos de necessidade urgente. A Cruz Vermelha empregou milhares de enfermeiras e auxiliares de enfermagem. A Young Men's Christian Association (YMCA) recrutou voluntárias e secretárias para as cabanas de socorro. Incontáveis milhares de mulheres deixaram a servidão doméstica e aceitaram empregos de produção de guerra com melhores salários em fábricas, produzindo milhões de projéteis de artilharia. Para um relato envolvente, atencioso e às vezes hilário de como as mulheres se esforçaram para "fazer sua parte" em todos os aspectos da vida britânica, recomendo *Fighting on the Home Front: The Legacy of Women in World War One* de Kate Adie.

Grande parte da sociedade ficou horrorizada ao ver as mulheres no local de trabalho, expostas aos vícios mundanos. Um ansioso elemento tradicionalista da sociedade insistia que esse estado de coisas "antinatural" era temporário; assim que a guerra terminasse, as mulheres abandonariam seus empregos e voltariam à vida doméstica, cedendo empregos aos homens. Em grande medida, foi isso que aconteceu.

Mas a capacidade das mulheres foi comprovada, expondo a falácia da crença de que as mulheres eram muito frágeis, emocionais ou pouco inteligentes para a vida política. Quando a guerra terminou, o Parlamento britânico aprovou a "Lei da Representação do Povo de 1918", concedendo sufrágio (direitos de voto) a todos os homens, independentemente da propriedade, e a todas as mulheres com mais de trinta anos, com requisitos mínimos de propriedade. Em 1920, a Décima Nona Emenda da Constituição dos Estados Unidos concedeu às mulheres

americanas o direito de voto. Em 1928, o Parlamento estendeu a Lei de Representação do Povo, concedendo sufrágio a todas as mulheres com mais de 21 anos, em igualdade de condições com os homens. (Precisou do final da Segunda Guerra Mundial para que a França concedesse o voto às mulheres em 1944.)

Para um comovente relato de uma jovem enfermeira de guerra que se tornou ativista pela paz e pelos direitos das mulheres, recomendo *Testament of Youth* de Vera Brittain. Este amado livro de memórias é um dos maiores relatos de mulheres da Primeira Guerra Mundial. Uma adaptação para o cinema da BBC/Heyday Films de 2014, estrelada por Alicia Vikander e Kit Harington, retrata lindamente a essência do livro.

Mulheres americanas também se voluntariaram em grande número, incluindo mulheres afro-americanas. *Two Colored Women with the American Expeditionary Forces,* de Addie W. Hunton e Kathryn Magnolia Johnson, é um relato em primeira mão que fornece um olhar franco sobre a perseguição enfrentada e o trabalho inspirador realizado por mulheres que serviram como voluntárias da YMCA no acampamento Lusitânia “Cabana negra” em Saint-Nazaire.

IMPACTO DA 1ª GUERRA MUNDIAL

A Primeira Guerra Mundial foi a primeira guerra a usar aeronaves para vigilância e combate de forma significativa, e a primeira guerra em que submarinos foram usados com grande efeito. Os tanques foram inventados durante a Grande Guerra – um projeto dirigido por Winston Churchill – na esperança de estourar as crateras e arame farpado da terra de ninguém para penetrar nas linhas inimigas. Por terra, mar e ar, uma forma inteiramente nova de guerra foi travada, usando canhões de campo de artilharia pesada,

capazes de bombardear alvos a dezenas de quilômetros de distância. Embora as armas nucleares e os mísseis inteligentes ainda não tivessem aparecido, a Primeira Guerra Mundial nos deu uma guerra moderna como a conhecemos agora.

Os avanços médicos surgiram a partir do tratamento das milhões de vítimas da guerra. O armamento moderno criava ferimentos terríveis e debilitantes, mas as inovações em próteses e cirurgia reconstrutiva trouxeram a muitos um aumento da qualidade de vida. Máscaras faciais protéticas, embora de aparência estranha, escondiam ferimentos faciais horríveis e conferiam dignidade e privacidade a seus usuários.

Lesões menos prováveis de serem vistas, mas não menos debilitantes para muitos, eram mentais e emocionais. Foi só mais tarde na guerra que o impacto contundente das explosões próximas ao cérebro foi melhor compreendido. Demorou ainda mais para que a devastação psicológica da guerra de trincheiras fosse vista como um ferimento de guerra e não mera covardia ou fraqueza. As manifestações de “choque da bomba” variaram de tremores incontroláveis, a recusa de retornar ao combate, a comportamento errático, suicídio, pesadelos, gritos, depressão, ansiedade e comportamento violento. Hospitais como o de Maudsley aumentaram em número e expandiram suas instalações de saúde mental, projetando-as com conforto, terapia, reabilitação e gerenciamento de medicamentos em mente. Paredes rosa e tratamento amigável e alegre foram inovações. Embora o mundo tivesse, e ainda tenha, um longo caminho a percorrer para compreender, tratar e desestigmatizar a doença mental, é inspirador ver quais ganhos foram feitos em nome da compaixão e simpatia por aqueles que sofreram de maneiras que, não muito antes, teria sido desprezado como covarde ou "pouco masculino".

UMA GUERRA DOS VELHOS COMO CONSEQUÊNCIA AOS JOVENS

Homens mais velhos tomaram as decisões que empurraram o mundo para a guerra no verão de 1914, mas foram principalmente os jovens que suportaram o fardo da guerra. Inúmeros jovens mentiram sobre sua idade e se alistaram na adolescência.

Ao longo da guerra, os soldados que viram vidas perdidas em uma carnificina fútil e sem fim, sem nenhum ganho perceptível, ficaram cada vez mais desiludidos com os líderes de meia-idade que derramavam sangue jovem como água da segurança de suas cadeiras de encosto de couro. A disparidade entre o sangue e a sujeira das trincheiras e a imagem de honra heróica conjurada pela propaganda de guerra causou uma crise de fé – religiosa e patriótica – para milhões.

Poetas e artistas nas trincheiras usaram a arte para criticar essa guerra aparentemente travada pelos velhos como consequência aos jovens. As obras de Wilfred Owen, Siegfried Sassoon, Robert Graves, Ivor Gurney, Alan Seeger e Edward Thomas, e até mesmo a poesia de guerra idealista de Rupert Brooke, permanecem como memoriais à juventude e à inocência perdida para sempre, ao lado de obras de escritores conhecidos e poetas como Thomas Hardy, Ezra Pound, Rudyard Kipling, William Butler Yeats, Carl Sandburg, Ernest Hemingway e Gertrude Stein. Mulheres que trabalhavam na Frente, entre elas Vera Brittain, autora de *Testament of Youth*, contribuíram com poesias impressionantes para o cânone de guerra. A Poetry Foundation compilou uma coleção notável de poesias da Primeira Guerra Mundial em seu site. É brilhante, amargo e comovente.

Para memórias e relatos fictícios da vida na Frente de soldados que lutaram lá, recomendo os clássicos perenes

All Quiet on the Western Front, de Erich Maria Remarque, e *Good-bye to All That*, de Robert Graves.

As causas e provocações que levaram o mundo a uma guerra tão devastadora não são facilmente destiladas; talvez por essa razão, a Primeira Guerra Mundial permanece menos compreendida do que a Segunda. Para relatos eminentemente legíveis de como entramos em tal confusão global, recomendo as obras altamente aclamadas *The Guns of August,* de Barbara W. Tuchman, e *The War That Ended Peace,* de Margaret MacMillan.

EM MEMÓRIA

Pesquisar e escrever *Lovely War* me fez amar esses soldados, esses Tommys e Poilus e Doughboys e Anzacs e Jerrys que lutaram e morreram na Frente Ocidental porque não tinham escolha. Mas foi só depois de viajar para a França e a Bélgica, visitando trincheiras preservadas e túneis subterrâneos, crateras de conchas ainda cavadas, monumentos de tirar o fôlego, museus de guerra e fileiras e mais fileiras de lápides intocadas – testemunhando a fidelidade da Europa à sua memória – que comecei a vislumbrar o verdadeiro custo desta guerra. Eu nunca vi nada parecido. Sepulturas cuidadas com amor e marcadas com “Soldado galês, conhecido apenas por Deus” partiu meu coração.

Um tema frequente nos escritos dos homens da Frente era sua admiração em como, sobre a terra devastada e destruída pelos campos de morte, um pôr do sol glorioso ainda poderia pintar o céu, ou o frescor do orvalho e do canto dos pássaros ainda poderia tornar doce a manhã. Até nas trincheiras. Apesar de todo o seu horror e desespero, para muitos, a Grande Guerra aguçou a vida, mostrando-a pelo breve e fugaz presente que foi, e revelando o lar, a

liberdade, a segurança, a família, a beleza e o amor como preciosos inestimáveis.

Muitos nunca voltaram da guerra. Outros voltaram, mas nunca mais foram os mesmos. Outros ainda voltaram ao preconceito e ódio que a história ainda não deixou firmemente no passado. Eles pagaram um preço.

Seus filhos pagaram um preço semelhante na guerra global que se seguiu./p>

Temos uma dívida.

Como poderia ter sido o século vinte se Gavrilo Princip, de dezenove anos, não tivesse conseguido assassinar o Arquiduque da Áustria-Hungria Franz Ferdinand em um desfile de junho em Sarajevo em 1914? Possivelmente alguma outra faísca teria acendido o mesmo fusível. Possivelmente não. Não podemos saber.

Mas podemos escolher usar todos os meios que estão ao nosso alcance para ser agentes de cura, esperança, justiça, abundância e paz.

BIBLIOGRAFIA

Adie, Kate. *Fighting on the Home Front*: *The Legacy of Women in World War One.* London: Hodder & Stoughton, 2013.

Badger, Reid. *A Life in Ragtime: A Biography of James Reese Europe*. New York: Oxford University Press, 1995.

Brittain, Vera. *Testament of Youth*: *An Autobiographical Study of the Years 1900–1925*. New York: Penguin Books, 2005. Primeiro publicado em Great Britain em 1933 por Victor Gollancz Limited.

Graves, Robert. *Good-bye to All That: An Autobiography*. London: Penguin Books, 2008. Primeiro publicado no Reino Unido em 1929 por Anchor.

Harris, Stephen L. *Harlem's Hell Fighters: The African-American 369th Infantry in World War I*. Washington, DC: Potomac Books Inc., 2003.

Hunton, Addie W., and Kathryn Magnolia Johnson. *Two Colored Women with the American Expeditionary Forces*. Brooklyn: Brooklyn Eagle Press, 1920.

Lentz-Smith, Adriane. *Freedom Struggles: African Americans and World War I*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

MacMillan, Margaret. *The War That Ended Peace: The Road to 1914.* New York: Random House, 2013.

Miles, William (director). *Men of Bronze: The Black American Heroes of World War I.* 1977.

Nelson, Peter N. *A More Unbending Battle: The Harlem Hellfighters' Struggle for Freedom in WWI and Equality at Home*. New York: Basic Civitas, membro do Perseus Books Group, 2009.

Remarque, Erich Maria. *All Quiet on the Western Front*. Toronto: Little, Brown & Company, 1929.

Sparrow, Walter Shaw. *The Fifth Army in March 1918*. London: John Lane, 1921.

Tuchman, Barbara W. *The Guns of August: The Outbreak of World War I*. New York: Random House, 2014. Originariamente publicado por Macmillan, 1962.

Wright, Richard. *Black Boy (American Hunger): A Record of Childhood and Youth*. New York: Harper Perennial, 2006. Originariamente publicado em 1945 por Harper & Brothers.

AGRADECIMENTOS

A GUERRA PARA ACABAR COM TODAS AS GUERRAS não correspondeu às expectativas. Não acabou em um mês. Não acabou no Natal. Não foi gloriosa e certamente não impediu uma guerra futura.

Aqueles que me apoiaram na escrita deste livro, no entanto, superaram todas as expectativas.

Meu primeiro rascunho deveria terminar no Natal. Não terminou. Mas quando finalmente aconteceu, minha editora, Kendra Levin, escalou destemidamente o parapeito para a terra de ninguém daqueles primeiros rascunhos, tempo após tempo ingrato. Deveria haver uma medalha de serviço distinto para coragem editorial. Eu iria mais longe e faria a entrada para a nomeação de Kendra para a Victoria Cross

Minha agente, Alyssa Henkin, e meu editor, Ken Wright, defenderam este projeto desde o início. Espero sempre viver de acordo com sua fé em mim.

Toda a equipe da Penguin Young Readers abraçou *Lovely War*. Regina Hayes e Dana Leydig forneceram uma visão excelente dos primeiros rascunhos. Eu não poderia fazer nada sem Janet Pascal. Agradecimentos especiais a Kaitlin Severini por seus esforços meticulosos. Kim Ryan leva meu trabalho ao redor do mundo. Marisa Russell traz meu trabalho para o sol e Carmela Iaria o coloca nas mãos certas. Samira Iravani e Jim Hoover tornam meus livros

lindos, e Jocelyn Schmidt e Jennifer Loja tornam tudo isso possível.

Tenho a sorte de ter os primeiros leitores que compartilharam seu tempo e ideias de forma tão generosa. A Nancy Werlin, Debbie Kovacs, Kelly Anderson, Alison Brumwell, Kyle Hiller, Hannah Gómez, Herb Boyd e Luisa Perkins, obrigado por deixar sua marca nesta história.

Eu orei em cada página, e aquilo que me carregou até agora nunca me deixou na mão. A ajuda divina deu vida a este projeto, incluindo, mas não se limitando somente às contribuições de Afrodite.

O ritmo e o processo de pesquisa e escrita deste livro foram extraordinariamente intensos, e minha família teve que morar com uma Julie que estava presente, mas não estava. Eles continuaram alegremente, me deram um amplo espaço para fazer o que eu precisava fazer e comemoraram cada marco com amor e comida para viagem. Agradeço principalmente a Daniel, por sempre acreditar. É realmente a família Berry que traz esses livros ao mundo.

Na vanguarda do exército Berry está meu glorioso Phil, meu mais amado, e assunto, tema e inspiração de *Lovely War.*

*. Lentz-Smith, *Freedom Struggles*, página 94.

* De “Secret Information Concerning Black Troops”, datado de 7 de agosto de 1918, reimpresso na *Crisis Magazine* , edição de maio de 1919, volume 18, número 1 (número inteiro 103). Editado por William Edward Burghardt du Bois. The Crisis Publishing Company, uma publicação da National Association for the Advancement of Colored People.